

CLEILA DE FÁTIMA SIQUEIRA STANISLAVSKI

**A COLEÇÃO DE LEITURA ESCOLAR: *SÉRIE THALES DE ANDRADE* (1928-1964)
REFLEXÕES SOBRE A LEITURA ESCOLAR NO BRASIL**

UNESP / MARÍLIA

2011

CLEILA DE FÁTIMA SIQUEIRA STANISLAVSKI

A COLEÇÃO DE LEITURA ESCOLAR: *SÉRIE THALES DE ANDRADE* (1928-1964)

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA ESCOLAR NO BRASIL

Área de Concentração: Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira

Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery.

UNESP / MARÍLIA

2011

Ficha catalográfica elaborada pelo
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação – UNESP – Campus de Marília

| | |
|-------|---|
| S786c | <p>Stanislavski, Cleila de Fátima Siqueira.</p> <p>A coleção de leitura escolar : série Thales de Andrade (1928-1964) : reflexões sobre a leitura escolar no Brasil / Cleila de Fátima Siqueira Stanislavski. – Marília, 2011. 204 f. ; 30 cm.</p> <p>Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2011.</p> <p>Bibliografia: f. 168-185 Orientador: Ana Clara Bortoleto Nery</p> <p>1. Livro escolar - História. 2. Livros de leitura. 3. Leitura escolar - Modelo. 4. Andrade, Thales Castanho de. I. Autor. II. Título.</p> <p>CDD 372.41</p> |
|-------|---|

CLEILA DE FÁTIMA SIQUEIRA STANISLAVSKI

**A COLEÇÃO DE LEITURA ESCOLAR: *SÉRIE THALES DE ANDRADE* (1928-1964)
REFLEXÕES SOBRE A LEITURA ESCOLAR NO BRASIL**

BANCA EXAMINADORA

1ª. Examinadora: Profa. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery
Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Marília

2º. Examinador: Prof. Dr. Carlos Roberto da Silva Monarcha
Faculdade de Ciência e Letras – UNESP – Araraquara

3ª. Examinadora: Dra. Flávia Obino Corrêa Werle
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

4ª. Examinadora: Dra. Vivian Batista da Silva
Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo

5º. Examinador: Prof. Dr. Juvenal Zanchetta Junior
Faculdade de Ciência e Letras – UNESP - Assis

**TESE DE DOUTORADO DEFENDIDA EM 23/02/2011
MARÍLIA - FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS - UNESP**

*Ao meu esposo Wilson, pelo amor e incentivo.
À minha filha Evelin, pela alegria e felicidade.*

Agradeço a Deus, fonte de sabedoria e força, por estar presente na minha vida e ter me dado tranquilidade de espírito tornando tudo possível;

Ao meu marido Wilson, pela compreensão, carinho e incentivo na minha caminhada de estudo;

À minha filha Evelin: refúgio da alegria e de amor em todos os momentos;

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Ana Clara Bortoleto Nery, pela orientação, amizade, apoio e pelas valiosas contribuições na elaboração desta tese;

Aos colegas do GEPAEFE, pela amizade e aprendizagens compartilhadas

A FAPESP, pela concessão da bolsa de Doutorado, proporcionando a oportunidade de me dedicar integralmente à pesquisa.

A todos que estiveram presentes e contribuíram na realização desta Tese.

Meus sinceros agradecimentos.

O livro é, talvez, o melhor companheiro do homem. Memória da espécie, mais que qualquer outro meio há de ser sempre o grande tesouro do pensamento humano. Nenhum dos outros vetores de propagação de idéias tem o poder múltiplo dos livros... A cada hora, a cada momento, a cada escolha.

Francisco Venâncio Filho

RESUMO

Esta Tese de Doutorado tem como objetivo analisar a constituição de um modelo de leitura escolar instituído pela Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade da Companhia Editora Nacional. Os livros que a compõe são *Ler Brincando*, *Espelho*, *Vida na Roça*, *Trabalho*, *Saudade*, *Campo e Cidade* e *Alegria*, do autor Thales Castanho de Andrade. Os livros eram destinados para o ensino e aprendizagem nas escolas brasileiras, no século XX. Apresentam características similares entre eles instituindo um modelo de leitura escolar apresentado e agrupado na coleção, definindo-se a partir das idéias educacionais, sociais e culturais do início do século XX. O modelo de leitura era voltado para as escolas isoladas rurais daquele momento. Para a análise foram estudadas a materialidade dos livros (Chartier); documentos editoriais no que se refere às políticas de aquisição dos livros entre Estado e editora; na busca dos leitores pretendidos, encontrados na análise dos dados da editora, do autor e dos próprios livros; e o mercado editorial. Segundo Roger Chartier (1991), suporte teórico-metodológico desta Tese, a metodologia está focada na compreensão, manipulação e estudo de textos, impressos de formas variadas, em seu contexto histórico e social, estudando-se o próprio texto e os impressos que lhe dão suporte. Dessa forma buscou-se compreender o texto a partir dos protocolos de leitura e reconstituir o processo pelos quais o livro adquire sentido considerando as relações estabelecidas entre três pólos: o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera. Este trabalho permite entender quais as características dos livros que compõe a Coleção e as formas pelas quais ela institui um modelo de leitura escolar. Este modelo estava presente nas características dos livros, em sua materialidade, assuntos e temas, disposição e desenvolvimento dos textos e na intencionalidade educacional contidos nos livros. Eles eram indicados pelo Estado para as escolas primárias brasileiras, fazendo circular o conhecimento, o aprendizado da escrita e da leitura, eram de fácil manuseio porque estavam disponíveis ao leitor por intermédio da escola e na relação livro- Estado-escola e contribuía para a ampliação do mercado editorial brasileiro.

Palavras-chave: Leitura Escolar; história do livro escolar; Thales Castanho de Andrade; modelo de leitura escolar.

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to analyze the constitution of a school reading model established by the Reading School Collection: Series Thales de Andrade of “Companhia Editora Nacional”. The books that comprise it are: “*Ler brincando*”, “*Espelho*”, “*Vida na roça*”, “*Trabalho*”, “*Saudade*”, “*Campo e cidade*”, and “*Alegria*”, from author Thales Castanho de Andrade. The books were intended for teaching and learning in Brazilian schools during the twentieth century. They present similar characteristics among them, instituting a school reading model presented and grouped in the collection, defined from educational, social and cultural values of the early twentieth century. The reading model was designed for isolated rural schools at that time. For the analysis we studied the materiality of books (Chartier); editorial documents regarding policies for acquisition of books between the State and the publishing house; in the search of intended readers, found in the data analysis of the publisher, the author and the books themselves; and the publishing market. According to Roger Chartier (1991), theoretical-methodological support of this Thesis, the methodology is focused on understanding, handling and study of texts, printed in various forms, in their historical and social context, studying the text itself and the folders that support it. Thus, it was sought to understand the text from the reading protocols and to reconstitute the process by which the book makes sense considering the relations among three poles: the text, the object supporting it, and the practice that takes it. This work allows understanding the characteristics of books that make up the Collection and the ways in which it establishes a school reading model. This model was present in the characteristics of books, in their materiality, issues and themes, layout and development of texts and in the educational intentions contained in the books. They were nominated by the State for Brazilian primary schools, circulating the knowledge, the learning of writing and reading; they were easy to handle because they were available to the reader through the school and the relationship book-State-school and they contributed to the expansion of Brazilian publishing market.

Keywords: School Reading; Textbook History; Thales Castanho de Andrade; school reading model.

LISTA DE FOTOS

| | |
|--|----|
| Foto 01: Capa do livro <i>Saudade</i> – 17ª edição – 1932..... | 30 |
| Foto 02: Capa do livro <i>Saudade</i> – 66ª edição – 2002..... | 30 |
| Foto 03: Capa do livro <i>Vida na Roça</i> – 1ª edição..... | 32 |
| Foto 04: Capa do livro <i>Vida na Roça</i> – 8ª edição..... | 32 |
| Foto 05: Capa do livro <i>Vida na Roça</i> – 6ª edição..... | 32 |
| Foto 06: Capa do livro <i>Vida na Roça</i> – 10ª edição..... | 32 |
| Foto 07: Capa do livro <i>Trabalho</i> - 1ª edição..... | 34 |
| Foto 08: Capa do livro <i>Trabalho</i> - 7ª edição..... | 34 |
| Foto 09: Capa do livro <i>Trabalho</i> - 5ª edição..... | 34 |
| Foto 10: Capa do livro <i>Trabalho</i> - 9ª edição..... | 34 |
| Foto 11: Capa do livro <i>Espelho</i> – 1ª edição..... | 35 |
| Foto 12: Capa do livro <i>Espelho</i> – 15ª edição..... | 35 |
| Foto 13: Capa do livro <i>Espelho</i> – 13ª edição..... | 35 |
| Foto 14: Capa do livro <i>Espelho</i> – 7ª edição..... | 35 |
| Foto 15: Capa do livro <i>Alegria</i> - 12ª edição..... | 37 |
| Foto 16: Capa do livro <i>Alegria</i> - 4ª edição..... | 37 |
| Foto 17: Capa do livro <i>Alegria</i> - 2ª edição..... | 37 |
| Foto 18: Capa do livro <i>Alegria</i> - 1ª edição..... | 37 |
| Foto 19: Capa da cartilha <i>Ler Brincando</i> - 1ª edição..... | 38 |
| Foto 20: Capa da cartilha <i>Ler Brincando</i> - 25ª edição..... | 38 |
| Foto 21: Capa da cartilha <i>Ler Brincando</i> - 13ª edição..... | 38 |
| Foto 22: Capa da cartilha <i>Ler Brincando</i> - 4ª edição..... | 38 |
| Foto 23: Capa do livro <i>Campo e Cidade</i> | 39 |
| Foto 24: Ilustração do livro <i>Espelho</i> (1928)..... | 48 |
| Foto 25: Ilustração do livro <i>Trabalho</i> (1930)..... | 49 |
| Foto 26: Ilustração do livro <i>Vida na Roça</i> (1932)..... | 50 |
| Foto 27: Ilustração do livro <i>Alegria</i> (1937)..... | 51 |
| Foto 28: Ilustração do livro <i>Vida na Roça</i> (1932)..... | 51 |
| Foto 29: Ilustração do livro <i>Campo e Cidade</i> (1964)..... | 52 |
| Foto 30: Contra-capas do livro <i>Vida na Roça</i> – 13ª edição | 61 |
| Foto 31: Foto do autor Thales Castanho de Andrade..... | 76 |
| Foto 32: Livro <i>Itaí: o Menino das Selvas</i> (1956)..... | 86 |
| Foto 33: Capa do livro <i>Flor de Ipê</i> | 88 |

| | |
|---|-----|
| Foto 34: Capa do livro <i>Dona Içá Rainha</i> | 88 |
| Foto 35: Livro <i>Flor de Ipê</i> | 92 |
| Foto 36: Livro <i>Alegria</i> (1937)..... | 95 |
| Foto 37: Livro <i>Alegria</i> (1937)..... | 98 |
| Foto 38: Livro <i>Vida na Roça</i> (1932)..... | 103 |
| Foto 39: Livro <i>Espelho</i> (1928)..... | 106 |
| Foto 40: Livro <i>Alegria</i> (1937)..... | 107 |
| Foto 41: Livro <i>Alegria</i> (1937)..... | 108 |
| Foto 42: Livro <i>Alegria</i> (1937)..... | 109 |
| Foto 43: Capa do livro <i>Saudade</i> – 2ª edição..... | 120 |
| Foto 44: Capa do livro <i>Saudade</i> – 13ª edição..... | 120 |
| Foto 45: Capa do livro <i>Saudade</i> – 15ª edição..... | 120 |
| Foto 46: Capa do livro <i>Vida na Roça</i> – 5ª edição..... | 130 |
| Foto 47: Capa do livro <i>Vida na Roça</i> – 20ª edição..... | 130 |
| Foto 48: Capa do livro <i>Vida na Roça</i> – 11ª edição..... | 130 |
| Foto 49: Capa do livro <i>Vida na Roça</i> – 17ª edição..... | 130 |
| Foto 50: Capa do livro <i>Espelho</i> – 10ª edição..... | 136 |
| Foto 51: Capa do livro <i>Espelho</i> – 12ª edição..... | 136 |
| Foto 52: Capa do livro <i>Espelho</i> – 4ª edição..... | 136 |
| Foto 53: Capa do livro <i>Espelho</i> – 8ª edição..... | 136 |
| Foto 54: Capa do livro <i>Campo e Cidade</i> – 1ª edição..... | 140 |
| Foto 55: Foto das dependências da Escola Agrícola Luiz de Queiroz..... | 142 |
| Foto 56: Capa do livro <i>Trabalho</i> – 1ª edição..... | 148 |
| Foto 57: Capa do livro <i>Trabalho</i> – 17ª edição..... | 148 |
| Foto 58: Capa do livro <i>Trabalho</i> – 19ª edição | 148 |
| Foto 59: Capa do livro <i>Trabalho</i> – 17ª edição | 148 |
| Foto 60: Capa do livro <i>Alegria</i> – 1ª edição..... | 153 |
| Foto 61: Capa do livro <i>Alegria</i> – 3ª edição..... | 153 |
| Foto 62: Capa do livro <i>Alegria</i> – 11ª edição..... | 153 |
| Foto 63: Capa do livro <i>Alegria</i> – 9ª edição | 153 |
| Foto 64: Capa da cartilha <i>Ler Brincando</i> – 3ª edição..... | 156 |
| Foto 65: Capa da cartilha <i>Ler Brincando</i> – 20ª edição..... | 156 |
| Foto 66: Capa da cartilha <i>Ler Brincando</i> – 9ª edição..... | 156 |
| Foto 67: Capa da cartilha <i>Ler Brincando</i> – 5ª edição..... | 156 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 01: Quadro do ano e número de edições, tiragem e indicação dos livros..... | 46 |
| Quadro 02: Quadro de páginas, ilustrações e episódios..... | 54 |
| Quadro 03: Relação dos preços dos livros..... | 60 |
| Quadro 04: Dados sobre número de escolas isoladas..... | 102 |
| Quadro 05: Personagens do livro <i>Saudade</i> | 119 |
| Quadro 06: Títulos dos episódios do livro <i>Saudade</i> | 122 |
| Quadro 07: Personagens do livro <i>Vida na Roça</i> | 127 |
| Quadro 08: Títulos dos episódios do livro <i>Vida na Roça</i> | 132 |
| Quadro 09: Personagens do livro <i>Espelho</i> | 137 |
| Quadro 10: Títulos dos episódios do livro <i>Espelho</i> | 138 |
| Quadro 11: Personagens do livro <i>Campo e Cidade</i> | 141 |
| Quadro 12: Títulos dos episódios do livro <i>Campo e Cidade</i> | 143 |
| Quadro 13: Personagens do livro <i>Trabalho</i> | 150 |
| Quadro 14: Títulos dos episódios do livro <i>Vida na Roça</i> | 150 |
| Quadro 15: Personagens do livro <i>Alegria</i> | 152 |
| Quadro 16: Títulos dos episódios do livro <i>Alegria</i> | 154 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO | 13 |
| INTRODUÇÃO | 18 |
| CAPÍTULO 1: A Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade | |
| Livros para a Leitura Escolar Primária Rural..... | 28 |
| A composição da Coleção: surgindo um modelo de leitura..... | 40 |
| As ilustrações da Série Thales de Andrade..... | 48 |
| O mercado editorial brasileiro: a produção e circulação de livros..... | 55 |
| CAPÍTULO 2: Thales e a relação com o ruralismo e o comércio livreiro | |
| O leitor e a leitura dos livros escolares no Brasil..... | 64 |
| O professor e escritor Thales Castanho de Andrade..... | 76 |
| “Bloomsburyanos Caipiras”..... | 83 |
| Thales e a Companhia Melhoramentos de S. Paulo: algumas questões..... | 87 |
| CAPÍTULO 3: As escolas rurais e a Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade | |
| A instituição escolar no Brasil..... | 94 |
| Algumas reflexões sobre a escola rural..... | 99 |
| Professor Rural. Quem era?..... | 107 |
| CAPÍTULO 4: A constituição de um mundo rural: os livros <i>Saudade, Vida na Roça, Espelho e Campo e Cidade</i> | |
| <i>Saudade</i> : a história de Mário começa aqui..... | 118 |
| <i>Vida na Roça</i> : o livro de Raul..... | 127 |
| <i>Espelho</i> : as histórias de Joãozinho e as anedotas de Manduca..... | 134 |
| <i>Campo e Cidade</i> : a história de Mário continua aqui..... | 139 |
| CAPÍTULO 5: A conformação moral, social e cultural: os livros <i>Trabalho, Alegria e a cartilha Ler Brincando</i>. | |
| <i>Trabalho</i> : a história de Pedrinho contada por ele mesmo..... | 147 |
| <i>Alegria</i> : Pedrinho e suas histórias..... | 151 |
| <i>Ler Brincando</i> : a Cartilha..... | 155 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 161 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 168 |
| APÊNDICE | 187 |
| ANEXOS | 193 |

APRESENTAÇÃO

Que seria da paz dos caminhos,
Ao raiar das auroras suaves,
Se não fosse a tarefa dos ninhos,
Se não fosse o concerto das aves?

Canto e Melo

Como pesquisadora, escolhi desenvolver trabalho de pesquisa para o Doutorado em Educação, com a finalidade de poder refletir mais sistematicamente sobre a história da leitura escolar no Brasil. Para tanto este trabalho se desenvolve buscando entender as relações que se estabelecem entre escritores, editores e os meios diversos entre os quais um livro perpassa antes de chegar às mãos do leitor, tendo em vista sua materialidade, seu contexto e seus leitores. Estes pontos são importantes para entender a história da leitura escolar no Brasil, os aspectos da estruturação do campo do livro no Brasil mediante o processo histórico e social vinculados a eles.

Meu interesse inicial surgiu durante o curso de graduação, no de 2001. Como aluna concluinte do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – Universidade Estadual Paulista - cursei a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e desenvolvi um trabalho centralizado na análise da configuração textual do livro de leitura escolar *Contos Infantis*, publicado em 1886, das autoras Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida. Este estudo possibilitou conhecer mais profundamente alguns aspectos sobre a literatura infantil, sua trajetória e consolidação, especialmente sobre a leitura escolar presente nas escolas no início do século XX no Brasil.

Desde então, iniciei a fase exploratória com a leitura de textos básicos sobre história da leitura na escola e sobre a história da educação Brasileira, especialmente no que se refere à literatura infantil brasileira, os quais me permitiram compreender melhor a variedade e complexidade de questões relativas ao uso de livros na escola e à literatura infantil. Surgiram novas questões sobre a educação escolar e a literatura infantil a serem investigadas e, assim, no Mestrado em Educação, desenvolvi Dissertação de Mestrado: *Saudade (1919-2002): a contribuição de Thales Castanho de Andrade para o campo da Leitura Escolar*,

concluída em 2006, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP / Marília, na qual estudei o livro *Saudade*, publicado pela primeira vez em 1919, e tendo sua última edição em 2002, do autor Thales Castanho de Andrade. Esta dissertação desenvolvida no campo da história do livro no Brasil estruturou-se a partir das idéias de Roger Chartier numa abordagem identificada como história cultural.

Esta dissertação de Mestrado me permitiu estudar e compreender as formas pelas quais um livro sofre alterações ao longo do tempo em função de vários fatores, alternando assim a possibilidade de leitura e de leitor. *Saudade* era destinado, inicialmente, ao ensino da leitura, na escola primária. Ao longo dos anos foi sendo alterado e nas últimas edições era classificado como livro de literatura infantil. Um dos resultados desta pesquisa foi o levantamento das publicações realizadas por Thales Castanho de Andrade. Dentre elas destacou-se a Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade que suscitou diversas questões que são estudadas nesta tese de doutorado. A dissertação também permitiu pesquisar sobre educação brasileira no contexto histórico e social, a partir de impressos sobre literatura infantil, principalmente sobre a contribuição de Thales Castanho de Andrade para a educação brasileira, tendo como *corpus* a análise da 2ª e 17ª edição do livro *Saudade*, publicadas em 1919 e 1932, respectivamente, e alcançando a 66ª edição em 2002. *Saudade* foi destinado para a leitura nas escolas primárias brasileiras durante as primeiras décadas do século XX e tornou-se referência na literatura escolar brasileira.

Esta pesquisa de Doutorado está situada na área de concentração Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista – campus de Marília, na linha de pesquisa Filosofia e História da Educação e dentro do Projeto Biblioteca Histórica da Escola Normal de Piracicaba: cultura pedagógica e circulação de impressos, sob a coordenação da Profª. Drª. Ana Clara Bortoleto Nery.

Também se situa no âmbito das atividades do Grupo de Pesquisa GEPAEFE - "Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração da Educação e Formação de Educadores" – sob a coordenação da Profª. Drª. Ana Clara Bortoleto Nery e Dra. Graziela Zambão Abdian Maia, da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP/ Marília e do Grupo de Pesquisa "História cultural da escola e dos saberes pedagógicos: tensões, rupturas, permanências, apropriações" sob a coordenação da Profª. Drª. Marta Maria Chagas de Carvalho e Drª. Maria Lucia Spedo Hilsdorf, da Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo - USP. Esta pesquisa conta com o apoio FAPESP durante o período de 2008 a 2011.

Pude constatar trabalhos acadêmicos relevantes durante o levantamento dos trabalhos existentes na área de história da educação sobre a história do livro no Brasil.

Destaco a Tese de Doutorado de autoria de Maria Rita de Almeida Toledo, que se concentrou no estudo da *Coleção Atualidades Pedagógicas*, da Companhia Editora Nacional, com o objetivo de compreendê-la como uma estratégia específica de produção e circulação de livros pedagógicos para educadores. Intitulada *Coleção Atualidades Pedagógicas: Do projeto político ao projeto editorial (1931- 1981)*, defendida em 1999 pela PUC-SP, traz o desenho de como o projeto material modificou-se ao longo dos anos.

Outro trabalho, de Marco Antonio Branco Edreira, é a sua Dissertação de Mestrado, com o título *À caça do sentido: práticas de leitura dos leitores de Monteiro Lobato (1926-1946)*, defendida em 2003 pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Trata-se de um estudo sobre as práticas de leitura, a partir de cartas enviadas a Monteiro Lobato por seus leitores, nas décadas de 1930 e 1940.

Defendida no ano de 2007, está a Dissertação de Mestrado intitulada *Literatura e educação na memória de uma cidade: um olhar sobre Thales Castanho de Andrade*, de autoria de Fernando Luiz Alexandre. Esta dissertação desenvolvida na área de Educação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, centraliza a produção literária e atuação no magistério do autor Thales de Andrade.

Defendida em 2007, a Tese de Doutorado do autor Fabio Franzini, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), intitulada *À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*, destacou a coleção enquanto veículo de difusão de diferentes visões sobre o passado, em especial as renovadoras, contribuindo para a transformação da historiografia nacional ocorrida a partir da década de 1930.

Ao tratar sobre as leituras infantis, a tese *A Semear Horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954)*, de Gabriela Pellegrino Soares, defendida pela FFLCH - USP, em 2002, discute o espaço de produção e circulação de obras literárias para crianças, no período indicado acima, no Brasil e na Argentina. A autora preocupa-se com o papel atribuído às leituras na formação infantil e com a natureza dos repertórios proporcionados para além dos textos escolares. O trabalho privilegia as perspectivas que orientaram os autores de literatura infantil e seus mediadores.

No âmbito dos trabalhos na área de história da educação sobre a história do livro no Brasil, este trabalho pretende analisar os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade, e sabe-se por meio de estudos preliminares que eles alcançaram muitas edições: a

cartilha *Ler Brincando* alcançou 54 edições; o livro *Espelho*, 21 edições; *Alegria*, 13 edições; *Vida na Roça*, 30 edições; *Saudade*, 66 edições e *Trabalho*, 44 edições.

A tese está dividida da seguinte forma: inicialmente há uma breve justificativa sobre a escolha desta pesquisa e a introdução que delinea a pesquisa demonstrando os aspectos referentes ao objeto de estudo, objetivos, ao tema e problema de pesquisa e ao referencial metodológico.

O desenvolvimento da tese está dividida em 5 capítulos: no capítulo 1 busca-se caracterizar a Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade por meio da análise da materialidade dos livros, compreendendo as formas pelas quais são selecionado os livros caracterizando os tipos de impressos e buscando informações sobre o mercado editorial brasileiro, especificamente sobre a Companhia Editora Nacional. No capítulo 2 apresentam-se aspectos referentes ao leitor e a leitura dos livros escolares, acompanhados de reflexões sobre o autor e sua relação com outras personalidades de sua época, com a meio rural e o comércio livreiro. No capítulo 3 caracteriza-se a escola rural, seus professores, a educação primária rural e seus problemas no início do século XX e as relações com a Coleção. No capítulo 4 discute a destinação dos livros *Saudade*, *Vida na Roça*, *Espelho* e *Campo e Cidade* voltados para as pessoas que vivem no meio rural, ressaltam-se nas histórias os personagens principais com características agrícolas na defesa do meio rural. No capítulo 5 apresenta-se a análise dos livros *Trabalho*, *Alegria* e a cartilha *Ler Brincando* buscando as características presentes nos textos na tentativa de urbanização do campo.

Em seguida apresentam-se as considerações finais, as referências bibliográficas, a bibliografia consultada, o apêndice e os anexos.

INTRODUÇÃO

Viver no campo é a mar o trabalho, é produzir,
é diminuir a miséria, é amar a Pátria, é amar os
homens, é a amar a vida.

Thales Castanho de Andrade

Nesta Tese de Doutorado apresento os resultados da pesquisa que tem como tema o modelo de leitura escolar instituído pela Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade. Os livros que compõem a coleção: são os livros *Ler Brincando*, *Espelho*, *Alegria*, *Vida na Roça*, *Saudade*, *Campo e Cidade e Trabalho*, todos de autoria de Thales Castanho de Andrade, e que, inicialmente sabe-se por intermédio de documentos sobre o autor, que foram destinados para leitura das crianças do curso primário das escolas brasileiras no início do século XX.

O nome Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade e os livros que a compõem são utilizados levando em consideração um documento manuscrito, intitulado *Láureas*¹ pelo próprio autor Thales de Andrade, disponível no Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional, que denomina os livros como Coleção de Leitura Escolar e devido à própria descrição nos livros de Série Thales de Andrade. Nas capas dos livros, em catálogos da editora e em outros documentos pesquisados é possível encontrar diferentes nomes para esta coleção. No Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional de 1932 os livros escolares de Thales de Andrade aparecem com o nome de Série Thales de Andrade. Esta Série é composta dos livros *Ler Brincando*, *As Rocinhas de Raul*, *Espelho*, *Saudade*, *Sonhos e Trabalho*. Nas fichas editoriais que contem o Movimento das Edições de cada livro aparecem nomeados como Série Livros Primários, Série Infantis, Série Escolar e Série Escolar Primário. Na revista *Surto* de Minas Gerais publicada em janeiro de 1938 é destacada a biografia do autor Thales de Andrade e os livros não estão nomeados como uma Coleção, mas como publicações da Companhia Editora Nacional. Também aparece nos documentos do autor o livro *Na Officina*, mas que não foi possível localizar informações, nem mesmo se foi publicado pela Companhia Editora Nacional ou outra editora.

¹ O documento manuscrito *Láureas* foi fotografado e está colocado nos anexos.

A partir desta informação inicial de que os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade eram destinados para o ensino e aprendizagem nas escolas brasileiras no século XX, e considerando a própria denominação do autor para a Coleção, formulei o seguinte problema da pesquisa: há um modelo de leitura escolar constituído nos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade?

Tendo em vista o problema, proponho neste trabalho a hipótese de que os livros que compõem a Coleção apresentam características similares instituindo um modelo de leitura escolar apresentado e agrupado na coleção, definindo-se a partir das idéias educacionais, sociais e culturais do início do século XX voltado para as escolas isoladas rurais daquele momento.

Defini, então, os objetivos que me orientarão no desenvolvimento da pesquisa:

Objetivo Geral:

- Analisar a constituição de um modelo de leitura escolar instituído pela Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade.

Objetivos Específicos:

- Caracterizar a Coleção por meio da análise da materialidade dos livros que a compõem;
- Compreender as formas pelas quais são selecionados os livros da coleção caracterizando os tipos de impressos e as características dos textos;
- Analisar as práticas prescritas de usos da coleção no meio escolar.

Então pude definir o objeto desta pesquisa, confirmando meu interesse em desenvolver pesquisa histórica sobre educação brasileira e optando para análise a Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade do autor Thales Castanho de Andrade publicados entre os anos de 1928 e 1964 pela Companhia Editora Nacional.

De acordo com leituras e estudos preliminares que fiz de textos de alguns estudiosos sobre história da leitura e história cultural, segundo autores do campo da história do livro, como Roger Chartier, este campo estrutura-se sobre as relações entre os objetos impressos e os textos que lhe servem de suporte. Dessa forma “reconhecer os traços das práticas no cerne das próprias representações e seus suportes é pedra de toque do tipo de investigação ambicionada por Chartier” (CHARTIER, 2001, p. 14).

Nesse sentido os objetos impressos, segundo Chartier (1990, p. 122) não são necessariamente todos os livros, ou somente os livros, mas no entendimento deste autor são os livros, documentos oficiais e não oficiais sobre o livro, documentos e textos próprios da editoração, textos do autor, artigos de jornal, prefácios de livros sobre o livro, revistas, folhetos, catálogos, rascunhos que antecedem o próprio livro no momento que o autor escreve, fichas de controle da editora para a sua publicação, enfim tudo que de alguma maneira faz ligação com o livro, os textos que lhe dão suporte e seus leitores.

Deste modo entende-se que para Chartier (1990, p. 126-127) reconstituir o processo pelos quais o livro adquire sentido “exige considerar as relações estabelecidas entre três polos: o texto, o objecto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera².” Nesse estudo vigoroso será dada ênfase aos três pólos identificados pelo autor: o texto, o suporte e seu leitor.

A Coleção que está referida nesta tese será analisada a partir da materialidade dos livros que a compõem. Foi realizada uma vasta investigação na editora em seus catálogos, contratos, fichas de edição, e no estudo das relações de políticas de aquisição decorridas entre editora e o Estado para que os livros chegassem à escola. Para entender o campo da história do livro no Brasil é necessário buscar aspectos relacionados ao suporte do objeto impresso, referido por Chartier, havendo assim a intervenção dos aspectos materiais que dizem respeito a editoração.

Segundo Chartier (1990, p. 122) “façam o que fizerem, os autores *não* escrevem livros”, ou seja, os livros são manufaturados pelas editoras e há uma ligação entre as intenções do autor e o trabalho da “oficina” que edita o livro. Não podem ser desligadas estas duas instâncias sob a pena de excluir o suporte que dá o texto a ler e “as formas pelas quais o livro chega ao leitor”. Para o autor, entender as relações estabelecidas entre o que o autor escreve, a passagem do livro pela decisão editorial e a impressão mecânica, e a leitura produzida pelo leitor (que nem sempre são aquelas pretendidas pelo autor) constroem o sentido da história do campo pesquisado.

Para Chartier (1990, p. 130) a intervenção editorial tem a finalidade de adequar os livros aos seus compradores segundo as suas capacidades e os interesses que os conquistam. Este trabalho editorial adapta o texto modificando-o, muitas vezes, de uma edição para outra, segundo as expectativas culturais dos leitores para quem não é familiar, e são de três espécies: “encurtam os textos, suprimem os capítulos, episódios ou divagações considerados supérfluos,

² Nesta e nas demais citações no decorrer do texto será mantida a ortografia da época para atender aos propósitos de um trabalho de natureza histórica e para não alterar as citações, o entendimento e a análise dos impressos.

simplificam os enunciados aliviando as frases das orações relativas e intercalares” (CHARTIER, 1990, p. 129). “Dividem os textos criando novos capítulos, multiplicando os parágrafos, acrescentando títulos e resumos” (CHARTIER, 1990, p. 130).

O terceiro pólo que abriga a prática da leitura por seus leitores será evidenciada, buscando seus leitores pretendidos. Considero aqui, segundo as idéias de Certeau (1994, p. 260) que a imagem do “público” leitor de um livro não se exhibe às claras, eles estão implícitos na pretensão dos produtores. O que se deve observar nos aspectos editoriais são as grandes informações precisas que destacam e oferecem dados concretos sobre os livros baseados nas necessidades dos leitores da época.

Os livros *Ler Brincando*, *Espelho*, *Alegria*, *Vida na Roça* e *Trabalho*, segundo o *Catálogo Geral* da Companhia Editora Nacional, de 1932, eram aprovados e adotados pela “Directoria Geral da Instrução Publica” de São Paulo, Paraná, Ceará, Rio Grande do Norte e outros estados, que não são mencionados.

Mediante estas informações da aprovação e adoção dos livros desta coleção por alguns estados brasileiros, considero relevante perguntar quais as ligações e motivações que levaram os livros aos estados do Ceará e do Rio Grande do Norte? Inicialmente não há muito espanto ao ver esta coleção circular pelos estados de São Paulo e Paraná, vizinhos e intimamente ligados por questões educacionais, principalmente.

Ressalto aqui as questões colocadas por Carvalho (2000, p. 112) de que após a Proclamação da República o estado de São Paulo, por intermédio de seus representantes, sofre um processo de organização do sistema de ensino, o que acabou por firmar-se como sistema modelar. Esta reorganização inicia-se pela Escola Normal da Capital e estende-se às Escolas Primárias, com a criação dos Grupos Escolares. Este ensino consistia num modelo de ensino seriado, com classes homogêneas reunidas num prédio, de forma monumental, sob uma única direção, e utilizando-se métodos pedagógicos modernos. Esta estratégia republicana no campo educacional resultou no modelo paulista de ensino que logo ganhou espaço e foi sendo exportado para os outros estados da federação.

Viagens de estudo ao Estado de São Paulo e empréstimo de técnicos passam a ser rotina administrativa na hierarquia das providências com que os responsáveis pela instrução pública dos outros estados tomam iniciativas de remodelação escolar na Primeira República. (CARVALHO, 2000, p. 112)

Com base nessas informações pode-se dizer que o modelo de ensino instaurado no estado de São Paulo foi um dos fatores, e talvez o principal, na proliferação dos livros de Thales Castanho de Andrade pelos outros estados brasileiros.

Cabe lembrar aqui o escritor. Os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade: *Ler Brincando, Espelho, Alegria, Vida na Roça, Saudade, Campo e Cidade, e Trabalho* foram escritos pelo piracicabano Thales Castanho de Andrade. Professor normalista, exerceu o magistério em diversas escolas da zona urbana e também em escolas da zona rural. Escreveu vários contos, pequenas novelas infantis e livros utilizados na leitura escolar.

Segundo informações obtidas no livro de Vidal (2001), *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*, as entradas na Biblioteca da Escola de Professores destaca o autor Thales de Andrade com 21 entradas, tendo o 8º lugar nesta lista.

A propósito do tema em história da leitura escolar surge uma questão que possibilitará entender o título dado à coleção que inclui os livros a serem investigados. A coleção aparece nos documentos sobre o autor com o título de *Coleção de Leitura Escolar*. Quais aspectos definem os livros e os agrupam para que estejam englobados na mesma coleção? Quais os aspectos definidores colocados pela editora que os publicou?

Mediante a análise do livro *Saudade* desenvolvida durante o Mestrado, pude constatar alguns aspectos relevantes para dar suporte a esta pesquisa de Doutorado. Os livros indicados para leitura escolar, ou seja, adotados pelo Governo, aprovados pelas Diretorias de Instrução Pública para o uso das escolas apresentavam algumas características particulares quanto à sua materialidade e conteúdo.

Partindo da reflexão do problema da pesquisa e da hipótese, surgiram algumas questões que serão eixos auxiliares para orientar o desenvolvimento desse estudo.

1. Quais os aspectos textuais que permitem relacionar os livros em questão com as questões educacionais, culturais, econômicas e políticas do Brasil no início do século XX?
2. Quais as contribuições dos livros e do autor para a educação escolar da época?

3. Quais seriam os temas evidenciados nos livros?
4. Como eram abordados?
5. Qual a relação entre a Coleção e a política editorial, bem como com a política educacional do período?
6. Qual a circulação da Coleção?

Partindo deste contexto, procurei um referencial que desse suporte metodológico ao material em questão - o livro de leitura – dando-lhe um significado diferenciado dos estudos já realizados na área.

Nos últimos anos devido a grandes transformações no campo da pesquisa histórica, “[...] novos interesses, novos problemas e novos critérios de rigor científico fazem com que a antiga história das idéias pedagógicas ... seja abandonada” (CARVALHO, 1998, p. 31). Segundo Carvalho essas transformações deram origem a novos campos de pesquisa:

Pondo ênfase nos suportes materiais da produção, circulação e apropriação dos saberes pedagógicos, essas investigações abrangem estudos sobre uma pluralidade de impressos de destinação pedagógica: livros didáticos, manuais escolares, imprensa periódica especializada em educação, bibliotecas escolares, coleções dirigidas a professores, etc. [...] Livros, revistas, guias curriculares, programas, regulamentos, etc., não são mais, nessa nova perspectiva, apenas fontes de informação historiográfica. Passam a interessar como objeto, no duplo sentido de objeto de investigação e de objeto material, cujos usos, em situações específicas, se quer determinar. (CARVALHO, 1998, p. 34)

Para atender aos objetivos desta pesquisa centralizo as idéias de Chartier (2001) que define como relevante num texto as senhas explícitas e implícitas inscritas pelo autor a fim de produzir uma leitura correta de acordo com sua intenção consciente ou inconsciente, visando inscrever no texto convenções sociais ou literárias que permitirão sua sinalização, classificação e compreensão. Estes aspectos são textuais, desejados pelo autor do texto investigado, impondo assim o que Chartier chama de protocolo de leitura.

Do mesmo modo, a imagem, no frontispício ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador. (CHARTIER, 1990, p. 133)

Dessa forma, atentar para os protocolos de leitura presentes nos livros, quer definidos pelo autor, quer aqueles definidos pelo editor, é condição primordial para o desenvolvimento desta tese.

Neste contexto aplica-se a idéia de Roger Chartier (1991, p. 181) que “[...] o essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos – sob formas impressas possivelmente diferentes – podem ser diversamente aprendidos, manipulados, compreendidos.” Dessa forma, para os trabalhos que se referem à análise de impressos e seu contexto histórico e social, Chartier (1991) estabelece algumas condições:

[...] de um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; de outro lado, a história dos livros e, para além, de todos os objetos que contém a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas. (CHARTIER, 1991, p. 178)

Os procedimentos de pesquisa iniciaram-se com a recuperação dos livros da Coleção; em seguida foi feita a primeira leitura e estabelecido critérios de organização dos dados e a sua análise. Em seguida, a leitura e a catalogação de textos especializados sobre educação e história do livro. Os procedimentos de análise serão delineados a partir dos três pólos colocados por Chartier, numa abordagem identificada por história cultural. Desenrolam-se no estudo da materialidade da Coleção; nos dados editoriais que se referem às políticas de aquisição dos livros entre Estado e editora; e na busca dos leitores pretendidos, encontrados na análise dos dados da editora, do autor e dos próprios livros, e o mercado editorial.

O estudo da Coleção abrange a análise da materialidade dos livros que a compõem, uma vasta investigação na editora Companhia Editora Nacional, em seus catálogos, contratos, fichas de edição, e no estudo das relações de políticas de aquisição decorridas entre editora e o Estado para que os livros chegassem à escola. Para entender o

campo da história da leitura escolar no Brasil é necessário buscar aspectos relacionados ao suporte do objeto impresso, referido por Chartier, havendo assim a intervenção dos aspectos materiais que dizem respeito a editoração; abrange o estudo dos próprios textos dos livros, documentos sobre a Coleção, sobre o autor, jornais de época e fotos sobre o autor e sua obra, foram fotografados e colocados em programas de computador possibilitando sua leitura. Estes livros e documentos estavam disponíveis para a pesquisa no Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional, no Museu Prudente de Moraes de Piracicaba, na Biblioteca Municipal de Piracicaba, no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, no Acervo da Biblioteca Histórica da Escola Normal de Piracicaba e aquisições de exemplares em sebos.

Além dessas fontes, foram examinados outros documentos que integraram a pesquisa. Entre eles foram incluídos materiais impressos e digitais: livros inteiros, capítulos de livros, artigos em periódicos, catálogos e artigos de jornal. Contou-se, ainda, com pesquisa em *sites* especializados e materiais digitais em CD-ROM provenientes de coletâneas de artigos em congressos. Acionou-se, assim, documentos de natureza diversa e produzidos por agentes distintos, mas que se complementam como fotos, folhetos, manuscritos e fichas editoriais.

Entre os conceitos mobilizados para a leitura desses discursos postos a circular, destaca-se o conceito de *representações*, entendidas por Roger Chartier como *práticas culturais*, ou seja, modos de pensar a realidade e construí-la. As percepções do social, conforme o autor, não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outras, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

As observações feitas a seguir destinam-se a explicitar os seguintes eixos: a constituição de um modelo de leitura escolar instituído pelos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade caracterizados por meio da análise da materialidade dos livros e compreendidos os tipos de impressos e as características dos textos, considerando as práticas prescritas para os seus usos.

Desse modo, uma obra de valor em História deve ser reconhecida como tal pelos pares, deve estar situada num conjunto operatório, que representa um progresso com relação ao estatuto atual dos objetos e dos métodos históricos e que relacionada ao meio no qual se elabora torna possíveis novas pesquisas. Assim, toda pesquisa histórica é produto de um *lugar* (CERTEAU, 1994, p. 73), o que permite afirmar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise de documentos, é sempre dirigida por uma leitura do

presente, portanto a presente tese está inserida num dado contexto de produção, ou seja, das contribuições do campo da historiografia de educação.

Nesse sentido, este trabalho diferencia-se, principalmente, por tentar entender a história da leitura escolar no Brasil percorrendo o processo de constituição de uma coleção destinada ao uso das escolas isoladas rurais no estado de São Paulo. Considera-se aqui os livros escolares como modelos de leitura para os leitores das escolas isoladas rurais e produto editorial.

CAPÍTULO 1

A COLEÇÃO DE LEITURA ESCOLAR: SÉRIE THALES DE ANDRADE

Sendo bom, é conselheiro.
Mestre, amigo, inspirador!
Ensina histórias... Fagueiro
Enche o tempo, encurta a dor!

Presciliana Duarte

LIVROS PARA A LEITURA ESCOLAR PRIMÁRIA RURAL

Para atender aos objetivos propostos para o desenvolvimento da pesquisa, esta parte do texto busca caracterizar a Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade por meio da análise da materialidade dos livros que a compõem e compreender as formas pelas quais são selecionados os livros da coleção caracterizando os tipos de impressos.

A Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade é composta de 7 livros: *Saudade*, *Espelho*, *Vida na Roça*, *Alegria*, *Trabalho*, *Campo e Cidade* e a cartilha *Ler Brincando*. Foram publicados entre os anos de 1919 e 1964, concentrando seis das primeiras edições de cada livro na década de 20 e 30 e uma na década 60 do século XX. As primeiras edições dos livros são descritas a seguir respeitando a ordem cronológica de publicação: *Saudade*, em 1919; *Espelho*, em 1928; *Trabalho*, em 1930?; *Ler Brincando*, em 1932; *Vida na Roça*, em 1932; *Alegria*, em 1937; e *Campo e Cidade* em 1964.

Os livros alcançaram muitas edições: *Saudade* alcançou 66 edições em 2002; *Espelho*, alcançou 17 edições em 1940; a cartilha *Ler Brincando*, alcançou 54 edições em 1949; *Vida na Roça*, alcançou 26 edições em 1952; *Alegria*, alcançou 13 edições em 1945; *Trabalho*, alcançou 36 edições em 1958; e *Campo e Cidade* teve uma única edição em 1964. Os livros foram escritos por um Professor - Autor, o piracicabano Thales Castanho de Andrade, que estava ligado às questões educacionais de sua época.

Os livros foram publicados pela Companhia Editora Nacional entre os anos de 1928 e 1964, em larga escala, e conquistaram o público leitor. Surgiram no momento de efervescência editorial, no surgimento da Companhia Editora Nacional, contribuindo para o fortalecimento da editora como maior editora do país naquele momento. O período que são publicadas as primeiras edições de cada livro da Coleção, entre os anos de 1919 e 1964, abrange uma grande parte de acontecimentos importantes no Brasil. Compreendido entre os anos de 1889 e 1930 o período¹ é conhecido como a 1ª República, configurado pela passagem do sistema de governo Imperial para o Republicano marcado inicialmente no final do século XIX e adentrando o século XX, e é marcado, historicamente, pela Proclamação da República, que ocorreu com um movimento militar, simbolizado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, que marcou a instauração da República no Brasil (FAUSTO, 1996).

Os livros *Ler Brincando*, *Espelho*, *Alegria*, *Vida na Roça* e *Trabalho*, segundo o *Catálogo Geral* da Companhia Editora Nacional, de 1932, eram aprovados e adotados pela “Directoria Geral da Instrução Publica” de São Paulo, Paraná, Ceará, Rio Grande do Norte e outros estados, que não são mencionados.

Estudando a história do livro é importante destacar que nem sempre os livros pareceram com o que temos hoje: livros de diferentes tamanhos, encadernações, tipos de papel, de cor, de materiais como plástico e tecido, dentre tantos outros aspectos que caracterizam e diferenciam cada livro. Evidentemente, as diferentes maneiras de entender os materiais impressos são parte da história da leitura e a leitura é parte da vida das pessoas e, caracterizando-se de diferentes maneiras, dependendo da sociedade em que está inserida.

Dessa forma são descritos e analisados a seguir as informações referentes à materialidade dos livros da Coleção. Segundo a Companhia Editora Nacional, constam em seus registros apenas informações a partir da 13ª edição do livro *Saudade*, publicado no ano de 1928. A 1ª edição foi publicada² em 1919 e a 2ª em 1920, da 3ª à 12ª edições não foi possível encontrar o ano das publicações. Não há dados sobre o momento da integração do livro na coleção.

¹ Entre 1889 e 1930 na política brasileira aparecia uma instância intermediária de poder que consistia em apoio político em troca de favores de natureza econômica, empregos e verbas, era a política dos governadores que dominou este período. No plano federal o domínio concentrava-se entre os estados de São Paulo com uma supremacia econômica decorrida do café e em Minas Gerais a vantagem se revelava no fato de ser o membro mais populoso da federação influenciando as votações presidenciais. Estes fatores aliados ao fato de contarem com partidos republicanos organizados desde 1889, São Paulo e Minas Gerais elegeram nove dos 12 presidentes republicanos brasileiros entre os anos de 1894 e 1930 (DEL PRIORE, 2001, p. 306). Outro aspecto importante confere à chegada dos imigrantes ao Brasil, receptor durante a década de 1920 de cerca de 3,8 milhões de estrangeiros europeus e asiáticos, entre os anos de 1887 e 1930. O estado de São Paulo destacou-se na concentração de imigrantes com mais da metade (52,4%) de todos os residentes no país (FAUSTO, 1996).

² O Quadro de edições do livro *Saudade* está no Apêndice B.

A partir da pesquisa realizada na Companhia Editora Nacional, pude constatar mudanças na cor e no desenho de algumas edições. A ilustração da capa do livro *Saudade* mudou algumas vezes. Nas edições que estavam disponíveis na editora, da 13ª à 23ª edição, a ilustração é a mesma, mudando apenas a cor da capa que alterna entre o verde e o marrom. É uma capa de cor lisa: na parte superior tem o nome da série, do autor, do livro em letras grandes, a edição e ano.

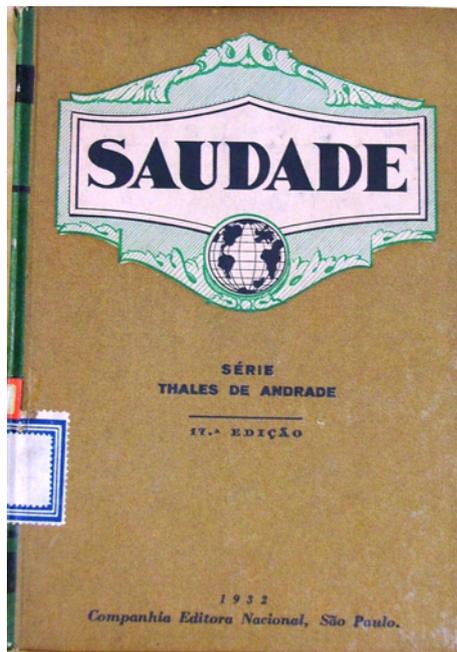


FOTO 01: Capa do livro *Saudade* – 17ª edição

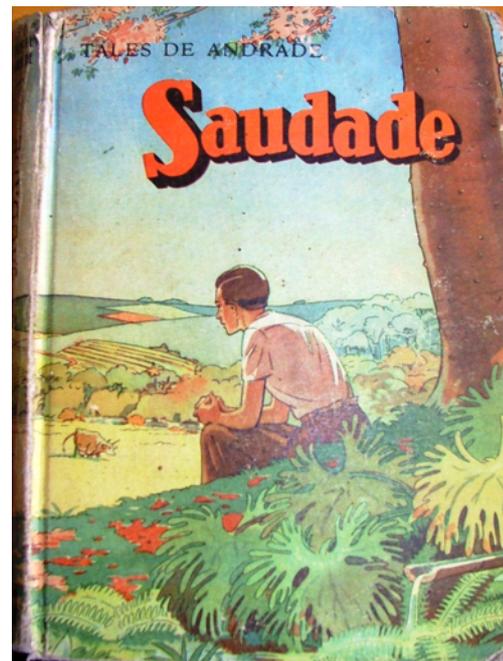


FOTO 02: Capa do livro *Saudade* – 66ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

Segundo o *Jornal de Piracicaba*³, em um artigo de dezembro de 1919, ano da publicação da 1ª edição de *Saudade*, as ilustrações desta edição eram de Alipio Dutra, João Dutra e João Pfahl. Por meio das fichas de impressão de algumas edições sabe-se que da 23ª à 26ª edição do livro, os desenhos eram de Nino Borges. Não pude identificar o autor das ilustrações das outras edições de *Saudade* e nem a partir de que edição o livro adquiriu a ilustração da capa atual. A capa a que me refiro é da 66ª edição do livro, editada em 2002, ilustrada por J. G. Villin.

³ O exemplar do *Jornal de Piracicaba* de dezembro de 1919, informa sobre os ilustradores da 1ª edição do livro *Saudade* e está disponível para consulta no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

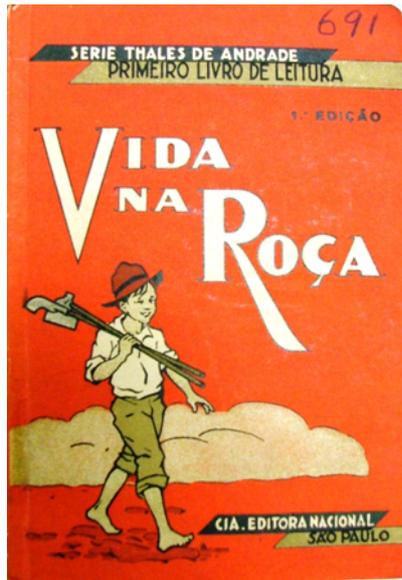
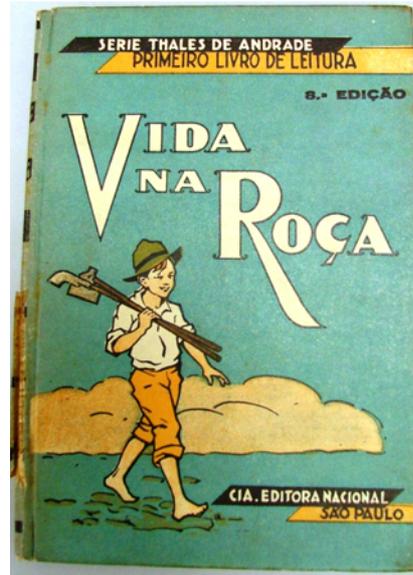
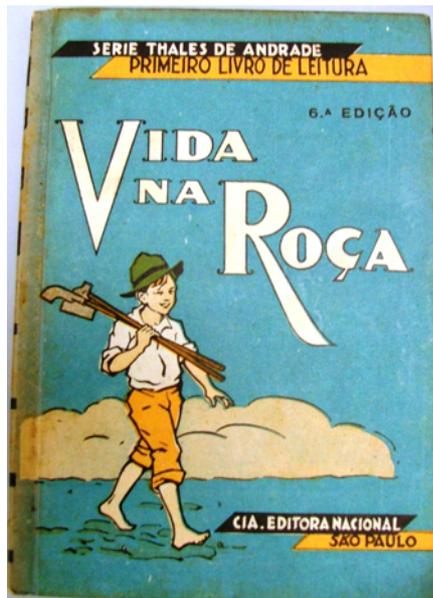
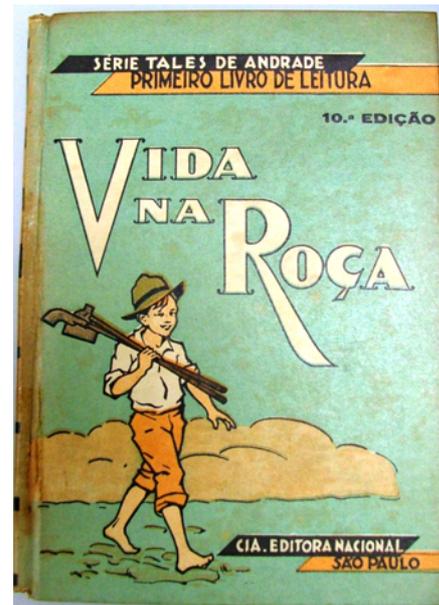
Na parte superior da capa está o nome do livro com as letras em cor vermelha; logo abaixo o nome do autor na cor preta; em seguida o nome da editora com letras na cor branca. A capa é toda colorida, com uma paisagem da natureza e a figura de um rapaz sentado num morro embaixo de uma árvore, observando uma vaca no pasto, que ocupa totalmente a página, não havendo espaços em branco ou bordas. Nas edições encontradas no acervo da editora, a 42ª edição apresenta esta capa.

Outro aspecto que teve mudanças no decorrer das edições do livro *Saudade* foi o número de páginas. A 27ª e 28ª edições tinham 208 páginas, a 33ª e a 34ª, 200 páginas, nas 35ª e 36ª, houve um retorno para 208 páginas; a partir da 37ª, a quantidade de páginas foi diminuindo; e da 43ª edição em diante, permaneceu com 176 páginas. Essa mudança no número de páginas ocorreu principalmente devido ao aumento ou diminuição do tamanho da letra, do espaçamento entre as linhas. Algumas páginas não tiveram o seu verso utilizado. Estas mudanças indicam que a editora adaptava seus livros para o seu público leitor.

A análise do livro *Vida na Roça* foi realizada por meio da 1ª edição. Durante pesquisa no Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional observou-se nas edições disponíveis para consulta que a cor da capa das edições de *Vida na Roça* mudou durante os anos que foi publicado. A primeira e a segunda edição tinham a capa de cor vermelha, a 3ª, 5ª, 6ª, 8ª, 10, 11ª, 13ª e 15ª edições as capas eram de cor azul claro e a 17ª, 20ª e 26ª a cor da capa é verde claro.

Observa-se que, dentre a primeira à vigésima sexta edição o livro *Vida na Roça* do autor Thales Castanho de Andrade, ocorreram duas edições por ano com exceção da 6ª edição que foi publicada em dois anos seguidos. Outro aspecto relevante observado no quadro das edições⁴ refere-se às edições de número 7, 8, 9 e 10 que foram publicadas no mesmo ano – 1936, e da 11ª à 14ª edições que também foram publicadas no ano de 1937, mostrando que foi intenso a saída dos livros da editora rumo ao leitor nos anos de 1936 e 1937.

⁴ O Quadro de edições do livro *Vida na Roça* está no Apêndice A.

FOTO 03: Capa do livro *Vida na Roça* – 1ª ediçãoFOTO 04: Capa do livro *Vida na Roça* – 8ª ediçãoFOTO 05: Capa do livro *Vida na Roça* – 6ª ediçãoFOTO 06: Capa do livro *Vida na Roça* – 10ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

No entanto a ilustração e a disposição das informações da capa continuam a mesma desde a primeira edição. A ilustração da capa, conforme se vê, é de uma menino de calças e camisa, com mangas e pernas da calça arregaçadas até os joelhos, de chapéu com uma enxada nas costas, parecendo dirigir à capinar na roça. O semblante dele é alegre, esboça um sorriso demonstrando a intenção do autor descrita no livro de mostrar, segundo a história

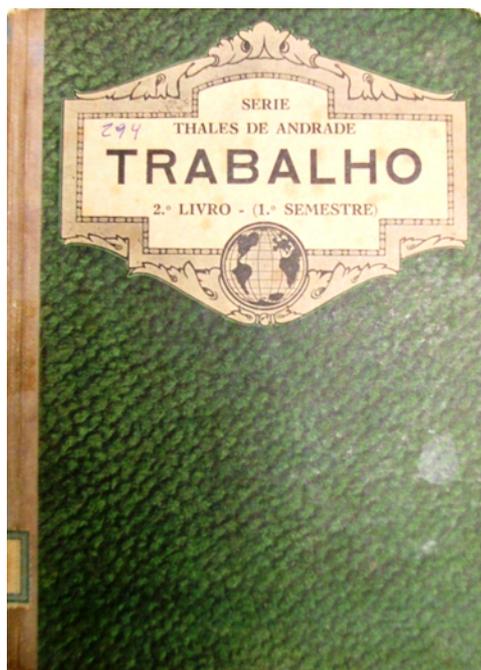
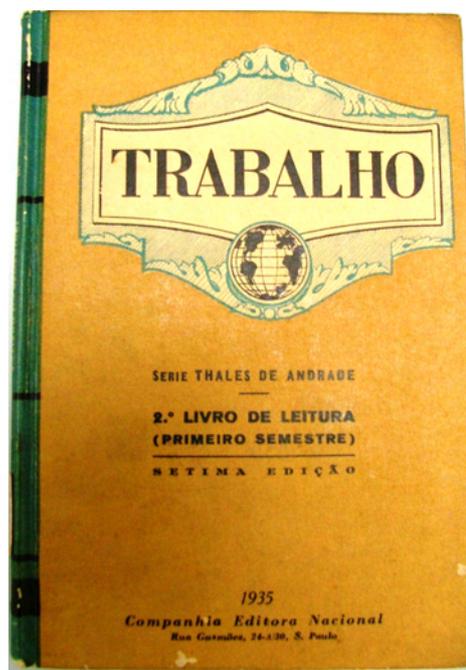
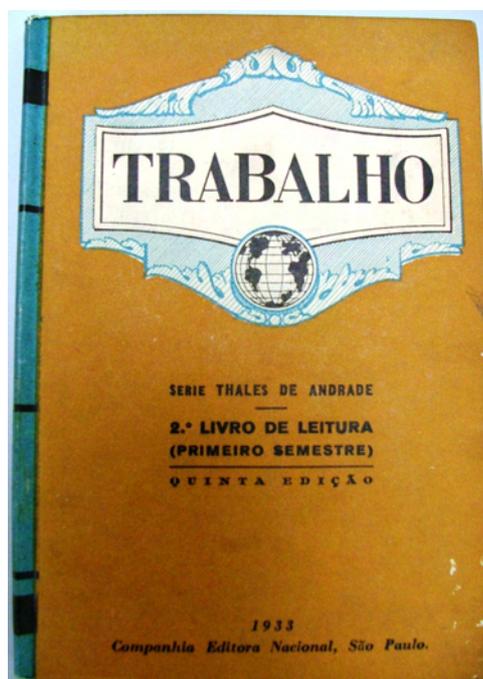
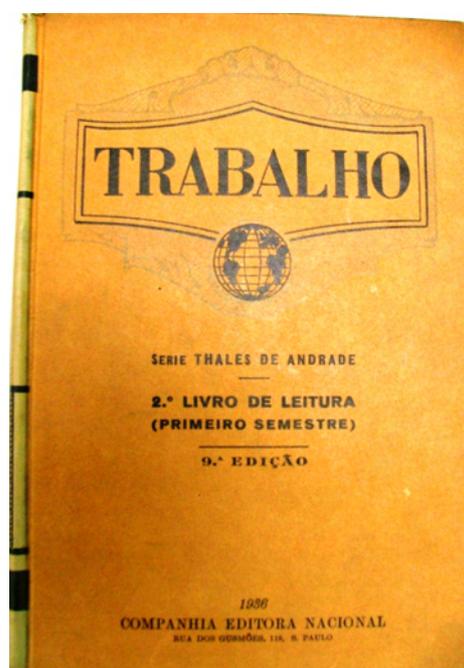
do personagem Raul, que o trabalho na lavoura é bom, traz alegrias, recompensas e se feito com prazer proporciona uma vida melhor. Constam na capa dispostas as seguintes informações: Série Tales de Andrade, Primeiro Livro de Leitura, a edição, o nome do livro no centro da capa, e no fim da página o nome da editora.

Segundo informações obtidas no Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional nas edições do livro *Trabalho* sabe-se que até o ano de 1940, aparecia na capa dos livros a informação da localização das distribuidoras nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre. No ano de 1924 é indicado apenas o estado de São Paulo como local de impressão, denotando a concentração das impressões na cidade que se localiza a editora. A partir da 24ª edição, publicada no ano de 1944, acrescentam-se os estados da Bahia, Pará e exclui-se Recife.

Para estudar a Coleção fiz a escolha de uma edição de cada livro que a compõe, preferencialmente a 1ª edição, aquele título cuja primeira edição não fosse localizada escolheria a 2ª e 3ª edição, ou a mais antiga encontrada. Para analisar o livro *Trabalho* o aspecto elegido para escolha foi o ano de publicação, o ano de 1930 indicado na contra-capas do livro e o fato desta edição encontrar-se integrante da coleção. No entanto não foi possível identificar qual a edição que se trata. Sabe-se que a 3ª edição é de 1931, então podemos considerar que a 1ª ou a 2ª edição foi publicada em 1930.

As cores da capa variaram muito no decorrer dos anos. Estudando as edições disponíveis para consulta no acervo da editora nota-se que a edição de 1930 tinha a cor verde escuro, as edições de número 5, 7, 9, 17, 19, 21, 24, 25, 29, 32, 33 e 35 tinham cor laranja, oscilando do mais escuro para mais claro na última edição. Com relação às capas dos livros há uma questão a ser respondida: O tipo de capa era próprio da coleção ou era apenas uma padronização da editora? Inicialmente observa-se que *Trabalho*, *Espelho*, *Saudade* e *Alegria* apresentavam o mesmo padrão na disposição dos dados na capa, sendo muito parecidos. No entanto, *Vida na Roça*, a Cartilha *Ler Brincando* e *Campo e Cidade* apresentavam capas bem diferentes entre si.

A ilustração das capas do livro *Trabalho* não foi alterada nas edições consultadas. Constam na capa dispostos do alto para baixo as seguintes informações: Série Thales de Andrade, observando-se a letra “H” no nome do autor; o título do livro e a indicação que se trata do 2º Livro, seguido da informação, entre parênteses, 1º semestre. Logo abaixo dessas informações há o desenho do globo terrestre. Não há informação do ano de publicação e da edição nem da editora em alguns exemplares.

FOTO 07: Capa do livro *Trabalho* – 1ª ediçãoFOTO 08: Capa do livro *Trabalho* – 7ª ediçãoFOTO 09: Capa do livro *Trabalho* – 5ª ediçãoFOTO 10: Capa do livro *Trabalho* – 9ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

O livro *Espelho* de Thales Castanho de Andrade teve 17 edições⁵ em 12 anos, sendo a primeira em 1928 e a última em 1940 totalizando 87.178 exemplares, sobressaindo-se o ano de 1936 com 3 edições nesse ano.

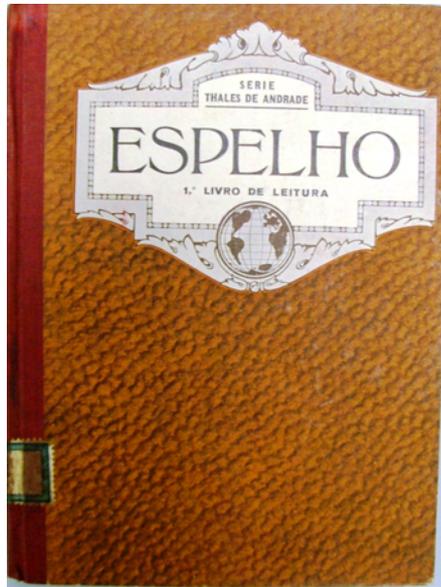


FOTO 11: Capa do livro *Espelho* – 1ª edição

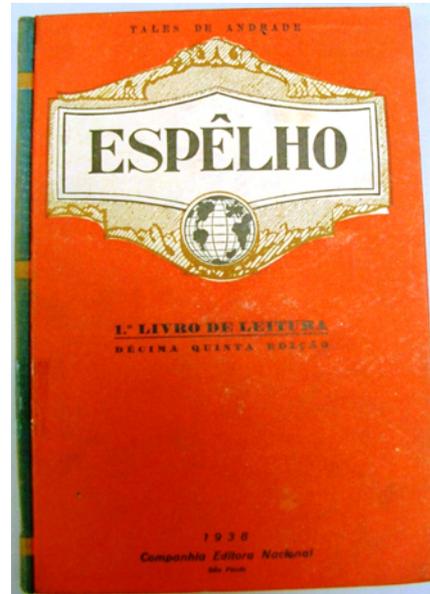


FOTO 12: Capa do livro *Espelho* – 15ª edição

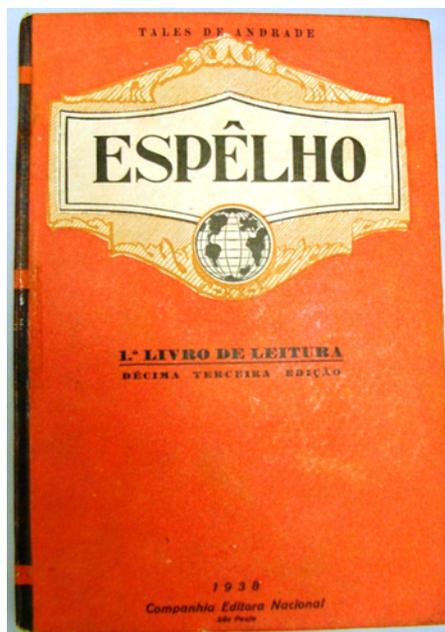


FOTO 13: Capa do livro *Espelho* – 13ª edição

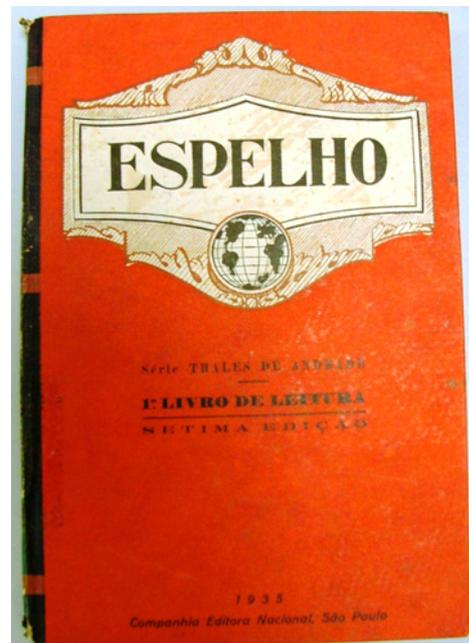


FOTO 14: Capa do livro *Espelho* – 7ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

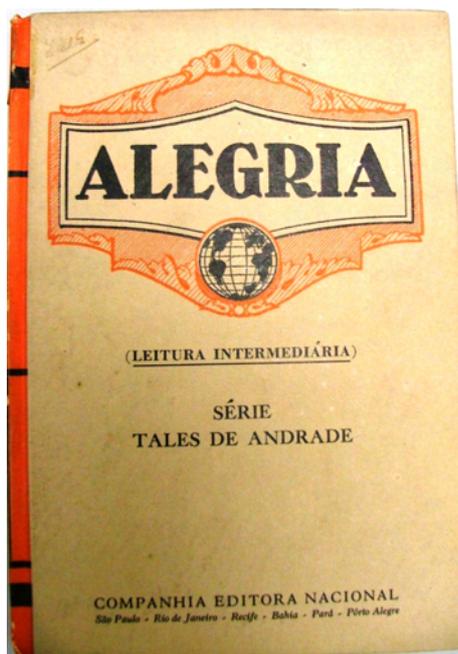
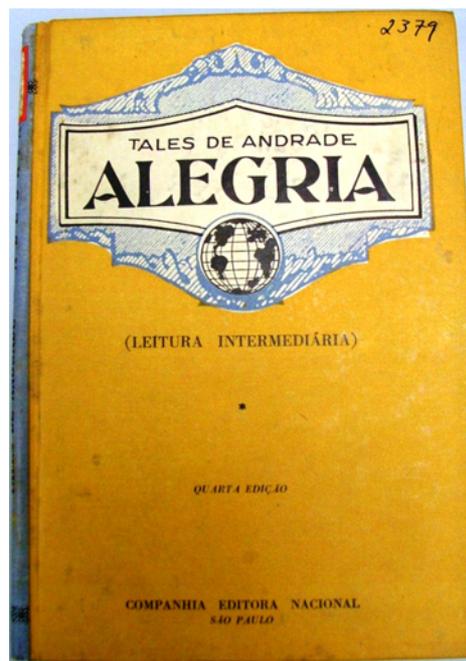
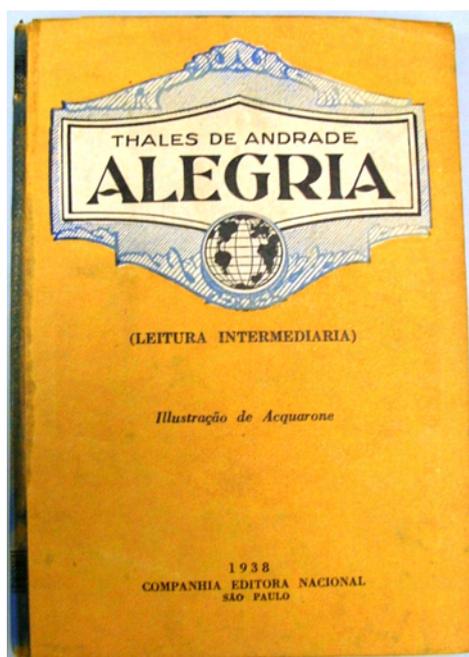
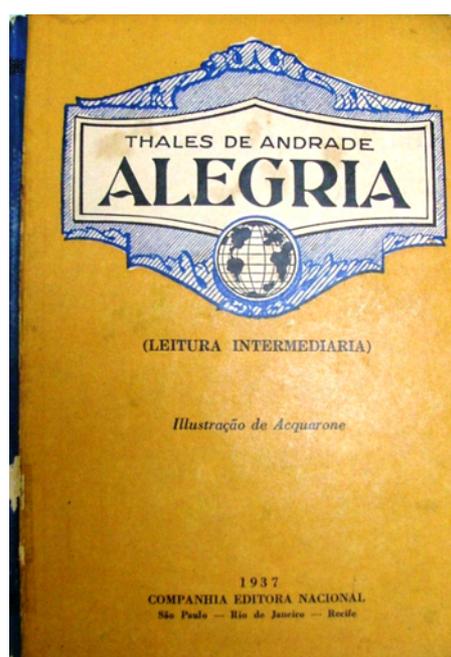
⁵ O Quadro de edições do livro *Espelho* está no Apêndice D.

A capa do livro *Espelho* não alterou-se nas edições encontradas e disponíveis para a pesquisa. Na primeira edição há as informações que se trata de um livro da Série Thales de Andrade, logo em seguida o nome do livro, 1º livro de leitura, seguido do desenho do globo terrestre, sobressaindo em toda a capa a cor marrom. Na última edição, a 15ª, publicada em 1938, a ilustração é igual à primeira, aparece no alto da página o nome do autor, o nome do livro – observando-se o acento circunflexo -, 1º livro de leitura, a edição, o ano, a editora e o local – São Paulo. Nessa edição a cor predominante é vermelha, e as informações e a ilustração são colocadas na mesma disposição da página nessas edições.

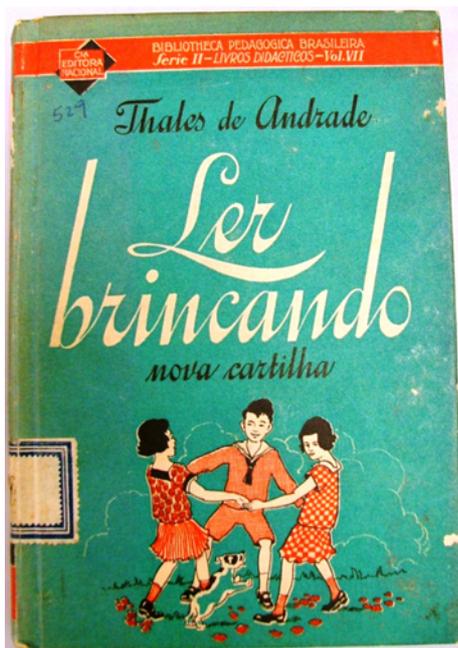
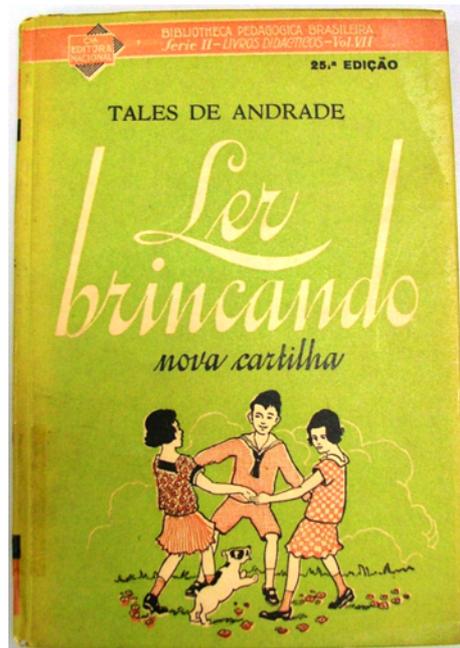
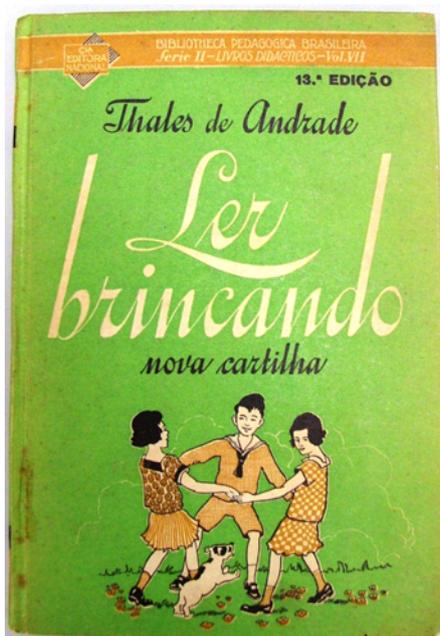
O livro *Alegria*⁶ teve 13 edições em 8 anos de publicação. Sua primeira edição foi em 1937 e a última em 1945. Em 1941 o livro foi publicado 4 vezes atingindo o total de 40.090 exemplares. Este dado indica uma concentração maior de contratos dos escritores com as editoras sugerindo êxito comercial do mercado editorial por meio dos livros escolares. Nas 13 edições que o livro foi publicado alcançou 111.831 exemplares.

A capa do livro não sofreu grandes alterações nas edições encontradas e consultadas. Na primeira edição, escolhida para ser estudada nesta pesquisa, as informações encontradas são do nome do autor, do livro - indicando que é um livro para leitura intermediária - o autor da ilustração denominado Acquarone, o ano, a editora e o local – São Paulo, Rio de Janeiro e Recife; na 12ª edição, a última encontrada se repetem o nome do livro e a indicação de leitura intermediária, no entanto o nome do autor aparece abaixo indicado como “Série Tales de Andrade”, sem o H no nome do autor. A cor da capa inicialmente era verde claro mudando para tonalidades de amarelo. A ilustração do globo terrestre e as disposições das informações da capa do livro *Alegria*, também são iguais no livro *Trabalho* e em *Espelho*.

⁶ O Quadro de edições do livro *Alegria* está no Apêndice E.

FOTO 15: Capa do livro *Alegria* – 12ª ediçãoFOTO 16: Capa do livro *Alegria* – 4ª ediçãoFOTO 17: Capa do livro *Alegria* – 2ª ediçãoFOTO 18: Capa do livro *Alegria* – 1ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

FOTO 19: Capa de *Ler Brincando* – 1ª ediçãoFOTO 20: Capa de *Ler Brincando* – 25ª ediçãoFOTO 21: Capa de *Ler Brincando* – 13ª ediçãoFOTO 22: Capa de *Ler Brincando* – 4ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

A cartilha *Ler Brincando*⁷ teve sua 1ª edição em 1932 e a última, 54ª edição, em 1949. Os números de edições da cartilha publicadas por ano variavam de 2 a 10 edições em

⁷ O Quadro de edições do livro *Ler Brincando* está no Apêndice F.

cada ano. Em 1935 a cartilha foi publicada 10 vezes, da 9ª edição à 18ª edição. No ano de 1936 e 1937 a publicação foi de 6 e 8 edições respectivamente.

O livro *Campo e Cidade* foi escrito pelo autor Thales Castanho de Andrade e teve apenas um edição publicada pela Companhia Editora Nacional em 1964, totalizando 5.000 exemplares, conforme as informações da folha de rosto do próprio livro.

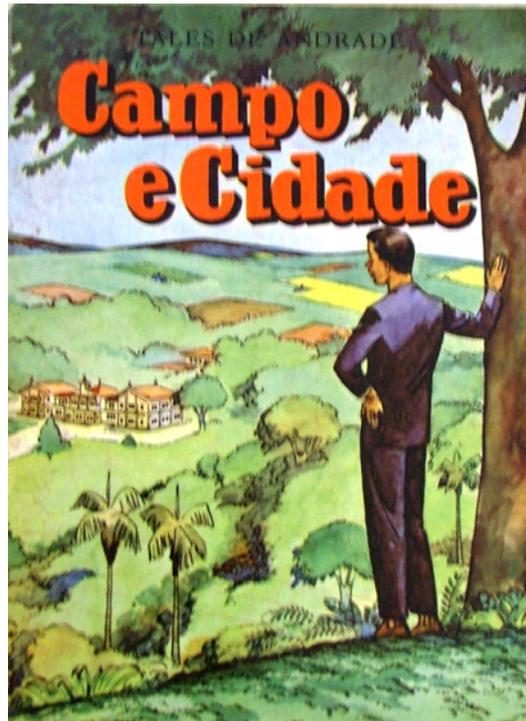


FOTO 23: Capa do livro *Campo e Cidade*
FONTE: Biblioteca Municipal de Piracicaba

Não há informações no livro sobre o ilustrador, e não foi possível encontrar a ficha editorial do livro no acervo da editora. Também não há informações no livro sobre sua participação na coleção; o que indica que ele estava incluído na coleção são os documentos encontrados que informam dados sobre os livros que compõem a coleção como os Catálogos da editora, inclusive um documento manuscrito do autor que inclui este livro e a cartilha *Ler Brincando* como integrante da Coleção de Leitura Escolar.

Na capa há a ilustração de um moço, parado ao lado de uma árvore, com uma mão na cintura e outra apoiada no tronco. Esta árvore está num morro e ele está olhando, longe, lá embaixo uma casa muito grande de dois andares. O casarão que aparece na capa é uma casa muito grande e bonita, mostra a riqueza do fazendeiro e seu poder enquanto produtor agrícola naquele momento.

A COMPOSIÇÃO DA COLEÇÃO: SURGINDO UM MODELO DE LEITURA

Segundo Toledo; Carvalho (2004):

uma coleção de livros é sempre produto de uma estratégia editorial dotada de características que lhe são específicas. Tais características adquirem, no entanto, contornos variáveis, adequando-se a condições específicas impostas pelo mercado editorial e reajustando-se segundo objetivos historicamente variáveis, de natureza econômica, cultural e política. (TOLEDO; CARVALHO, 2004)

A Coleção apresenta uma trajetória, traçada por seu autor ao escrever os livros que a compõem, destacada por meio dos personagens e das próprias histórias. O autor iniciou e encerrou essa trajetória com o personagem Mário do livro *Saudade* e no livro *Campo e Cidade*, passando por Raul do livro *Vida na Roça*, por Pedrinho nos livros *Trabalho*, *Alegria* e na cartilha *Ler Brincando*, e por Joãozinho no livro *Espelho*. As histórias dos livros se complementam, seja pelo conteúdo, seja pela circulação dos personagens dos livros. O personagem Mário aparece no livro *Saudade* enquanto menino e mais tarde retorna em *Campo e Cidade* como um jovem, e como o próprio autor indica os dois livros se complementam, pois *Campo e Cidade* é a continuação da vida de Mário, agora como um rapaz que vai à faculdade. O personagem Pedrinho também circula em 3 livros, em *Trabalho* ele aparece como um menino muito trabalhador que procura ganhar seu próprio dinheiro; em *Alegria* o personagem transforma as brincadeiras de contar histórias na escola no próprio livro, e na cartilha *Ler Brincando* o personagem mostra como pode aprender a ler com a própria cartilha; o personagem Juquinha de *Espelho* se diverte entre seus amigos contadores de anedotas e histórias. Percebe-se que os lugares que são descritos nos livros e os assuntos também são os mesmos e convergem para o aspecto rural e para a escola. Por exemplo, o personagem Juquinha do livro *Espelho* vai passar as férias na fazenda Congonhal do pai de Mário que é personagem do livro *Saudade* e *Campo e Cidade*. É a partir do episódio A Roça de Raul presente no livro *Saudade* que desenrolou-se os episódios do livro *Vida na Roça*.

Outro aspecto relevante é a presença de histórias que buscavam na realidade da vida do campo, no cotidiano escolar e nas brincadeiras das crianças essas referências dando

aos livros uma face real, ultrapassando o campo imaginário, a fantasia e motivando a leitura. Entre os assuntos dos livros da Coleção, estrategicamente, o autor aborda três dos temas de seu interesse, como a educação como forma de sucesso na vida e a ida à escola, a escola rural e sua comunidade, a infância e suas vivências. Sabe-se que o autor estava envolvido com a escola, as crianças e a comunidade rural.

Observando os índices dos livros é possível verificar que os títulos dados aos pequenos episódios de cada livro dão conta de exemplificar e resumir o que o texto trata, seu tema ou assunto. Levando em consideração que os episódios de todos os livros, com exceção da Cartilha *Ler Brincando*, podem ser lidos individualmente, é possível que o leitor escolha, releia ou estude um entre os episódios, sem comprometer-se com o livro no todo.

Um dos dispositivos encontrados nos livros que constitui a identidade da Coleção são as disposições tipográficas e textuais: o nome do livro em letras maiúsculas no centro da capa do livro, o enunciado conferindo a indicação de leitura para tal classe da escola, subtítulos para todos os poemas indicando o tema a ser tratado e sempre iniciando uma página, as ilustrações e os poemas caracterizando musicalidade e descontração nas leituras.

Segundo Batista (2002, p. 554), os textos e impressos e a sua diversidade de características materiais, discursivas e estruturais decorrem da relação entre três conjuntos de aspectos: fatores de ordem econômica e tecnológica, de ordem educacional e pedagógica e de ordem social e política. Ou seja, são escritos, manufaturados, selecionados e utilizados conforme estes aspectos que norteiam desejadamente ou não os livros que estão em circulação entre seus leitores.

Segundo Toledo (2004) os dispositivos editoriais que compõem os livros dão identidade à uma coleção, entre eles a

padronização das capas, contracapas, páginas de espelho e lombadas; uniformização da estrutura interna dos volumes e dos mecanismos de divulgação; seleção de textos e autores adequada a públicos diferenciados; configuração de um aparelho crítico (prefácios, notas, índices remissivos e onomásticos, exercícios, sumários, temários, etc) que adaptam o texto, integrando-se ao padrão da coleção. (TOLEDO; CARVALHO, 2004)

Todos os aspectos reunidos que uniformizam e dão características aos livros de uma coleção produzem um destinatário como também a classificação dos livros, que no caso

da Série Thales de Andrade são livros destinados aos alunos de escolas brasileiras, caracterizados com mecanismos próprios de identidade e que sugerem o seu uso em escolas isoladas rurais, fazendo da escola o principal aspecto que une os livros numa coleção.

Os livros são compostos de episódios, caracterizando um modelo que visa partir das partes em direção ao todo, podendo ser lidos individualmente e ao mesmo tempo compondo a totalidade da história do livro. Os questionários e as questões para a discussão nos livros são características dos livros de leitura escolar daquele momento, no entanto não prevalecem em toda a Coleção.

A cartilha *Ler Brincando* apresenta as mesmas características dos outros livros, apesar de ter um formato de cartilha no que diz respeito à sua composição, também privilegia as partes em direção ao todo quando apresenta as letras- sílabas- palavras-texto, enfatizando as ilustrações. O autor indica no fim do livro a necessidade de ter textos na cartilha, colocando dois textos que encerram o livro.

Os livros da Coleção eram indicados para a leitura das crianças nas escolas. No entanto há indícios de que o autor escrevia não só para as crianças lerem, mas também para os professores. Nos livros havia a informação “para quem” o livro era indicado para a leitura, como já mencionei anteriormente, mostrando que havia uma delimitação quanto ao leitor que era indicado, muito provavelmente estas indicações nos livros eram levadas em consideração pelos professores ou pelo Estado para colocar este ou aquele livro em circulação em determinado lugar.

Muitas vezes os livros de literatura⁸ dirigidos ao mercado escolar recebem indicações ainda mais explícitas de sua destinação. Ela pode ser feita nos catálogos de editoras, voltados para professores, quando chegam até mesmo a indicar série supostamente mais adequada para a utilização do livro em classe. (BATISTA, 2002, 542)

Muitos livros apresentam a indicação de seu uso descrito no próprio livro, na capa, na introdução e são produzidos tendo em vista esta finalidade. É o caso dos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade que apresentam estas indicações para orientar a leitura e o leitor previsto.

⁸ Quando o autor coloca no texto o termo “literatura dirigida ao mercado escolar” está claramente se referindo aos livros de leitura escolar.

Os livros desta Coleção indicados para leitura escolar, ou seja, adotados pelo Governo, aprovados pelas Diretorias de Instrução Pública para o uso das escolas apresentavam algumas características particulares quanto à sua materialidade e conteúdo. Algumas dessas características estão implícitas outras estão explícitas. As características mais relevantes aparecem envolvidas em todo o livro. Há sempre uma história com fim educativo, mas nem sempre moral como em alguns casos que apresentam textos com lição de moral para o leitor, normalmente uma criança. Indicam exemplos vividos por pessoas na própria história que sugerem ao leitor que viva estes exemplos para ter sucesso na vida, ser bom, caridoso, entre outras qualidades. O livro é dividido em pequenos episódios que fazem parte do todo, mas podem ser lidos individualmente, apresentando um título indicado no sumário. Alguns apresentam questionários e pequenas ilustrações.

O modelo de leitura escolar proposto por Thales e caracterizado em seus livros *Saudade, Trabalho, Vida na Roça, Espelho, Campo e Cidade* e o livro *Alegria* apresenta-se similar no que se refere ao conteúdo dos textos. Cada um dos livros apresenta uma história que sofre divisão em pequenos episódios, podendo ser lidos e trabalhados individualmente sem prejudicar o entendimento de todo o livro. Cada episódio tem um título e ilustrações que representam os momentos descritos em cada episódio. São histórias da vida no campo tendo como personagens principais crianças convivendo com suas famílias e amigos no cenário da vida rural, com situações do cotidiano, visto pelo autor como um lugar bom para se viver ao contrário das cidades. Um aspecto diferenciador entre eles surge no livro *Alegria* que apresenta um aspecto novo na composição do texto, o aparecimento do item Vocabulário no final de cada episódio.

O livro *Vida na Roça* apresenta sugestões para o professor trabalhar com os assuntos destacados em cada episódio. Essas sugestões são características dos livros de leitura escolar da época; elas não aparecem em *Saudade*, mas não o descaracteriza como tendo um modelo específico de leitura escolar.

O diálogo com o universo escolar afinado por Thales Castanho de Andrade, enquanto professor permitiu que escrevesse livros com alguns aspectos presentes nos livros de leitura escolar. Como professor de escola rural e participante ativo de entidades e acontecimentos agrícolas, tudo isso abriu caminho para que o autor conhecesse e escrevesse seus livros com uma história considerada pelos seus leitores, e induzida por ele mesmo no início dos livros, como sendo verdadeira, vivida por uma pessoa, e até mesmo fazendo acreditar, no caso de *Saudade*, que era o próprio autor. No desfecho da história em *Saudade*,

Campo e Cidade, Espelho, Alegria, Trabalho e Vida na Roça, evidencia-se a educação como meio de ascensão e progresso, atendia a um dos aspectos presentes no ideário da época de que a educação era a salvação para os problemas do país; e o autor traz com sutileza o encanto de alegrar-se e viver com dignidade trabalhando arduamente no campo.

Os livros *Saudade, Trabalho, Vida na Roça, Espelho, Campo e Cidade e Alegria* não estavam confinados ao mundo imaginário: tratava de assuntos e problemas da realidade das pessoas da época em que foram escritos. Mesmo articulando-se com questões pertinentes ao gosto das crianças, como por exemplo, nas aventuras vividas no sítio por Mário, em *Saudade*, e por Raul, em *Vida na Roça*, buscava dar ênfase ao trabalho, à dignidade humana, à saúde, à educação, ao lazer e ao bem-estar da família.

Atendendo ao objetivo geral desta tese aponta-se que, por meio da análise até aqui empreendida dos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade, há a constituição de uma modelo de leitura instituído pelos livros que atende as idéias educacionais e histórico-sociais do momento da primeira edição de cada livro. O modelo de leitura escolar instituído pelos livros caracteriza-se pela intensa abordagem de assuntos que evidenciavam uma tentativa de aproximar o aluno de seu cotidiano escolar e de sua comunidade, abordando as experiências individuais e também coletivas buscando novas idéias que auxiliassem na sua vida.

Segundo a revista *Educação* de 1931⁹, é de responsabilidade do ensino da leitura nas aulas proporcionar aos alunos amplas experiências despertando o interesse dos alunos e rodeá-los de motivos para que leiam os livros.

Outro aspecto que a coleção atende ao evidenciar um modelo de leitura são as divisões dos livros em episódios, trazendo as partes da história e finalizando com o todo ao final do livro. Segundo a revista *Educação* de 1931, “outro methodo de suscitar um desejo pela leitura consiste em ler aos alumnos certos trechos de um livro, deixando a leitura em um ponto de tal interesse que os alumnos por si irão procurar a sua continuação (EDUCAÇÃO, 1931, p. 62). Nos livros da Coleção o autor proporcionava a leitura em pequenos trechos.

Os livros da Coleção estão caracterizados, também, pela abordagem de assuntos que estão presentes no cotidiano dos alunos, as brincadeiras das crianças, as atividades na escola e na comunidade, os anseios dos alunos e de suas famílias para as suas vidas.

⁹ EDUCAÇÃO. Ago-set. 1931, n. 01-02, vol. IV. São Paulo, p. 03-11

Segundo a revista *Escola Nova* de 1930¹⁰ a leitura deve ser feita da narração de fatos que a criança possa sentir e viver, que compreenda e assim os leia, pois se deve educar e instruir simultaneamente (ESCOLA NOVA, 1930, p. 268).

Os livros traziam aspectos que possibilitavam a interrelação do aluno ao meio, dando ênfase ao cotidiano escolar e da comunidade, as idéias dos clubes agrícolas escolares e as pequenas idéias para melhorar a vida dos alunos. Estes aspectos atende às idéias expostas na revista *Escola Nova* publicada em 1930:

Sendo a escola um meio para a preparação para a vida, é ahi o lugar próprio para a propagação daquelles conhecimentos que podem tornar esse futuro mais risonho, e isso mediante a execução de um programa conveniente. Do programa deve constar noções de polycultura afim de que os agricultores não se valham unicamente de um ou dois productos. A parte social será desenvolvida com noções de cooperativismo, instituição que dará aos lavradores maior força nas lutas contra a concorrência e a especulação, etc. a factura de estradas, a assistência à escola, o correio rural, as associações cooperativas são tantas instituições cujo debuxo pode ser dado na escola. (ESCOLA NOVA, 1930, p. 262)

O autor dos livros da Coleção estava preocupado em organizar os saberes de acordo com os parâmetros educacionais da época, no sentido de inovar o ensino, levando em conta os modelos culturais e sociais vigentes naquele momento, movimentando por meio das suas idéias assuntos do dia-a-dia das crianças e das famílias, de aspectos de cunho moral e de bom comportamento social com o objetivo de facilitar a vida das pessoas na sua comunidade, além de mostrar a beleza do nosso país motivando o nacionalismo. Nesse sentido os livros auxiliavam o professor no ensino da escrita e da leitura, e na formação do homem de bem para a sociedade.

Nos anos de 1920 e 1930 a estratégia de publicar coleções não estava interligada ao fato de haver abundância de livros no Brasil, mas a sua falta e a necessidade de expandi-los e de promover a reforma da sociedade pela reforma da escola (TOLEDO; CARVALHO, 2004). Ainda segundo Almeida e Carvalho (2004) é a partir da descoberta nos anos de 1920 de que publicar livros no Brasil é um bom negócio que as coleções se multiplicam, produz-se

¹⁰ ESCOLA NOVA. Órgão da Diretoria Geral da Instrução Pública. Vol. I, nov. dez. 1930.

leitores e prescreve-se um modo de ler. Estas descobertas estão relacionadas ao movimento político-educacional nos anos de 1920 onde o mercado de livros se reorganiza acompanhando os movimentos culturais da época, assim o mercado de livros escolares é fortalecido e garantido pela expansão da escolarização resultando em vantagens econômicas, e fazendo circular conteúdos adequados aos discursos de modernização escolar e social no Brasil (TOLEDO; CARVALHO, 2004).

Outra estratégia para o sucesso das coleções era a escolha do nome do organizador, que poderia garantir o sucesso da coleção, como uma espécie de avalista da qualidade dos livros. Estes organizadores impunham seu ponto de vista sobre o livro deliberando as notas, prefácios e apresentações e fortaleciam suas posições enquanto educadores. No caso da Série Thales de Andrade não havia um organizador, mas o próprio autor garantia a qualidade dos livros como educador conhecido e com influências de pessoas ligadas a ele no meio social, editorial e educacional.

Abaixo pode ser visualizado por meio de um quadro informações sobre o ano da primeira e da última edição dos livros, número total de edições e de tiragem, e suas indicações constantes nas capas de cada um:

Quadro 01: Quadro do ano e número de edições, tiragem e indicação dos livros:

| LIVRO | ANO | EDIÇÕES | TIRAGEM | INDICAÇÃO |
|-----------------------|------------|------------|------------------|---|
| <i>SAUDADE</i> | 1919/2002 | 66 | 475.301 | 2º ANO / CURSO PRELIMINAR 1º ANO / CURSO MÉDIO |
| <i>ESPELHO</i> | 1928/1940 | 17 | 87.178 | 1º LIVRO DE LEITURA |
| <i>LER BRINCANDO</i> | 1932/1949 | 54 | 790.652 | 1º ANO /CURSO PRIMÁRIO |
| <i>VIDA NA ROÇA</i> | 1932/1952 | 26 | 257.700 | 1º LIVRO DE LEITURA |
| <i>ALEGRIA</i> | 1937/1945 | 13 | 111.831 | LEITURA INTEMEDIÁRIA |
| <i>TRABALHO</i> | 1930?/1958 | 36 | 276.807 | 2º LIVRO DE LEITURA – 1º SEMESTRE |
| <i>CAMPO E CIDADE</i> | 1964 | 1 | 5.000 | - |
| TOTAL | - | 213 | 2.004.469 | - |

Quanto aos aspectos editoriais, observa-se no quadro acima que os livros, de forma geral, tiveram sua primeira edição publicada nas décadas de 1920 e 1930, com exceção de *Campo e Cidade* que teve uma única edição em 1964. E as últimas edições nas décadas de 1940 e 1950, com exceção de *Saudade* que teve sua última edição em 2002. Descartando o êxito evidente do livro *Saudade* que alcançou 66 edições entre os anos de 1919 e 2002, e *Campo e Cidade* que logrou apenas uma publicação, os outros livros da Coleção circularam 2 ou 3 décadas para a leitura escolar.

Nota-se, por meio das tiragens dos livros, entre os livros de uso escolar, aqueles autorizados e com prescrição do governo, apresentam uma grande quantidade no número de exemplares e edições.

Estratégia utilizada por Lobato, apontada por Toledo (2001), foi a de lançar, na década de 1920, livros no mercado escolar, disputando com outras editoras como a Francisco Alves. Segundo Toledo (2001) os livros publicados pela Editora Monteiro Lobato, inclusive *Saudade* da 3ª e da 13ª edição, organizavam-se em decorrência do que era prescrito pelas escolas como leitura adequada às diferentes faixas etárias, possibilitando um movimento de expansão editorial da Lobato e Cia, mediado pela escola.

Numa entrevista de Lobato, citada por Edreira (2004, p. 15), o autor declara que as edições escolares são melhores em termos de “negócio lucrativo” do que outros tipos de editorações, e todos os editores que começam com outro tipo de edição logo partem para a literatura didática. No catálogo de 1925 da Editora Monteiro Lobato e Cia, observa-se que os livros de Lobato são classificados como livros de literatura infantil e *Saudade* como livro de literatura didática.

A Coleção teve seus livros publicados entre os anos de 1919 e 2002 uma quantidade de 213 vezes, alcançando um número muito alto de tiragens, totalizando 2.004.469 exemplares.

AS ILUSTRAÇÕES DA SÉRIE THALES DE ANDRADE



FOTO 24: Ilustração do livro *Espelho*

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Espelho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928

Os livros no início do século XX eram ilustrados em preto e branco e valorizavam o livro como fonte de estudo e de saber, devendo os alunos respeitarem e confiarem nos seus livros, depositando nos autores a essa intenção de preservar os livros.

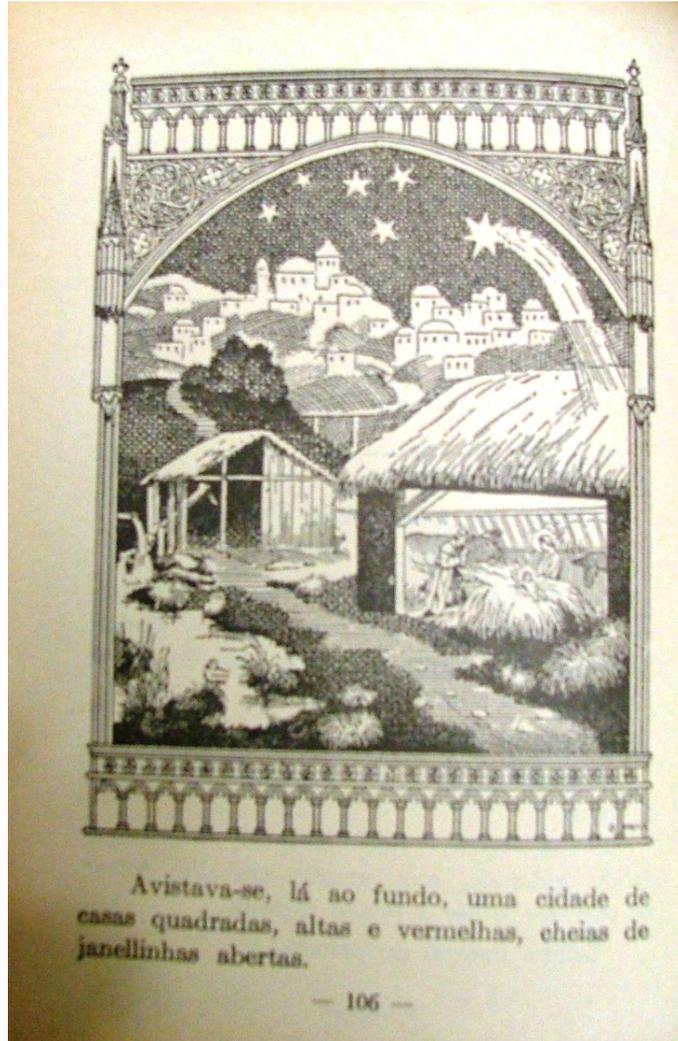


FOTO 25: Ilustração do livro *Trabalho* (1930)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Trabalho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.



27.

MIL E MAIS POR UM

Ti... tii... tii... ti...

Assim fazia Raul chamando as gallinhas para dar-lhes milho.

Elle gostava de fazer isso para ver reunidos, piando e cacarejando: pintos, franguinhos, gallinhas e gallos.

Em vez de levar o milho em grão, ao terreiro, debulhava-o batendo as espigas num mourão.

58

FOTO 26: Ilustração do livro *Vida na Roça* (1932)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Vida na Roça*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

As imagens, segundo Bittencourt (2008, p. 196), era uma prática usual obedecendo às argumentações de que eram úteis à formação das crianças. As imagens criavam uma maneira de leitura que se mesclava com a oralidade, transcorrendo do oral ao escrito.

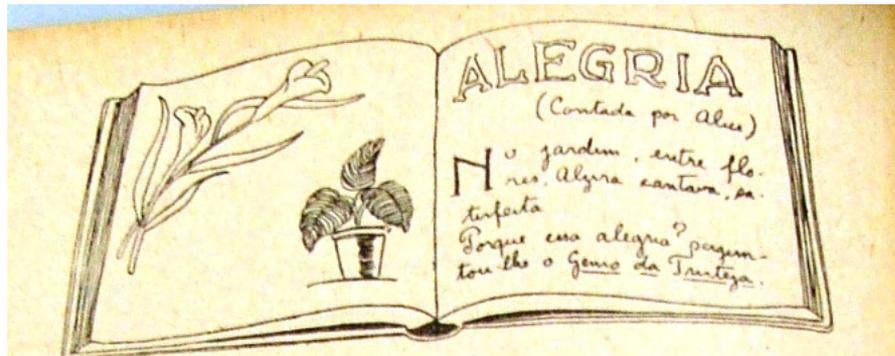


FOTO 27: Ilustração do livro *Alegria* (1937)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Alegria*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

Comente as ilustrações tornavam-se uma necessidade nos livros. As ilustrações dos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade são em preto e branco, estão dispostas no decorrer dos livros e estão diretamente ligadas aos assuntos abordados nas histórias dos livros.

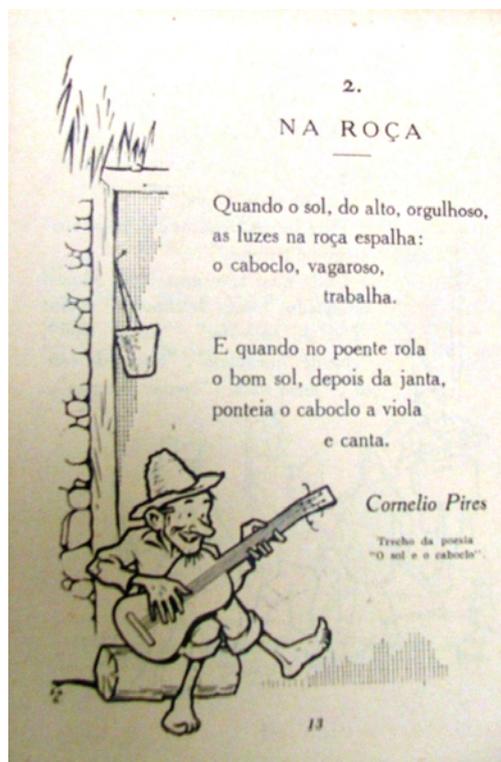


FOTO 28: Ilustração do livro *Vida na Roça* (1932)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Vida na Roça*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

Elas ilustram os acontecimentos descritos nos episódios e demonstram o cotidiano dos personagens, suas expectativas e sonhos. As ilustrações caracterizam o próprio conteúdo dos livros, estão relacionadas a eles, representam o cotidiano das pessoas da zona rural, do cotidiano escolar, das brincadeiras de crianças, da vida simples das pessoas dos pequenos vilarejos e seus costumes, e na grande maioria as ilustrações traduzem a escola, suas características, seus alunos e seus professores.

No início do século XX as ilustrações foram acrescidas de fotografias, como podemos verificar no livro *Campo e Cidade* a presença de fotos:

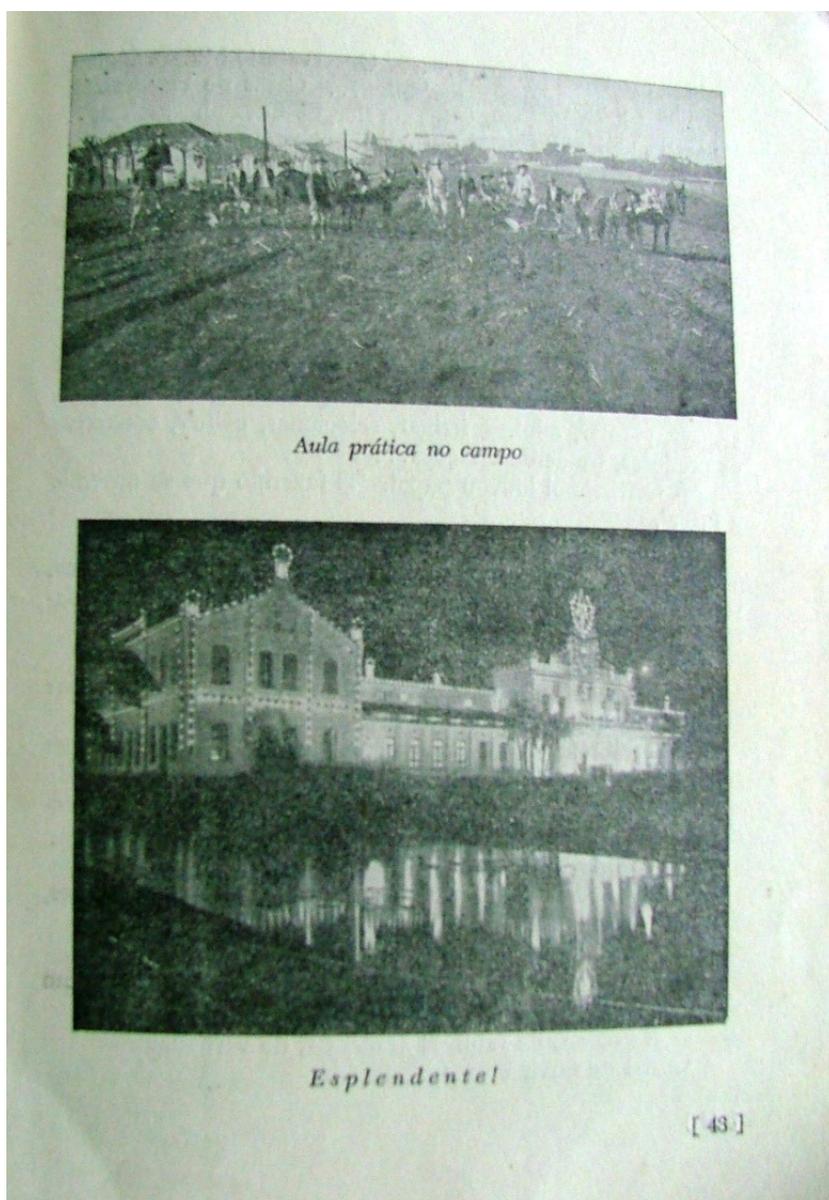


FOTO 29: Ilustração do livro *Campo e Cidade* (1964)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Campo e Cidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

As ilustrações apontam aspectos referentes ao cenário educacional rural, tem características próprias que permitem serem questionadas e estudadas e é fonte fecunda de representações que perpassam o momento de sua criação e primeira divulgação editorial, período que compreende as décadas de 1920 e 1930. Assim, existem características presentes nas ilustrações dos livros que apontam aspectos de uma escola rural da época do início do século XX.

No decorrer das leituras dos livros foram encontradas 1235 ilustrações que compõem o desenvolvimento das histórias de cada livro. Estas ilustrações variam de tamanho, desde a menor ocupando apenas um pedaço da página, assim como ilustrações que ocupam uma página inteira, caracterizando momento de descontração e de materialidade do texto escrito, pois demonstram e completam a história.

Para Chartier (2002) as características materiais dão identidade aos textos e não somente o conteúdo textual retém essa função dado pelo autor: são extraídos, pois, do repertório textual e são publicados de acordo com o leitor a ser atingido, caracterizando a associação entre o conteúdo textual à materialidade editorial, transformando em objetos duráveis, multiplicados, difundidos e selecionados. As ilustrações dos livros são características materiais repletas de informações sobre educação escolar e permitem ao leitor diversas possibilidades de leitura.

A questão essencial, segundo Chartier (2002, p. 61), em qualquer texto que tenha como objetivo colocar em destaque reflexões sobre a “história do livro, da edição e da leitura, é o processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e lêem.” Assim, as ilustrações são formas pelas quais é permitido a sua leitura, sua audição ou visão e contribui para a construção do significado do texto (CHARTIER, 2002, p. 62).

A seguir observa-se o quadro com o número de páginas, número de ilustrações e número de episódios de cada livro:

Quadro 02: Quadro de páginas, ilustrações e episódios:

| LIVRO | PÁGINAS | ILUSTRAÇÕES | EPISÓDIOS |
|--|----------------|--------------------|------------------|
| <i>SAUDADE</i> (1919) – 2ª edição | 299 | 142 | 75 |
| <i>ESPELHO</i> (1928) – 1ª edição | 116 | 45 | 53 |
| <i>LER BRINCANDO</i> (1932) – 1ª edição | 146 | - | - |
| <i>VIDA NA ROÇA</i> (1932) – 1ª edição | 129 | 58 | 58 |
| <i>ALEGRIA</i> (1937) – 1ª edição | 135 | 42 | 40 |
| <i>TRABALHO</i> (1930?) – 1ª edição (?) | 202 | 55 | 63 |
| <i>CAMPO E CIDADE</i> (1964) – 1ª edição | 208 | 51 | 105 |

No quadro anterior pode ser observado que os números de páginas não tem uma frequência similar obrigatória, variando muito entre os livros sendo o livro *Espelho* o menor em número de páginas e *Saudade* o maior em número de páginas. Quanto ao número de ilustrações, o livro *Saudade* aparece com a maior quantidade de ilustrações que os demais livros. A cartilha *Ler Brincando* apresenta ilustrações que estão diretamente ligadas às letras e sílabas tornando-se um método para o ensino da leitura. Os aspectos referentes à ilustração são caracterizados diferentemente dos outros livros: as ilustrações são partes do método utilizado pelo autor para ensinar a ler e escrever, portanto estão ligadas às palavras e às letras e não a uma história ou assunto, e a cartilha não apresenta divisões em episódios. Caracteriza-se a Coleção por agrupar livros com aspectos similares, muitas páginas em cada um, divididas em muitos episódios cada livro.

As ilustrações dos livros da Coleção representam e traduzem o momento da publicação da primeira edição, dão destaque à escola e ao meio rural, alunos e professores e seu cotidiano nesses ambientes. Tendo por eixo as premissas de Roger Chartier, nessa abordagem situada no campo da história da leitura escolar no Brasil, podem ser feitas algumas reflexões sobre a escola rural no Brasil tendo como suporte material as ilustrações dos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade do autor Thales Castanho de Andrade, a fim de compreender o que Chartier denomina “protocolos de leitura”. Esta abordagem ocorrerá no capítulo 3.

O MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO: A PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE LIVROS

Retomando os aspectos sobre o mercado editorial, para dar sentido ao estudo dos impressos, apresento nesta tese informações sobre o mercado editorial brasileiro e especificamente sobre a Companhia Editora Nacional responsável pela publicação dos livros que integram a Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade de Thales Castanho de Andrade.

Segundo Chartier (1990, p. 126) “façam o que fizerem, os autores *não* escrevem livros”, ou seja, os livros são manufaturados pelas editoras e há uma ligação entre as intenções do autor e o trabalho da “oficina” que edita o livro. Não podem ser desligadas estas duas instâncias sob a pena de excluir “o suporte que dá o texto a ler e as formas pelas quais o livro chega ao leitor” (CHARTIER, 1990, p. 127). Para o autor, entender as relações estabelecidas entre o que o autor escreve, a passagem do livro pela decisão editorial e a impressão mecânica, e a leitura produzida pelo leitor (que nem sempre são aquelas pretendidas pelo autor) constroem o sentido da história do campo pesquisado.

Para Chartier (1990, p. 130) a intervenção editorial tem a finalidade de adequar os livros aos seus compradores segundo as suas capacidades e os interesses que os conquistam. Este trabalho editorial adapta o texto modificando-o, muitas vezes, de uma edição para outra, segundo as expectativas culturais dos leitores para quem não é familiar, e são de três espécies: “encurtam os textos, suprimem os capítulos, episódios ou divagações considerados supérfluos, simplificam os enunciados aliviando as frases das orações relativas e intercalares” (CHARTIER, 1990, p. 129). “Dividem os textos criando novos capítulos, multiplicando os parágrafos, acrescentando títulos e resumos” (CHARTIER, 1990, p. 130).

A situação do comércio de livros no Brasil por volta nos anos de 1920 era desanimadora porque existiam poucos pontos de venda e limitavam-se aos bairros mais ricos da capital do estado de São Paulo e Rio de Janeiro. A produção editorial não passava da publicação de livros didáticos e da área do Direito, esquivando à importação portuguesa de livros. Na maioria das vezes os próprios escritores se responsabilizavam por encomendar e distribuir seus livros. Somente em 1917, Monteiro Lobato deu os primeiros passos para revolucionar a atividade editorial brasileira.

Segundo Hallewell (2005, p. 329), embora haja um consenso sobre a importância que se atribui à Monteiro Lobato, há quem diga que todo o sucesso de Lobato esteja ligado ao

fato do sucesso da excessiva propaganda feita por ele, ou por ligações com pessoas influentes. O fato é que, se deixarmos os detalhes à parte das investigações, a Editora Monteiro Lobato & Cia e sua sucessora Companhia Editora Nacional ocupou o “primeiro lugar entre as firmas brasileiras dedicadas exclusivamente à edição de livros” (HALLEWELL, 2005, p. 329), desde 1921 até 1970.

No Brasil, segundo Toledo (2001, p. 09) o trabalho de Laurence Hallewell é pioneiro no estudo sobre editoras e suas produções. Ele articula as histórias das editoras que constituíram o mercado editorial brasileiro. O mercado editorial no Brasil até a década de 1920 estava focado principalmente nos livros importados e em livros brasileiros impressos fora do país. As poucas editoras que existiam no país dedicavam-se à publicação de livros didáticos, jurídicos e de autores famosos, não existindo uma abundância de livros. No caso paulista, havia uma expansão dos jornais e revistas.

Evidenciava-se, nesse período, o crescimento das tipografias e de impressos que veiculavam a cultura letrada nas diferentes camadas sociais. Os autores que escreviam nesse contexto de uma imprensa “caseira”, segundo Toledo (2001), adaptavam-se às condições existentes para publicação que, mais tarde, se tornariam grandes expoentes da literatura e da imprensa.

Esse modelo “caseiro” de imprensa vai declinando ainda nos anos de 1920 e, em contrapartida, fortalece o jornalismo empresarial que impõe modelos e monopoliza a produção. Na década de 1920, o mercado editorial estava sofrendo um deslocamento rumo à produção nacional, iniciando por uma pequena procura do público aos livros nacionais, impulsionado pela industrialização crescente pelo campo das artes presentes nessa década (TOLEDO, 2001, p. 23).

Estrategicamente o livro chegava ao leitor por meio de distribuições e propagandas e eram adequados ao público leitor, enquadrando a publicação na definição de autores e de livros para o perfil do leitor. Para que houvesse esse delineamento dos leitores, haviam recomendações de autoridades competentes. A Coleção Encanto e Verdade, de Thales Castanho de Andrade, que trata somente de temas nacionais, é um exemplo de articulação entre as editoras e a produção de livros que atendam o perfil de leitor, com recomendações oficiais do Estado compartilhando com a escola o que seria adequado aos leitores, neste caso, as crianças (TOLEDO, 2001, p. 34).

O livro escolar constituía-se como um meio para fixar e assegurar determinada postura educacional, segundo Bittencourt (2008, p. 63), deveria se “encarregar de uniformizar

o saber escolar, de construir uma forma de pensar a ciência e reforçar a disseminação das crenças religiosas oficiais.” As editoras estavam encarregadas de fabricar e divulgar os livros e transformá-lo numa mercadoria a ser consumida em larga escala, dando lucro. Para efetivar o produto - livro em maior consumo - as editoras aproximaram-se do Estado atuando conjuntamente sob formas de circulação, transformando-o no principal meio de transmissão de saber.

A Companhia Editora Nacional, segundo Toledo (2004), uma importante editora no país, pelo seu porte de produção, fundo editorial que adquiriu e fez publicar. Foi responsável por editar coleções de livros como a Biblioteca Pedagógica Brasileira, publicada entre 1931 e 1960, por autores de renome como Fernando Azevedo e Anísio Teixeira, e também por traduções de obras do francês, inglês, russo, entre outras línguas, desde sua fundação em 1925.

Esta editora surgiu depois da falência da Editora Monteiro Lobato e Cia, em 1925, recomeçando com os fundos editoriais da antiga editora, dando continuidade aos padrões de edição estabelecidos por ela. A Companhia Editora Nacional, desde seu primeiro ano, produziu livros escolares, de literatura e poesia, diversificando a partir desse mercado consumidor, outros tipos de obras. Porém, transformou-se na maior editora do Brasil por meio dos livros escolares (TOLEDO, 2004).

Durante o levantamento de dados visitei as dependências do acervo histórico da editora e pude constatar que houve uma grande reestruturação e reorganização de livros e documentos, facilitando a pesquisa nesses impressos. Neste acervo estão guardados documentos importantes para a história do livro escolar no Brasil. Também já foram encontrados originais de diversas obras literárias, livros didáticos de grande sucesso e circulação publicados pela Editora, que permitiriam acompanhar o desenvolvimento e história do livro didático no Estado de São Paulo.

Estudando a história do livro é importante destacar que nem sempre os livros pareceram com o que temos hoje: livros de diferentes tamanhos, encadernações, tipos de papel, de cor, de materiais como plástico e tecido, dentre tantos outros aspectos que caracterizam e diferenciam cada livro. Evidentemente, as diferentes maneiras de entender os materiais impressos são parte da história da leitura e a leitura é parte da vida das pessoas e, caracterizando-se de diferentes maneiras, dependendo da sociedade em que está inserida.

Destaca-se nesse momento a divulgação dos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade por meio dos catálogos de livros da Companhia Editora Nacional. O *Catálogo de Livros Escolares* de 1934 informa, inicialmente, aos professores das escolas

particulares que se houver interesse a editora poderá enviar exemplares dos livros para que possam ser examinados e adotados. Nessa nota para os professores de escolas particulares há o indício de que para as escolas públicas não ocorria da mesma forma a escolha dos livros. Indica assim, um leitor prescrito, na medida em que indica a destinação do próprio catálogo.

No *Catalogo de Livros Escolares* de 1934 são indicados para o Ensino da Leitura os livros *Saudade, Espelho, Trabalho, Vida na Roça* e a cartilha *Ler Brincando*. No Catálogo cada livro era disposto individualmente com algumas informações que auxiliavam no entendimento do livro para quem lia o catálogo. Sobre a cartilha *Ler Brincando* a editora indicava como uma novidade, como “um grande conhecimento das crianças e uma sciencia subtil no conduzir o ensino da leitura”, e ainda acrescenta-se: “Pôde-se ler brincando?” Para o catálogo a cartilha é fruto da grande experiência vivida e praticada por seu autor enquanto professor, Thales de Andrade, sendo útil por seu método, texto apropriado e suas 700 ilustrações. Indicava que foi adotada pelos estados de São Paulo, Piauí, Mato Grosso, Bahia, Pernambuco, Espírito Santo e pelo Distrito Federal (nesse momento o Rio de Janeiro).

Sobre o livro *Saudade* havia a indicação de que era um livro para os alunos do curso preliminar, com linguagem simples e acessível, interessante e com naturalidade na narrativa, considerado o melhor livro de leitura. Para o livro *Espelho* os elogios acentuam-se na relação do autor como um contador de histórias de qualidade que transcreve suas idéias para os livros que são sucessos entre as crianças.

O autor Thales de Andrade anuncia em seu livro *Vida na Roça* que um dos requisitos para que um livro de ensino da leitura é o leitor. Para ele o leitor deve gostar do que lê, de maneira que tenha interesse de ler até o final. Para Thales o livro de leitura escolar “exerce larga e profunda influencia na alma infantil” (ANDRADE, 1936, p. 05), é uma fonte de inspiração moralizadora e nacionalizadora. E ainda ele completa: “Neste, como nos demais livros que escrevi, esforcei-me para dar aos escolares, em cada página, estímulos moraes, cívicos e patrióticos” (ANDRADE, 1936, p. 06). O autor e o leitor estão, na maioria das vezes, afastados no espaço e no tempo, não tem referências comuns e é no texto que o leitor estreita relações com as idéias e compreende a leitura da obra.

No *Catalogo de Livros Escolares de 1931* são indicados para o Ensino da Leitura os livros *Saudade e Espelho*. No *Catalogo de Livros Escolares de 1932* são indicados para o Ensino da Leitura os livros *Saudade, Espelho, Trabalho e a cartilha Ler Brincando*. No *Catalogo de Livros Escolares de 1933* são indicados para o Ensino da Leitura os livros *Saudade, Espelho, Trabalho, Vida na Roça* e a cartilha *Ler Brincando*. No *Catalogo de*

Livros Escolares de 1935 são indicados para o Ensino da Leitura os livros *Saudade*, *Espelho* e *Trabalho* repetindo-se em todos os catálogos as informações destacadas no catálogo de 1934.

Segundo informações obtidas no *Catálogo Geral* da Companhia Editora Nacional, de 1932, o livro *Espelho*, indicado para a leitura dos primeiros anos escolares, era um livro de fácil leitura e escrito ao gosto das crianças, tratando de assuntos da natureza brasileira com historietas que encantavam e alegravam as crianças. Neste *Catálogo*, a Cartilha *Ler Brincando* é descrita como uma cartilha que trata das coisas conhecidas pelas crianças animais, plantas, frutas e flores, retratando as coisas da roça. O livro *Trabalho*, segundo este mesmo catálogo, era destinado ao segundo ano do ensino primário e ensina lições de perseverança, trabalho, paciência e economia. O livro *Alegria* era constituído de 25 pequenas histórias e *Vida na Roça* tinha como tema principal o milho.

No *Catálogo de Livros Escolares de 1937* há uma lista dos “livros primários aprovados em todos os estados do Brasil e adotados pela quase totalidade de importantes estabelecimentos oficiais e conhecidas escolas particulares”. Entre os livros que compõem a Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade estava indicado como livro de leitura e cartilha para o 1º ano *Ler Brincando*; como livro de leitura para o 2ª ano os livros *Espelho* e *Vida na Roça*; como livro de leitura para o 3ª ano os livros *Trabalho* e *Saudade*; e como livro de leitura para o 4ª ano somente o livro *Saudade*.

Na revista *Educação* de 1929¹¹, são publicados os nomes dos livros seriados para uso das escolas públicas de São Paulo, sob a coordenação da Directoria Geral da Instrução Pública, para o ano de 1929, com a ressalva que são os mesmos livros indicados no ano de 1928. Os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade estavam indicados nessa lista para Leitura Fundamental: para o 1º ano estava indicado o livro *Espelho*, para o 2º ano havia a indicação do livro *Trabalho* e para o 3º ano o livro *Saudade*.

A seguir tem-se o quadro da relação dos preços dos livros:

¹¹ COSTA, Firmino. Ensino Rural. In: *Educação*. Jan. fev. 1929, n. 01-02, vol. VI. São Paulo, p. 99-103

Quadro 03: Relação dos preços dos livros

| LIVROS | CATÁLOGO 1931 | CATÁLOGO 1932 | CATÁLOGO 1933 | CATÁLOGO 1934 | CATÁLOGO 1935 | CATÁLOGO 1937 |
|----------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| <i>Ler Brincando</i> | --- | --- | 2\$500 | 2\$500 | 2\$500 | 2\$500 |
| <i>Saudade</i> | --- | --- | 4\$000 | 4\$000 | 4\$000 | 4\$000 |
| <i>Espelho</i> | --- | --- | 3\$000 | 3\$000 | 3\$000 | 3\$000 |
| <i>Trabalho</i> | --- | --- | 3\$500 | 3\$500 | 3\$500 | 3\$500 |
| <i>Vida na Roça</i> | --- | --- | 3\$000 | --- | 3\$000 | 3\$000 |

Observa-se a partir dos dados do quadro de preços dos livros que o livro *Saudade* apresentava um valor maior que os outros livros para a sua comercialização e a cartilha *Ler Brincando* tinha o menor preço para a venda.

Todas as características dos livros escolares estavam dentro de um cuidado editorial como estratégia de venda dos editores. O papel utilizado, tipo de capa, de tinta e o tamanho dos livros podiam encarecer a obra, por isso muitas vezes eram suprimidos e fabricados com materiais inferiores para barateá-los. Para aumentar os lucros as editoras empenhavam-se na divulgação da obras por todo o país em Catálogos da própria editora, jornais, periódicos, almanaques, em revistas especializadas sobre educação e nas contra-capas de seus próprios livros.

A seguir apresenta-se a foto da contra-capas da 13ª edição do livro *Vida na Roça* destacando-se a propaganda dos livros escolares destinados aos cursos primários das escolas brasileiras, editados pela Companhia Editora Nacional.

1625

Livros Escolares para o curso Primário
editados pela
Companhia Editora Nacional, São Paulo

| | | | |
|---|--------|--|--------|
| 1.º ANO — CARTILHAS | | Novas Leituras, 2.º — M. Oliveira - | |
| Ler brincando — Tales de Andrade | 2\$500 | R. Dordal | 3\$000 |
| Meu Livro — Teodoro de Moraes . | 3\$000 | Histórias Infantis — Orlando M. Mo- | |
| Cartilha Prática — Antonieta P. Moraes | 2\$500 | rais | 3\$500 |
| Cartilha Fácil — Claudina Barros . | 3\$000 | Minha Escola — Antônio Lúcio . . . | 3\$500 |
| O Amigo da Infância (Cartilha por sílabação) — Stela Brandt de Carvalho | 3\$000 | | |
| Cartilha do Pequeno Escolar — M. Moura Santos | 3\$000 | 3.º ANO — LEITURA | |
| Minhas Lições — José Orlandi . . . | 2\$000 | Vida escolar — Maria Salomé Pena | 3\$500 |
| | | Trabalho — Tales de Andrade . . . | 3\$500 |
| 1.º ANO — LEITURA | | Saúde — Tales de Andrade . . . | 4\$000 |
| Sei Ler (intermediário) — Teodoro de Moraes | 3\$000 | Minha Pátria, 3.º — J. Pinto e Silva | 3\$500 |
| Pirulito, I — F. Faria Neto | 3\$000 | Meus Deveres, 3.º — J. Pinto e Silva | 3\$500 |
| Minhas Históricas — Orlando M. Moraes | 3\$000 | Novas Leituras, 3.º — M. Oliveira - | |
| Novas Leituras, 1.º — M. Oliveira - R. Dordal | 3\$000 | R. Dordal | 3\$500 |
| | | Leituras Simples — Orlando M. Moraes | 3\$500 |
| 2.º ANO — LEITURA | | Contos Escolares — Aprígio Gonzaga | 3\$500 |
| O Pequeno Escolar — M. Moura Santos | 3\$500 | O Pequeno Escolar — M. Moura Santos | 3\$500 |
| Infância — Henrique Ricchetti . . . | 3\$500 | | |
| Espelho — Tales de Andrade | 3\$000 | 4.º ANO — LEITURA | |
| Vida na Roça — Tales de Andrade | 3\$000 | Vida escolar — Maria Salomé Pena | 3\$500 |
| Meu Livro, 2.º — Teodoro de Moraes | 3\$500 | O Pequeno Escolar — M. Moura Santos | 4\$000 |
| Pirulito, II — F. Faria Neto | 3\$000 | Sei Ler, 2.º — Teodoro de Moraes . . | 4\$500 |
| Meus Deveres, 2.º — J. Pinto e Silva | 3\$000 | Minhas Leituras, 4.º — Antonieta P. Moraes | 4\$000 |
| Sei Ler, 1.º — Teodoro de Moraes . . | 3\$000 | Seara Patriótica — Antônio Faria . . | 3\$500 |
| Minha Pátria, 2.º — J. Pinto e Silva | 3\$000 | São Paulo e suas Grandezas — Aprígio Gonzaga | 3\$500 |
| Minhas Lições — Aprígio Gonzaga . . | 3\$000 | Mocidade — M. Moura Santos . . . | 3\$500 |
| | | Meus Deveres, 4.º — J. Pinto e Silva | 4\$000 |
| | | Fábulas — Monteiro Lobato | 4\$000 |

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 118 — SAO PAULO

FOTO 30: Contra-capa do livro *Vida na Roça* – 13ª edição
FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

Durante visita ao Museu Prudente de Moraes em Piracicaba foi possível encontrar o Contrato de Venda de Direitos Autorais estabelecido entre o Escritor Thales Castanho de Andrade e a Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato e Cia, na data de fevereiro de 1921. Neste contrato é estabelecido o direito da editora de traduzir alguns de seus livros inclusive *Saudade*. O valor recebido pelo autor pela venda total dos direitos seria de 74:000\$000 (setenta e quatro contos de réis). O valor dos direitos autorais do livro *Saudade* custaria à editora 14:000\$000 (Quatorze contos de réis). Nesse contrato o autor se compromete a não escrever, nem colaborar com outra editora, nem em outro lugar, nem em outra língua, com livros que possam concorrer com os livros contratados por um período de seis anos. Isto indica que, possivelmente, o contrato estabeleceria fidelidade do autor com a

Editora evidenciado na necessidade de continuar publicando o livro *Saudade*, devido à sua larga escala de edições e exemplares destinados às escolas primárias brasileiras.

Diante dessas informações é possível entender porque o livro *Espelho* foi publicado em 1928, tantos anos depois de *Saudade*, cumprindo os seis anos estabelecidos para que se publicasse outro livro semelhante, com os mesmos aspectos.

CAPÍTULO 2

THALES E A RELAÇÃO COM O RURALISMO E O COMÉRCIO LIVREIRO

O livro de leitura escolar é um espelho mágico. Exerce larga e profunda influência na alma infantil.

Thales Castanho de Andrade

O LEITOR E A LEITURA DOS LIVROS ESCOLARES NO BRASIL

Este texto apresenta aspectos referentes ao leitor considerado fundamental para a história da leitura escolar no Brasil e o entendimento dos aspectos estudados nesta pesquisa. Inicialmente pode-se afirmar que o leitor é fundamental na história da leitura escolar. O leitor complementa, juntamente com o próprio livro, a editoração e o contexto histórico-social, o livro. Pensando na existência do leitor como figura essencial na trajetória dos livros, em especial os livros escolares, não é possível escrever sua biografia, mas é possível entender alguns aspectos por meio dos indícios encontrados nos próprios livros e em documentos que caracterizam os leitores da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade.

A história do leitor surge com a expansão da imprensa e amplia-se com o mercado editorial, com a difusão da escola e a necessidade de alfabetização em massa, pela valorização à família, à privacidade doméstica, ao lazer e para canalizar ações individuais e com funções sociais (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 14).

Os primeiros livros para as crianças surgiram juntamente com uma nova concepção de infância, que passou a ser percebida como um tempo diferenciado que necessitava de uma formação específica e, uma vez que a criança passa a ser percebida com suas singularidades, durante os séculos XVII e XVIII (ZILBERMAN, 1983).

No século XIX, a escola passou a ser direito de todas as pessoas e houve a necessidade de ser modificada para absorver o mundo que estava à sua volta, cabendo à

pedagogia esse trabalho. A literatura é vista como um meio para a formação das crianças, e “[...] a partir de então buscam-se tipos de livros que agradem aos leitores, consolidando uma *“literatura para”*, feita para um público consumidor específico: a criança” (DAROLT, 2004, p. 53). Segundo Darolt (2004, p. 44), a “Literatura e a Infância sempre andaram juntas ...” e estão envolvidas com a escola, pois, senão o único, é o principal lugar onde a leitura acontece.

A leitura é um aspecto fundamental para o consumo dos livros. Perante uma sociedade escrita os textos são formas organizadas e têm o poder de modificar e organizar as coisas e reformar as estruturas. Neste binômio, segundo Certeau pode ser englobado leitura e escrita. A escola, por sua vez, veio unir este binômio: por isso há a necessidade de interrogar o papel da escola enquanto veículo condutor da leitura quando se fala da produção e consumo dos livros (CERTEAU, 1994, p. 263).

O sujeito leitor se intensifica e aparece em maior quantidade até o século XIX, se transforma em consumidores de uma mercadoria muito específica, sustentando o “negócio” dos livros, sendo estudado na sua forma pretendida e que muitas vezes está explícita nos próprios livros ou em documentos que refere àquele a quem se dirige o livro. No que se refere ao leitor efetivo dos livros, apresenta-se um receio em buscá-lo, encontrá-lo, lhe conferir uma identidade. O leitor pretendido e o leitor efetivo do livro guardam muitas semelhanças entre si:

Projeção do desejo do escritor, de suas memórias de leitura, da utopia de uma época ou reflexo de pesquisas de mercado, o leitor que o texto representa pode considerar-se, não sem razão, e com certeza sem hipocrisia, irmão e semelhante do leitor empírico, óculos por sobre o nariz e olhos atentos a linhas e entrelinhas. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 17).

Segundo Lajolo e Zilberman (2009, p. 17), o sujeito leitor, manifestação da indústria do lazer, de natureza escolar ou de uma característica religiosa, apresenta particularidades concretizadas na sua situação de leitor. “Este se configura como sujeito dotado de reações, desejos e vontades, a quem cabe seduzir e convencer”, e o escritor de forma voluntária ou não, consciente ou não, procura conquistá-lo.

No entanto, a sedução do leitor ultrapassa o momento e o desejo do escritor, perpassa a editoração e o gerenciamento de uma história social de leitura. Quem deveria ter lido um livro, ou quem leu o livro?

No Brasil, a história do livro se intensifica, especialmente a partir da proclamação da República, com o desenvolvimento da instrução pública, a criação de escolas primárias e de formação de professores e o uso de livros-texto na atividade didática, fenômenos estes que possibilitaram condições para o surgimento de uma “literatura escolar”, constituída de livros traduzidos e/ou produzidos por brasileiros, dedicados à infância, no entanto, para o uso vinculado à escola, com a finalidade de ensinar valores morais e sociais, de forma agradável.

Retomando a história do livro no Brasil, ressalta-se o escritor Monteiro Lobato e seu livro *Narizinho Arrebitado*, publicado em 1921, que demarca o início da constituição e a consolidação de uma literatura infantil brasileira como gênero literário. Segundo Arroyo (1968), é da “literatura escolar” que se origina a literatura infantil brasileira e esse modo de produzir livros com interesses na formação e solidificação do leitor está presente em nosso país até a década de 1920, verificada no tipo de literatura, como os livros com conteúdo destinados a agradar e seduzir o leitor, com prosa regionalista e a literatura infantil adaptada por escritores brasileiros.

A produção de livros de leitura escolar com destino às escolas primárias está vinculada aos interesses do Estado e sofre interferências em sua produção para adequar-se ao seu público alvo. Há limites que são impostos declaradamente ou não na construção de livros escolares delimitando-os desde a sua criação até a passagem editorial. Num determinado momento havia a necessidade de se construir livros seguindo modelos estrangeiros, podendo ser traduzidos ou adaptados (BITTENCOURT, 2008, p. 25), havendo assim uma escassez de livros com finalidade escolar.

A difusão dos livros e da leitura no Brasil ficou ao encargo da escola e do governo:

Ocorre que uma literatura brasileira para crianças e jovens não existirá antes da década de 20. Ela só se iniciará, na verdade com Lobato, conforme atestam referências históricas até hoje disponíveis – e que não são muitas. Até então, o que possuíamos eram “leituras escolares”, de feição nitidamente didática e, ainda assim, segundo Leonardo Arroyo, em número extremamente escasso até o presente século. (PERROTTI, 1986, p. 57)

Nesse momento, Monteiro Lobato, dono da Editora Monteiro Lobato e Cia, apresentava uma estratégia de levar o livro ao leitor, impondo aos leitores que lessem livros brasileiros, apostando na distribuição e propaganda dos livros. Nos anos de 1920, Monteiro Lobato ganhou certa centralidade, relata Toledo (2001), pois, além de se empenhar na transformação da indústria editorial, implementando uma editoração moderna no Brasil, ainda permite que o movimento educacional entre nos programas de edição de suas editoras.

Monteiro Lobato era dono da *Revista do Brasil*, da Editora Monteiro Lobato e Cia, além de ser escritor do Jornal O Estado de S. Paulo. Com isto, tinha uma posição privilegiada e articulava diferentes autores de diferentes regiões do país entre os intelectuais paulistas, transformando-se numa espécie de autoridade na escolha de autores e livros (TOLEDO, 2001). Para Toledo (2001), havia a estratégia de adequar os livros ao público leitor, enquadrando a publicação na definição de autores e de livros para o perfil do leitor. Ainda para Toledo, as leituras eram feitas por meio das recomendações de autoridades significativas.

Nesse contexto, segundo Lajolo e Zilberman (2009, p. 88), Lobato colocou em discussão por meio de cartas em 1909, o valor da troca do trabalho intelectual, somente em 1930, mais amadurecido acreditava no valor de troca da produção escrita com o mundo dos livros. Considerando estes indícios percebe-se que a relação do escritor com a imprensa traçava uma frágil manifestação de profissionalização. Ainda segundo essas autora há informações em documentos datados do ano de 1817 de que:

Um tempo no qual questões relativas à comercialização de livros e material escrito ainda se expressavam, no Brasil, por alvarás reais, documentos que presentificavam o estado como mediador da venda, impressão e importação de obras: o governo mediava as operações que envolviam, como partes interessadas, escritores, livreiros e impressores. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 89)

Mas a paisagem muda na segunda metade do século XIX, onde o Estado registra por meio de um contrato em 12 de janeiro de 1872 entre o Cônego Fernão Pinheiro e a Editora Garnier tratando da “edição e comercialização das *Postilas de retórica e poética*”. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 89)

Aparentemente o século XIX terminou como iniciou:

O aparelho estatal sustentava o funcionamento do sistema editorial, que se proclamava nacionalista e empenhado na educação da mocidade brasileira, quando via aí um mercado a alimentar ou quando percebia que a presença de concorrentes estrangeiros se mostrava ameaçadora. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 89)

Estratégia editorial e direitos autorais são confirmados nos documentos editoriais de Thales de Andrade. Encontrou-se uma carta datada do dia 27 de julho de 1977, com o remetente da Editora McGraw-Hill do Brasil Ltda das cidades do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte, solicitando a Companhia Editora Nacional a autorização de transcrever trechos das páginas 44 e 46 do livro *Saudade* de Thales de Andrade, edição de número 63, do ano de 1974, para um livro de Português que estava em preparação. Ainda nessa carta Dulcy Crisolia, que assinava a solicitação destacava que fazia menção a fonte. Em outro documento do dia 04 de agosto de 1977, a Companhia Editora Nacional escreve ao autor, informando o pedido da editora McGraw-Hill e solicita sua autorização para tal transcrição, não opondo-se enquanto editora. A solicitação foi efetuada novamente em 12 de setembro de 1977 e aceita em documento enviado pela Companhia Editora Nacional a Editora McGraw-Hill do Brasil Ltda no dia 16 de setembro de 1977. Os livros de Thales circulavam no meio educacional e foram referenciados em outros livros, havia uma estratégia editorial e confirma-se que houve um criterioso cuidado com os direitos autorais do autor.

Em outro documento editorial, de 21 de junho de 1979, contendo a resposta referente a um pedido de referenciar trecho do livro *Saudade*, a pedido da Editora A Casa do Livro de Brasília, estão descritos os documentos necessários para que seja feita a referência. Os documentos são:

“Termos de Inscrição, Anexos do Termo de Inscrição, Fichas de Especificação e Orçamento Prévio; e Cheque comprado, do Banco do Brasil nº 579908, pagável ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, no valor de Cr\$1.500,00 (um mil e quinhentos cruzeiros), referentes às taxas de inscrição das obras.” (ACERVO HISTÓRICO DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL)

No Termo de Inscrição aparecem os dados do livro como título, edição, ano, número de páginas, de ilustrações, volumes, formato, assunto, dados sobre a editora e sobre o autor. Sobre a taxa de inscrição referida acima, o livro *Saudade*, 65ª edição, o valor é de Cr\$400,00 (Quatrocentos cruzeiros) para um único volume e Cr\$400,00 (Quatrocentos cruzeiros) para o primeiro volume e Cr\$200,00 (Duzentos cruzeiros) para os volumes subsequentes.

Nesse momento resume-se o Brasil num período que renascia a esperança com a República em 1889, trazendo também novas medidas como a criação da Secretaria de Estados e Negócios da Instrução Pública junto com o serviço de Correios e Telégrafos, em 1890; empreendeu-se a reforma da instrução pública; mas a euforia durou pouco, em 1892 a Instrução Pública é transferida para o Ministério do Interior e Justiça (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 155).

No período que vai das últimas décadas do século XIX até a década de 1930¹ o Brasil era um país essencialmente agrícola e São Paulo estava à frente dos demais estados, em relação ao crescimento econômico, com as mudanças sociais caracterizadas pela diversificação agrícola, urbanização e o surto industrial, tendo o café como eixo da economia.

Porém, para Del Priore (2001, p. 297), ao contrário do que se imagina, São Paulo nem sempre foi a região brasileira mais industrializada, divulgada por meio do mito da “locomotiva do Brasil”. Muito pelo contrário: no início do século XX, os estudos comprovam que os habitantes da antiga “terra dos bandeirantes” não lideravam os primeiros processos de industrialização. Para elucidar como São Paulo se tornou um estado com maior concentração de indústrias, deixando de lado as diversas polêmicas acerca do assunto, recorre-se a uma explicação mais sintética, ressaltando-se um crescimento expansivo do cultivo de café, as estradas de ferro e o grande fluxo de imigrantes europeus, entre o início do século e a década de 1930. Além disso, podem ser incluídos na prosperidade econômica do estado as transformações políticas, o aparecimento de grandes obras públicas e a ampliação dos espaços urbanos (DEL PRIORE, 2001, p. 300).

¹ No período em destaque na discussão perpassa a Primeira Guerra Mundial, que teve início em 1914 e só terminou em 1918, e grandes transformações ocorrem no nosso país, deste então se discute a reforma social, da educação do povo, do voto secreto; aparecem movimentos de milícia, marcando revoltas militares, destacando-se a Revolta do Forte de Copacabana em 1922, a Revolução de 1924 em São Paulo e a Coluna Prestes em 1927. Todo este período pós-guerra, de grandes movimentos, é encerrado com a Revolução de 1930 (FAUSTO, 1996).

O século XX não foi muito diferente de seu antecessor, segundo a autora:

A República não cumprira as promessas; o Estado limitava-se a cooperar com certos autores e a resolver casos específicos, omitindo-se do problema geral e deixando de implementar uma política efetivamente eficiente. As dificuldades vão se transmitindo de geração a geração até 1930, ano de muita mudança política, que traz de volta a idéia de tratar da instrução através de uma agência específica, o Ministério da Educação, na ocasião acoplado ao da Saúde. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 156)

Desta nova política vieram novas organizações e implementações: a organização da vida escolar o livro adquiriu um novo caráter de ensino, o da leitura e da literatura (LAJOLO ; ZILBERMAN, 2009, p. 156).

Observa-se que as reformas educacionais empreendidas nas décadas de 1920 e 1930 deram destaque para o ato de ler. Buscavam colocar a leitura como uma forma sistemática de aquisição popular de conhecimento.

A leitura, destacando-se das demais práticas escolares, impunha a constituição de um campo de saber especializado, onde eram normatizadas as formas de aquisição do conhecimento lido, no tocante a posturas corporais ou intelectuais frente ao texto, apoiadas em discursos da Biologia e da Psicologia, e no tocante à produção material do impresso. (VIDAL, 1996, p. 112)

Segundo Vidal (1996) o livro escolar passava a ser visto como um objeto de prazer e procurava dar ênfase para os leitores criarem o gosto pela leitura. Para que chegassem aos leitores havia exigências para a aprovação dos livros do curso elementar e cartilhas. Eles deveriam ter uma linguagem acessível, fim educativo, atividades para comentar as lições e deviam ser coloridos. Quanto à produção material do livro, também havia critérios para publicação. Deveriam ter cuidados especiais para adequar-se ao público presumido: uma boa impressão tipográfica, papel não transparente, sem erros e nítido, linhas não muito juntas, tipo graúdo e de tamanhos menores conforme a classe. Para as classes do curso primário deveriam ter figuras, de preferência coloridas, com aspecto real. Outro critério orientava na

categoria do livro. Os livros categorizados como literatura eram ainda divididos entre aqueles que serviam para despertar o gosto de ler, e aqueles que serviam para aprendizagem (VIDAL, 2001, p. 206). Assim, leituras e livros tornavam-se a preocupação de educadores e políticos. De simples depositário da cultura universal, o livro passa a ser visto como fonte de experiência (VIDAL, 1999, p. 93).

A década de 1920 foi uma época de grandes transformações no Brasil. No aspecto cultural intensificavam-se as relações comerciais e financeiras com outros países, dando preferência aos relacionamentos com os norte-americanos, surgindo influências no campo intelectual brasileiro, que se estenderam para o campo educacional e pedagógico. O movimento da Escola Nova foi uma das influências americanas que mais se destacou nessa época.

No período que foram publicadas as primeiras edições dos livros escolares da Coleção, com exceção de *Campo e Cidade*, considerando a partir dos anos de 1920, segundo Carvalho (2000, p. 114), a Pedagogia Moderna como arte de ensinar começou a esgotar-se como baliza da prática escolar no estado de São Paulo e muitos aspectos contribuíram para que desse esgotamento emergisse a Escola Nova.

A Escola Nova, movimento surgido a partir de experiências desenvolvidas na Europa e nos Estados Unidos, também chegaria ao Brasil e influenciaria, principalmente, as idéias educacionais daquele momento. Dessa forma, na educação, iniciou-se uma modificação para variar os procedimentos de ensino e torná-los diferentes dos que já existiam, ensaiando assim, o que passou a ser denominado de Escola Nova (LOURENÇO FILHO, 1963, p. 15). Segundo Lourenço Filho (1963) - que na década de 1920 fazia parte do círculo profissional e de amizade de Thales Castanho de Andrade, autor relevante para compreendermos as idéias que circulavam naquele momento - a Escola Nova não dizia respeito "a um só tipo de escola, ou sistema didático determinado, mas a todo um conjunto de princípios tendentes a rever as formas tradicionais do ensino" (LOURENÇO FILHO, 1963, p. 17). A era escolanovista no Brasil pode ser demarcada, então, como a era em que essas duas ordens de preocupações estiveram vigentes: inserir o indivíduo no contexto de uma sociedade moderna e, ao mesmo tempo, respeitar as particularidades do ser individual.

Segundo Carvalho (2000, p. 11), nas cinco primeiras décadas do século XX, "estilos distintos de normatização das práticas escolares buscavam legitimar-se como saber pedagógico de tipo novo, moderno, experimental e científico [...]". No estado de São Paulo, a partir do final do século XIX, o campo normativo de institucionalização das escolas

estruturava-se como pedagogia moderna centrada na arte de ensinar, propondo-se no segredo da imitação de modelos² (CARVALHO, 2000, p. 11).

Destaca-se outro acontecimento na década de 1920 de extrema importância para a sociedade brasileira: a realização da Semana de Arte Moderna. Esta Semana realizou-se nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, tendo sido idealizada por um grupo de artistas que pretendia colocar a cultura brasileira a par das correntes de vanguarda do pensamento europeu, ao mesmo tempo que buscava uma tomada de consciência de identidade nacional (NICOLA, 1989, p. 199). Segundo Nicola (1989, p. 199), “a Semana de Arte Moderna deve ser vista não só como um movimento artístico, mas também como um movimento político e social”. As informações sobre o evento foram divulgadas pelos jornais *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*. Os três dias do evento envolveram música, exposição de pinturas e esculturas e muita poesia.

Outro destaque do período foi a criação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), fundado em 1894, e tal entidade estava integrada ao mundo oficial de São Paulo, pois seus presidentes, sócios fundadores e demais integrantes eram homens de “poder”, dentre eles, Prudente de Moraes, Rui Barbosa, Altino Arantes e Afonso de E. Taunay. Thales Castanho de Andrade foi sócio honorário do IHGSP e segundo Ferreira (2002), as atividades organizadas por esse órgão privilegiavam principalmente os acontecimentos de São Paulo e seus escritores dedicavam-se ao estudo do passado da história brasileira e os perfis biográficos.

Na década de 1920, outra questão que influenciava as idéias educacionais era o nacionalismo. O pensamento de intelectuais brasileiros estava ocupado com reflexões sobre a nação brasileira, discutindo, segundo Oliveira (1990), uma questão central que se sintetizava no combate à imitação que impedia a construção de uma identidade nacional, que se baseava na definição da identidade de um povo, de seus costumes, língua, etnias, religiões. Para essa autora:

² Para este assunto ver CARVALHO, Marta Chagas de. *Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. São Paulo em Perspectiva*, p. 111-120, 2000.

O nacionalismo é uma representação ideológica preocupada em definir os traços específicos de um povo e suas diferenças frente aos demais – a identidade e alteridade. Esta é uma característica presente em todos os nacionalismos. Ou seja, embora o conteúdo do nacionalismo possa se diferenciar de grupo a grupo, de nação a nação, de época a época, esta ideologia procura sempre responder a essas questões. (OLIVEIRA, 1990, p. 189)

Em 7 de setembro de 1916 foi fundada a Liga de Defesa Nacional (LDN), tendo como linha mestra o patriotismo de Olavo Bilac que se centrava no serviço militar obrigatório e na educação cívico-patriótica, tinha como lema principal a educação e defesa nacional. Outro movimento originado deste foi a Liga Nacionalista de São Paulo (LNSP), criada em 1917 e fechada em 1924. Da LNSP acrescentavam-se à LDN objetivos de ordem política. Eram integrantes da LNSP: Frederico Vergueiro Steidel, A. F. de Paula Souza, Arnaldo Vieira de Carvalho, Júlio de Mesquita Filho, Amadeu Amaral, Mário Pinto Serva, Nestor Rangel Pestana, José Bento Monteiro Lobato e Plínio Barreto.

A Liga constituiu-se a volta da sagrada idéia de Pátria, em defesa do sentimento nacional, para dar combate a tudo quanto seja susceptível de o enfraquecer, e para promover e estimular tudo quanto possa vigorá-la. (LEVI-MOREIRA, 1988, p. 49)

Outro movimento político significativo para a época foi o Propaganda Nativista, fundado por Álvaro Bomilcar em 21 de abril de 1919, que, segundo Oliveira (1990, p. 150), “pretendia entre outros pontos despertar a solidariedade entre as nações americanas, defender o mercado de trabalho para os brasileiros e regulamentar a imigração, que deveria ser dirigida apenas para os serviços de lavoura”. Essas idéias eram divulgadas na revista *Gil Blas*, criada em fevereiro de 1919.

Segundo Nagle (1976, p. 233), as preocupações com a nacionalização do ensino³ foram transformadas em medidas concretas, dentre elas: o fechamento de escolas estrangeiras

³ Na década de 1920, no campo da educação, ocorreram cinco reformas educacionais que modificavam aspectos referentes à educação e a escola. Em 1920 acontece a Reforma Sampaio Dória em São Paulo; Em 1922 Lourenço Filho empreende a Reforma Lourenço Filho no Ceará; em 1927 acontece a denominada Reforma Francisco Campos em Minas Gerais; em 1928 a educação no estado de Pernambuco sofre a Reforma Carneiro Leão; e em 1926 acontece a Reforma Anísio Teixeira na Bahia.

em Estados do sul do país, em 1917, pelo Governo Federal e em 1920, com a reforma no Estado de São Paulo, alguns artigos da Lei n.º 3.356 propõem condições de funcionamento às escolas particulares, que orientam o sentido nacionalista:

a) Respeitar os feriados nacionais; b) ministrar, ou fazer ministrar o ensino em vernáculo, salvo o de línguas estrangeiras; c) incluir no programa, em número de aulas que o Governo determinar, o ensino de português por professores brasileiros natos, ou portugueses natos e o de Geografia e História do Brasil, por professores brasileiros natos, uns e outros de competência reconhecida, a juízo da Diretoria Geral da Instrução Pública; (NAGLE, 1976, p. 233)

Juntamente com o fenômeno do nacionalismo, também penetrou no pensamento educacional, mas não com tanta intensidade, o fenômeno do ruralismo, que influenciou parcialmente a legislação e as práticas escolares e que se constituía em uma ideologia de desenvolvimento. Tal fenômeno tem suas raízes no final do período monárquico e aparece ao lado de “novas tendências de pensamento” como o positivismo e o industrialismo. Assim,

Como interlocutor dessas tendências permanece o ruralismo, ideologia que colocava a idéia da vida campesina como ambiente ideal para a formação de homens perfeitos, porque apresentado como “natural”, levando a sociedade ao dever de prestigiar todas as iniciativas de interesse dos cafeicultores. (HILSDORF, 2003, p. 58)

O ruralismo tornou-se mais forte e aparente nas décadas seguintes a 1930. A biografia de Thales aponta a criação de fóruns de discussão sobre o ruralismo. Em particular, sobre a ruralização do ensino. Tal movimento, encampado por educadores como Sud Menucci e o próprio Thales de Andrade, levam à criação de escolas de formação de professores para as escolas rurais, como o caso da Escola Normal Rural Dr. Melo Moraes, em Piracicaba, ligada à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – USP, instituição daquele município. Muitos aspectos do fenômeno do ruralismo e do nacionalismo cruzaram-se, ocorrendo principalmente quando o nacionalismo tratava da exaltação da “terra” e da gente brasileira. Assim, “terra” se traduziu em “produtos da terra” e tornou-se sinônimo de “agricultura”.

É por esse caminho que a ruralização do ensino significou, na década de vinte, a colaboração da escola na tarefa de formar a mentalidade de acordo com as características da ideologia do “Brasil-país-essencialmente-agrícola”, o que importava, também, em operar como instrumento de fixação do homem no campo. (NAGLE, 1976, p. 234)

A década de 1930 sob a influência do discurso reformador da educação, segundo Razzini (2005, p. 110), foi fértil devido à criação das bibliotecas escolares e de bibliotecas infantis, e do incentivo à leitura, estabelecendo uma nova relação dos alunos com os livros, durando ao menos até o Golpe de 1937 que instaurou o Estado Novo.

Em 1938 foi criado o chamado Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que se destinava à investigação e aos estudos em educação, atualmente chamado de Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Inicialmente foi dirigido por Lourenço Filho, representava a modernização do Estado brasileiro, com funções de ação e gestão, organizou o material bibliográfico estatístico e legislativo visando a educação nacional em desenvolvimento (MONARCHA, 2007, p. 127).

Segundo Monarcha (2007, p. 129) os anos de 1930 e 1940 conjugaram os fatores de consolidação do Estado nacional, a ascensão dos estudos brasileiros e estruturação e expansão da educação nacional. O período da história brasileira que compreende entre os anos de 1930 e 1954 foi marcado por muitas alianças, movimentos, rupturas e aproximações. Em 03 de novembro de 1930 tomou posse o presidente Getúlio Vargas, marcando um governo com industrialização acelerada, com efeitos econômicos e sociais, e privilegiando as fábricas. Não só estes, mas outros aspectos são relevantes na Era Vargas (DEL PRIORE, 2001, p. 324). O Ministério da Educação e Saúde, entre os anos de 1934 e 1945 na gestão de Gustavo Capanema, reuniu intelectuais como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Heitor Villa-Lobos. Foram ampliadas as vagas e a unificação dos conteúdos das disciplinas no ensino secundário e universitário, a criação do ensino profissional, com a criação de instituições como o SENAI, SESI, SENAC e SESC (DEL PRIORE, 2001, p. 329). As décadas após 1930 até 1960 são marcadas pelas ações governamentais que consistiam no esforço de criar condições internas para o desenvolvimento nacional.

O PROFESSOR E ESCRITOR THALES CASTANHO DE ANDRADE

Os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade⁴ destacavam a educação rural e o cotidiano das pessoas que moravam no campo. O autor dos livros desta Coleção é o Professor Thales Castanho de Andrade, piracicabano, que como professor de escola rural dedicou-se à educação e aos livros, como já foi mencionado.



FOTO 31: Foto do autor Thales Castanho de Andrade
FONTE: Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes”, de Piracicaba.

⁴ Todos os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade foram publicados desde a 1ª edição pela Companhia Editora Nacional, com exceção de *Saudade* que teve as três primeiras edições publicadas pelo Jornal de Piracicaba, da 3ª à 13ª pela Editora Monteiro Lobato, e só a partir da 14ª por tal editora. Cabe lembrar aqui que a Editora Monteiro Lobato decretou falência em 1925 e tornou-se a Companhia Editora Nacional.

Como autor de livros escolares que abordavam assuntos sobre a escola rural e o cotidiano das pessoas da zona rural, e como professor de escola rural, iniciou sua carreira no Magistério em Jaú, em 1912, estado de São Paulo, na Escola Rural de Banharão, posteriormente chamada de Escola da Saudade e que hoje está abandonada. Mais tarde também foi professor de escolas urbanas, foi professor do Grupo Escolar de Porto Ferreira e do Grupo Escolar Modelo, anexo à Normal Oficial de Piracicaba. No entanto, nunca deixou de se interessar pelo campo, sendo inspetor e assistente técnico de ensino rural, nomeado no ano de 1943, diretor geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo - nomeado em 16 de setembro de 1947- aposentando-se com mais de 47 anos de serviços prestados ao estado de São Paulo.

Foi o professor Thales que criou o Gabinete de Leitura de Piracicaba. Também foi fundador da Sociedade Beneficente Operária na qual instituiu o curso de educação de adultos.

Segundo Sampaio Dória, sua passagem pela instrução pública brasileira deixou alguns traços bons, entre os principais traços ele considera a nomeação do Professor Thales, amigo seu, para lente da Escola Normal de Piracicaba. Este relato reforça os traços de amizade que havia entre Thales e Sampaio Dória.

Professor Thales de Andrade recebeu muitas honrarias enquanto estava vivo, e outras homenagens póstumas. O professor e escritor Thales de Andrade recebeu muitos cognomes, advindos de diferentes fontes, destacando-se como Pioneiro da Ruralização, por Sud Mennucci; um símbolo do Magistério, por Diário de S. Paulo em 28/05/1949; Êmulo de Andersen, por Sud Mennucci; Nobre Pioneiro da Literatura infantil Brasileira, por Nazira Salem; Mestre por Excelência, por A Gazeta de Lins, em 29/03/1955; Poeta da Educação por Mauricio Lomeiro Gama em 11/01/1961; Precursor e Mestre da Literatura Infantil Brasileira, por Francisco Marins em 1950; entre tantos outros cognomes e homenagens que demonstram o alcance do Professor e Escritor Thales de Andrade. Destaca-se a citação do *Jornal de Piracicaba*: “Professor no verdadeiro sentido da palavra. Dos mais pregnazes batalhadores do Ensino Público de São Paulo. Piracicabano de dimensão nacional” (JORNAL DE PIRACICABA, [19--?])

Conforme a documentação existente no Acervo da Companhia Editora Nacional e em outros documentos pesquisados sobre o autor Thales Castanho de Andrade, em 1977 foi descrita, em documento datilografado, a biografia do autor onde constam informações sobre a sua vida pessoal, familiar, social, educacional, profissional, as honrarias que recebeu durante sua vida, as colaborações do autor enquanto cidadão-professor-escritor.

Thales Castanho de Andrade⁵ estudou no curso denominado, na época, de pré-primário, no Kindergarten do Colégio Americano, hoje Colégio Piracicabano, e fez o curso Primário no Primeiro Grupo Escolar “Barão de Rio Branco” de Piracicaba, e no Grupo Moraes Barros, hoje Escola Estadual Barão do Rio Branco e Escola Estadual Moraes Barros. Formou-se professor primário antiga Escola Complementar, posteriormente transformada em Escola Normal Primária de Piracicaba e, atualmente, Escola Estadual Sud Mennucci.

Residiu nas cidades do estado de São Paulo, de Rio das Pedras, Capivari, Piracicaba, São Paulo e Porto Ferreira, sendo que nesta última cidade há uma placa na casa onde ele escreveu o livro *Saudade*.

Iniciou⁶ sua carreira no Magistério em Jaú, em 1912, estado de São Paulo, foi nomeado diretor geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo⁷ – em 16 de setembro de 1947- aposentando-se com mais de 47 anos de serviços prestados ao estado de São Paulo. Também lecionou Filosofia, História da Civilização e do Brasil no Colégio Piracicabano e na Escola de Comércio Cristóvão Colombo, que eram escolas de ensino privado.

Estas informações sobre a carreira de professor do autor demonstram que ela foi diversa, atuando em vários níveis e tipos de escolas, tanto pública quanto privadas, culminando com o cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Thales, além de professor, esteve envolvido com questões políticas. Colaborou com os jornais *Gazeta de Piracicaba*, *Jornal de Piracicaba*, *Folha Ferreirense* e *Diário Carioca*, e com as revistas *Vida Moderna*, *Revista da Educação* da Escola Normal de Piracicaba e *A*

⁵ Neste trabalho optei por escrever o primeiro nome do autor da seguinte forma: “THALES”, exceto nas citações onde preservarei o texto do autor da referência. O “H” é preservado conforme a ortografia da época, considerando que na escola, em Piracicaba, que leva o nome do autor, a grafia é com H, bem como na 1ª edição de *Saudade*. Thales Castanho de Andrade nasceu em Piracicaba, Estado de São Paulo, no dia 15 de agosto de 1890. Era filho de um industrial dono de fábrica de bebidas, José Miguel de Andrade e de Castorina Castanho de Andrade. Seus avós paternos eram Antônio Pinto de Andrade, natural de Itaquiri, Rio Claro, Estado de São Paulo, e Luisa Maria Andrade, natural de São Pedro, Estado de São Paulo, e os avós maternos eram Augusto César de Arruda Castanho e Theodora Marins Bonilha, naturais de Capivari, estado de São Paulo. No dia 2 de outubro de 1977, domingo, às 12 horas e 15 minutos, em sua residência na cidade de São Paulo/SP, morreu Thales Castanho de Andrade aos 87 anos de idade. Seu corpo foi levado para a Biblioteca Municipal Mário de Andrade por ordem do Governador do Estado para ser velado, sendo sepultado em Piracicaba.

⁶ Quando rapaz, trabalhou como tipógrafo na *Gazeta de Piracicaba* e também aprendeu com o pai a fabricar licores, refrigerantes, vinagres, enlatados, doces e caramelos. Obteve carta de habilitação para dirigir carro de tração animal por meio de um exame realizado em praça pública. Assim, foi vendedor de bebidas na cidade, percorrendo de trem e a cavalo as cidades paulistas de Capivari, Rio das Pedras, São Pedro, Torrinha e Santa Bárbara. Foi industrial de fábrica de bebidas e inventor do refrigerante com o nome Cotubaína.

⁷ Thales Castanho de Andrade foi nomeado Diretor Geral do Departamento de Educação pelo Governador Dr. Adhemar Pereira de Barros.

Cigarra. No ano da publicação de *Saudade*, 1919, Thales recebeu muitos elogios do *Jornal de Piracicaba*, segundo o artigo com o título *Saudade*, de 27 de dezembro de 1919.

Thales Castanho de Andrade foi vereador da Câmara de Piracicaba entre os anos de 1920-1922 e o seu primeiro Projeto de Lei propunha a criação de um parque infantil, o que causou espanto e risos entre os seus colegas vereadores. Em 1932 foi integrante do M.M.D.C.⁸ como voluntário, e serviu no Batalhão dos Professores, durante o Período da Revolução Constitucionalista de 1932 (CARRADORE, 2004, p. 33), participando, também, do Partido Republicano Paulista e, depois, do Partido Constitucionalista. Pertenceu à Academia Piracicabana de Letras, à União Brasileira de Escritores e foi sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. No auge da publicação de *Saudade*, Thales era vereador, ou seja, estava envolvido em questões políticas da cidade e, conseqüentemente, do país, além de participar do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, possibilitando relacionar-se com pessoas de destaque.

Participante da vida rural de sua época, Thales Castanho de Andrade, foi iniciador dos clubes de horticultura com o apoio da Sociedade Amigos de Alberto Tôres⁹, participando, também, do 1º Congresso Normalista de Ensino Rural realizado em Campinas. Foi fundador da instituição nacional dos Clubes Agrícolas Escolares e promotor da primeira Festa do Milho, da Uva, do Pêssego e do Vinho¹⁰. Até o momento não foi possível localizar as cidades onde aconteceram esses eventos. Fica evidente a intensa participação de Thales e sua aproximação com as questões da vida rural. Segundo Monarcha (2007, p. 38) a prática de clubismo no estado de São Paulo expandiu-se graças à atuação de Thales de Andrade na vida rural. Ainda segundo o mesmo autor (2007, p. 38) os Clubes de Trabalho eram destinados às crianças e adolescentes entre 9 e 18 anos de idade.

⁸ O M.M.D.C. é uma sigla que significava as iniciais dos nomes dos estudantes paulistas mortos em confronto com forças legais - Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo - na Revolução Constitucionalista de 1932, ocorrida em São Paulo, que durou 3 meses.

⁹ Segundo o artigo *Políticos rurais: uma perspectiva na Educação* de Henrique de Oliveira Fonseca, a Sociedade Amigos de Alberto Torres foi criada logo após a Revolução de 1930, constituía-se por um grupo que seguia o ideário de seu patrono, e tinha como principais pontos de discussão os problemas nacionais, educação rural, imigração e recursos naturais. Disponível em <http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/h554.pdf>

¹⁰ Thales Castanho de Andrade (CARRADORE, 2004, p. 33) destacou-se na educação e participou de entidades de classe, esportivas e culturais. Foi presidente do XV de Novembro de Piracicaba, clube desportivo que abrigou equipes esportivas como o time de futebol local "XV de Piracicaba", foi presidente do Centro do Professorado Piracicabano, do Grêmio Normalista de Bola ao Cesto. Participou ativamente nos Congressos Normalistas de Educação Rural em Campinas, Piracicaba e Casa Branca, cidades do estado de São Paulo.

Thales Castanho de Andrade foi criador do Método Brasileiro da Alfabetização pela Imagem – a figura ensina, destacado por meio da cartilha *Ler Brincando*. Enquanto foi Secretário da Educação do Estado de São Paulo, criou cursos de Alfabetização de Adultos.

Segundo Carradore¹¹ (2004, p. 13), Thales Castanho de Andrade foi um “[...] notável educador, pioneiro e expoente da literatura infanto-juvenil brasileira, sendo a educação e a literatura marcos na vida do autor. Foi reconhecido e premiado como educador, literato, folclorista, sociólogo e pioneiro na luta ecológica em defesa da natureza”. Atualmente, existe uma escola de Ensino Fundamental em Piracicaba que recebeu o nome do autor.

Para o amigo de Thales, o piracicabano Hugo Carradore (2004), o escritor Thales Castanho de Andrade centrava seus trabalhos em três faces, tornando-as os motivos centrais de sua obra: a terra, a criança e a educação. A terra, um de seus motivos, está presente no decorrer do seu livro *Itaí, O Menino da Selva*. Thales nunca desligou, nos seus livros, o homem da terra, dos seus usos, dos seus costumes... Por exemplo, o livro *A Filha da Floresta* traz idéias contra a derrubada das árvores (CARRADORE, 2004, p. 24).

Segundo Carradore (2004, p. 25), a criança era o segundo motivo do escritor, porque havia uma afinidade emocional com crianças, que são personagens constantes em seus trabalhos, como por exemplo, o personagem Mário, do livro *Saudade e Itaí* do livro *Itaí, o Menino das Selvas*.

Ainda para Carradore, Thales de Andrade escreveu *Saudade*, que conta a história de seu tempo de criança. O livro *Campo e Cidade*, também de Thales, conta a história de sua vida na juventude. Porém, essas informações contidas no livro de Carradore não podem ser comprovadas, visto que não há evidências sobre a vida pessoal e profissional de Thales que confirmem esta versão. Pode haver passagens nos livros citados que demonstrem algumas fases da meninice e juventude de Thales, porém, o que será visto no decorrer da análise do livro não remete à vida do autor.

A educação é outro aspecto presente na obra de Thales Castanho de Andrade. Em muitos de seus livros são assinaladas idéias de amor a Deus, à Pátria, à natureza, à família e ao próximo, ensinando, ao mesmo tempo que educa (CARRADORE, 2004, p. 26).

¹¹ As informações extraídas de Carradore (2004) são priorizadas devido à constatação de que conferem com as fontes primárias. Foram utilizadas como fontes devido a falta das fontes primárias que numa primeira visita ao IHGP foram consultadas e não mais encontradas nas visitas posteriores. Segundo informações do responsável teria havido uma reorganização dos arquivos e, dessa forma, os documentos poderiam estar arquivados em outras pastas, não encontradas.

Thales Castanho de Andrade é considerado um dos primeiros ecólogos brasileiros e, segundo Carradore (2004, p. 14), na Academia Paulista de Letras, na sessão em homenagem ao autor, em 13 de outubro de 1977, foi levantada uma dúvida: seria ele ou Monteiro Lobato o pioneiro da literatura infantil no Brasil? Essa dúvida pairou sobre os acadêmicos: o primeiro livro de Thales Castanho de Andrade, *A Filha da Floresta*, foi publicado em 1919, ou seja, três anos antes da publicação de *Narizinho Arrebitado* (1921) por Monteiro Lobato. Nesse momento, pode ser lançada a questão de que, além do livro *A Filha da Floresta*, Thales publicou *Saudade*, em 1919, e era, também, anterior ao livro de Lobato. Essa questão pode ser repensada na medida em que o livro *Saudade* foi escrito e utilizado na leitura escolar e só mais tarde tornou-se livro de literatura infantil.

A Associação Amigos de Thales Castanho de Andrade¹² relançou, em 1999, o livro *El Rei Dom Sapo*; em 2001, o livro *O Fim do Mundo* e, em 18 de setembro de 2003, mais uma edição do livro *A Filha da Floresta*.

Segundo Carradore, os livros de Thales Castanho de Andrade referiam-se à interpretação da realidade brasileira, pois tratava de assuntos do campo, do folclore e da história nacional, sendo marcados pela intencionalidade ecológica/ regionalista. Lembro aqui que Thales era professor de História do Brasil na Escola Normal de Piracicaba.

Segundo Arroyo (1988), Thales de Andrade, com *Saudade*, marcou e delimitou a fase da literatura escolar, especialmente porque seu livro promoveu uma nova visão de como escrever literatura infantil, enfatizando a vida rural do país.

Em 42 anos, Thales Castanho de Andrade foi autor de aproximadamente 40 livros destinados, em sua maioria, ao público infantil e juvenil¹³. Seu primeiro livro publicado foi *A Filha da Floresta*, em 1919, pelo *Jornal de Piracicaba*: um livro para estimular nas crianças o amor pela vida campestre, pelas árvores, pelas fontes, pelas florestas, enfim, pela natureza (CARRADORE, 2004, p. 14). Com essa publicação, o escritor inicia seu trabalho com a

¹² A Associação Amigos de Thales Castanho de Andrade, foi fundada em 14 de setembro de 1999, primeiramente sob a presidência da professora Benedita Ivete Brandine Negreiros e, mais recentemente, do professor Moacir Nazareno Monteiro.

¹³ Os livros de Thales Castanho de Andrade inspiraram músicas como a *Marcha Thales de Andrade*, do compositor Benedito Leite, *Hino Rumo ao Campo*, do maestro Fabiano Lozano, *Coração* do maestro Vicente Aricó, *Sombra Bendita*, do maestro Piragien, *Cantiga Serrana*, de Erotides de Campos, a valsa *A Filha da Floresta*, de Benedito Dutra Teixeira, a valsa *Saudade*, de Waldemar Castellar de Barros, *Sobre as Ondas do Piracicaba*, do maestro Belencase e a *Festa do Trigo*, do Prof. Faustino de Oliveira. E também poesias: *Rumo ao Campo*, de Elias de Mello Ayres; *Boa Noite Thales*, de Carlos Mauro Algodoal; o soneto *Saudade*, de Júlio Soares Diehl; *Queremos Encanto e Verdade*, de Manuel Rodrigues Lourenço; *Escolinha Rural*, de Zenaide Pitta; *Ao Mestre*, de Virgínia Del Nero; *Elogio à Floresta*, de Dulce Carneiro; *Saudação*, de Corrêa Júnior; *Gente de Casa*, de Moacyr Campos; *Traços*, do Prof. Quissak; *Escola Rural*, de Túlio de Castro; e *Saudade*, de Antonio Salvador Sobrinho.

literatura infantil brasileira, sendo que seu último livro foi *Cafezal Assim, Sim!*, em agosto de 1961. Sua obra compreende 15 volumes de Educação Cívica, 12 volumes de Educação Rural, Série Encanto e Verdade, 8 volumes da Série Escolar (Alfabetização e Leitura Escolar), 2 volumes da Série Irmãos Amigos (Romance Juvenil), 3 volumes na Educação Popular e Série Café.

Os livros escritos por Thales Castanho de Andrade abordavam assuntos sobre a natureza, datas comemorativas e fatos importantes que aconteceram no país. Há dois livros que tratam de campanhas nacionais. A partir dos assuntos abordados nos livros, é evidente a ligação e preocupação do autor com o meio ambiente e sua conservação, a agricultura e os aspectos envolvidos, os indígenas, órfãos, riquezas do Brasil, flora e fauna, cristianismo, paz na escola e nos povos, formas de governo, datas importantes e comemorativas no Brasil. O autor escreveu seis livros sobre um menino chamado Itai e os vários lugares em que esteve, como na selva, na cidade maravilhosa (entre os cariocas), no Palácio do Catete, no Palácio da Alvorada e entre as estrelas. Desses livros, somente um foi publicado, e os outros ficaram em fase de conclusão.

Professor Thales destacava-se também participando ativamente de questões agrícolas:

Por diversas vezes, o Professor Thales de Andrade participou de comissões oficiais de estudos referentes à Educação Rural. Bateu-se pela criação de Escolas Normais Rurais; pela instituição de cursos de especialização de educação rural para professores normalistas e pela criação de uma assistência técnica de educação ruralista no Departamento de Educação. (FONTE: CONJUNTO DE TEXTOS E FOTOCÓPIAS SOBRE THALES DE ANDRADE ORGANIZADOS PELA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PIRACICABA)

Confirmando que a obra de Thales transpassou as fronteiras de sua região, ele representava para além de sua gente piracicabana, um professor consagrado no estado de São Paulo.

“BLOOMSBURYANOS CAIPIRAS”

Os livros da Coleção foram escritos num momento em que as escolas, em todo país, utilizavam livros de leitura para ensinar a ler e escrever, destinados à leitura escolar nas séries do curso primário. O autor dos livros, Thales Castanho de Andrade estava envolvido de modo geral, com a cultura, a educação, questões agrárias e o desenvolvimento da cidade de Piracicaba. Foi professor, escritor, vereador, trabalhou em jornais e revistas e estava envolvido com entidades esportivas, culturais e agrícolas. Por tudo isso, sua dedicação e, também, principalmente, pelo fato de que era cidadão piracicabano em primeiro lugar, o autor é homenageado até hoje em sua cidade. A Biblioteca Infantil Municipal de Piracicaba tem o seu nome, assim como uma das escolas de ensino fundamental do município. Entre concursos e outros eventos que acontecem com seu nome e em sua homenagem, há a Associação Amigos de Thales Castanho de Andrade para resgatar e relembrar a obra do autor, nomes de ruas, avenidas, edifícios e um busto em uma das praças da cidade.

Thales Castanho de Andrade manteve relações com pessoas importantes para a educação no Brasil, que eram seus amigos ou estavam entre aqueles de seu convívio social e profissional. Entre eles, Sampaio Dória, Lourenço Filho, Sud Mennucci e Monteiro Lobato. Estas relações podem ser um dos fatores que colaboraram com o êxito de sua obra.

Sampaio Dória¹⁴, durante a reforma que empreendeu no ensino primário e normal paulista, nomeou homens de sua confiança para cargos no ensino. Dentre eles, Lourenço Filho e Thales Castanho de Andrade, na cidade de Piracicaba.

Sampaio Dória formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1908, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Dedicou-se ao jornalismo, foi professor da Escola Normal Secundária de São Paulo, recebendo nomeação de Professor Catedrático da Escola Normal Secundária de São Paulo. Escreveu muitos livros, dentre os quais destaco *Princípios de Pedagogia*, publicado em 1914 (FÁVERO, 2002). Segundo Marta Carvalho (2003, p. 125) a figura de Sampaio Dória incorporou-se à memória educacional como Diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo (1920) e por ter sido responsável pela reforma mais importante do ensino paulista – a Reforma Sampaio Dória.

¹⁴ Nasceu em Belo Monte, Alagoas, em 25/03/1883 e morreu em 1964. Sampaio Dória fundou a Faculdade Paulista de Direito, integrada mais tarde à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Junto com Lourenço Filho fundou, também, o Liceu Rio Branco na cidade de São Paulo. Informações extraídas de FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

Lourenço Filho (FÁVERO, 2002) foi professor primário no Grupo Escolar de Porto Ferreira/SP em 1915, atuando ao lado de Thales de Andrade. No período de 1915, escreveu para a *Revista do Brasil*, dirigida por Monteiro Lobato, de quem se tornou auxiliar e depois secretário. Foi aluno de Sampaio Dória quando estudou na Escola Normal da Praça da República em São Paulo/SP. Dentre muitos cargos que ocupou e de uma vida política e social intensa, foi Integrante da Liga Nacionalista, em 1917, e Diretor da Instrução Pública do Ceará, em 1922, quando introduziu o livro *Saudade* nas escolas primárias deste estado.

Manoel Bergstrom Lourenço Filho, conhecido somente como Lourenço Filho, formou-se normalista em 1914 pela Escola Normal Primária de Pirassununga. Desde muito jovem, colaborou com jornais e revistas, dentre eles, os de Porto Ferreira e Piracicaba, cidades do interior paulista. Escreveu, a partir de 1915, para a revista *Vida Moderna*, de São Paulo, sendo colaborador do jornal *O Comércio de São Paulo* e redator do *O Estado de S. Paulo*. (FÁVERO, 2002)

Segundo Hilsdorf (1998), Lourenço Filho¹⁵ foi responsável pela implantação pedagógica da Reforma Sampaio Dória em Piracicaba. Foi Sampaio Dória quem escreveu o prefácio do livro *Saudade* de Thales Castanho de Andrade.

¹⁵ Em 1921, criou a *Revista de Educação* em Piracicaba/SP, e em 1927 propôs à Cia Melhoramentos de São Paulo a organização da série “Biblioteca de Educação”, que dirigiu até o fim de sua vida, publicando e prefaciando obras de educadores brasileiros e estrangeiros. Colaborou, ainda, com obras escolares e de literatura infantil. Em Piracicaba/SP, por remoção feita por Sampaio Dória, de 1921 a 1923, foi professor na Escola Normal de Piracicaba e, em São Paulo, de 1925 a 1930, foi professor da Escola Normal de São Paulo, na Praça da República. Em 1930 foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo e, por ocasião, reorganizou e mudou a denominação para Diretoria Geral do Ensino. Também transformou a Escola Normal da Praça da República em Instituto Pedagógico, instituindo o Curso Normal de Aperfeiçoamento da Capital, que deu origem, em 1933, ao 1º Curso Superior de Educação. Em 1931, a convite do Ministro da Educação, Francisco Campos, chefiou seu gabinete e, em 1932, a convite de Anísio Teixeira, dirigiu o Instituto de Educação do Distrito Federal. Lourenço Filho escreveu livros, artigos em periódicos, diversos artigos em revistas, prefácios, apresentações e introduções de livros de autores brasileiros. Traduziu livros estrangeiros, publicou seus trabalhos no exterior em diferentes idiomas – Espanhol, Francês, Inglês, Árabe; teve suas obras traduzidas, participou de congressos e conferências internacionais, foi membro de várias entidades, recebeu várias homenagens e títulos, dedicando mais de 50 anos de sua vida à educação. Lourenço Filho, Sud Mennucci e Thales Castanho de Andrade eram amigos desde o ano de 1915, quando lecionavam no Grupo Escolar de Porto Ferreira (HILSDORF, 1998).

Sud Mennucci¹⁶, em 1920, foi delegado distrital de ensino na cidade de Piracicaba/SP, por indicação de Sampaio Dória. Nos anos anteriores a este, Sud Mennucci e Lourenço Filho foram colaboradores nas redações da Revista *Vida Moderna*, e provavelmente, segundo Hilsdorf (1998, p. 101), sendo amigos e trabalhando juntos, inclusive com Thales de Andrade, acompanharam o processo de composição dos primeiros textos do escritor e o ajudaram a conseguir editores para eles.

Sud Mennucci também era piracicabano. Formou-se pela Escola Complementar de Piracicaba e em 1910 iniciou carreira no Magistério. Foi Diretor do Ginásio Moura Santos em São Paulo/SP, fundou o Ginásio Paulistano, foi Diretor Geral do Ensino de São Paulo, em 1931. Destacou-se no comando e na fundação do Centro do Professorado Paulista (CPP), criado em 1930, e responsável pela direção da *Revista do Professor*, do CPP, que circulou entre 1934 e 1965; também era membro da Academia Paulista de Letras. Sud morreu em 1948. (FÁVERO, 2002)

Segundo Hilsdorf (1998), muitos piracicabanos, chamados por ela de bloomsburyanos, incluindo Thales de Andrade, no ano de 1920, espelharam-se por outras cidades vizinhas trabalhando como professores, redatores de jornais e críticos, inclusive ao redor de Monteiro Lobato na *Revista do Brasil* e da redação do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Monteiro Lobato, segundo Hilsdorf (1998, p. 102), afirmava que jovens literatos piracicabanos eram considerados por ele como “perigo piracicabano”, pois todos saídos da Escola Normal de Piracicaba procuravam a *Revista* querendo publicar seus textos e iniciar uma carreira crítica na literatura e no jornalismo. Como já foi dito anteriormente, Monteiro Lobato era o proprietário da editora que publicou *Saudade* entre a 3ª e a 13ª edições.

Sud Mennucci e Lourenço Filho trabalhavam na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* e “[...] todos se relacionavam intensamente e contribuíram para projetar as obras de uns e outros...” (HILSDORF, 1998, p. 102)

Segundo Monarcha (2007),

ao final dos anos 20 Sud Mennucci já havia conquistado notoriedade como professor primário, jornalista, crítico literário e reformador do ensino. Homem aceito e admirado por diversos círculos intelectuais e políticos, foi por esses anos que optou pelo estudo e defesa do ruralismo escolar ou, como era mais comum refletir, “ensino regional”. (MONARCHA, 2007, p. 21)

¹⁶ Informações extraídas de FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

Todas essas relações que se entrelaçam ora no trabalho, ora nas relações de amizade, estavam envolvidas também nas publicações da época, nas divulgações dos livros e dos próprios pensamentos desses autores, no estado de São Paulo e também em outros estados, como por exemplo, no Ceará, estado do nordeste do país, com a ida de Lourenço Filho até lá.

No livro *Itaí: O menino das Selvas*, publicado em 1956, o autor Thales de Andrade homenageia Sampaio Dória e Lourenço Filho, reforçando a intensa relação entre os autores. Segue a foto do livro:

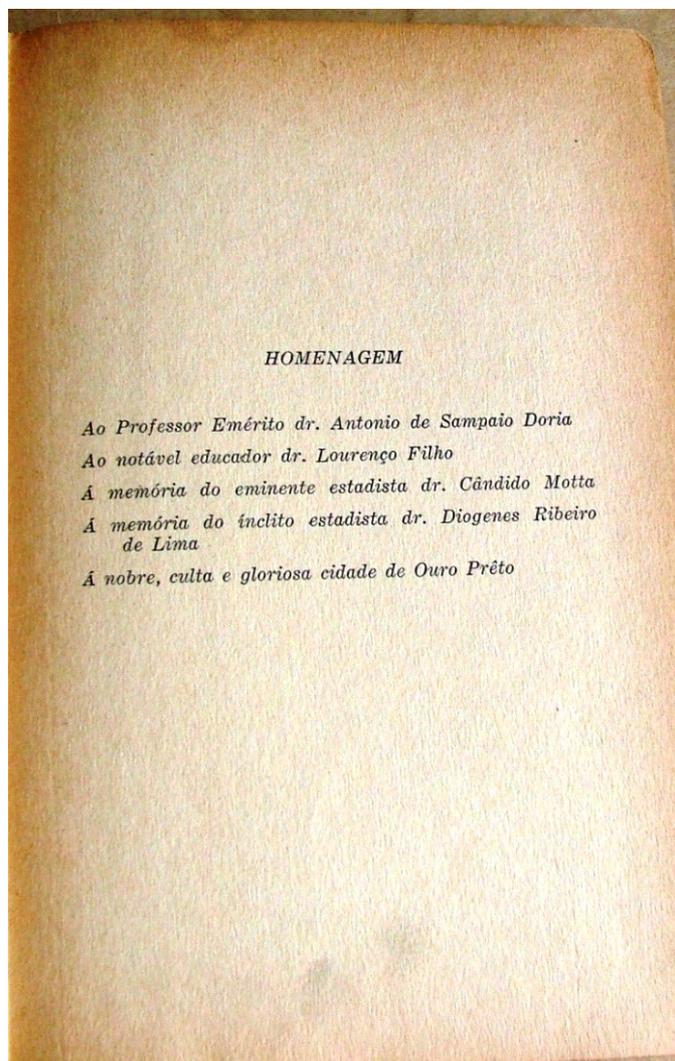


FOTO 32: Livro *Itaí: O menino das Selvas* (1956)

FONTE: Biblioteca Histórica da Escola Normal de Piracicaba

Todas as relações entre Thales e pessoas de destaque para a educação e sociedade de sua época, assim como as críticas publicadas em periódicos de grande circulação, funcionaram como mecanismo de consolidação de toda a sua obra.

O artigo publicado no *Jornal de Piracicaba* no ano de 1919, anunciando a 1ª edição do livro *Saudade* e os artigos publicados neste jornal, no ano seguinte, rendiam elogios ao livro, convencendo o leitor de que era bom e, por isso, deveria ser lido. Pessoas notáveis como Lourenço Filho, Sud Mennucci, Monteiro Lobato e Sampaio Dória, com suas declarações, reforçavam, por meio de seus discursos, a preferência e, por sua vez, alta qualidade do livro, apontado como padrão de leitura e indicado como obra genuinamente brasileira, logo essencial para que o brasileiro o lesse.

As idéias discutidas neste tópico sobre as relações de Thales Castanho de Andrade com outros autores não o secundarizam, ao contrário, explicitam a figura importante diante de sua obra a partir do momento que se busca a autenticidade e qualidade dos seus livros no início da carreira de Thales. Ele publicou seus livros nas duas grandes editoras do país, ou seja, na Companhia Editora Nacional e também na Editora Melhoramentos. Isto revela o potencial do autor por ele mesmo, ou seja, pela qualidade de seus livros e por seu potencial enquanto autor.

THALES E A COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO: ALGUMAS QUESTÕES

Foi possível verificar por meio da pesquisa em documentos, livros e revistas que os livros do autor Thales Castanho de Andrade eram publicados em diferentes editoras no início do século XX. Enquanto a Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade foi publicada pela Companhia Editora Nacional, a coleção do autor intitulada Biblioteca Encanto e Verdade foi publicada pela Companhia Melhoramentos de S. Paulo.

Os livros de contos infantis faziam parte da Biblioteca Encanto e Verdade ou Série Encanto e Verdade e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. Logo após o nome de cada livro é colocada, quando existente, a informação: do que tratava cada história e a data a ser comemorada, e as edições que alguns livros alcançaram.

A seguir a foto de dois livros da Coleção Encanto e Verdade:

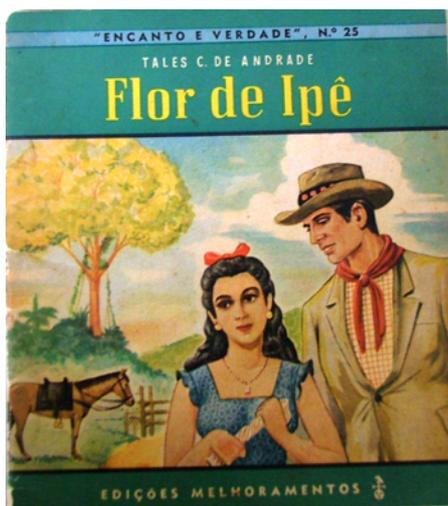


FOTO 33: Capa do livro *Flor de Ipê*

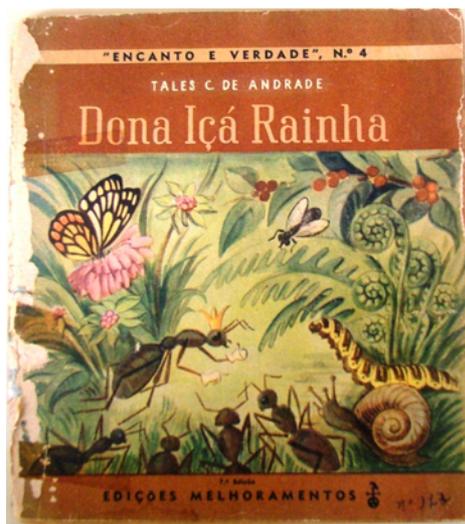


FOTO 34: Capa do livro *Dona Içá Rainha*

FONTE: Biblioteca Municipal de Piracicaba

Segue abaixo a relação dos livros desta coleção seguidas de algumas informações sobre os livros:

1. *A Filha da Floresta*: Trata-se de uma história contra a devastação das matas e incentivo ao reflorestamento, alcançou 12 edições;
2. *El-Rei Dom Sapo*: História em defesa dos animais úteis à lavoura alcançando 10 edições;
3. *Bem-te-vi Feiticeiro*: História de proteção às aves e á festa das aves e alcançando 9 edições;
4. *Dona Içá Rainha*: História de combate à saúva alcançando 8 edições;
5. *Bela, a Verdureira*: História de incentivo à horticultura de quintal; clubes agrícolas escolares - 8 edições;
6. *Árvores Milagrosas*: História de incentivo à pomicultura alcançando 6 edições;

7. *Pequeno Mágico*: História da importância da agricultura alcançando 3 edições;
8. *Totó Mau*: História sobre a proteção aos menores órfãos, riquezas do Brasil, sertão, obra de Rondon, Dia do Índio alcançando 2 edições;
9. *Fim do Mundo*: História sobre o flagelo da destruição da flora e da fauna pelo homem alcançando 4 edições;
10. *Caminho do Céu*: Apresentava duas versões: História sobre a aliança do homem com todos os elementos naturais úteis a sua vida; a luta e vitória do bem contra o mal, e o Cristianismo alcançando 6 edições;
11. *Sono do Monstro*: História sobre pacifismo, a paz pela escola, confraternização dos povos alcançando 6 edições;
12. *A Rainha dos Reis*: Apresenta duas versões: história e importância do constitucionalismo, 24 de fevereiro alcançando 5 edições;
13. *Praga e Feitiço*: História sobre suplício e glória de Tiradentes alcançando 3 edições;
14. *Capitão Feliz* : História sobre intencionalidade luso-cabralica do descobrimento do Brasil; 22 de abril o Dia da Raça alcançando 6 edições;
15. *A Fonte Milagrosa*: História sobre os milagres do trabalho; 1º de maio alcançando 6 edições;
16. *A Bruxa Branca*: História sobre libelo contra os escravocratas e elogio aos abolicionistas; igualdade das raças; 13 de Maio alcançando 3 edições;

17. *Castelo Maldito*: História contra o absolutismo e o despotismo; 14 de Julho alcançando 4 edições;
18. *Grito Milagroso*: História sobre o príncipe Dom Pedro e a Independência do Brasil; 7 de Setembro o Dia da Pátria alcançando 4 edições;
19. *Gigante das Ondas*: História sobre a obra divinatória de Colombo; 12 de outubro o Dia da América alcançando 4 edições;
20. *Morto e Vivo*: História sobre o culto aos mortos; 2 de Novembro o Dia de Finados teve apenas 1 edição;
21. *A Cadeira Encantada*: História sobre democracia e república presidencialista; 15 de novembro teve apenas 1 edição ;
22. *Mistério das Cores*: História sobre a instituição das cores nacionais brasileiras; 19 de novembro o Dia da Bandeira teve apenas 1 edição;
23. *A Estrela Mágica*: História sobre Natal e a redenção das crianças; 25 de Dezembro teve apenas 1 edição;
24. *Melhor Presente*: sabe-se que teve apenas 1 edição;
25. *Como Nasceu a Cidade Maravilhosa*: História sobre o culto ao fundador e aos benfeitores do Rio de Janeiro alcançou 2 edições;
26. *Flor de Ipê*: História sobre a bondade e a inteligência da mulher, e em destaque a flor - símbolo brasileira.

No “Catalogo da Bibliotheca Infantil Modelo” publicado na *Revista Escolar* de 1936, de São Paulo, que era distribuído aos diretores das escolas primárias com o objetivo de orientá-los nas escolhas de livros para seus alunos, estavam presentes 20 livros da Biblioteca Encanto e Verdade do autor Thales Castanho de Andrade publicados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, e nenhuma indicação dos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade de autoria deste autor, publicados pela Companhia Editora Nacional.

Sabe-se que a Coleção Encanto e Verdade, de Thales Castanho de Andrade, que trata somente de temas nacionais, é um exemplo de articulação entre as editoras e a produção de livros que atendiam o perfil de leitor, com recomendações oficiais do Estado compartilhando com a escola o que seria adequado aos leitores, neste caso, as crianças (TOLEDO, 2001, p. 34).

Há outro indício de que as relações pessoais e profissionais que Thales de Andrade mantinha favoreciam as publicações e sua circulação entre campos diversos como por exemplo em duas editoras distintas. Sabe-se que dessas relações sobressai pessoas importantes, como já foi mencionado, para a educação e sociedade de sua época como Lourenço Filho, Sud Mennucci, Monteiro Lobato, Sampaio Dória e D. Bertha Moraes Weiszflog.

No livro *Flor de Ipê* da Biblioteca Encanto e Verdade o autor Thales Castanho de Andrade dedica o livro à senhora Bertha Moraes Weiszflog: “Conto dedicado e oferecido à excelsa patrícia D. Bertha Moraes Weiszflog em quem se encarnam, realçadamente, a Inteligência e a Bondade da Mulher.” A seguir foto da dedicação:

No livro *Flor de Ipê* há uma introdução escrita por Bertha Moraes Weiszflog explicitando que a história deste livro foi criada depois que ela e seu marido fizeram uma viagem de São Paulo com destino à Piracicaba em companhia de Thales Castanho de Andrade. Essa viagem, segundo Bertha foi animada e interessante e resultou no livro. Na introdução Bertha Moraes Weiszflog descreve Thales de Andrade como um bom amigo seu e de seu marido, e autor da linda Coleção de livros infantis Encanto e Verdade.

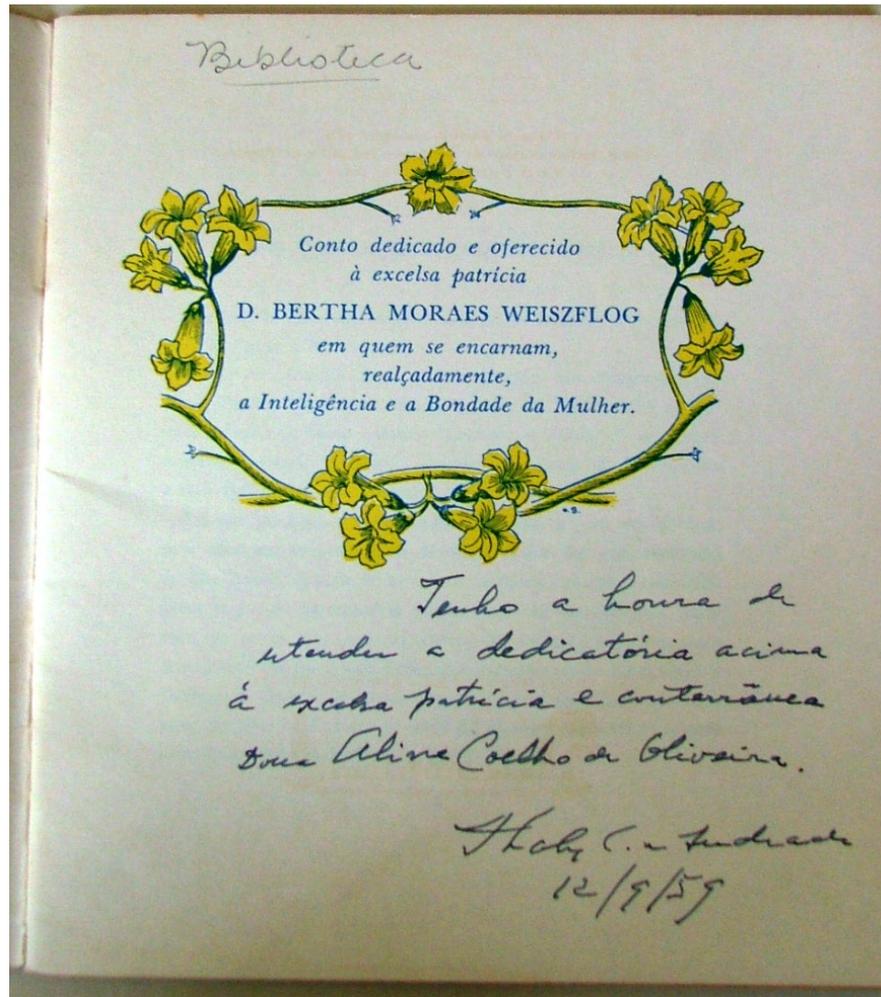


FOTO 35: Livro *Flor de Ipê*
FONTE: Biblioteca Municipal de Piracicaba

Segundo Soares (2002, p. 277), a Companhia Melhoramentos de São Paulo foi fundada em 1890, inicialmente dedicava-se à fabricação de papel e mais tarde passou às atividades gráficas e editoriais. Ainda segundo esta autora em 1910 produzia material escolar como mapas e cadernos de caligrafia, e em 1912 os prelos dos Weizsflog imprimiram livros da Francisco Alves, resultando na aproximação entre a Melhoramentos e Arnaldo de Oliveira Barreto, então diretor da Escola Normal de São Paulo, que incentivou a introdução desta editora no campo da literatura infantil.

Ao lado da Companhia Editora Nacional, Silva (2001, p. 207) expõe que a Melhoramentos dominou a atividade editorial paulista em meados do século XX concentrando-se nos livros didáticos e de literatura infantil.

CAPÍTULO 3

AS ESCOLAS RURAIS E A COLEÇÃO DE LEITURA ESCOLAR:

SÉRIE THALES DE ANDRADE

Viver no campo é amar a tarde, com a sua poesia, a noite com o seu sossego e a aurora com o seu encanto.

Thales Castanho de Andrade

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR NO BRASIL

Os assuntos referentes ao campo educacional é vasto, segundo Buffa (2005, p. 53), e complexo, mesmo quando um adjetivo, que neste caso é a escola rural brasileira se destaca delimitando o significado da educação. O objetivo é pensar na educação que acontece na escola entendendo a extensão do conceito delimitado, na tentativa de aprofundar sua compreensão. Dessa forma, entender a escola rural por meio dos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade é justamente tenta estabelecer algumas considerações que permitam organizar algumas das idéias, concepções, fatos, relatos sobre este tema.

A escola é uma instituição que corresponde a estados sociais muito particulares, com uma configuração histórica particular, surgida em determinadas formações sociais, em certa época, e ao mesmo tempo em que outras transformações ocorrem numa sociedade (VINCENT, 2001). Assim, a escola como unidade da forma escolar consequentemente entendida [a forma escolar] como um engendramento de regras pessoais e impessoais, do tempo e do espaço, da sua história e sua formação, todo esse processo de constituição da forma são repletos de polêmica e posições exacerbadas (VINCENT, 2001).

Como toda relação social se realiza no espaço e no tempo, a autonomia da relação pedagógica instaura um lugar específico, distinto dos lugares onde se realizam as atividades sociais: a escola (VINCENT, 2001). Com o surgimento da escola e seguindo as suas necessidades aparece o tempo escolar com relação com o tempo da vida, do ano e do

cotidiano, participando da ordem urbana, dos poderes civis e religiosos, sendo um feito e uma consequência para a sociedade (VINCENT, 2001).



FOTO 36: Livro *Alegria* (1937)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Alegria*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. p. 129

A ilustração acima extraída do livro *Alegria* destaca o espaço escolar caracterizado pela sua mobília, seus materiais didáticos, pela disposição das carteiras, do professor e dos alunos.

O tempo e o espaço escolar não são dimensões neutras do ensino, são integrantes e refletem os comportamentos e as representações sociais. No Brasil, com o advento da República no final do século XIX um processo de mudanças estruturais na sociedade brasileira começa a emergir assumindo grandes proporções no século XX. Na educação há uma ênfase nas idéias que indicavam um caráter público, universal e laico para a educação, promovendo a busca de uma escolarização como uma necessidade e uma alternativa de adaptação às transformações vigentes no período (ALMEIDA, 2005, p. 279).

Outras redefinições são necessárias para o Brasil naquele momento que estavam ocorrendo mudanças para caracterizar o país perante o mundo, visando a reformulação da acumulação de capital, acelerando as migrações do campo para as cidades e conseqüentemente desenfreado o planejamento urbano e sobressaindo um processo excludente das populações migratórias. Segundo dados estatísticos expostos por Almeida (2005) esta autora os números sinalizam que o crescimento da população brasileira no período de 1870-1920 ocorre proporcionalmente ao aumento da população que vem do campo para o meio urbano, ou seja, é intenso. O Brasil era um país nitidamente rural e assim se manteve até a década de 1920, mas a cada novo período a tendência irreversível foi o aumento da população urbana e o decréscimo da população rural (ALMEIDA, 2005, p. 280).

Iniciando-se no final do século XIX, as discussões sobre o crescimento econômico do país, a transição para o trabalho livre, a construção de uma identidade nacional, a modernização da nação e o progresso social foram temas de debates intensos entre os grandes proprietários rurais, intelectuais políticos e homens de letras, gestando nesse período o projeto civilizador da necessidade da educação popular.

Como aponta Souza (1998), para atingir os objetivos republicanos de alfabetização como salvação da nação, reunir escolas tornou-se uma fórmula mágica: em 1890 inicia-se a Reforma do ensino pela Reforma da Escola Normal tendo como destaque principal a criação da Escola-Modelo como escola prática de ensino e experimentação. A primeira reforma em São Paulo, a Reforma Caetano de Campos, foi promulgada em 1892 que contemplava mudanças ambiciosas para o ensino público, estabeleceu diretrizes para o funcionamento da instrução pública, e só em 1893 o deputado Gabriel Prestes insistiu na criação das escolas graduadas; ele foi ouvido, e concomitantemente perante um processo legislativo foram criadas pela reforma as escolas centrais, reunindo num só prédio as escolas, e criado, assim, os grupos escolares.

O surgimento dos grupos escolares no estado de São Paulo, na década de 1890, marcou inovações e modificações no ensino primário, no entanto nem todas se concretizaram, como um sistema mais ordenado, estandardizado e de caráter estatal, de educação integral, de acesso obrigatório, generalizado e universalizado, a classificação homogênea dos alunos, a necessidade de controlar o tempo e o espaço simultaneamente ao enriquecimento dos programas e a adoção de novos métodos pedagógicos, destacando-se o método intuitivo ou *lições de coisas* (SOUZA, 1998).

Segundo Souza (1998, p. 15) a “implantação dos grupos escolares no estado de São Paulo ocorreu no interior do projeto republicano de educação popular,” tornando-se a escola primária a principal divulgadora dos ideais desse projeto, simbolizando por meio da arquitetura, principalmente, o progresso e a inovação educacional.

Porém a necessidade de escolas isoladas era incontestável, segundo Souza (1998).

Durante as primeiras décadas deste século elas sobreviveram à sombra dos grupos escolares nas cidades, nos bairros e no campo. Apesar de elas serem consideradas tão necessárias, os grupos foram mais beneficiados, e nelas continuou predominando a carência de tudo: materiais escolares, livros, cadernos, salas apropriadas e salário para os professores. (SOUZA, 1998, p. 51)

Nesse contexto de buscar a educação popular, a escola republicana prometia superar o localismo, as particularidades regionais, e criaria eixos uniformes, globais e homogêneos de representação da realidade (BOTO, 2000, p. 207). Na medida em que o setor urbano se proliferava o tema analfabetismo estava sendo colocado em discussão como uma questão essencial para os projetos de modernização do Brasil (SOARES, 2002, p. 42).

A educação popular era uma necessidade política e social, visto que havia a exigência das pessoas serem alfabetizadas para as eleições diretas, e também um elemento essencial para os ideais “civilizatórios” correntes nessa época, caracterizado, de outro ponto de vista, como um meio controlador e de ordem social (SOUZA, 1998, p. 27). Na escola estariam, pois, a partir dali, depositadas inúmeras das esperanças de previsão e provisão do futuro (BOTO, 2000, p. 209).

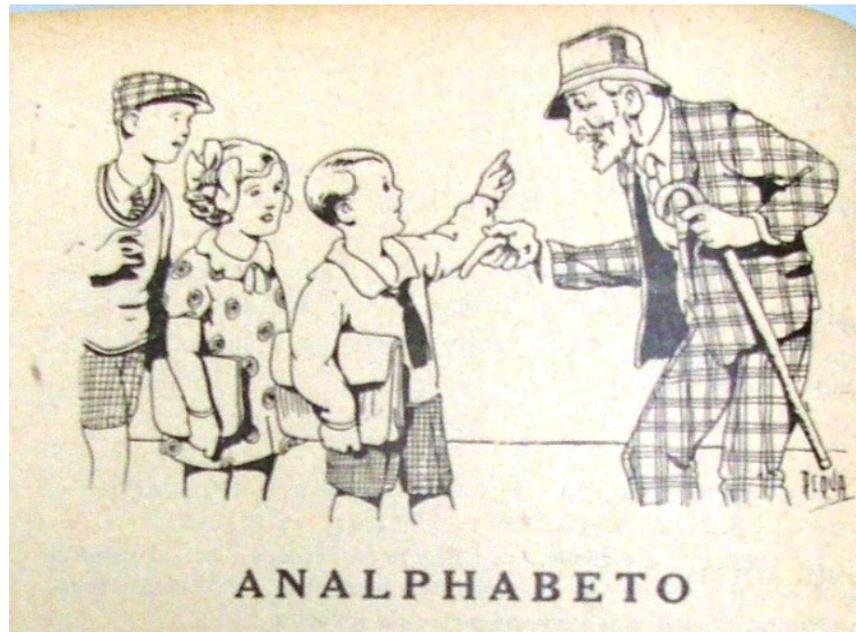


FOTO 37: Livro *Alegria* (1937)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Alegria*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. p. 26

A figura do analfabeto na ilustração anterior apesar de ser extraída do livro *Alegria* publicado em 1937, demonstra as discussões do início do século, e retrata que ela se prolonga para além desse período: o indivíduo estava fadado a ser inferior aos olhos da sociedade, no que diz respeito à aparência e o status, quando não estudava. Fortalece o pensamento de educação primária destinada às crianças e um descaso com os adultos sem formação, à educação era delegado o sucesso da nação e competia às crianças empenharem-se para estudar, projetava-se o futuro incerto, mas, necessário, por meio de uma educação escolar.

No período que compreende as primeiras décadas do século XX houve uma intensa necessidade de alfabetizar e modernizar, conduzidos pelo fortalecimento da instituição escolar brasileira, que por sua vez forneceu condições para a formação do gênero literário infantil. Os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade, apontados nesse texto e seu autor são partes dessa formação, pois no início do século XX, houve um grande crescimento nas publicações de livros infantis, assim como o aparecimento de novos autores e editoras.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A ESCOLA RURAL

Segundo a autora Dóris Almeida (2005, p. 278) os estudos sobre a educação rural no Brasil constituem uma área de investigação que ainda não foi estudada suficientemente e nem com profundidade, ou seja, enquanto área de investigação encontra-se nebulosa, ficando à sombra dos estudos das práticas pedagógicas e dos atores educativos, salientando e legitimando alguns grupos e esquecendo-se da importância do meio rural como se não fizessem parte da história.

As escolas rurais existentes no Brasil na década de 1920 e 1930 do século XX, além de caracterizar a enorme riqueza do nosso país essencialmente agrícola naquele momento, contribuem para a compreensão da história da educação brasileira conferindo o aparecimento e a história da escola no Brasil.

Delimitando e dando significado à história do livro escolar no Brasil, faz-se necessário destacar a escola brasileira do século XIX e XX, especialmente as escolas isoladas rurais das décadas de 1920 e 1930 do século XX. Portanto pretende-se expor aspectos da educação rural no Brasil no século XX, observando-a nas décadas iniciais, explorando personagens anônimos, professores e alunos que constituíram as escolas rurais afastadas das cidades e tendo como suporte os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade.

Destacando-se, nas discussões da referida autora, o meio rural e o meio urbano são descritos diferentemente e em situações opostas, caracterizando o primeiro dependente do segundo. As escolas localizadas no espaço rural são marcadas, segundo Neves (2007) por uma visão idealizadora e depreciativa, sendo um “espaço bucólico, o guardião das tradições e das relações solidárias”, “espaço da pobreza, do atraso e da ignorância” contrapõe-se à cidade “local poluído, destruidor de tradições e composto de relações pouco solidárias”, porém “moderna, sábia e rica” (NEVES, 2007, p. 03). Estas conceituações são produtos da industrialização associada à urbanização e com a expansão capitalista ocorrida nos séculos XIX e XX. Assim as questões do mundo rural são tratadas e abordadas como um problema de ausência de desenvolvimento contrapondo-se ao meio urbano.

Cabe ressaltar que um dos aspectos diferenciadores do espaço rural é definido pelo trabalho e suas características profissionais delineando a identidade social e econômica da sociedade. Mas, o que é realmente, ou seja, para quem vive no meio rural, o espaço rural? Questão intrigante e sugestiva que se pensarmos retrospectivamente na história da

humanidade, ampliando os laços e o espaço escolar, detectaremos que a questão agrícola tem papel fundamental no desempenho das relações humanas, considerando como elemento básico de sobrevivência. E a escola rural, diante disso é uma realidade para o meio rural, pois, abrange esta população.

Atualmente, segundo Almeida (2005) as referências que temos sobre educação de um modo geral são essencialmente urbanas, houve um esquecimento das fronteiras que separavam os aspectos rurais e urbanos, apresentando com pouca nitidez hoje, havendo somente uma tendência das cidades assumirem uma posição de guia, de conduzir a história e as populações indicando o caminho. Haveria, pois, na experiência dessas escolas uma característica natural, ou seja, os poderes públicos poderiam ter acreditado numa “predestinação rural”, numa aposta de responsabilidade dada ao professor e desprotegido de melhorias?

Segundo Werle (2006), no final do século XIX e início do século XX havia um discurso de combate ao urbanismo e valorização da escola rural, buscando a diferenciação das escolas urbanas e rurais, sendo essa um importante espaço de proposição, consolidação e disseminação da valorização do ensino agrícola. O livro *Saudade* do autor Thales de Andrade, publicado em 1919, traz como tema a ascensão pessoal por meio da educação agrícola, permitindo não só as melhorias no âmbito pessoal, mas no profissional, social e econômico do Brasil. Nas discussões do momento que se destaca havia o debate entre o vínculo da permanência das pessoas no meio rural e o papel formador que a escola deveria exercer (WERLE, 2006, p. 116).

Algumas pessoas de destaque na educação brasileira defendiam a formação diferenciada para o meio rural frente ao meio urbano, como o professor Sud Mennucci, que defendia em 1934 a formação para o homem do campo, com a associação de uma prática de campo para a formação dos professores (WERLE, 2006, p. 117).

Sud Mennucci apresentou em seu livro *A Crise Brasileira de Educação* publicado em 1930 a construção da concepção de professor primário rural e tinha em foco a necessidade de criar uma consciência agrícola em detrimento de um sentimento urbanista dominante naquele momento, caracterizado por uma escola nova do campo, valorizando a educação rural. O meio rural precisava ser enaltecido pelos seus méritos enquanto sustentador de um país agrícola, e libertado da antipatia do trabalho escravo (WERLE, 2006, p. 117). No entanto o que se fazia na educação era enaltecer a própria educação por meio de adoções de métodos estrangeiros de países não-agrícolas e fazer da cidade o fio condutor do progresso.

A escola isolada de característica rural era uma instituição que se adaptava à vida das pessoas, daí essas escolas insistiam em ter seus “espaços e horários próprios organizados de acordo com a conveniência da professora, dos alunos e levando em conta os costumes locais” (VIDAL, 2005, p. 54).

Segundo o *Relatório da visita realizada pelos alumnos do 2º anno do Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação, à Escola Rural da Saudade em Cotia*, publicado na *Revista de Educação* de 1936:

o tempo, em geral, é que determina a distribuição das actividades escolares. Quando o dia está chuvoso, as crianças ficam na sala de aula, realizando trabalhos diversos, quando há sol, tratam do preparo e cultivo da terra ou das actividades de apicultura. O dia escolar vaee das 12 às 16 horas, começando às vezes, meia hora mais cedo ou terminando meia hora mais tarde (*REVISTA DE EDUCAÇÃO*, 1936, p. 191).

Segundo artigo intitulado *Educação Rural* publicado na *Revista de Educação* de 1951 sob a autoria da Prof. Noêmia Saraiva de Matos Cruz, há dados divulgados por órgãos da Nações Unidas que revelam que em 1949, 59% da população mundial vivia no campo. No Brasil esses dados revelam que 60% dos brasileiros residiam no campo e viviam das actividades provenientes do seu trabalho na zona rural. Trabalhos como agricultura, pecuária, indústria extrativa, artes manuais entre outras actividades (CRUZ, 1951, p. 19). Segundo a autora referida, a escola deveria atender a maioria da população, ou seja, atender as escolas e seus agentes no meio rural.

Na *Revista de Educação* de 1951 foi divulgado as tabelas estatísticas com os dados sobre o número de escolas isoladas e de alunos matriculados no início do século XX no estado de São Paulo, tendo como fonte o I.B.G.E. e o D.E.E., observando-se um crescimento no número de escolas isoladas no estado de São Paulo. Segue abaixo um quadro com os dados sobre as escolas isoladas:

Quadro 04: Dados sobre número de escolas isoladas:

| <i>Ano</i> | <i>Escolas Isoladas</i> |
|------------|-------------------------|
| 1900 | 534 |
| 1910 | 1207 |
| 1920 | 1688 |
| 1930 | 3841 |
| 1940 | 4110 |
| 1950 | 5457 |

Outro dado relevante está na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, volume II - nº 04, de outubro de 1944, de que o ensino primário cresceu 59% entre os anos de 1932 e 1942, mostrando uma expansão do ensino no Brasil por meio do aumento das unidades escolares. Em 1932 era de 27.662 unidades escolares primárias e em 1942 passou para 43.975 unidades escolares. Nesse mesmo período o número de alunos também aumentou. O número de alunos em 1932 no ensino primário era de 2.071.437 e passou para 3.340.952 alunos em 1942 representando um crescimento de 61%.

Para Prof. Noêmia Cruz, “A massa popular que frequenta a nossa pobre escola de campo, não tem a oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos” (CRUZ, 1951, p. 19), ao contrário dos alunos da escola urbana que tem o aperfeiçoamento e as oportunidades necessárias para seu desempenho, encontrando caminhos diversificados, como a escola secundária, profissional e nos cursos superiores.

E ela conclui indagando quais as oportunidades que a escola rural pode oferecer aos seus alunos? E responde conforme o que ela acreditava ser necessária para melhorar as escolas rurais:

O ensino no campo deve procurar satisfazer às necessidades e às aspirações do campo. Temos que nos esforçar para que o menino lavrador seja cada vez mais lavrador, para que o pequenino industrial rural seja cada vez mais industrial em sua pequena indústria. Mas isto não querará dizer que se deva aprisionar o homem à terra, que se enclausure o habitante do campo no seu rincão natal. (CRUZ, 1951, p. 20)

E completa:

A cidade, é bem verdade, necessita de renovação de fôrças humanas e energias jovens que vai buscar no campo. E os jovens inteligentes que chegam do campo para a cidade são nestas, mais tarde, geralmente os que dirigem as maiores empresas e desempenham as funções delicadas. (CRUZ, 1951, p. 20)

O livro *Campo e Cidade* traz na sua história a necessidade do homem do campo de se aperfeiçoar buscando dar aos filhos uma educação de qualidade na cidade. No entanto depois de qualificado retorna à sua terra para trabalhar. Há aqui uma valorização da escola urbana como se ela possibilitasse a formação do homem rural.

A seguir destaco a ilustração que caracteriza a professora rural, tendo como meio de transporte a charrete.

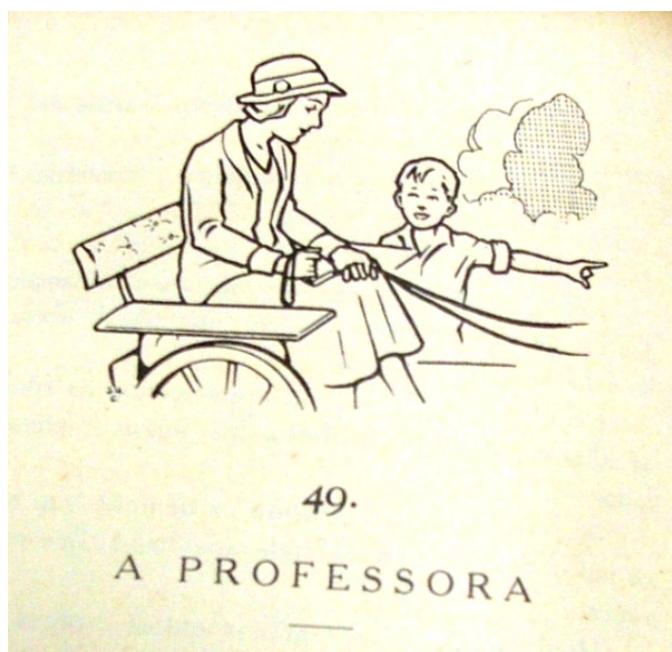


FOTO 38: Livro *Vida na Roça* (1932)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Vida na Roça*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

Segundo o *Relatório da visita realizada pelos alunos do 2º ano do Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação, à Escola Rural da Saudade em Cotia*, publicado na *Revista de Educação* de 1936, o acesso às escolas rurais não eram bons, apesar de haver uma estrada para chegar à escola situada num sítio, era difícil o caminho, e ressalta o relatório: “Na falta de veículo qualquer pessoa pode fazer esse percurso em 30 ou 40 minutos a pé” (*REVISTA DE EDUCAÇÃO*, 1936, p. 190). Outro aspecto destacado no *Relatório* é o trabalho coletivo: a professora ensinava o estudo e tratamento das abelhas e das colméias, e ressalta a ajuda dos alunos e que estes sentem prazer na atividade. Além dos trabalhos na agricultura e na apicultura há os trabalhos manuais com a preocupação da orientação utilitária do que é feito pelos alunos.

Nesse sentido a escola rural tende a orientar as crianças reprimindo espírito individualista e ressaltando a coletividade, pelo reconhecimento dos seus valores aproveitando o interesse das famílias, como a criação de grêmios, clubes e cooperativas, e incentivando e salientando os métodos científicos modernos para o trabalho como fonte de dignidade humana, melhoria de vida e progresso pessoal e social. Tornar a escola rural mais eficiente era uma meta para impedir o afastamento das crianças empregando uma relação de teoria e prática com o cotidiano dos alunos.

Os clubes agrícolas escolares integravam a escola à prática dos alunos. Segundo o artigo intitulado *Clubes Agrícolas Escolares* da autora Anna Silveira Pedreira publicado na *Revista de Educação* de 1934, estes clubes eram estimulados pela Diretoria de Ensino pois atendiam as necessidades dos alunos das escolas rurais.

Aos Clubes Agrícolas, está confiado grande papel, de máxima importância para a economia nacional, como seja, agir através das crianças sociais (meninos de hoje e cidadãos de amanhã), para a divulgação dos métodos modernos de cultura, que se entrecrocaram como rotina do nosso camponês e por isso mesmo são ferozmente combatidos. (PEDREIRA, 1934, p. 95)

Segundo Pedreira (1934, p. 95) os clubes tinham o objetivo ensinar os métodos da agricultura moderna, colocando-os em prática tais como: lavrar os terrenos e abolir as queimadas, o uso devido de adubos, evitar as pragas e erosões. Para esta autora o professor de escola rural deveria enriquecer-se de conhecimentos agrícolas, necessidades e atividades

rurais para atender melhor os seus alunos e contribuir para a transformação das suas condições de vida.

O autor Thales Castanho de Andrade participava ativamente e estava envolvido com as questões rurais. Foi fundador dos Clubes Agrícolas Escolares, foi iniciador dos Clubes de Horticultura, participou do 1º Congresso Normalista de Ensino Rural e foi promotor da primeira Festa do Vinho, da Uva, do Milho e do Pêssego (STANISLAVSKI, 2006).

Os clubes dariam à escola a oportunidade de uma educação de qualidade contribuindo para uma vida melhor na zona rural, enquanto a própria escola não atendia com amplitude as necessidades de seus alunos. Traria condições para melhorar a educação e a vida dos alunos, como explicita a trecho abaixo:

Combatendo o isolamento e a relativa insipidez da vida rural, preponderante será, também, a influência da educação física no meio social rústico, bem assim o campo de jogos, o rádio, o clube, as festas tradicionais. Não podemos esquecer, igualmente, o cooperativismo para o reerguimento da nossa agricultura. (SYLOS, 1946, p. 05)

No poema *O trabalho* do livro *Espelho*, o autor destaca o trabalho como a solução para a vida das pessoas, e quem não trabalha, perante os olhos das pessoas torna-se uma pessoa que não serve para nada e vive à custa dos outros. Observa-se que a primeira figura mostra que o trabalho que o autor se refere é o trabalho escolar, ou seja, os estudos dão a dignidade humana e o torna útil. Em segundo plano, e abaixo logo aparece o trabalho rural, como nobre e meio de vida digna.

A poesia e sua ilustração que compõem o livro *Espelho* demonstra o trabalho como elemento essencial na vida das pessoas, seja na escola como no campo, e também na união de ambos para uma vida melhor e mais digna.



FOTO 39: Livro *Espelho* (1928)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Espelho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.

Tendo a mesma finalidade da escola primária urbana, a escola rural também atende aos planos de uma educação integral, cabendo, pois, oferecer um ensino que atenda às necessidades regionais e às suas características, a fim de fixar o homem no meio, ou seja, transforma o ambiente em que atua sem urbanizá-lo. Dentre os aspectos educacionais, de ensino e aprendizagem, a socialização da escola, é fundamental o envolvimento com clubes e cooperativas, atentando para os problemas de higiene, de alimentação, proteção à natureza, e, entre outros mais, focalizando o papel da mulher na vida campestre (SILVA, 1957).

O ensino, segundo Neves (2007), nas áreas rurais brasileiras está associado ao advento da monocultura cafeeira e com o fim da escravidão, quando a agricultura passou dos escravos para a mão de obra especializada.

PROFESSOR RURAL. QUEM ERA?

Outro destaque no período de surgimento dos grupos escolares é a formação do professor, na valorização social e no âmbito profissional, delegando ao professor a responsabilidade pelo sucesso da escola renovada, trazendo mais *status* a sua carreira. Surge, nesse momento, o primeiro campo profissional a abrir portas para a atividade feminina; respeitando os padrões da época, a mulher adentrou a educação como professora, refletindo sua feminilidade, seu jeito afável, maternal e carinhoso, porém tendo seu revés: muitos cargos sem atratividade... Para quem ele caberia?

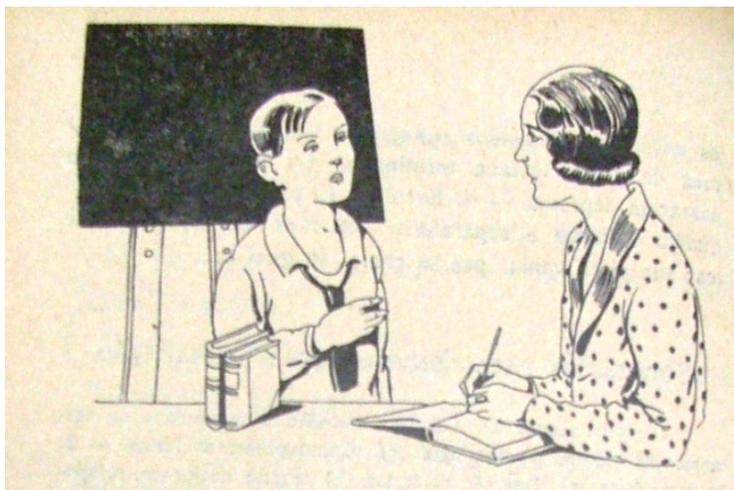


FOTO 40: Livro *Alegria* (1937)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Alegria*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. p. 26

Nas ilustrações, a professora é uma mulher, com aparência elegante, mas singela, numa posição quase maternal. Nas ilustrações dos livros há indícios de que a figura do professor sempre está ligada à imagem da mulher, ou seja, sempre é uma professora. Em algumas ilustrações há uma dúvida: não dá para definir se a mulher que está na ilustração é uma professora ou a mãe da criança que a acompanha. Porém, quando olha a ilustração com atenção aos detalhes e em coerência com o texto que a acompanha no livro é possível diferenciar uma de outra; nesta primeira aparece a lousa ao fundo e o menino está de uniforme escolar.



FOTO 41: Livro *Alegria* (1937)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Alegria*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. p. 41

Há indícios de que existe uma confusão e uma fusão entre a mulher-mãe com sua “índole” maternal e as qualidades necessárias para baratear, quantificar e qualificar, ao mesmo tempo, o professorado da escola primária: numa adição quase matemática a mãe mais professora igualaria um profissional ideal para cuidar e educar as crianças. Sabe-se que para ingressar na carreira do magistério foi instituído em 1892 o concurso público, porém sabe-se também, que, inicialmente, para ingressar nos grupos escolares era necessário ser efetivo de escolas isoladas reunidas num grupo escolar.

Tratando das escolas isoladas rurais, antes de discutir o aspecto do ingresso dos professores nos grupos, cabe lembrar que nos primeiros anos da República foi preciso fazer concessões ao preparo do professor para preencher as vagas das escolas isoladas. Nenhum professor normalista queria lecionar nas escolas isoladas da zona rural, de condições de vida e de ensino extremamente precárias. Para poder contar com o professor nessas escolas havia o programa de carreira, colocando o recém-formado longe de sua cidade por algum tempo: ele deveria começar a sua carreira pela escola isolada rural, do interior ou da capital, e só depois e cumprir um determinado tempo poderia ser removido para uma escola urbana, que aconteceria se houvesse uma cadeira vaga. Em 1904, o professor precisava lecionar um ano nas escolas isoladas rurais para depois ser transferido para uma escola isolada de bairro, e só

depois de dois anos comprovadas de exercício nessas escolas poderia ir para um grupo escolar.

De fato, a vida do professor de escolas isoladas era dura, ainda mais porque trabalhava com crianças de diferentes níveis de adiantamento e de idade, ganhava menos, era pouco valorizado e respeitado pelos fazendeiros locais e não raras às vezes tinha de morar em áreas de difícil acesso...” (MARCÍLIO, 2005, p. 175)

Na ilustração a seguir, a professora destaca-se na cena. Em pé, lê um livro para seus alunos que se agrupam em sua volta. Mostra novamente a mulher-professora nas escolas do início do século. As questões relativas ao ofício do professor de escola rural constituem o contexto político e teórico amplo da configuração global da educação da sociedade brasileira.



FOTO 42: Livro *Alegria* (1937)

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Alegria*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. p. 129

O professor deveria ser um entusiasta, admirar, conhecer e incentivar a vida no campo, cabendo a ele ressaltar as atividades sócias e não dar muito valor às disciplinas acadêmicas formais (WERLE, 2006, p. 118). Outro aspecto destacado por Sud Mennucci na sua defesa em favor da escola rural era a construção de um professor que acreditasse na vida rural, que abordasse a situação dos alunos e da comunidade, tratando-as, e alcançando com o trabalho educativo a alfabetização, a formação higiênica, o amor e a capacidade da realização de atividades rurais (WERLE, 2006, p. 118). A proposta era que o professor deveria permanecer atento às situações concretas de trabalho atrelando a questão pedagógica aos conteúdos relacionados à vida rural.

Os textos dos livros escolares visavam mostrar a importância e a dignidade da instrução, visualizada pelos livros e suas ilustrações e pelo próprio professor, sua aparência e comportamento, mostravam a imagem de um professor no seu trabalho diário, com postura de dedicação e sobriedade (BITTENCOURT, 2008, p. 187). Ainda segundo esta autora o professor era demonstrado como uma pessoa devota à instrução, com uma vida pobre, sem compensações materiais, apenas o prazer de formar bons e muitas vezes ilustres cidadãos. Ao lado do professor a imagem do aluno também era destacada. Nos livros apreciam as lições de morais e conselhos, e o incentivo aos bons alunos. Destacava-se ainda o amor ao estudo e aos livros.

Segundo o artigo intitulado *A Reforma do Ensino Rural em S. Paulo*, de autoria de Sud Mennucci, publicado na revista *Educação* de 1931, o estado de São Paulo lançaria em 1932 as bases para uma reforma do seu aparelho educativo na zona rural. Nesta reforma um dos aspectos mais importantes era um novo tipo de professor que estivesse empenhado e decidido à trabalhar nas escolas rurais com satisfação (MENNУCCI, 1931, p. 06). Um dos motivos para buscar um novo tipo de professor estaria nas reclamações de que muitos professores não iam trabalhar:

Maus professores que não ensinam nas suas escolas rurais, que fogem das aulas, que vivem em constantes licenças, que procuram, enfim, subtrair-se por mil modos e artes ao cumprimento de seus deveres profissionais, mantendo-se, o maior tempo que podem, afastados de suas classes. (MENNУCCI, 1931, p. 06).

Para a solução para o problema da falta de dedicação dos professores rurais o estado e São Paulo se propôs a criar, em 1932, escolas normais rurais que iriam formar professores rurais, dividindo essas escolas em classes de professores da cidade e do campo, podendo mais tarde serem criadas as classes dos professores litorâneos. No entanto, Mennucci afirma que a urgência é o campo (MENNUCCI, 1931, p. 06). “Tas escolas têm de formar professores quase hostis á vida citadina, perennemente preocupados com amaior efficiência do campo e de tal modo que se constituam em leaders do nucleo em que vão servir” (MENNUCCI, 1931, p. 06).

Estes professores formados nas escolas normais rurais deveriam ter noção de atividades agrícolas, necessidades higiênicas e sanitárias dos habitantes do campo, deveria intervir nas questões de medicina como picadas de insetos e aranhas, fazer curativos, aplicar injeção, encaminhar ao médico quando se tratar de alguma doença mais grave, cuidar de feridas, como se fosse um consultor técnico da vida rural (MENNUCCI, 1931, p. 06-07). Estas atividades não atrapalhariam o trabalho de professor:

Isso tudo sem quebra nem diminuição de sua obra de professor, alfabetizando os pequenos a cuja guarda o governo o collocou, e sem descurar de seu labor propriamente cívico, tendente a homogeneizar as apirações das raças que formam o substracto da população braisleira. (MENNUCCI, 1931, p. 07).

Em 1929 o Prof. Firmino Costa escreve um artigo intitulado *Ensino Rural* que foi publicado na revista *Educação* de 1929, descrevendo que a criação de um curso destinado à formação de professores rurais, chamado de curso rural, com duração de 2 anos, foi uma tentativa com sucesso de resolver o problema do ensino rural em Minas Gerais. Este curso ensinaria pouco, mas bem, formaria o espírito do professor rural, e não seriam apenas professores, mas também saberiam cortar cabelo, costurar, cozinhar, bordar, jardinar, vacinar e fazer a limpeza de suas salas de aula (COSTA, 1929, p. 99).

Também fariam o trabalho completo do grupo escolar, como escrituração, regência, trabalhos manuais, frequência da biblioteca e do museu e a conservação do prédio escolar, seria preparado para a escola e para a vida na zona rural, tornando-se professor de toda a fazenda (COSTA, 1929, p. 101).

Segundo o artigo intitulado *Problemas da Escola Rural* publicado na *Revista de Educação* de 1951, os professores não se fixavam facilmente na zona rural, devido à dificuldade no transporte e nas más condições das estradas que dão acesso às escolas rurais e pela falta de assistência técnica e material. “Pode-se concluir que tôdas as escolas da zona rural só cogitam dos tópicos do programa do ensino, que aliás, o único em todo o território do Estado” (RIBEIRO, 1951, p. 37).

Outro aspecto apontado na *Revista de Educação* de 1943, no artigo *O problema do Ensino Primário na Zona Rural Comum*, de Olavo de Carvalho, os problemas das escolas rurais estavam centrados na falta de escolas no campo, de maus professores e de programas tipicamente urbanos, que muitas vezes contribuíam para o êxodo no campo, favorecendo a precariedade no rendimento escolar, irregularidade de freqüência dos alunos e instabilidade dos professores (CARVALHO, 1943, p. 57). Para Carvalho é possível ter uma escola rural interessante e a solução são os professores:

Uma escolinha lá no fundo do sertão. Sem prédio. Sem material. Sem transportes. Sem nada, como todas, mas tendo tudo: - a boa professora. Ninguém falta. Ninguém se queixa. Todos vão para a escola contentes e, quantas vezes, sem conforto algum, a não ser aquele que a criança quer: - o conforto de ser a escola de seu desejo, a escola de seu coração, onde um outro coração está ali a sua espera para, a mãos cheias, dar-lhe a vida pela vida e para a vida. (CARVALHO, 1943, p. 57)

Para Neves (2007) as escolas do meio rural são diferenciadas das escolas dos centros urbanos, cujas relações entre professores e alunos merecem ser pesquisadas, pois oferecem campo fértil para a pesquisa em educação, abrindo fontes que ajudam a pensar e repensar a questão da educação brasileira no início do século XX de maneira crítica. Tem-se conhecimento de que é claro em algumas pesquisas sobre o tema que a articulação entre o trabalho dos professores e as diferenças da comunidade tendem a uma urbanização do meio, notando-se a intenção de fazer da escola o lugar que se ensina o “caminho” para a cidade, diferentemente das intenções dos documentos oficiais que agem na fixação do homem no campo (NEVES, 2007).

Os aspectos que caracterizam a escola rural do início do século XX, especificamente nas décadas de 1920 e 1930, ressaltados nas ilustrações dos livros,

demonstram uma escola que estava imersa num momento de grandes aspirações e mudanças sociais no Brasil. Estava caracterizada pela falta de recursos materiais, financeiros e pedagógicos, incluindo a falta de profissionais habilitados, vindo na obrigação de improvisar e particularizar os meios para dar a educação às crianças.

Implicava num descaso das políticas públicas no sentido que essas escolas eram legadas ao segundo plano, garantido, pois o primeiro ao meio urbano. Gerava controvérsias, ora por auxiliar na educação brasileira como meio alfabetizador e conseqüentemente modernizador, na tentativa, também, de assegurar e retardar a ida das pessoas do campo para as cidades, ora por estar sofrendo a tentativa de urbanizar o campo. O futuro da nação estava na escola e principalmente nas mãos dos professores, que por sua vez estavam à mercê da própria sorte quando se tratava da escola rural: sem condições de trabalho digno.

Segundo o artigo *Educação Rural* publicado na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* no ano de 1950, de autoria de Robert King Hall, professor do INEP a área rural é “uma área geográfica definida por uma comunidade de interesses da população que ali reside, com base em características demográficas, econômicas e culturais” (HALL, 1950, p. 02). Segundo este autor, a população é demograficamente fraca, as migrações são frequentes principalmente com destino aos centros urbanos e a taxa de natalidade é alta; a economia é predominantemente agrária, com baixo nível de mecanização e de energia, os transportes e comunicações são difíceis. Quanto aos padrões culturais o autor explica que a população é conservadora e tradicional, as pessoas exercem muitos ofícios, com cooperação entre si e pouco contato com os centros urbanos e culturais.

Para Hall (1950, p. 03), a escola rural é “essencialmente a que serve às necessidades fundamentais da educação de uma área predominantemente rural”, e tem objetivos a experiência comum e produz uma unidade natural dos grupos, pois atende uma larga diversidade de necessidades daquele lugar. Esta escola rural destina-se aos alunos de áreas menos povoadas, e a distância pode ser percorrida à pé ou são tão isoladas que não é possível frequentá-la diariamente.

O programa para estas escolas atenderia:

O programa interpreta para o aluno as responsabilidades nacionais e internacionais, associando-se às mesmas.

O programa reconhece as responsabilidades de família e locais, ajudando o aluno a cumpri-las.

O programa dá conhecimentos básicos, intelectuais e manuais.

O programa tem uma parte substancial dedicada ao ensino de conhecimentos agrícolas (caça, pesca, etc.).

O programa tem uma parte substancial dedicada ao ensino de indústrias domésticas produtivas, ofícios e serviços da comunidade (carpintaria, trabalhos em couro, trabalhos em metal, cerâmica, saúde pública, etc.).

O programa ensina as responsabilidades morais fundamentais. (HALL, 1950, p.04).

Quanto aos prédios, segundo Hall (1950), deveria ter custo baixo permitindo a mudança da escola em virtude da concentração de pessoas, permitiriam a construção de um número maior de escolas e do menor custo de conservação, e quanto aos equipamentos, deveriam ser apropriados às aulas práticas, de agricultura e artesanato, e adequados aos ofícios da comunidade.

CAPÍTULO 4

**A CONSTITUIÇÃO DE UM MUNDO RURAL: OS LIVROS *SAUDADE,*
*VIDA NA ROÇA, ESPELHO E CAMPO E CIDADE***

Oh! Vós que respirais a poeira da cidade,
 Jamais entenderéis a doce suavidade,
 A música dorida, a estranha nostalgia,
 Que vem da solidão quando desmaia o céu!

Paulo Setúbal

A partir da análise dos livros que compõem a Coleção Leitura Escolar: Série Thales de Andrade constatei dois tipos de destinação: um voltado para a apologia ao meio rural e outro voltado à levar hábitos urbanos ao meio rural, ou seja, urbanizar o campo. Este presente capítulo tem a função de discutir o primeiro aspecto. Os livros focados neste texto, *Saudade, Vida na Roça, Espelho e Campo e Cidade* estão agrupados porque ressalta-se nas histórias os personagens principais com características agrícolas num ambiente rural. Dessa forma, estão voltados a convencer os leitores sobre as qualidades da vida no campo. No próximo capítulo, a ênfase será nos livros *Trabalho, Alegria* e a cartilha *Ler Brincando*, que são da segunda tipologia apresentando as formas pelas quais parte da Coleção se ocupa em levar hábitos urbanos ao meio rural, ou seja, urbanizar o campo.

De acordo com leituras e estudos preliminares que fiz de textos de alguns estudiosos sobre história da leitura e história cultural, segundo autores do campo da história do livro, como Roger Chartier, este campo estrutura-se sobre as relações entre os objetos impressos e os textos que lhe servem de suporte (CHARTIER, 2001, p. 14). Deste modo entende-se que para Chartier (1990, p. 126-127) reconstituir o processo pelos quais o livro adquire sentido “exige considerar as relações estabelecidas entre três polos: o texto, o objecto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera.”

Para atender aos objetivos dessa pesquisa, apresento a análise do conteúdo textual contido nos livros. Dessa forma, este estudo atenderá ao primeiro aspecto dentre os três propostos por Chartier para o estudo do livro, posto no início do texto, ou seja, aquele referente ao texto, ao conteúdo do livro, uma vez que os demais já foram estudados nos capítulos anteriores.

Para Carlota Boto (1994, p. 29) a história tem o documento como suporte de possibilidade e limite de pesquisa, porém varia à luz metodológica os parâmetros de investigação. Para o pesquisador-leitor o texto analisado também é um desafio: “Em sua eterna busca, o ouvinte/leitor de um texto mobilizará todos os componentes do conhecimento e estratégias cognitivas que tem ao seu alcance para ser capaz de interpretar o texto como dotado de sentido” (KOCH, 2006, p. 19).

Nesta tese, foca-se em saber quais as características de um modelo de leitura escolar presentes e constituídos nos livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade todos de autoria de Thales Castanho de Andrade.

Para Orlandi (1988, p.77-78) o autor é o locutor, tem a função de produtor de linguagem com suas próprias características e influências, mas que passa pelo crivo das exigências do outro, daquele para quem se escreve. No autor a dimensão discursiva do sujeito está mais determinada pela relação com a exterioridade, o contexto sócio-histórico. Nesse sentido, para Orlandi (1988) o autor está sujeito ao controle social para exercer sua função com a linguagem, a de escrever, e constitui-se e mostra-se na sua relação com a linguagem escrita.

Complementando, Gnerre (1991, p. 05) enfatiza:

A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive.

Para atender aos objetivos deste estudo centralizo as idéias de Chartier (2001) que define como relevante num texto as senhas explícitas e implícitas inscritas pelo autor a fim de produzir uma leitura correta de acordo com sua intenção consciente ou inconsciente, visando inscrever no texto convenções sociais ou literárias que permitirão sua sinalização, classificação e compreensão. Estes aspectos são textuais, desejados pelo autor do texto investigado, impondo assim o que Chartier chama de protocolo de leitura.

Do mesmo modo, a imagem, no frontispício ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador. (CHARTIER, 1990, p. 133)

Os vestígios que são privilegiados numa pesquisa são protocolos de leitura, inscrevem no texto a imagem ideal feita por seu leitor, cujo significado decodificaria o sentido preciso que o autor pretendeu escrever. Ou seja, os protocolos de leitura delineam o percurso do pesquisador de modo que “tome para si a função de um leitor cuidadoso e possa chegar a uma interpretação do quadro que seu autor julga a única correta”. (CHARTIER, 2001, p. 10-11)

Então você compreenderá que o texto é um construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado, cujos segredos (quase ia dizendo mistérios) é preciso desvendar para compreender melhor esse “milagre” que se repete a cada nova interlocução... (KOCH, 2006, p. 09)

Para Koch é preciso analisar os textos considerando as pistas de contextualização, ou seja, os sinais verbais e não-verbais, pois são importantes para captar o sentido pretendido pelo produtor do texto. O texto para Koch (2006) é como um *iceberg* oferece pistas e indícios para que o leitor.

SAUDADE: A HISTÓRIA DE MÁRIO COMEÇA AQUI...

O primeiro livro da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade, publicado por Thales Castanho de Andrade foi *Saudade*, em 1919. As primeiras edições foram publicadas pelo Jornal de Piracicaba, da 3ª à 12ª edição foram publicados pela Editora Monteiro Lobato e a partir da 13ª edição pela Companhia Editora Nacional, como já mencionei anteriormente.

Para estudar o texto do livro *Saudade*, do autor Thales Castanho de Andrade, escolhi para análise, a 17ª edição, publicado pela Companhia Editora Nacional, no ano de 1932 (a capa dessa edição é a foto 1). Este exemplar foi escolhido porque foi possível manuseá-lo e digitalizá-lo e conforme estudo já realizado com outras edições, ele não apresenta grandes mudanças considerando as edições anteriores publicadas por esta editora. Como já mencionei no capítulo 1, todos os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade foram publicados pela Companhia Editora Nacional, com exceção do caso de

Saudade, explicitado no parágrafo anterior. Nesse caso, considero as conclusões obtidas na pesquisa de Mestrado que não houve mudanças relevantes nas edições do livro que tornasse inviável a escolha de outra edição e não do exemplar escolhido.

Todos os aspectos referidos nesse tópico já foram discutidos e estão disponíveis na sua totalidade na dissertação de mestrado intitulada *Saudade (1919-2002): a contribuição de Thales Castanho de Andrade para o campo da leitura escolar*, resultante das minhas pesquisas de mestrado, defendida em 2006 pela Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – UNESP. No entanto para compreender a totalidade da Coleção faz-se necessário retomar aspectos essenciais de análise do livro.

Os personagens que aparecem no livro *Saudade* são:

Quadro 05: Personagens do livro *Saudade*:

| | |
|---|--|
| Mário (personagem principal) | Estanislau Pires (Nhô Lau) – camarada do sítio |
| Emilia – mãe de Mário | Carmem e Raul – amigos de Mário |
| Raimundo – pai de Mário | Áurea e Violeta – primas de Mário |
| Rosinha – irmã de Mário | Dona Alzira – professora de Mário |
| Juvenal – primo de Mário | Alexandre e seu filho Gabriel – vizinhos do sítio |
| Seu Ferraz – amigo da família | Raul, Eugênio, Gabriel, Tissiani, Tônico, Paulino, Firmino, Egídio,, Inocência, Honório, Nabor, Evaristo – amigos da escola de Mário |
| Sr. Pontes - amigo da família | Dona Francisca – amiga da mãe de Mário |
| Sr. Raimundo - amigo da família | Pascoal – camarada do sítio |
| Dr. Gilberto - amigo da família | Bertassa – dono do armazém perto do sítio |
| Seu Benedito e Dona Tudinha – amigos da família | Zé Feliz – vizinho do sítio |
| Tia Juventina – tia | João Batista de Oliveira e seu filho Honório – amigos de Mário |

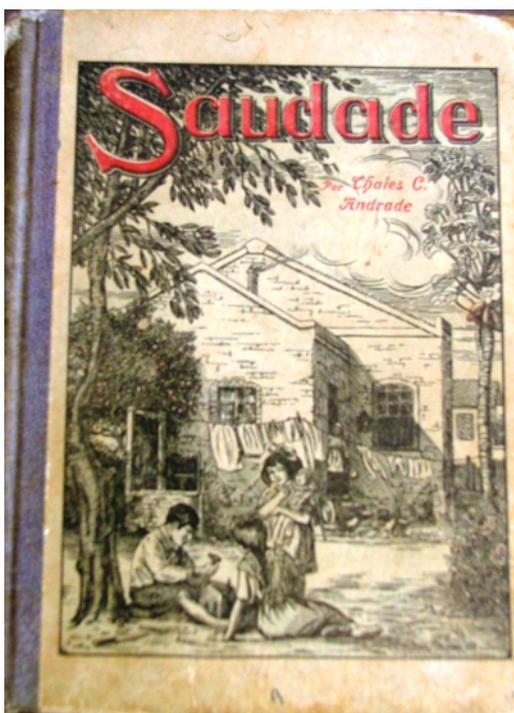


FOTO 43: Capa do livro *Saudade* – 3ª edição
 FONTE: Acervo Pessoal Cleila Stanislavski

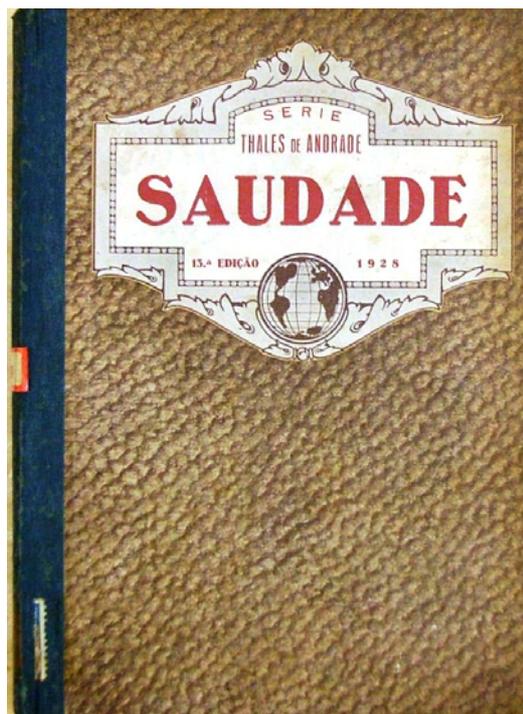


FOTO 44: Capa do livro *Saudade* – 13ª edição
 FONTE: Acervo Hist. Comp. Editora Nacional

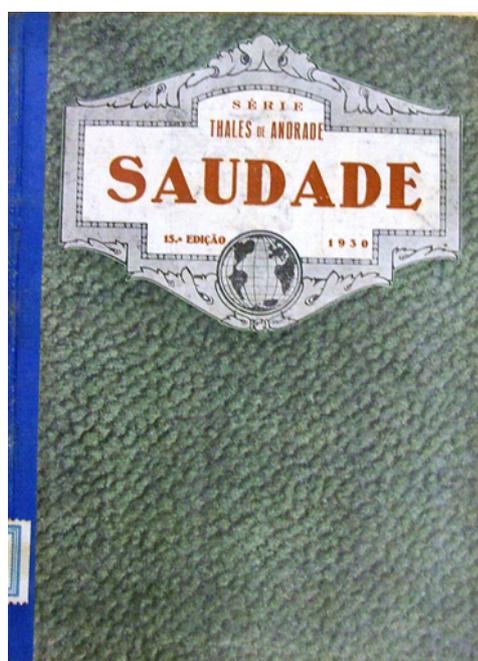


FOTO 45: Capa do livro *Saudade* – 15ª edição
 FONTE: Acervo Hist. Comp. Editora Nacional

Segundo Giesbrecht (1998, p. 23), neto de Sud Mennucci, Mário, o personagem principal do livro, foi idealizado tendo como inspiração o menino Mário da Silva Oliveira que, na época tinha 10 anos de idade e era filho do casal Daniel e Constança da Silva Oliveira. Estes últimos eram os pais da esposa de Sud Mennucci, Maria da Silva Oliveira, ou seja, Mário era cunhado de Sud. Outros personagens também foram inspirados nos irmãos Olímpia e Urbano, também cunhados de Sud Mennucci.

No decorrer do livro, Mário é o próprio narrador de sua história. É o autor na fala do personagem. Ele descreve sua infância referindo-se a todos com sua própria voz: “é a mamãe”, e não “a mãe de Mário”: “Eu ainda não sabia escrever e minha irmã Rosinha mal contava até cinco, quando papai vendeu a fazenda” (ANDRADE, 1932, p. 11).

O livro conta a história de Mário, um moço que escreveu sobre sua própria vida, dando o nome à história de *Saudade*. A narrativa inicia-se com a venda do sítio onde Mário e seus pais moravam e com a mudança para a cidade. Na cidade, a casa era pequena e alugada, sem árvores no quintal, era tudo diferente da vida no sítio: tudo na casa era muito arrumado, as roupas eram alinhadas e o pai de Mário só estava em casa na hora das refeições, pois, como havia planejado, abriu um armazém na esquina e trabalhava lá. A vida na cidade era difícil, tudo precisava ser comprado e pago. Com isso o pai de Mário foi contraindo dívidas e empobrecendo, precisando até mesmo vender alguns móveis da casa. O tempo passava: o pai de Mário, agora, estava desempregado, e Mário e sua mãe ficaram doentes. A vida, com o passar dos dias, começou a melhorar. O pai de Mário arrumou um emprego e ele e sua mãe sararam, mas as despesas da casa eram rigidamente controladas para não caírem novamente em uma situação ruim. Nessa época, numa visita à chácara do amigo da família, o Sr. Ferraz, todos sentiram saudades do sítio, lamentando tê-lo vendido, mas, na cidade, a vida continuava, até que o pai de Mário decidiu comprar outras terras: visitou e olhou alguns lugares e comprou um pequeno sítio novamente. Somente o pai de Mário foi morar lá, voltando para casa somente nos finais de semana e, depois de algum tempo, toda a família visitou o sítio, que, agora, já tinha uma casa, tendo ido morar lá também. Mário foi estudar na escola da vila, e com o passar dos dias, foi conhecendo toda a turma, se acostumando com a vida no sítio, aprendendo, brincando e se divertindo em sua nova casa. Ele foi crescendo, vivendo em meio às ocupações do sítio. Com o passar do tempo, um dia, um amigo da família sugeriu a Mário que estudasse para ser agrônomo e, ao lerem uma notícia sobre a formatura na Escola Superior Luiz de Queiroz em Piracicaba, Mário decidiu ir estudar lá. Uma semana depois, deixou sua família e seus amigos e foi morar em Piracicaba.

Todo o livro é dividido em episódios que aconteceram na vida do personagem Mário, desde a venda da fazenda de seu pai até sua partida para estudar longe de casa. Não aparecem no livro lições de moral ou de bom comportamento, ou ainda questionários para fins didáticos, como era comum nos livros de leitura daquela época. Em *Saudade*, a divisão do texto em pequenos episódios indica uma característica particular dos livros de leitura escolar. Cada episódio tem um título que é uma palavra-chave ou frase retirada do texto que o segue.

No quadro a seguir, tem-se a relação dos 75 títulos que dão nome a cada episódio encontrado no livro.

Quadro 06: Títulos dos episódios do livro *Saudade*:

| | | |
|------------------------------|---------------------|------------------|
| Uma historia...verdadeira... | Colheita | Zé Feliz |
| Deixamos a fazenda | A casa | Músicos |
| Na cidade | Despedidas | São João |
| Fim de ano | A mudança | Meia noite |
| Economias forçadas | A escola | Devaneios |
| Papai empobrecia | Matriculados | Pomar |
| Todos trabalhavam | Livro | Duas histórias |
| Na chácara do Sr. Ferraz | A “Mansinha” | Um banho |
| Os jornais | Convites | Medo |
| O Sr. Pontes | Colegas | Frutas |
| DR. Gilberto | Dona Alzira | Içás |
| De trole | As tardes | Jardim |
| As terras | As noites | Patriotas |
| De acordo | Tempestade | A guerra |
| O meu primo Juvenal | Feridos | As pazes |
| Dona Francisca | Nós dois | O cordão |
| O “Pelontra” | A roça de Raul | Último dia |
| Sábado | Um provérbio | Regresso |
| Em serviço | O pão | Três anos depois |
| No domingo | Brinquedos | Agricultura |
| Nhô Lau | Uma correspondência | Uma notícia |
| Na farmácia | Uma revista | Resolução |
| Um recado | Uma criação | A partida |

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 17ª ed. Monteiro Lobato: São Paulo, 1932.

No livro, são destacados aspectos que definem o campo como um lugar melhor para se viver, ao contrário da vida na cidade.

De manhã até à noite batiam palmas ao portão ou faziam soar a campainha. Aquilo parecia não ter fim; enjoava a gente. Era o padeiro, o leiteiro, o verdureiro, o peixeiro, o carteiro, o mascate, o cego, o aleijado e mil outras pessoas que iam oferecer alguma coisa ou pedir, ou visitar mamãe e acompanhá-la nos passeios. (ANDRADE, 1932, p. 15)

Estes aspectos descritos por Mário durante a história demonstram o crescimento urbano das cidades com a chegada de pessoas que saíam do campo para buscar um trabalho diferenciado e melhor. Mas, o que encontravam, muitas vezes, era o desemprego e a falta de condições para se viver. Na cidade, tudo é comprado: o leite, a carne, as verduras, as frutas, enfim, tornando a vida mais difícil. O desemprego, na época em que o livro foi escrito, já oprimia as famílias nas cidades urbanizadas: “Até parece impossível! Mais de três meses e sem emprego! Papai mexia por toda a parte, falava com toda a gente. Nada!” (ANDRADE, 1932, p. 20).

As pessoas que buscavam as cidades por melhores condições de vida eram atraídas pelos encantos de um lugar que tinha mais conforto e infra-estrutura: “A cidade tem seus encantos: ruas bem arrançadas, igrejas, teatros, mercados, iluminação, automóveis, muita gente e tantas outras coisas boas, [...]” (ANDRADE, 1932, p. 26).

As cidades paulistas se destacavam no crescimento populacional e econômico. Um exemplo é a cidade de Piracicaba, que se encontrava no início da década de 1920 em pleno desenvolvimento, como aponta Hilsdorf (1998), e num intenso processo de urbanização, na qual:

[...] as quadras centrais têm água encanada e iluminação elétrica, fornecida por uma empresa particular. A cidade tem telefones – e empregos para moças telefonistas que saibam ler e escrever ...
[...]“Jardineiras” partem diariamente para as cidades vizinhas de Rio Claro e Limeira e duas linhas de bondes ligam o centro à Vila Rezende, do outro lado do rio, e à Escola Agrícola, transportando os “agricolões” para as suas aulas. (HILSDORF, 1998, p. 103)

Piracicaba foi a primeira cidade brasileira a ter energia elétrica por meio de uma pequena usina hidrelétrica construída por Luiz de Queiroz¹ no final do século XIX. Foi, ainda,

¹ Luiz Vicente de Souza e Queiroz era formado em agronomia na França e herdeiro de uma rica família da nobreza rural de São Paulo. Terminando seus estudos na França, voltou ao Brasil e viu um grande atraso das práticas agrícolas nacionais e entendeu que seria importante divulgar novas técnicas e práticas à população, criando uma escola. Comprou uma propriedade agrícola de 319 hectares em Piracicaba/SP, no ano de 1891. Com recursos financeiros próprios planejou e construiu a Escola Agrícola Prática de Piracicaba, oficialmente criada por meio do decreto-lei n.º 683A, em 29/12/1900. Somente em 03/06/1901 foi inaugurada a escola Agrícola Prática “Luiz de Queiroz”, acrescentou-se o nome de seu idealizador. Em 1917 passou a ser denominada apenas de Escola Agrícola Luiz de Queiroz, apesar de ainda tratar-se de uma instituição de caráter prático. No ano de 1931 a escola ganhou *status* de estabelecimento de ensino superior com o nome de Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” e, somente em 1934, foi incorporada à Universidade de São Paulo. A escola passou por diferentes denominações até chegar aos dias atuais com o nome de Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (ESALQ).

a segunda cidade a ter telefone (NETTO, 2000, p. 50). Tinha, além do que já foi citado, uma agência do Banco Comercial, duas livrarias, a Americana e a Giraldes, a agência Piracicaba Express, onde eram vendidos jornais e revistas de circulação nacional, como *A Cigarra*, *Parafuso*, *Seleta*, *O Malho*, *A Careta*, *Fonfon*, *Paratodos*, *Revista da Semana*. O jornal *O Estado de S. Paulo* era vendido nas ruas. Havia uma papelaria do *Jornal de Piracicaba* onde eram vendidos livros, como, por exemplo, o livro *Como se aprende a língua*, de Sampaio Dória, alguns livros de Thales Castanho de Andrade, inclusive uma edição nova de *A Filha da Floresta*, as “fábulas de Narizinho e do Saci” e outros livros de autores como Mario Sette e Oliveira Lima (HILSDORF, 1998). Segundo esta autora, [...] os leitores piracicabanos podiam aproximar-se – por meio de vários caminhos – das modernas tentativas de reinterpretação do Brasil (HILSDORF, 1998, p. 103).

A cidade denominada gentilmente por seus cidadãos de “A Noiva da Colina”, na década de 1920, tinha, também, duas bandas musicais, *União Operária* e *Municipal*, a Orquestra Lozano, três cinemas, uma pequena rede de escolas municipais e as escolas do sistema estadual, a Escola Normal, a Escola Agrícola, a Escola Livre de Odontologia, a Escola Livre de Comércio, a Escola Prática de Contabilidade e escolas particulares. (HILSDORF, 1998, p. 105)

Apesar de todo um crescimento impulsionando, nas cidades, no início do século XX, estavam presentes os problemas de saúde como epidemias de tuberculose, sarampo, caxumba, catapora, coqueluche e as enchentes, que são lembradas pelo autor em *Saudade*.

- E as doenças, seu Ferraz?
- É verdade. Só poeira... só a poeira quantas moléstias não espalha! Basta falar da tuberculose. Depois há sempre as epidemias de gripe, de sarampo, cachumba, catapora, dor d’olhos, coqueluche... Alastram-se espantosamente. (ANDRADE, 1932, p. 27)

O pai de Mário, Raimundo, gostava de ler jornais e incentivava seus filhos a também ler, pedindo que lessem as notícias para ele. Outro exemplo de incentivo de leitura às crianças, que aparece no texto, refere-se ao livro do próprio autor, *A Filha da Floresta*. Certamente também é uma indicação de leitura para o próprio leitor:

Ao meio dia mais ou menos, a tarefa estava terminada. Então, eu e o primo apresentamos os nossos presentes à Rosinha. Juvenal ofereceu-lhe um livro de histórias, chamado: *A Filha da Floresta*, da Biblioteca Infantil. Eu dei-lhe um estojo com agulhas, dedal e uma tesourinha. (ANDRADE, 1932, p. 79)

O autor também menciona o livro de leitura de João Kopke, quando Mário foi estudar na escolinha do sítio. Nela estudavam com o primeiro livro, e escreve:

[...] livro muito meu conhecido e do qual eu tanto gostava. Era nele que havia *A questão*, história da briga de João e Jorge, por causa de um coquinho achado no mato. Havia também a do *Janjão e o relógio*, a de *Noel, o malcriado*, a de *Ana e o gato*... (ANDRADE, 1932, p. 108)

Nesse aspecto, escrevendo sobre seu livro, o autor utiliza o menino-personagem para dar voz aos seus conhecimentos, seu gostos e seu próprio interesse em divulgar outro livro de sua autoria. Quando cita o livro de Kopke, o autor demonstra sua própria cultura na autoridade de um professor recém-formado, tendo ingressado há apenas 7 anos no magistério, indica este escritor - Kopke – nas questões da educação.

Outras revistas são citadas no livro. São revistas que tratavam de assuntos agrícolas, da vida no campo:

Logo que Giocondo nos entregou a correspondência, pusemo-nos de volta para casa.

- Que é que veio hoje? foi perguntando o Juvenal.
- Hoje? Só jornais e uma revista.
- Uma revista? Decerto é a “Brasileira”.
- Deixe-me ver isso.
- Espere um pouco. Vou arrancar este papel que a enleia.
- “Chácaras e Quintais”! exclamamos a um tempo. (ANDRADE, 1932, p. 160)

Esta revista era publicada mensalmente e tratava dos assuntos como criação de marrecos, crianças cultivadoras, cultura de rosas, como fazer uma horta, porcos de raça, um colmeal, “como fiquei rico criando galinhas” (ANDRADE, 1932, p. 161).

O autor cita outras revistas agrícolas da época: *A Lavoura, Revista de Agricultura, O Fazendeiro, A Fazenda, O Criador Paulista, O Brasil Agrícola e Vida Rural*.

Como autor que esperava prosperar com seu livro, Thales escrevia sobre a vida no campo, enfatizando em suas histórias a beleza de viver no sítio, cultivar a terra, andar na mata, divertir-se com os amigos na simplicidade das brincadeiras, com roupas também simples, estudar numa escolinha da vila e compartilhar os momentos de alegria e tristeza com

os poucos vizinhos. Em contrapartida incentivava a luta dos jovens pelos estudos agrícolas para melhorar as condições do trabalho agrícola e, por consequência, a vida no campo.

As descrições que Mário faz dos lugares por onde passa, onde vive, por onde busca estudo, descrevem a cidade de Piracicaba. Tais detalhes parecem contribuir para que o leitor – pelo menos o leitor local – identificasse a história como verdadeira.

Na história, Mário vai estudar na Escola Agrícola na cidade de Piracicaba/SP. Esta escola, atualmente, é a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, da Universidade de São Paulo. Para Mário Pires (1990), “*Saudade* é uma obra de grande importância porque realça o valor da vida saudável no campo e essa bela e romântica profissão do engenheiro agrônomo.” O livro exalta a importância da escola e da profissionalização, num período marcado por altos índices de analfabetismo, denunciado por Oscar Thompson em 1918 cujo combate é a Reforma de 1920.

Thales Castanho de Andrade, piracicabano, estava envolvido com questões agrárias em sua cidade, principalmente porque seu livro *Saudade* enfatizava o bem-estar da vida no campo e o estudo agrícola, em detrimento da vida na cidade, divulgando a Escola Agrícola “Luiz de Queiroz” como exemplo de instituição para estudar agronomia. O livro *Saudade* e seu autor, no ano de 1959, foram homenageados pela ESALQ, por esta ter sido difundida, por meio do livro, no Brasil. Na edição de 2002, esta homenagem aparece na última página do livro.

Nesse aspecto, *Saudade* mostrava, por meio de sua linguagem, a realidade do país na questão agrícola. Com sua utilização para o ensino, o livro destinado pelo governo às escolas enfatizava e reforçava as idéias de um país agrícola e um desejo de desenvolvimento por meio da agricultura.

Constam no desenvolvimento da história 7 poemas: *Coração*, escrito por Guilherme de Almeida; *Rosas*, de autoria de Luís Pistarini; *Tarde*, de Paulo Setúbal; *Manhã*, escrito por Álvares Azevedo Sobrinho; *A Árvore*, de Ricardo Gonçalves; *Aves*, de Canto e Melo e *A Vida no Campo* do escritor Luís de Camões; e uma narração de Max Duran, com o título “Chacarinha”. Todos os poemas e a narração de Max Duran interagem com os episódios.

Os poemas e a narração contidos no livro são marcos importantes em *Saudade*, indicam uma particularidade do autor ao escolher autores renomados para complementar sua obra. Não foi possível encontrar informações das ligações existentes entre esses autores e Thales de Andrade. Os poemas, em sua maioria, apresentam rimas que indicam musicalidade e descontração presentes no livro.

VIDA NA ROÇA: O LIVRO DE RAUL

Para estudar o livro *Vida na Roça*, do autor Thales Castanho de Andrade, escolhi a 1ª edição publicada em 1933 (a capa dessa edição é a foto 3). pela Companhia Editora Nacional, localizado e disponível no acervo histórico desta editora. Esse livro alcançou 26 edições, sendo a última publicada em 1952.

Os personagens do livro *Vida na Roça* são:

Quadro 07: Personagens do livro *Vida na Roça*:

| | |
|--------------------------------|--|
| Raul – personagem principal | Alice – professora de Raul |
| Sr. Joaquim – pai de Raul | Juvenal – compadre dos pais de Raul |
| D. Julieta – mãe de Raul | Chiquinho, Maneco, Dictinho – amigos de Raul |
| Chiquinha – irmã de Raul | Apparecida, Antonio, João – amigos de Raul |
| Benedicto – empregado do sítio | Nhonhô, Lulu e Titico – amigos de Raul |

Nas primeiras páginas da história há uma pequena introdução escrita pelo próprio autor do livro. É uma explicação preliminar de como surgiu o livro e é dedicado aos colegas professores de Thales de Andrade.

Essa introdução distribuída em quatro páginas do livro se estrutura em três partes explicativas. Inicialmente na primeira parte o autor esclarece que para escrever um livro de leitura é preciso, além de outros requisitos exigidos para configurar tal livro, que se pense no seu leitor, a criança.

Para o autor a criança precisa gostar do que lê e que se entusiasma tanto com seu livro que pare de ler somente quando chegar ao fim da última página. Ele caracteriza seu livro como livro de leitura escolar e ressalta que ele deve além de possibilitar a aprendizagem da leitura disponibilizar o hábito da leitura. Isto confirma as informações dadas anteriormente sobre a mudança que os livros sofreram na década de 20 e 30, quando os livros escolares passaram a despertar o gosto e o prazer pela leitura.

Evidenciando o despertar pelo gosto da leitura, o uso de lições, outra característica presente nesse período da primeira publicação, *Vida na Roça* apresenta lições que buscam despertar, também, o gosto pelas lições. O autor destaca que nesse livro e em *Saudade* são

ênfatisadas o gosto pela leitura e pelas lições. *Vida na Roça* e *Saudade* são livros divididos em partes, pequenos episódios, que podem ser lidos individualmente, e que formam uma história no conjunto. Para Thales “o livro de leitura escolar é um espelho mágico. Exerce larga e profunda influência na alma infantil (ANDRADE, 1933, p. 07).”

Nessa introdução o autor deixa claro que o livro *Vida na Roça*, assim como outros livros de sua autoria, são fontes de inspiração moral e nacionalizadora, onde há o estímulo moral, cívico e patriótico.

Mas todas essas discussões em torno do gosto de ler não são suficientes para o autor que deixa claro que o livro deve servir para os interesses da sociedade, para “collectividade”, pois a criança que estuda será o adulto do amanhã e precisa aprender para a vida que vão ter quando crescer. Ressalta-se aqui a idéia de educação como a salvação para os problemas da sociedade em vista a uma vida melhor para as pessoas. Segundo Carvalho (1989, p. 33), naquele momento havia a intenção de homogeneizar e disciplinar a população o que significou trazer para a educação a responsabilidade de transformar o povo em nação, contaminando a produção intelectual do período fazendo da educação, em particular das escolas, o campo para a reforma social.

O autor destaca assim que seu livro vai atender a atividade da agricultura pois é uma atividade essencial do mundo. “E todos sabemos ser a agricultura a pedra angular da economia da nossa terra (ANDRADE, 1933, p. 08)”.

O livro de leitura, para o autor, tem a função de orientar as crianças nas tendências e conveniências dos assuntos ecológicos. O autor está convicto de que alcançará o que deseja escrevendo e publicando seu livro, assim como já havia alcançado com *Saudade*. Nesse momento Thales sabe que seu livro *Saudade* despertou interesse e alcançou êxito entre os outros livros da época sendo muito elogiado.

Ele destaca ainda que a educação vem progredindo com novos processos de ensino, que para ele são processos mais fáceis, agradáveis e eficientes. O que o autor chama de novo processo de ensino são as idéias escolanovistas, presentes nesse período nas escolas brasileiras com mais intensidade, e destaca sendo “escola nova ou escola activa”. Neste momento o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova² já havia sido publicado e estava no apogeu de sua discussão. Assim, a indicação do autor de adesão ao movimento renovador o

² Refere-se a um documento escrito por 26 educadores, em 1932, com o título *A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo*. Circulou em âmbito nacional com a finalidade de oferecer diretrizes para uma política de educação.

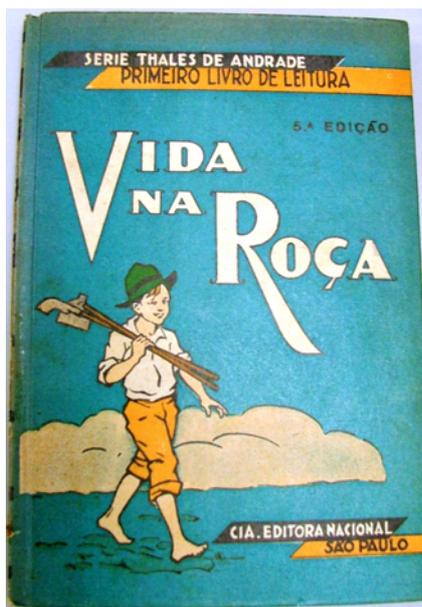
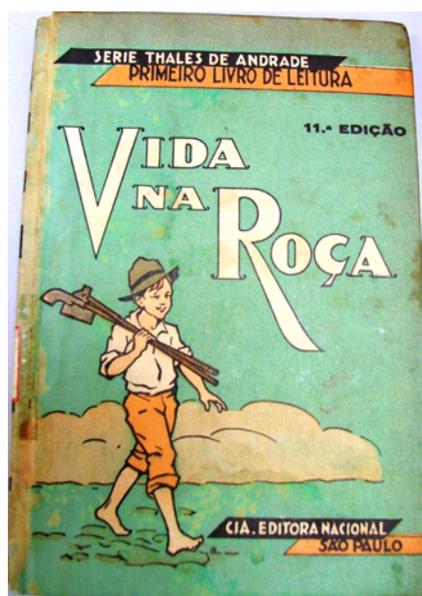
coloca na vanguarda, colaborando na difusão e aceitação de seu livro no meio educacional, sobretudo, no setor público de ensino.

Dessa forma, para Thales, o livro *Vida na Roça* é uma pequena contribuição para a renovação do ensino. Para o autor o livro de leitura com qualidade com finalidade do ensino da leitura deve atender e cumprir algumas exigências: despertar o gosto pela leitura, ser estímulo patriótico, moral e cívico e atender aos interesses da sociedade, nesse caso a agricultura.

O livro *Vida na Roça* é dividido em capítulo, ou episódios, e cada um tem um centro de interesse, ou seja, um assunto na ordem do desenvolvimento da história. Os assuntos, ou as lições, giram em torno de um assunto único, o milho, e tratam de seu cultivo, plantio, colheita e tem como personagens os meninos da escola, na roça.

O livro conta a história de Raul, um menino que mora no sítio com seus pais e leva uma vida simples juntamente com sua família e seus amigos. Ele brinca, vai à escola, ajuda seus pais no trabalho da roça e se diverte com seus amigos. Certa noite ele está brincando com seus amigos enquanto seus pais conversam e surge a idéia de plantar uma roça. Ele planeja, recebe auxílio e apoio de seu pai, prepara a terra, planta, cuida e colhe a sua pequena rocinha. Durante esse trabalho que ele considera também uma brincadeira e não somente um trabalho, ele leva uma vida normal. Recebe elogios de todos e a sua roça lhe rende dinheiro, servindo a sua dedicação como exemplo das pessoas de sua comunidade.

Cada episódio é acompanhado de sugestões, que são palavras-chave e frases no fim da página, destinadas aos professores. Como por exemplo: ruralização, educação moral, educação física, meteorologia agrícola, influências meteorológicas, física, química, agricultura, botânica, sementes, agrimensura, máquinas agrícolas, economia rural, trabalhos manuais, matemática, educação cívica, mecânica, tecnologia agrícola, economia doméstica, desenho, hidráulica agrícola, linguagem, arte culinária, ciências naturais, entre outras. Essas sugestões, o autor ainda explica na introdução, podem ser ampliadas em novos centros de interesse e destaca que no final do livro é exemplificado com um capítulo “Notas à margem”. No estudo do livro, e especialmente no exemplar analisado não aparece este capítulo.

FOTO 46: Capa do livro *Vida na Roça* – 5ª ediçãoFOTO 47: Capa do livro *Vida na Roça* – 20ª ediçãoFOTO 48: Capa do livro *Vida na Roça* – 11ª ediçãoFOTO 49: Capa do livro *Vida na Roça* – 17ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

Até esse momento são explicações referentes ao livro e estão na primeira divisão da introdução. Na segunda parte o autor Thales de Andrade destaca que, como professor da Escola Rural de Banharão em Jaú pode conviver com crianças que estudavam ali e trabalhavam na roça com seus pais. Para atender algumas sugestões dadas durante as aulas

naquela escola escreveu a lição chamada A Roça de Raul presente no livro *Saudade* e em *Vida na Roça* desenrolou essa lição e outras lições. O livro é composto de 58 lições que são retiradas e inspiradas na realidade de seus alunos na escola.

Nesse mesmo período em que estava na Escola Rural de Banharão, o professor Thales trabalhava no Grupo Escolar Modelo, anexo a Escola Normal de Piracicaba, na cidade de Piracicaba e sugeriu uma atividade nova às crianças: cultivar rocinhas de milho e feijão, hortas, cultivar batata no quintal de casa. Essa idéia, como ele mesmo conta na introdução do livro, deu certo, resultando no Clube Infantil de Horticultura, 300 novas hortas feitas pelas crianças e a Festa do Milho.

A terceira parte da introdução é composta por um único parágrafo que demonstra o desejo do autor de que o livro *Vida na Roça* desenvolva o interesse pela ruralização, e seja útil para a vida das crianças que vivem na roça e também àquelas da cidade. Para as crianças da cidade um novo interesse: o interesse pela agricultura; e para àquelas da roça, agregar diversão e trabalho na simpatia pelo cultivo do solo. O autor dá ênfase às questões da nossa terra, de uma identidade nacional, assim como o ruralismo.

Juntamente com o fenômeno do nacionalismo, também penetrou no pensamento educacional, mas não com tanta intensidade, o fenômeno do ruralismo, que influenciou parcialmente a legislação e as práticas escolares e que se constituía em uma ideologia de desenvolvimento. Tal fenômeno tem suas raízes no final do período monárquico e tornou-se mais forte e aparente nas décadas seguintes a 1930.

A biografia de Thales aponta a criação de fóruns de discussão sobre o ruralismo. Em particular, sobre a ruralização do ensino. Tal movimento, encampado por educadores como Sud Menucci³ e o próprio Thales de Andrade, levam à criação de escolas de formação de professores para as escolas rurais, como o caso da Escola Normal Rural Dr Melo Moraes, em Piracicaba, ligada à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – USP, instituição daquele município. Muitos aspectos do fenômeno do ruralismo e do nacionalismo cruzaram-se, ocorrendo principalmente quando o nacionalismo tratava da exaltação da “terra” e da gente brasileira. Assim, “terra” se traduziu em “produtos da terra” e tornou-se sinônimo de “agricultura”.

³ Sud Menucci era piracicabano. Formou-se pela Escola Complementar de Piracicaba e em 1910 iniciou carreira no Magistério. Foi Diretor do Ginásio Moura Santos em São Paulo/SP, fundou o Ginásio Paulistano, foi Diretor Geral do Ensino de São Paulo, em 1931. Destacou-se no comando e na fundação do Centro do Professorado Paulista (CPP), criado em 1930, e responsável pela direção da *Revista do Professor*, do CPP, que circulou entre 1934 e 1965; também era membro da Academia Paulista de Letras. Sud morreu em 1948. Informações extraídas de FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

É por esse caminho que a ruralização do ensino significou, na década de vinte, a colaboração da escola na tarefa de formar a mentalidade de acordo com as características da ideologia do “Brasil-país-essencialmente-agrícola”, o que importava, também, em operar como instrumento de fixação do homem no campo. (NAGLE, 1976, p . 234)

O livro é dividido em 58 episódios dispostos em 132 páginas do livro. Cada episódio apresenta um título que é uma palavra-chave extraída do texto e são acompanhados de uma figura que representa a história do episódio.

A seguir tem-se no quadro a relação dos títulos de cada episódio numerados na ordem que aparecem no livro:

Quadro 08: Títulos dos episódios do livro *Vida na Roça*

| | | |
|----------------------|-------------------|--------------------|
| No sítio | A chuva | Instrusos |
| Na roça | Plantação | Coruquerê |
| Brincar | Cantando | A lagarta |
| Grande... de verdade | Ouro | Pescando |
| Bem-te-vi | Peteca | Jaty |
| Felicidade | Mil e mais por um | Risada |
| Na labuta | Angu | A professora |
| Benedicto | Fubá | Na escola |
| Fi-firi-fi | Mionho | O primeiro quadro |
| Chocha, não! | Adivinhação | A última história |
| Leitoa | Jacaré | Sem-fim |
| “Mede-palmo” | Porcos | Hymno da colheita |
| O papagaio | Revista | Festa da colheita |
| Soldadinho | Sonho | Ganhar...brincando |
| Enxadinha | Chuvarada | Espelho |
| Lavrando | Matto | Rumo ao campo |
| Cartaz | O muxirão | - |
| O bando | Flores | - |
| Ensaio | Taboada | - |
| Chuva | Satisfação | - |

As questões abordadas nas sugestões dos episódios referem-se diretamente ao tema tratado naquele episódio e dividem-se em diferentes assuntos: educação moral, tecnologia, agricultura, educação física, matemática, entre outros. O livro trata dos assuntos referentes à vida agrícola e plantações. Os assuntos escolares são decorrentes das informações e necessidades da situação de plantar uma roça.

Na história desenvolvida no livro todo, percebe-se que há uma seqüência de como se plantar, cultivar e colher uma roça com sucesso, tornando o livro como um pequeno manual agrícola decorrente e pertencente à história da vida de Raul com a pretensão de despertar o gosto pelo trabalho agrícola.

Cada episódio tem um início, um meio e um fim, podendo ser lidos e trabalhados individualmente. São episódios curtos, ocupando no máximo 3 páginas, com exceção do último episódio que ocupa 8 páginas do livro.

Estrategicamente o autor chama a atenção do seu leitor introduzindo em cada episódio um assunto de interesse e que causa curiosidade às crianças, como por exemplo, os episódios O Papagaio, Pede-Palmo, Leitoa, entre outros e depois ele insere o assunto do cultivo agrícola.

O livro *Vida Na Roça* trata de assuntos rotineiros da vida das pessoas da zona rural, as palavras e a maneira como o narrador narra a história são tipicamente reconhecidas, e sugere que pode ser lido e oferecido às crianças de escolas rurais.

Constam no desenvolvimento da história 9 poemas: *Na Roça*, escrito por Cornélio Pires; *Na Labuta*, *Cantando* e *Hymno da Colheita* todos de autoria de Honorato Faustino⁴; *Enxadinha*, que não há informação do autor; *A Chuva*, escrito por João Kopke⁵; *O Muxirão*, de Antonio Faria, *A Lagarta* de Dulce Carneiro e *Rumo ao Campo* de autoria de Mello Ayres⁶. Todos os poemas estão intercalados entre os episódios e interagem com os assuntos dos episódios.

⁴ Honorato Faustino nasceu em Itapetininga/SP em 17/02/1867. Diplomou-se em 1889 pela Escola Normal de São Paulo. Trabalhou na Escola de Bairro da Chapada, 3ª Escola de Itapetininga e Escola Modelo Peixoto Gomide em Itapetininga. Em 1897 foi convidado a assumir a direção da Escola Complementar de Piracicaba permanecendo até 1911, sendo nomeado para a Escola Normal Primária de Piracicaba dirigindo-a até 1928. Em 1928 foi nomeado diretor da Escola Normal da Praça da República. Aposentou-se em 1930.

⁵ João Kópke nasceu em Petrópolis-RJ em 1852 e morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 1926. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1878, abandonou a magistratura e passou a se dedicar ao magistério. Foi diretor de colégio, professor de diferentes matérias; escreveu cartilhas e livros de leitura, artigos para revistas e jornais e peças de teatro; traduziu textos pedagógicos e histórias infantis; foi jornalista, polemista, crítico e conferencista. Informações extraídas de: RIBEIRO, Neucinéia Rizzato. Um estudo sobre a leitura *analytica* (1896), de João Kopke. In: *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 5, n. 1/2/3, p. 12-29, 2005.

⁶ Elias Mello Ayres era Lente de Língua Vernácula e Caligrafia na Escola Normal de Pirassununga. Com a Reforma de 1920 ele foi transferido para a Escola Normal de Piracicaba onde teve um artigo intitulado *Questões de Ensino* publicado na *Revista de Educação*, n. 03, vol. II, de dezembro de 1922, segundo informações contidas em: INOEU, Leila Maria. *Divulgando "Novos" Ideais de Formação Docente: a Revista de Educação (1921-1922)*. Trabalho de Conclusão de Curso, FFC-UNESP, Marília, 2007.

Os poemas são uma particularidade e uma característica de Thales de Andrade: o autor escolhe autores renomados complementando a sua obra. Os poemas, em sua maioria, apresentam rimas que indicam musicalidade e descontração presentes no livro.

O autor caracteriza a vida das pessoas que moram no sítio, como é a rotina dessas pessoas, repete diversas vezes que o entardecer é algo que pertence somente às pessoas do campo, pois ali é o lugar privilegiado para ver as belezas simples, singelas e puras do entardecer. Para Thales essas questões estão muito próximas de sua realidade enquanto professor de escola rural, podendo compartilhar, por meio de seu livro, um pouco da vida do campo. Diferentemente da vida nas cidades, a calma, o aconchego e o sossego são características da vida no campo. São comuns entre as famílias de sítio as conversas no entardecer enquanto as crianças brincam.

ESPELHO: A HISTÓRIA DE JOÃOZINHO E AS ANEDOTAS DE MANDUCA

O livro *Espelho* do autor Thales Castanho de Andrade estudado nesse tópico é a 1ª edição publicada pela Companhia Editora Nacional em 1928 (a capa dessa edição é a foto 06). Neste livro a história é dividida em 53 episódios, alguns são narrações do próprio autor e outros são 12 poemas de diversos autores.

Ao iniciar a leitura do livro *Espelho* o leitor espera ter mais uma história que se desenvolve abundantemente em informações e as diversões vividas pelo personagem principal, mas surpreende-se ao perceber que o primeiro episódio introduz a história de *Espelho*, e só é concluída a partir do 52º episódio. Entre estes episódios desenvolve-se o livro com as histórias de Joãozinho e as anedotas de Manduca.

Todo o livro é dividido em pequenos episódios, que traz um tema em cada um, podendo ser lidos individualmente, mas que se complementam e formam a história no todo. Cada episódio que nesse livro pode ser chamado de lição - apresenta um título que precede um tema exposto no início de cada página. Como por exemplo, na página 10 o tema escolhido pelo autor é A Nossa Feição, e o título é O Espelho.

No livro *Espelho* a história desenvolve-se por meio das histórias que Joãozinho conta na roda de crianças, ele que veio da roça para a cidade é muito querido por todos, e pelas histórias de Manduca, também muito estimado pelas crianças.

Cada poema apresenta uma figura que representa o que o texto traz como tema principal, e no decorrer do livro aparecem outras figuras em algumas páginas.

Segue um poema extraído do livro.

1 – CANTIGAS

Estes pequenos conselhos,
A gente, lendo, decora,
São claros como os espelhos,
Fulgentes como uma aurora.

Sede bons pelo caminho
Da vida - cheia de dor,
Que o vosso coraçãozinho
Será melhor que uma flor.

Julio Prestes. (ANDRADE, 1928, p. 09)

Os poemas que aparecem no decorrer do livro demonstram, novamente com em outros livros do autor, sua intenção de musicalizar os episódios, complementando as historietas e descontraindo ao mesmo tempo. Os poemas aparecem intercalados no decorrer do livro e são destacados a seguir: *Cantigas* de autoria de Julio Prestes⁷; *O Anum*, de Dulce Carneiro⁸; *O Trabalho*, de T. Pessanha; *Quem lerá?*, de Dulce Carneiro; *Que é uma coisa que...*, de Presciliana Duarte; *Nossa Árvore*, de tradução de Arnaldo Barreto⁹; *O Garoto*, de Francisca Julia e Julio Cezar da Silva; *Sacy*, de Joaquim Queiroz Filho; *Boa Marca*, (Do Folk-

⁷ Julio Prestes de Albuquerque nasceu em Itapetininga/SP, em 15 de março de 1888. Formado bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, advogando em São Paulo. Posteriormente foi eleito deputado estadual, renovando-se por cinco legislaturas seu mandato. Realizou trabalho, principalmente como presidente da Comissão de Finanças. Deputado federal de 1924 a 1927. Foi eleito para presidente do Estado de São Paulo, em 1927, concluindo as obras do Palácio da Justiça, construindo o Parque Industrial na Água Branca, fundando o Instituto Biológico e projetando o Hospital das Clínicas. Todas as secretarias passaram por reformas. Eleito presidente da República, não tomou posse devido a revolução de Getúlio Vargas em outubro de 1930. Faleceu em São Paulo - Capital, no dia 09 de fevereiro de 1946. Disponível em:

<http://www.dicionarioderuas.com.br/LOGRA.PHP?TxtNome=PRAÇA%20JÚLIO%20PRESTES&dist=67&txtusuario=&%20TxtQuery=1>

⁸ Dulce Carneiro nasceu em Xiririca, atual Eldorado Paulista, em 25 de dezembro de 1870. Professora normalista dedicou-se, durante cerca de trinta anos, ao magistério. Poetisa e educadora, na sua bibliografia inclui-se as obras "Meu Caderninho", "Lições Rimadas" e "Revoada". Faleceu no dia 17 de maio de 1942. Disponível em:

<http://www.dicionarioderuas.com.br/LOGRA.PHP?TxtNome=AVENIDA%20DULCE%20CARNEIRO&dist=72&txtusuario=&%20TxtQuery=1>

⁹ Arnaldo de Oliveira Barreto nasceu em Campinas/SP em 12/09/1869. Diplomou-se pela Escola Normal em 1891 e faleceu na cidade de São Paulo, em 1925. Iniciou seus estudos no Collégio Morton, em Campinas. Formou-se em 1891 pela Escola Normal de São Paulo. Em 1894, passou a reger uma das classes da Escola-Modelo do Carmo, anexa à Escola Normal de São Paulo. Em 1896 reorganizou o grupo escolar de Lorena/SP. No período de 1902 a 1904, Barreto foi redator-chefe da *Revista de Ensino*. No período de 1915 a 1925, organizou a Coleção Biblioteca Infantil, da Companhia Melhoramentos/SP. Nos anos de 1924 e 1925 ocupou o cargo de diretor da Escola Normal da Praça da República. FONTE: Bernardes, Vanessa Cuba. Um estudo sobre Cartilha Analytica, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925). In: *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Vol. 8, nº 1, 2008.

lore); *O Automóvel*, de Honorato Faustino; *Poupemos*, de Dulce Carneiro; e *Nosso Porvir*, de F. Haroldo e A. F. de Castilho.

Espelho foi aprovado e adotado pela Diretoria de Instrução Pública de São Paulo e indicado como 1º livro de leitura para as crianças das escolas brasileiras.

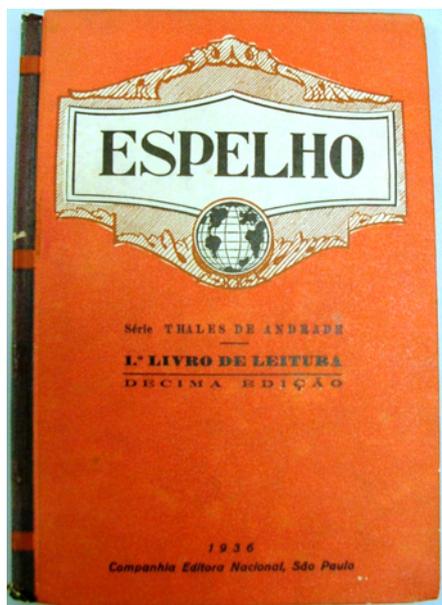


FOTO 50: Capa do livro *Espelho* – 10ª edição

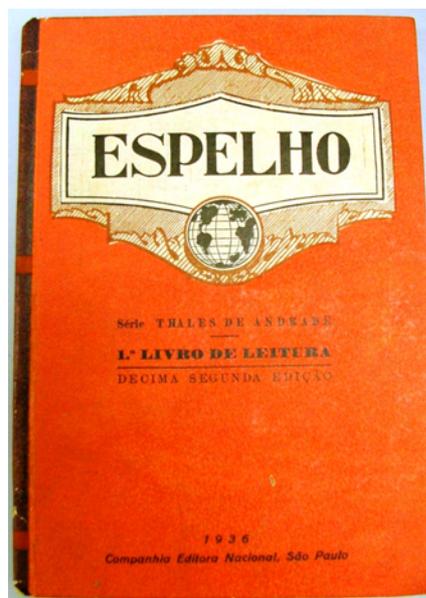


FOTO 51: Capa do livro *Espelho* – 12ª edição

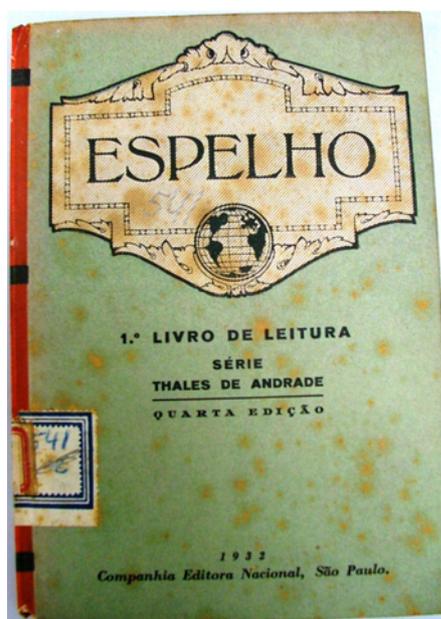


FOTO 52: Capa do livro *Espelho* – 4ª edição

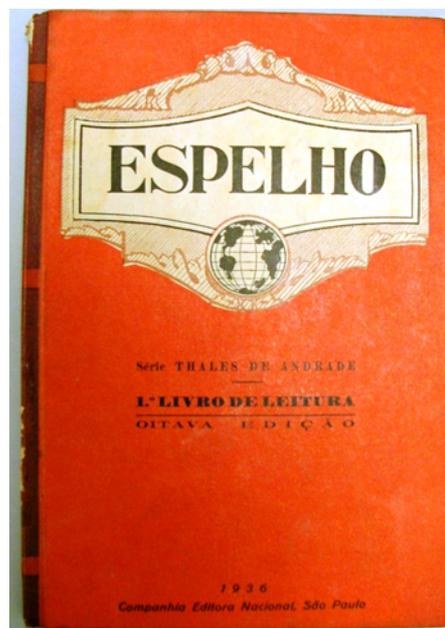


FOTO 53: Capa do livro *Espelho* – 8ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional – SP

A história de Juquinha enfatiza que é importante a aparência das pessoas, faz bem ser bem afeiçoado, limpo, vestido de maneira decente, pois o que se enxerga também caracteriza como é a pessoa. Este tema é indicado na primeira lição e destacado no decorrer do texto em diversos episódios. Outro aspecto destacado nos episódios é a linguagem popular evidenciado nas palavras utilizadas pelo autor.

Lendo o *Memorial de Piracicaba*, do piracicabano Cecílio Elias Netto, há indícios de que o personagem Joãozinho que circulava nos livros do autor Thales de Andrade é uma homenagem a um cidadão de Piracicaba. Trata-se do Sr. João Chiarini¹⁰ que na década de 1922, apenas um menininho, ele “atazanava” a vida dos adultos querendo saber tudo, perguntando coisas, aprendendo tudo o que Thales falava. (NETTO, 2000, p. 165)

Os personagens do livro *Espelho* são:

Quadro 09: Personagens do livro *Espelho*:

| |
|---------------------------------|
| Juquinha – personagem principal |
| Ângelo |
| Joãosinho da roça |
| Manduca |
| Lucilia – irmã de Juquinha |
| Nenê – irmão de Juquinha |
| D. Elisa – mãe de Juquinha |
| Pedro – amigo de Juquinha |
| Florinda – amiga de Lucilia |
| Alfredo |
| Tio Procópio |

Os títulos dos episódios estão relacionados no quadro abaixo, numerados na ordem que aparecem no livro:

¹⁰ João Chiarini era Piracicabano, nasceu em 1919 e faleceu em 1988. Foi um dos maiores folcloristas brasileiros e criador do Centro de Folclore de Piracicaba em 30 de maio de 1945. Chiarini dedicou-se à imprensa e rádios locais, escrevendo e discorrendo as artes piracicabanas e tradições populares. O jornal "A Gazeta", de São Paulo, abriu espaços para Chiarini escrever sobre folclore a partir de agosto de 1948 até 1951. Disponível em: <http://www.aprovincia.com/padrao.aspx?texto.aspx?idContent=4622&idContentSection=742>

Quadro 10: Títulos dos episódios do livro *Espelho*:

| | | |
|------------------------|------------------------|------------------------------------|
| Cantiga | Que é uma cousa que... | Língua de vaca |
| Espelho | O boneco | Na escola |
| Os olhos | Animaes úteis | As doenças |
| Joãozinho da Roça | A mangueira | Os automóveis |
| O moleque e o relógio | Nossa arvore | O automóvel |
| O anum | O xuxú eo feijãosinho | Carrapicho |
| Manduca | Anedoctas | Anedoctas |
| Anedoctas | Um desmazelado | Dinheiro |
| Retratos | Aflicções | Objectos, casa, fazenda e dinheiro |
| Antes da chuva | Lastimável | Nossa roupa |
| O piolho e o percevejo | O garoto | Poupemos |
| O remorso | O beija-flor | A cascavel e o pernilongo |
| Figuras | O mal | O bem |
| Quem será? | Sacy | Nosso porvir |
| Espinhos | Menino zeloso | O que disse um livro |
| Emendar-se | Serenidade | Dias passados |
| Pinhé...é...é | Felicidade | |
| A aza da xícara | Boa marca | |

Neste livro o autor traz no desenvolvimento da história aspectos decorrentes de uma boa educação, de moral e bons costumes, como por exemplo, os bons e maus hábitos, asseio corporal, cuidado com a mente e a alma, cuidado com os pertences pessoais, a importância de ajudar os pais, estudar, cuidado com o que não é da gente, entre outros aspectos destacados no texto.

No livro não há questionários ou questões para discussão. Apenas os episódios que compõem a história e os poemas.

CAMPO E CIDADE: A HISTÓRIA DE MARIO CONTINUA...

Diferentemente dos outros livros da Coleção, o livro *Campo e Cidade* teve somente uma edição em 1964 publicado pela Companhia Editora Nacional. Para analisar, obviamente, utilizei a 1ª edição encontrada entre os livros da Biblioteca da Escola Normal de Piracicaba. Havia dois exemplares na Biblioteca em estado de péssima conservação, rasgados, com folhas caindo, mas que podem ser lidos e estudados, apenas necessitando de restauração. Trata-se de um livro que pode ser encontrado apenas em bibliotecas e poucos acervos históricos, sem novas edições ou reimpressões e que não está mais à venda em livrarias e, como já constatei durante a pesquisa, não é encontrado no acervo histórico da própria editora.

O livro é composto de 103 pequenos episódios - cada um com um título que indica a idéia principal daquele episódio - distribuídos em 206 páginas. Aleatoriamente colocados no texto há 4 poemas que caracterizam uma intenção melodiosa e particular do autor em estabelecer relações entre a poesia e o texto, tornando-o mais descontraído e musical. O primeiro encontrado é de autoria de Maria E. Celso, e o segundo é de Sólon Borges dos Reis¹¹, ambos sem título, com apenas uma estrofe. O terceiro poema intitula-se *A Escola Rural* de autoria de Túlio de Castro e o quarto poema, colocado na página 203, no fim do livro, intitula-se *Saudade* do autor Bastos Tigre.

A história do livro *Campo e Cidade* causa, inicialmente, muita curiosidade. Trata-se da continuação da história de Mário, personagem principal do livro *Saudade*, publicado pela primeira vez em 1919. Os detalhes da história de Mário, em *Saudade*, sobre a vida cotidiana do menino, dos lugares por onde passou, viveu e estudou descrevia a cidade de Piracicaba, e contribuía para que o leitor local identificasse a história como verdadeira, considerando, muitas vezes, como a história da vida do próprio autor do livro. No entanto sabe-se que não se trata, pelo menos nada indica e não há semelhanças concretas da vida do

¹¹ Sólon Borges dos Reis, era natural de Casa Branca, no Estado de São Paulo, tendo nascido em 27/6/1917, professor e ex-deputado, formou-se em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (SP), fez cursos em outras áreas, como Sociologia e Política, e teve seu trabalho voltado ao ensino em São Paulo. Manteve em sua trajetória profissional e política a continuidade de um trabalho iniciado em 1947, quando assumiu a presidência da União Paulista de Educação e seus serviços prestados à educação no Estado de São Paulo lhe renderam cinco mandatos de deputado estadual. Ele permaneceu na Assembléia Legislativa por 20 anos, de 1959 a 1979. Publicou 19 livros e recebeu prêmios pela atuação como escritor e jornalista. Nos últimos anos dedicou-se ao Instituto de Estudos Educacionais Sud Mennucci (Ineste), cujo objetivo é proporcionar maior qualificação cultural e pedagógica aos professores e às escolas. Disponível em: <http://74.125.47.132/search?q=cache:mbyK0DWUWSEJ:www.ptb.org.br/%3Fpage%3DConteudoPage%26cod%3D1322+ro+sario+luigli+solon+borges+dos+reis&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

autor e do menino, não se comprovando essa questão. Em *Campo e Cidade*, continua a saga de Mário agora moço e com outros episódios a contar.

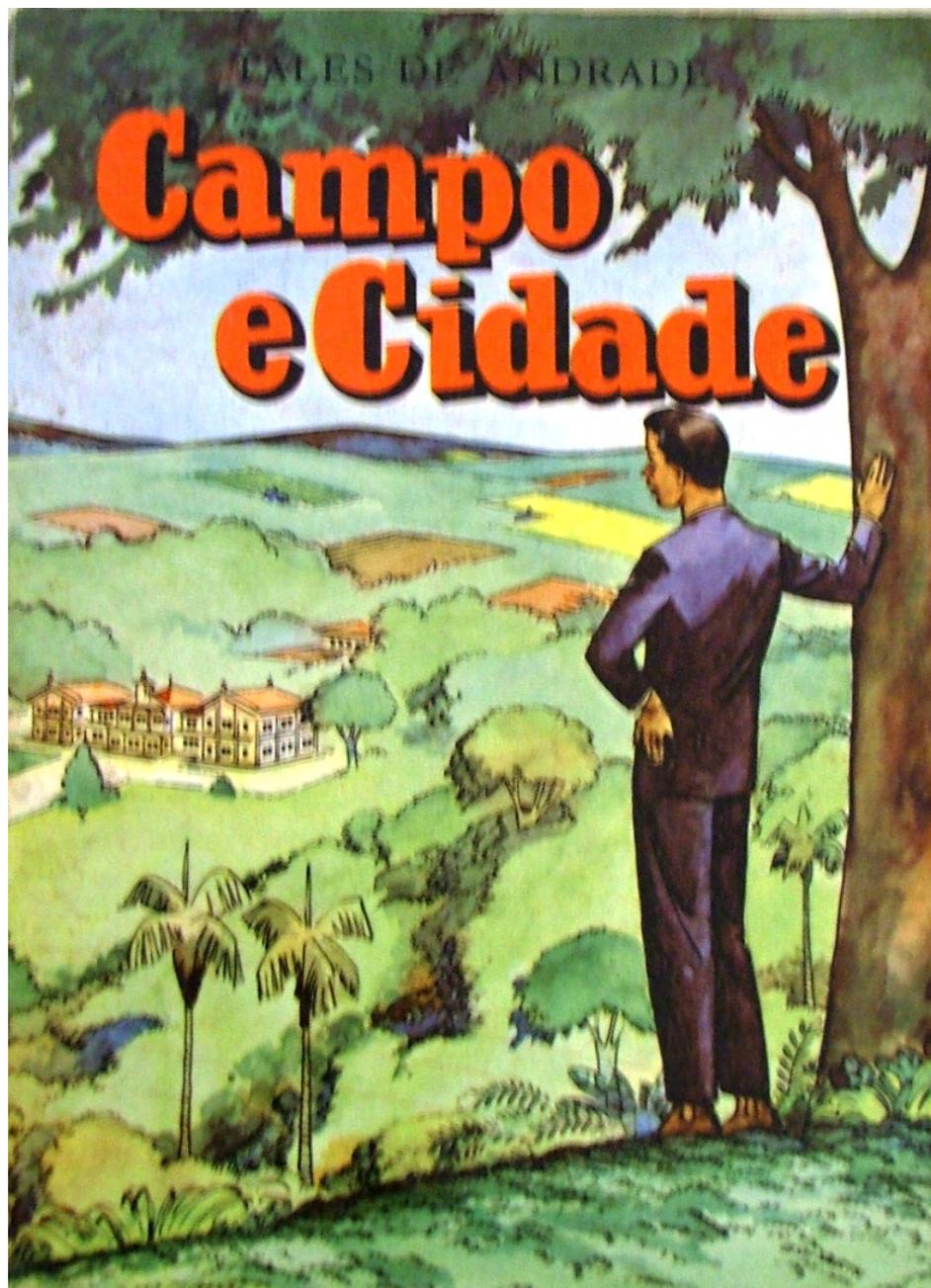


FOTO 54: Capa do livro *Campo e Cidade* – 1ª edição
FONTE: Museu Prudente de Moraes de Piracicaba

No início do livro o autor, na voz do personagem Mário, explica ao leitor que o livro *Campo e Cidade* “é a história da minha vida juvenil, quando deixei Congonhal para estudar na Escola Agrícola Luiz de Queiroz, enquanto Saudade era a história de sua vida de menino.

No livro, Mário deixou sua casa na fazenda para estudar Agronomia na Escola Agrícola Luiz de Queiroz em Piracicaba, viajando de trem pra chegar ao seu destino, precisou primeiramente ser aprovado para entrar no curso. Mário ficava em uma pensão na cidade e recebia visitas, também fazia suas visitas aos pais e amigos. Seu cotidiano estava cercado de amigos e da Escola, das saudades de casa e da expectativa de cursar a faculdade. No desfecho do livro o entusiasmo de Mário se concretiza, ele é aprovado para cursar Agronomia, deixando-o muito feliz.

Pode ser observada no livro, a foto do laboratório e outra foto dos alunos na aula prática em laboratório na Escola Agrícola Luiz de Queiroz. A ilustração não foi criada por um ilustrador ou representa uma situação imaginária, é uma foto e descreve a realidade numa história fictícia contada por Thales. Nesse momento imaginação e realidade se unem para dar a identidade ao livro e sua história.

Os personagens do livro são:

Quadro 11: Personagens do livro *Campo e Cidade*

| | |
|------------------------------|------------------------------|
| Mário – personagem principal | Violeta – prima |
| Raimundo - pai | Áurea – prima |
| Emilia – mãe | Alfredo – dono da pensão |
| Rosinha - irmã | Dona Marina – dona da pensão |
| José Rafael – amigo | Professor Justino |
| José Eduardo – amigo | Juvenal - primo |
| Tonico – tio | Sr. Pontes |
| Juventina - tia | |

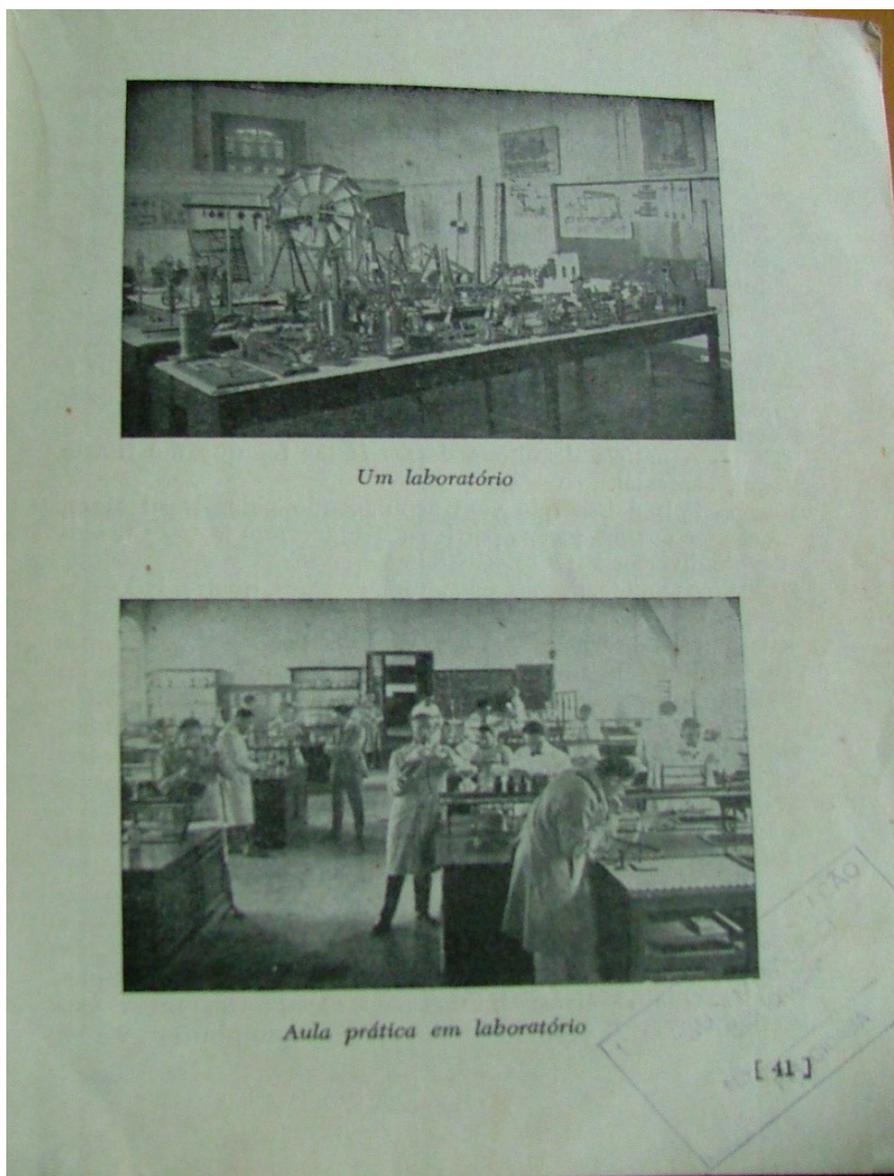


FOTO 55: Foto das dependências da Escola Agrícola Luiz de Queiroz

FONTE: ANDRADE, Thales Castanho de. *Campo e Cidade*. 1 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. p. 41.

A seguir tem-se a relação dos títulos de cada episódio seguindo a ordem que aparecem no livro:

Quadro 12: Títulos dos episódios do livro *Campo e Cidade*

| | |
|-----|----------------------|
| 1. | Prefácio |
| 2. | Adeus |
| 3. | De longe |
| 4. | Tal qual |
| 5. | Pela estrada |
| 6. | Rente água |
| 7. | Matão |
| 8. | A nossa espera |
| 9. | Votos de felicidade |
| 10. | Promessas |
| 11. | Presentes |
| 12. | Amabilidades |
| 13. | O Embarque |
| 14. | Um lenço |
| 15. | Chique |
| 16. | Recomendações |
| 17. | Da janelinha |
| 18. | Vocações |
| 19. | Também |
| 20. | De automóvel |
| 21. | Na pensão |
| 22. | Encantamento |
| 23. | Informações |
| 24. | Escola Agrícola |
| 25. | Professor Justino |
| 26. | Piracicaba |
| 27. | Confiança |
| 28. | Sozinho |
| 29. | Meu quarto |
| 30. | Arranjos |
| 31. | “Fortuna” |
| 32. | Mesada |
| 33. | Base |
| 34. | Estréias |
| 35. | Trio |
| 36. | Conhecidos |
| 37. | O carteiro |
| 38. | Enganos |
| 39. | Viver no campo |
| 40. | Em penca |
| 41. | As cartas |
| 42. | Respostas |
| 43. | Um caixote |
| 44. | Estudos |
| 45. | Estudantes Agrícolas |
| 46. | “Bichos” |
| 47. | “Trote” |
| 48. | Temporão |
| 49. | Proveito |
| 50. | Ensaio |

| | |
|------|------------------------|
| 51. | “Afortunada” |
| 52. | “Chapéu-de-palha” |
| 53. | Contribuição do campo |
| 54. | Contribuição da cidade |
| 55. | O meu travesseiro |
| 56. | “Flor sem ramo” |
| 57. | “Ramo sem flor” |
| 58. | Gêmeos |
| 59. | Êpa! |
| 60. | Fascinações |
| 61. | Dúvida |
| 62. | Pouco caso |
| 63. | Patife! |
| 64. | Para todos |
| 65. | Retratos |
| 66. | Contentamento |
| 67. | Coincidência |
| 68. | João e Joaquim |
| 69. | Luiz de Queiroz |
| 70. | De folga |
| 71. | Afobação |
| 72. | Pressa |
| 73. | Em casa |
| 74. | Sinfonia do arvoredo |
| 75. | Reencontros |
| 76. | Homenagem |
| 77. | Certeza |
| 78. | Recuperação |
| 79. | Flores |
| 80. | Juntos |
| 81. | Desdita |
| 82. | Consolo |
| 83. | Felicidade |
| 84. | Visitas e retribuições |
| 85. | Ainda |
| 86. | Progresso |
| 87. | Veneração |
| 88. | Salvo |
| 89. | A Escola Rural |
| 90. | Vaticínios |
| 91. | Baliza |
| 92. | Revisão |
| 93. | Ano Novo |
| 94. | Em exame |
| 95. | Chamado |
| 96. | Comparecimento |
| 97. | As terras nossas |
| 98. | Em algum dia |
| 99. | Aprontações |
| 100. | Festançazinha |

| | |
|------|------------------------|
| 101. | Daí |
| 102. | Saudade |
| 103. | As cidades e os campos |
| 104. | Agradecimentos |
| 105. | Do mesmo autor |

Como em *Saudade*, em *Campo e Cidade* a cidade de Piracicaba aparece muitas vezes em detalhes e o leitor pode perceber e reconhecer muitos lugares, descritos no decorrer da história. Também aparecem em detalhes e ilustrações a Escola Agrícola Luiz de Queiroz, atual ESALQ.

Conforme vimos, estes quatro livros da Coleção, analisados neste capítulo, tem como eixo central convencer o leitor de que viver no campo é bom se vivido com alegria na convivência com as outras pessoas e nas atividades executadas nesse meio. São livros estruturados diferentemente. Em *Saudade* e *Campo e Cidade* enfoca-se a necessidade de estudar para melhorar a vida no campo, buscando os meios para a qualidade do trabalho agrícola e conseqüentemente no cotidiano das pessoas. Torna-se possível, assim, permanecer no campo. Em *Vida na Roça* o texto enfatiza o prazer de realizar o trabalho no campo. No livro *Espelho* enfatiza-se a descontração e o gosto pelas historietas contadas pelos sujeitos do meio rural, comum nas comunidades agrícolas, e o envolvimento dos personagens do campo no cotidiano das pessoas. No entanto, a estrutura de cada um é semelhante, sobretudo quanto a inclusão de poemas e a independência aliada a continuidade presentes nas historietas que permitem ao leitor ler uma por vez sem perder o sentido.

CAPÍTULO 5

A CONFORMAÇÃO MORAL, SOCIAL E CULTURAL: OS LIVROS
TRABALHO, ALEGRIA E A CARTILHA LER BRINCANDO

Se suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores.
(Luís de Camões)

Levando em consideração os dois tipos de conformação do leitor, proposto no início do capítulo 4, no presente capítulo a preocupação é quanto as formas pelas quais parte da Coleção se ocupa em levar hábitos urbanos ao meio rural, em outras palavras, urbanizar o campo.

Neste texto há a continuidade do desenvolvimento das idéias referentes ao processo que o livro adquire sentido, considerando as relações estabelecidas entre o texto, o suporte e a prática, destacadas por Chartier (1990, p. 126-127). Apresenta-se a análise do conteúdo textual dos livros *Trabalho, Alegria* e a Cartilha *Ler Brincando*, situando o texto no campo da história do livro no Brasil.

A escolha e agrupamento destes três livros obedeceram ao critério de que as características implícitas e explícitas nos conteúdos dos livros indicavam uma tendência de exaltar a vida no campo e civilizar o homem daquele meio com um modelo urbano, buscando a dignidade no trabalho organizado, na escola e na educação.

Segundo Chartier (1990, p. 122) para entender as relações estabelecidas entre o que o autor escreve, a passagem do livro pela decisão editorial e a impressão mecânica, e a leitura produzida pelo leitor (que nem sempre são aquelas pretendidas pelo autor) constroem o sentido da história do campo pesquisado.

A leitura é um aspecto fundamental para o consumo dos livros. Perante uma sociedade escrita os textos são formas organizadas e têm o poder de modificar e organizar e coisas e reformar as estruturas. Neste binômio, segundo Certeau pode ser englobado leitura e escrita. A escola, por sua vez, veio unir este binômio: por isso há a necessidade de interrogar

o papel da escola enquanto veículo condutor da leitura quando se fala da produção e consumo dos livros (CERTEAU, 1994, p. 263).

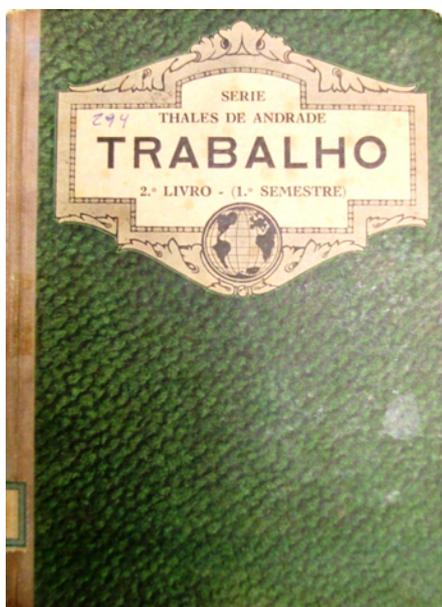
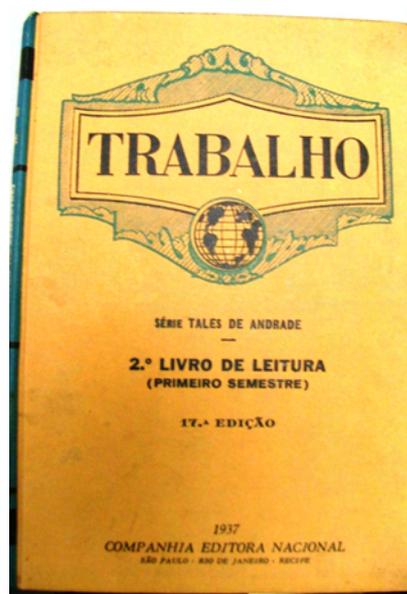
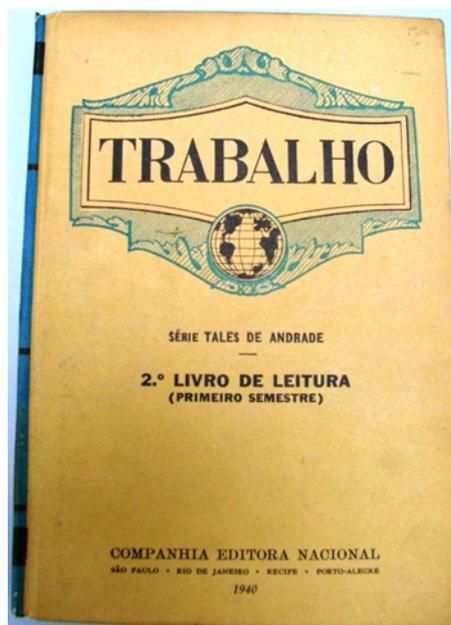
No Brasil, especialmente a partir da proclamação da República, o desenvolvimento da instrução pública, a criação de escolas primárias e de formação de professores e o uso de livros-texto na atividade didática possibilitaram condições para o surgimento de uma literatura escolar, constituída de livros traduzidos e/ou produzidos por brasileiros, dedicados à infância, no entanto, para o uso vinculado à escola, com a finalidade de ensinar valores morais e sociais, de forma agradável.

TRABALHO: A HISTÓRIA DE PEDRINHO CONTADA POR ELE MESMO

Para estudar o livro *Trabalho* do autor Thales Castanho de Andrade escolhi a edição datada do ano de 1930, publicado pela Companhia Editora Nacional. Analisando a ficha editorial do livro constatou-se que a terceira edição é de 1931. No entanto não há a informação do ano de publicação da 1ª e 2ª edição. Durante visita ao acervo da editora constatei que a edição mais antiga disponível para pesquisa traz na sua folha de rosto a informação que se trata de uma edição do ano de 1930, logo se trata da 1ª ou 2ª edição do livro.

O livro é dividido em pequenos episódios cada um com um título retirado da idéia principal de cada historieta, formando o livro na totalidade, mas que podem ser lidos individualmente. Apresenta poucas ilustrações nas páginas, esporadicamente distribuídas no decorrer do livro e que representam, muitas vezes, algum fato das historietas. O livro não apresenta questionários, perguntas ou questões nos episódios como ocorre em outros livros de leitura escolar.

Na folha de rosto do livro constata-se que o narrador do livro é o personagem principal, Pedrinho, que conta sua própria história, demonstrando uma característica do autor de chamar a atenção do leitor para o próprio texto e dar um aspecto real ao texto, conduzindo a leitura para uma identificação com os assuntos, temas, aspectos e fatos da história. Com isso busca dar ao seu livro uma diferenciação dos demais livros de leitura que tratam de assuntos abstratos e que não são interessantes para as crianças leitoras. Em destaque a citação do autor: “Trabalho” este livro é a história de Pedrinho contada por ele mesmo” (ANDRADE, 1930, p. 02).

FOTO 56: Capa do livro *Trabalho* – 1ª ediçãoFOTO 57: Capa do livro *Trabalho* – 17ª ediçãoFOTO 58: Capa do livro *Trabalho* – 19ª ediçãoFOTO 59: Capa do livro *Trabalho* – 24ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editor Nacional – SP

No livro há uma página exclusiva para informar que a ilustração do livro é de Octaviano Prestes. Porém, não foi possível encontrar informações sobre o ilustrador que pudessem esclarecer dúvidas quanto sua origem e importância no cenário ilustrativo dos livros. Assim, também, não há como saber o porquê da exclusividade de se ter uma página para o nome do ilustrador.

O livro inicia com uma poesia intitulada *Hymno do Trabalho*, de autoria de Antonio Feliciano de Castilho, demonstrando mais uma característica de Thales de Andrade, a de incluir poesias de outros autores em seus livros, dando um ar descontraído e trazendo musicalidade ao texto, pois muitos destes poetas colocam rimas nas poesias encontradas nos livros de Thales.

A história contada por Pedrinho no livro *Trabalho* é segundo o autor a sua própria história: era final de ano e todos estavam fazendo compras nas lojas para comemorar o ano novo. Pedrinho não ganhou nada naquele Natal, somente sua família ganhou uma rosca do padeiro no primeiro dia do ano porque Pedrinho era amigo de Zezé, filho do padeiro. Sua família morava numa casa muito simples e pequena, o seu pai tinha uma carroça de aluguel e vendia capim e ele o ajudava, e sua mãe cuidava de casa. Como sua mãe já tinha sido lavadeira, Pedrinho era chamado de filho da lavadeira, o que o incomodava muito, ao mesmo tempo que o alegrava pois lembrava que seus pais eram esforçados e trabalhadores honrados. Elvira era sua irmã que gostava de trabalhar no quintal e na horta. Pedrinho estava feliz naquele começo de ano, ganhou de seu padrinho um terno e uma botina, cortou os cabelos e passeou pela cidade olhando os presépios nas casas. Pedrinho estudava no período da noite e de dia ajudava seus pais. Naquele ano esforçou-se muito: chegando a Páscoa ele já vendia capim e leite de cabra e podia ter seu próprio dinheiro. Ele também se divertia com seus amigos, nas festas de carnaval e em outras festas que iam. A história de Pedrinho termina bruscamente com uma história contada por ele de que achou um pacote com muito dinheiro e ficou rico. A impressão que se tem nesse momento que é o fim, um desfecho para o livro, no entanto na última página Pedrinho avisa que se trata de uma brincadeira de 1º de Abril, que o livro chegou ao fim, mas a história dele não, e continua no livro *Trabalho na Oficina*.

Os personagens do livro *Trabalho* são:

Quadro 13: Personagens do livro *Trabalho*

| |
|---|
| Pedrinho – personagem principal |
| Domingues – Pai de Pedrinho |
| Olívia – Mãe de Pedrinho |
| Elvira – irmã de Pedrinho |
| Chico Bóia – padeiro |
| Zezé – amigo de Pedrinho – filho do padeiro |
| Doutor Santos e seu filho Sérgio |
| Nhô Tico |
| Virgílio – padrinho de Elvira |
| Antonio Meira – padrinho de Pedrinho |

| |
|---|
| Aldo – alfaiate |
| Furlani – sapateiro |
| Sr. Raul – barbeiro |
| Octavio – amigo de Pedrinho – vendedor de leite |
| Tito - amigo de Pedrinho |
| Vinagre – cachorro do Tito |
| Alfredo – professor de Pedrinho |

A história de Pedrinho em *Trabalho* divide-se em 63 episódios dispostos em 202 páginas do livro. A seguir têm-se no quadro abaixo a relação dos títulos de cada episódio numerados na ordem que aparecem no livro:

Quadro 14: Títulos dos episódios do livro *Vida na Roça*

| |
|------------------------|
| 1. Fogo! |
| 2. Brinquedos |
| 3. Anno Bom |
| 4. Boas Festas |
| 5. Ao café |
| 6. Na rua |
| 7. Acontecimento |
| 8. Carroceiro |
| 9. Carreto |
| 10. Forragem |
| 11. Proveito |
| 12. Companheiras |
| 13. Contratempo |
| 14. Sem officio |
| 15. Amizade |
| 16. Mamãe |
| 17. Araquá |
| 18. Esperança |
| 19. Lavadeira |
| 20. Filho de Lavadeira |
| 21. Capimzeirinho |

| |
|-------------------|
| 22. Innsultos? |
| 23. Verdureira |
| 24. “Rancho” |
| 25. E Dahi... |
| 26. Padrinho? |
| 27. Padrinho |
| 28. Isso sim! |
| 29. Encantado |
| 30. Mel |
| 31. “Almofadinha” |
| 32. Raiva |
| 33. Reis |
| 34. Presépios |
| 35. Arvore |
| 36. Leiteiro |
| 37. O “vinagre” |
| 38. Um presente |
| 39. Comida |
| 40. Trato |
| 41. A “Chiba” |
| 42. O “Bufo” |

| |
|-------------------|
| 43. Prova e marca |
| 44. Vésperas |
| 45. Folia |
| 46. Desejos |
| 47. Mascarados |
| 48. Queima |
| 49. Cinzas |
| 50. Verão |
| 51. Fartura |
| 52. Semana Santa |
| 53. Lavapés |
| 54. Contraste |
| 55. Esquecimento |
| 56. Mestre |
| 57. Cofre |
| 58. Balanço |
| 59. Explicação |
| 60. Recursos |
| 61. 1º de Abril |
| 62. Petas |
| 63. Verdade |

O livro *Trabalho* enfatiza na história de Pedrinho uma característica da época das cidades do interior, a vida simples das pessoas impulsionada pelas festas religiosas e pelo trabalho braçal. Vários episódios do livro demonstram esses aspectos quando retratam a linguagem popular das pessoas, os meios de trabalho e seus profissionais – carroceiro, sapateiro, leiteiro, lavadeira, negociantes, alfaiate, verdureira, vendedor de capim -, as festas populares e religiosas, a vida simples das pessoas indo e vindo nas ruas das cidades interioranas. Algumas características aparecem e nos remetem ao uso de almanaques informativos para a população e das folhinhas distribuídas nas farmácias e no comércio.

Algumas palavras aparecem no decorrer da história e trazem a linguagem da época, entre elas “chic, no trinque, pelica, casemira”, demonstrando a proximidade do autor com a realidade dos jovens a qual mostra no livro.

Então eu ia vestir casemira, uma fazendinha tão linda e tão cara? Era muito luxo. De certo casemira nem ornava pra mim. Nem papae vestira roupa daquelle panno. Eu não teria coragem para usar uma roupa melhor que a de meu pae. (ANDRADE, 1930, p. 91)

Outro aspecto relevante é a questão da luz elétrica que surge no livro como uma novidade. Como já mencionei anteriormente na análise do livro *Saudade*, sabe-se que Piracicaba foi a primeira cidade brasileira a ter energia elétrica por meio de uma pequena usina hidrelétrica construída por Luiz de Queiroz no final do século XIX.

O livro não apresenta questões para discussões, nem questionários, apenas os episódios que compõem a história.

ALEGRIA: PEDRINHO E SUAS HISTÓRIAS

O exemplar do livro *Alegria* utilizado para ser estudado neste tópico é a 1ª edição publicada em 1937 pela Companhia Editora Nacional. Este livro é composto de 40 episódios.

Diferentemente dos livros *Saudade*, *Trabalho*, *Vida na Roça* e *Espelho*, o livro *Alegria* apresenta um aspecto novo na composição do texto. O que é novo na composição é o aparecimento do item Vocabulário ao fim de cada episódio antecedente aos outros dois aspectos novos que são os Exercícios e as Sugestões. Assemelha-se aos outros livros porque

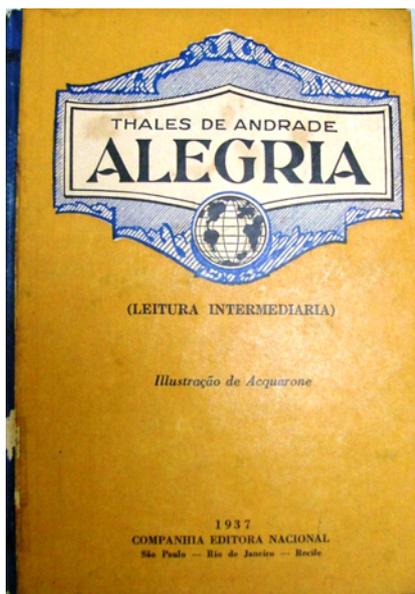
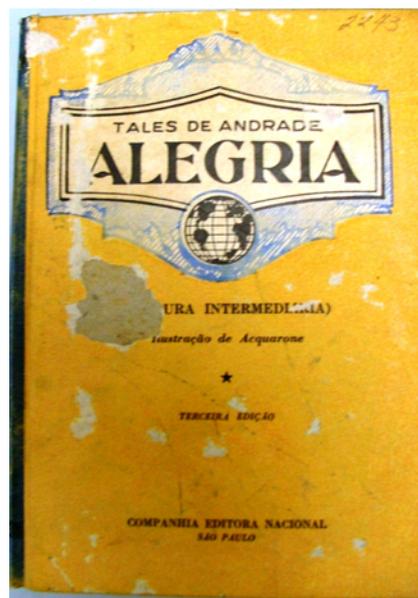
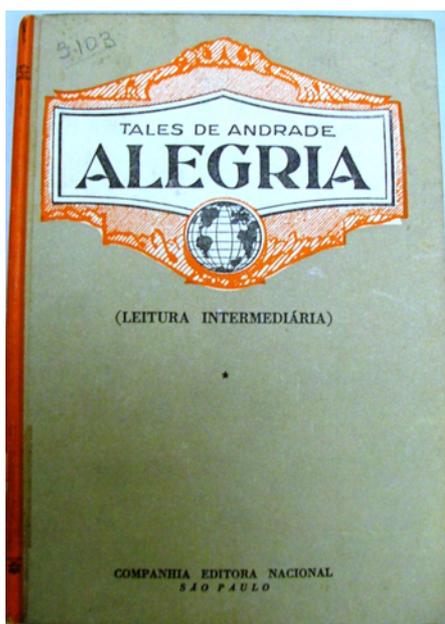
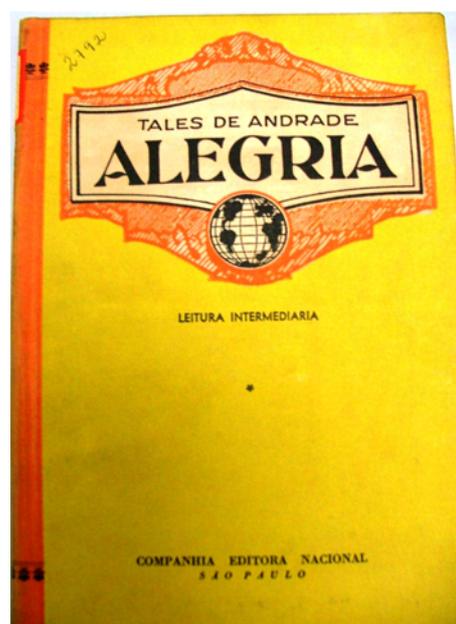
também traz na composição da história os pequenos episódios, cada um com um título, com um tema e que podem ser lidos independentemente, mas que dão totalidade ao livro. Assim, é composto de episódios individuais que tratam de um tema cada um, com um título, uma ilustração que retrata o episódio, o pequeno texto, o vocabulário e os exercícios. O vocabulário apresenta algumas palavras retiradas de cada episódio e seus sinônimos. Os exercícios são compostos de questões enumeradas para o estudo da gramática e de interpretação do texto. As sugestões para conversação e explicação, como o próprio nome indica, são questões enumeradas com o propósito de estabelecer atividades orais de discussão do texto abordando assuntos referentes ao episódio.

No livro *Alegria*, como no livro *Espelho*, a composição do texto é muito interessante: a história é introduzida ao leitor nos primeiros episódios, após são descritos 24 episódios que correspondem às histórias contadas pelas crianças na brincadeira de roda. Cada história-episódio é contada por um amigo de Pedrinho e tem um título que inicia com a letra do nome da criança que a contava, correspondendo às letras e na ordem do alfabeto.

Os personagens do livro *Alegria* são:

Quadro 15: Personagens do livro *Alegria*

| |
|---|
| Pedrinho – personagem principal |
| Noemy e Heloisa – professoras de Pedrinho |
| Alice, Benedicto, Cecília, Deodato, Elisa, Felício, Gertrudes, Horacio, Ida, Julia, Kátie, Lucia, Maria, Nelson, Odette, Samuel, Dito, Urbano, Vicente, Xandóca, Yára e Zélia – amigos de escola de Pedrinho. |

FOTO 60: Capa do livro *Alegria* – 1ª ediçãoFOTO 61: Capa do livro *Alegria* – 3ª ediçãoFOTO 62: Capa do livro *Alegria* – 11ª ediçãoFOTO 63: Capa do livro *Alegria* – 9ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional - SP

A história contida em *Alegria* é do personagem Pedrinho. Estava no fim das férias de junho e deixava muitas lembranças das diversões das festas juninas. Pedrinho voltava às aulas, mas numa outra escola e isso o deixava triste, mas logo que chegou fez amigos novos e sentiu-se mais à vontade. Contava histórias para seus novos amigos, entre elas a história de

seu xará – o Pedrinho da cartilha *Ler Brincando* – que aprendeu a ler estudando esta cartilha. Pedrinho contou para seu amigo Vicente que igual ao seu xará também sabia o alfabeto. Pedrinho e seu amigo Vicente gostavam de contar histórias, e na escola brincavam de ciranda e cada um que entrava na roda contava uma história. A professora gostou dessa idéia, parabenizou seus alunos e no último dia de aula ela mostrou um álbum que confeccionou escrevendo todas as histórias contadas por eles nas brincadeiras de roda. E deu o nome de Alegria.

O personagem Pedrinho também aparece na Cartilha *Ler Brincando*, e por sua vez essa cartilha é citada no decorrer do texto. Percebe-se, então que a história de como Pedrinho foi para a escola e aprendeu a ler é o desenrolar da última história (e única) que aparece na cartilha.

Segue a relação dos títulos de cada episódio, numerados na ordem que aparecem no livro e destacando-se em 24 deles o nome das crianças que contou durante a brincadeira de ciranda:

Quadro 16: Títulos dos episódios do livro *Alegria*

| | |
|----------------------------|---------------------------|
| 1. Férias | 22. Igreja (Ida) |
| 2. Pedrinho | 23. Jardim (Julia) |
| 3. Cartilhas | 24. Kaleidoscopio (Kátie) |
| 4. O especúla | 25. Livro (Lucia) |
| 5. As chaves encantadas | 26. Musica (Maria) |
| 6. Saber ler | 27. Natal (Nelson) |
| 7. Ler para aprender | 28. Ouro (Odette) |
| 8. Analfabeto | 29. Presente (Pedrinho) |
| 9. Brincando | 30. Quintal (Quintino) |
| 10. Bordando | 31. Recreio (Rita) |
| 11. Cirandinha | 32. Sono (Samuel) |
| 12. Um trato | 33. Terra (Tito) |
| 13. Uma promessa | 34. Ultimo (Urbano) |
| 14. Alegria (Alice) | 35. Viagem (Vicente) |
| 15. Brinquedos (Benedicto) | 36. Xarope (Xândoca) |
| 16. Cinema (Cecília) | 37. Ypiranga (Yára) |
| 17. Doces (Deodato) | 38. Zero (Zélia) |
| 18. Espelho (Elisa) | 39. Parabens |
| 19. Fructas (Felício) | 40. Lembranças |
| 20. Gelo (Gertrudes) | |
| 21. Historia (Horacio) | |

Alguns temas são destacados sutilmente no decorrer do texto e enfatizam a cultura popular caracterizada pelas festas juninas, as festas escolares e familiares dando ênfase à valorização do trabalho e da família, cantigas de roda, brincadeiras de criança, a fé, a saúde, o valor do dinheiro, os meios de comunicação, cultivo de plantas, valorização do homem do campo e seu trabalho. E temas como a bondade, a caridade, o amor, a fraternidade, boas ações com as pessoas, arrependimento, cooperação, alegria, curiosidade, entre outras.

Outros assuntos que aparecem no decorrer do livro despertam a curiosidade do leitor, na medida em que sugerem o conteúdo que era aprendido nas escolas daquele momento. Os assuntos que aparecem são: a necessidade de marcar guardanapos com bordado e prendas domésticas feminina.

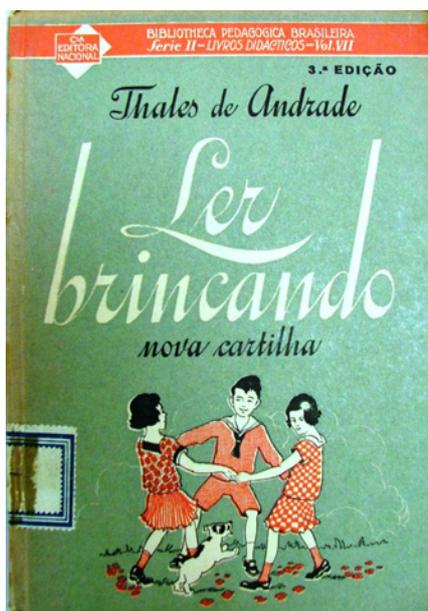
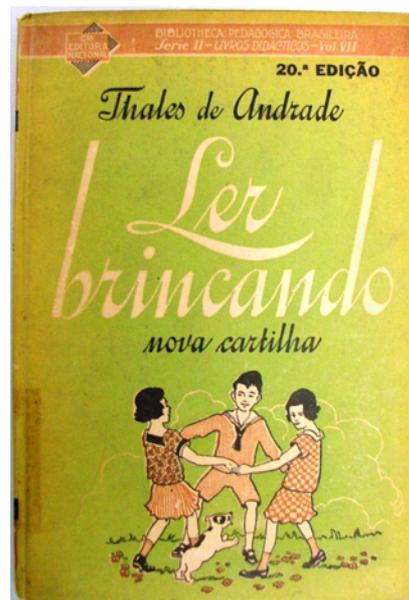
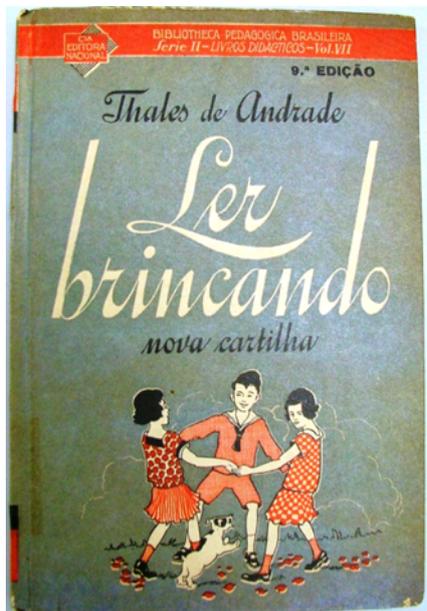
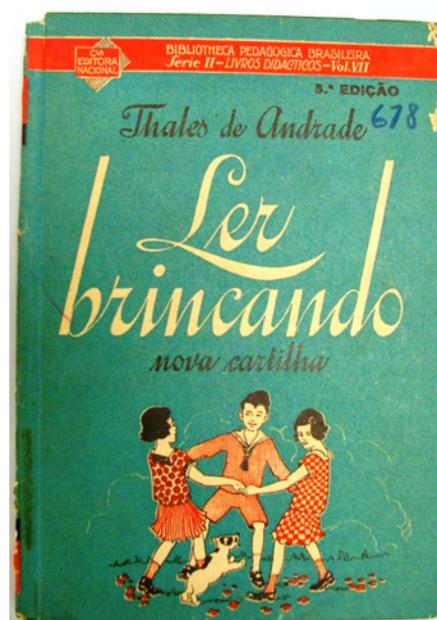
O autor aponta no seu livro no quadro “Sugestões para conversação e explicação” a questão do que é o grupo escolar. Sabe-se que nesse período o grupo escolar estava surgindo e caracterizava uma novidade no ensino brasileiro.

Na última folha do livro há a informação que o livro *Alegria* foi composto e impresso nas “officinas da Empreza Graphica da Revista dos Tribunaes”, para a Compañhia Editora Nacional, demonstrando que a reprodução gráfica e sua composição editorial era feita por outras empresas, indicando nesse momento que eram executadas por outras empresas.

LER BRINCANDO: A CARTILHA

Segundo informação da contra-capa do livro *Espelho*, o livro *Ler Brincando* é uma cartilha para conduzir o ensino da leitura das crianças, indicado para o 1º ano do curso Primário.

Para o estudo da cartilha escolhi a 1ª edição publicada em 1932 pela Companhia Editora Nacional. Na capa da cartilha há a informação que *Ler Brincando* pertence à Biblioteca Pedagógica Brasileira, como livro didático. Há indicação de que o livro está situado na série II como volume VII. No entanto não há informações do momento que a cartilha deixou de pertencer a esta Biblioteca ou de quando ingressou na Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade.

FOTO 64: Capa de *Ler Brincando* – 3ª ediçãoFOTO 65: Capa de *Ler Brincando* – 20ª ediçãoFOTO 66: Capa de *Ler Brincando* – 9ª ediçãoFOTO 67: Capa de *Ler Brincando* – 5ª edição

FONTE: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional - SP

Na primeira página do livro há uma dedicatória-introductória: a cartilha é dedicada “Aos Collegas” (ANDRADE, p. 07, 1932), ou seja, aos professores do ensino primário e também aos alunos das escolas normais vistos como colegas pelo autor.

Mais uma Cartilha?

É verdade. *Ler Brincando* está ás ordens dos que ensinam e aprendem. Publico-a na presumpção de que será um instrumento de facil e agradável manejo e de apreciavel rendimento na caminhada alfabeticadora da meninada brasileira.

Lecionei por dois anos em escola isolada rural e, seguidamente, por vários annos em primeira classe do grupo escolar, ensinando a ler a muitas turmas de meninos. Experimentei diversos methods e empreguei as mais conhecidas cartilhas de nossa terra. Ensinei a ler sem cartilha, formando as licções em classe, com o nome dos alumnos e tendo por assumpto as ocorrencias do dia, na escola.

Ler Brincando é fructo de toda essa experiencia. Procura elevar ao maximo a actividade infantil, de accordo com as leis da psychologia, e, tanto quanto possível, visa tornar um brinquedo a aprendizagem da leitura.

Para o desenvolvimento de suas licções, em todos os seus passos, phrases e modalidades há, acompanhando-lhe o texto, uma série de explicações, instrucções e suggestões. (ANDRADE, 1932, p. 7-8)

Para Thales de Andrade, o autor, a cartilha *Ler Brincando* é mais uma cartilha entre tantas outras que já existem e que será instrumento de fácil e agradável manejo para alfabetizar as crianças brasileiras, porém com a vantagem de ser fruto de sua experiência enquanto professor de escola rural e de classes de 1ª série. O autor enfatiza que experimentou no ensino da leitura e da escrita dos seus alunos as mais conhecidas cartilhas..., também lecionou sem utilizar cartilhas formando lições a partir do dia-a-dia na escola utilizando todo o seu conhecimento e experiência de vida para escrevê-la.

Para facilitar o ensino da leitura o autor deixa claro que sua cartilha está de acordo com as leis da psicologia, por isso é “nova”, explicando a indicação que há na capa de que se trata de uma nova cartilha: nova porque estabelece novos olhares sobre a educação e o ensino. Por se tratar de um período que está em grandes discussões a escola nova e os seus ideais, pode-se entender que nesse momento, com essas palavras indicativas, que o autor está referindo-se à Pedagogia Moderna e a Pedagogia da Escola Nova, aspectos já discutidos anteriormente.

Para o autor, ensinar a ler com a cartilha torna-se mais fácil para o professor e para as crianças, pois a cartilha inova e torna o método quase “mágico”. No fim da cartilha a

criança saberá ler e escrever automaticamente, como o Pedrinho do livro *Alegria*: “Quando chegou ao fim da *Cartilha*, sabia ler e escrever qualquer palavra (ANDRADE, 1932, p. 138)”. Com a nova cartilha o trabalho do professor será mais eficiente e definitivo. No decorrer da cartilha e suas lições, o ato de ler é visto como algo automático que se aprende com o método proposto e antecede a escrita, que por sua vez não há ênfase de que como a aprendizagem da escrita acontece, exceto em algumas lições de cópias e repetições de palavras. Para Thales escrever é uma consequência do ato de ler, se a criança lê logo ela saberá escrever.

Percebe-se um desenvolvimento do método seguindo das frases para as palavras e da frase para o pequeno texto, completando-se com figuras, as sílabas e letras. Há ênfase na decomposição das palavras em famílias, sílabas e vice-versa e repetições de letras e sílabas.

Diferentemente dos outros livros dessa Coleção, a *Cartilha* não apresenta uma história ou episódios. Ela é composta de lições, cada uma com palavras-chave que são ampliadas e desenroladas com pequenos textos, subdividido em frases e letras e seqüências de palavras apresentando figuras indicando-as. Os textos são formados da união de frases, que são decompostas em sílabas em algumas lições, não havendo preocupação com o sentido do texto, apenas há uma seqüência de frases sem coerência ou coesão textual.

Rafael está na rua.
Rita poz a rosa no copo.
Mamãe colheu repolhos na horta.
Vicente viu o bote no rio.
A régua está na mesa. (ANDRADE, 1932, p.81)

As figuras que aparecem em grande quantidade na cartilha estão sempre ilustrando uma palavra ou frase. Segundo informações sobre a vida e obra do autor, Thales Castanho de Andrade foi criador do Método Brasileiro da Alfabetização pela Imagem – a figura ensina, destacado por meio dessa cartilha. Também foi criador de cursos de Alfabetização de Adultos, enquanto foi Secretário da Educação do Estado de São Paulo.

As palavras escolhidas em cada lição da cartilha foram escolhidas aleatoriamente, não se percebe uma seqüência alfabética, por exemplo. Somente uma das lições que compõem a cartilha, a última de todas, são apresentadas seqüências de letras do alfabeto enumeradas e acompanhadas de figuras e palavras, na seguinte seqüência: figura – palavra – letra.

Nas últimas páginas da *Cartilha* o autor se rende às suas características enquanto escritor de histórias de livros para as crianças. Ele apresenta um pequeno texto: é o episódio de Pedrinho, lembrado no livro *Alegria*. Nesse episódio Pedrinho é um menino muito esperto

e curioso, pois ele queria saber de tudo, e foi apelidado de Pedrinho Especúla. Assim, com toda a sua curiosidade e desejo de conhecer foi para a escola, estudou a Cartilha Ler Brincando e aprendeu a ler e escrever. Para Pedrinho as 25 letras do alfabeto eram chaves encantadas que abrem o tesouro do saber, o saber ler e escrever o que quiser (ANDRADE, 1932). Após este episódio há um poema intitulado A Festa do Livro de autoria de Honorato Faustino, representando a alegria de saber ler quando se chega ao final da cartilha.

Para finalizar a Cartilha, no final há uma série de explicações e sugestões para o desenvolvimento das lições. O autor descreve sugestões para cada lição, indicando onde aplicar cada uma, sugerindo o desenvolvimento da aula com cada lição; o uso de materiais didáticos concretos, como cartazes, jogos confeccionados pelos alunos; repetições orais, entre outras repetições para complementar e enriquecer a aula. São divididos em 5 sugestões referentes à leitura e 6 sugestões referentes à escrita. Cada sugestão pode ser utilizada em diferentes lições da cartilha, indicadas no próprio texto pelo autor, e por se tratar de algo “novo”, segundo Thales é flexível: se o professor preferir não precisará utilizar cartazes e papel para confeccionar materiais e ensinar as crianças, pode usar apenas o quadro-negro e a letra manuscrita.

Segundo um artigo publicado no jornal *Folha da Noite* de 23/05/1946, o método da cartilha *Ler Brincando* é um método que não precisa de professor: “alfabetização sem mestre”. Nesse artigo o professor Thales esclarece que o método enfatizado na cartilha é um novo método, reúne os processos de análise e síntese empregados no ensino da leitura. Engloba ainda o que ele chama de ideo-alfabetização, ou seja, tudo o que está escrito também está ilustrado auxiliando na memorização.

Trata-se de um método novo e fácil que permite ao próprio aluno a sua alfabetização. Realmente, nunca o aluno colaborou tanto em seu aprendizado como dentro desse novo método de ensino. (FOLHA DA NOITE, 1946)

No livro *Trabalho* enfoca-se o cotidiano e a vida simples das pessoas, os diversos tipos de trabalho braçal, as festas religiosas e populares. Em *Alegria* enfatiza-se o cotidiano escolar, a escrita e a leitura. Demonstam como a vida interiorana e do campo podem ser tão boas quanto à vida na cidade, suas vantagens e seus atrativos no cotidiano das pessoas. A *cartilha*, diferentemente dos outros livros, enfatiza a aprendizagem: a leitura e a escrita. Os três livros apontam para a qualidade de vida no campo por meio dos próprios recursos, exalta a educação como meio de ascensão social e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao rigor da canícula ardente
Quando a brisa se torna em mormaço
Como é doce escutar a torrente,
E o gorjeio das aves no espaço!

(Canto e Melo)

Os livros de leitura escolar, como os livros da Coleção Leitura Escolar estudados nesta tese, eram indicados pelo Estado para as escolas primárias brasileiras, fazendo circular o conhecimento, o aprendizado da escrita e da leitura. Eram de fácil manuseio porque estavam disponíveis ao leitor por intermédio da escola e da relação livro- Estado-escola e contribuía para a ampliação do mercado editorial brasileiro.

Como leitora-pesquisadora, as leituras dos livros e dos documentos coletados para a pesquisa estiveram sujeitas às minhas condições de leitura e que estavam interligadas ao critério social e cultural. Isto implica que as condições de leitura estão sujeitos ao caráter subjetivo e por isso não são neutras, apesar de intencionalidade de neutralidade excessivamente presente nas pesquisas, foge ao controle aspectos subjetivos não intencionais.

Durante a pesquisa encontrei diferentes materiais para estudar: livros em boas e em péssimas condições no estado material, livros novos, fotos, relatos manuscritos e datilografados, fichas e documentos editoriais, fotocópias, rascunhos escritos pelo autor e CDs, livros, jornais e revistas que deram suporte bibliográfico à pesquisa. Dentre os materiais coletados o mais rico em informações sobre o autor foi encontrado na Companhia Editora Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. Na Biblioteca Histórica da Escola Normal de Piracicaba existem muitos livros sobre o autor, estão em condições de procura entre muitos exemplares, são de extrema importância e riqueza para a pesquisa em história do livro escolar.

Outro aspecto em destaque na pesquisa foi o trabalho com fotos. Na maioria dos lugares pesquisados não era possível retirar o material para estudo, dessa forma o material era fotografado e disponibilizado em programas de computador e armazenados em DVDS e CDS. Não foi um trabalho fácil ler os livros e documentos fotografados na tela do computador,

levando a um cansaço visual. No entanto as características visuais eram preservadas e podem ser resgatadas a qualquer momento.

Tendo como base todo o trabalho de pesquisa realizado e analisado pode-se afirmar que os objetos impressos deram suporte para o estudo dos livros da Coleção, reafirmando o sentido desses objetos colocados anteriormente por Chartier (1990, p. 122):

Não são necessariamente todos os livros, ou somente os livros, mas no entendimento deste autor são os livros, documentos oficiais e não oficiais sobre o livro, documentos e textos próprios da editoração, textos do autor, artigos de jornal, prefácios de livros sobre o livro, revistas, folhetos, catálogos, rascunhos que antecedem o próprio livro no momento que o autor escreve, fichas de controle da editora para a sua publicação, enfim tudo que de alguma maneira faz ligação com o livro, os textos que lhe dão suporte e seus leitores. (CHARTIER, 1990, p. 122)

Nessa pesquisa foi dado ênfase nas relações entre o próprio texto, os impressos e objetos que serviram de suporte e os leitores dos livros da Coleção, para entender como se constitui um modelo de leitura escolar.

No estudo do próprio texto dos livros foram encontrados aspectos textuais que davam indícios da relação dos livros com questões da época como a educação, a sociedade, a cultura e a economia do Brasil no início do século XX. Houve muitas contribuições do autor para a educação de maneira que seus livros eram conhecidos e indicados para as escolas brasileiras daquele momento, mostrando uma afinidade pessoal do autor enquanto professor para escrever os livros de leitura escolar, buscando e atuando nas necessidades educacionais de sua época por meio de seus textos providos de realidade, não só de imaginação, contidos nos livros.

Os livros da Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade traziam a realidade e a cultura da sociedade do início do século XX fazendo com que seu leitor se identificasse com as histórias, abordando temas e assuntos relevantes para a educação primária, de forma simples e ao mesmo tempo em que causava interesse ao leitor, principalmente àqueles das escolas primárias rurais. Ressalta-se que os livros da Coleção tinham indicação para a leitura das crianças do ensino primário observados nos catálogos e nas indicações do próprio livro. Sabe-se que a Cartilha *Ler Brincando* era indicada para ensino da leitura e da escrita.

Outro pólo abordado na pesquisa abrangeu a análise da materialidade da Coleção, realizada por meio de uma vasta investigação na editora, em seus catálogos, contratos, fichas de edição, entendendo, assim, o campo da história do livro escolar no Brasil e buscando aspectos relacionados ao suporte do objeto impresso na intervenção dos aspectos materiais que dizem respeito a editoração. Reafirma-se novamente a premissa destacada, que segundo Chartier (1990, p. 122) “façam o que fizerem, os autores *não* escrevem livros”, ou seja, os livros são manufaturados pelas editoras e há uma ligação entre as intenções do autor e o trabalho da “oficina” que edita o livro.

Tendo em vista os objetivos propostos nesse estudo e que orientaram a pesquisa foi caracterizada a Coleção por meio da análise da materialidade dos livros que a compõem; compreenderam-se as formas pelas quais são selecionados os livros da coleção caracterizando os tipos de impressos e as características dos textos; e deu-se início a análise das práticas prescritas de usos da coleção no meio escolar.

Todos os aspectos presentes nos livros, analisados, estudados minuciosamente considerando o próprio texto, o suporte e a editoração se interrelacionam e convergem para a constituição de um modelo de leitura escolar presente na Coleção. Este modelo estava presente nas características já delineadas dos livros nas abordagens anteriores, mas que se resume na materialidade, assuntos e temas, disposição e desenvolvimento dos textos e na intencionalidade educacional contidos nos livros.

Os livros *Ler Brincando*, *Espelho*, *Alegria*, *Vida na Roça*, *Saudade*, *Campo e Cidade e Trabalho* estavam na mesma Coleção porque são livros de leitura escolar e apresentavam aspectos de similaridade entre eles. Esclarece nesse momento a questão colocada para estudo de que a coleção aparece nos documentos sobre o autor e também em outros documentos com o título de *Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade*. Afirma-se que os livros da Coleção são livros de leitura escolar porque estavam inseridos num momento em que a literatura infantil ainda estava se solidificando como tal e eram indicados para a leitura das escolas primárias brasileiras, vindo ao encontro dos leitores por meio da escola com a intervenção do Estado.

Considerando as datas das publicações dispersas nas décadas de 1920, 1930 e 1960 não podem se levadas ao critério de formação da Coleção. São livros que apresentavam, como já foi mencionado anteriormente, características que lhes permitem serem colocados na mesma Coleção. A presença dos episódios, de questões e questionários, de inúmeras ilustrações, de assuntos e temas textos que se ligam entre os livros, da materialidade e das questões editoriais permitem englobá-los na Coleção. O livro *Campo e Cidade* está inserido

na *Coleção*, mas há indícios que ele não circulou no espaço escolar com a mesma finalidade que os outros livros, não obteve muitas edições e exemplares, mas foi escrito e publicado para dar continuidade ao livro *Saudade*.

Os livros *Saudade* (1919); *Espelho* (1928); *Ler Brincando* (1932); *Vida na Roça* (1932); *Alegria* (1937); *Trabalho* (1930) e *Campo e Cidade* (1964), que integram a Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade foram escritos por um Professor e Autor, o piracicabano Thales Castanho de Andrade, que estava ligado às questões educacionais de sua época.

Os livros que compõem a Coleção Leitura alcançaram muitas edições durante o século XX. Foram publicados pela Companhia Editora Nacional em larga escala, e conquistaram o público leitor. Surgiram no momento de efervescência editorial, no surgimento da Companhia Editora Nacional, contribuindo para o fortalecimento da editora como maior editora do país naquele momento.

Os livros indicados para leitura escolar, ou seja, adotados pelo Governo, aprovados pelas Diretorias de Instrução Pública para o uso das escolas apresentavam algumas características particulares quanto à sua materialidade e conteúdo. Algumas dessas características estão implícitas, outras estão explícitas. As características mais relevantes aparecem envolvidas em todo o livro. São explícitas porque indicam exemplos vividos por pessoas na própria história que sugerem ao leitor que viva estes exemplos para ter sucesso na vida, ser bom, caridoso, entre outras qualidades. O livro é dividido em pequenos episódios que fazem parte do todo, mas podem ser lidos individualmente, apresentando um título indicado no sumário. Alguns apresentam questionários e pequenas ilustrações. São implícitas porque há sempre uma história com fim educativo, mas nem sempre moral, como em alguns casos que apresentam textos com lição de moral para o leitor, normalmente uma criança.

O livro *Saudade*, *Espelho*, *Ler Brincando*, *Vida na Roça*, *Alegria* e *Trabalho* circularam nas escolas brasileiras do início do século XX com a finalidade de livro de leitura escolar, com propostas ora de ensino ora somente de leitura, para as crianças nas primeiras séries de ensino. Sabe-se, também que os livros, inclusive *Campo e Cidade* segundo documentos sobre o autor e sua obra, estão inseridos numa coleção intitulada Coleção de Leitura Escolar: Série Thales de Andrade, publicados pela Companhia Editora Nacional.

O modelo de leitura escolar proposto por Thales e caracterizado em seus livros *Saudade*, *Espelho*, *Vida na Roça*, *Alegria*, *Campo e Cidade* e *Trabalho* apresenta-se similar no que se refere ao conteúdo dos textos. Cada um dos livros apresenta uma história que sofre

divisão em pequenos episódios, podendo ser lidos e trabalhados individualmente sem prejudicar o entendimento de todo o livro. Cada episódio tem um título e ilustrações que representam os momentos descritos em cada episódio. São histórias da vida no campo tendo como personagens principais crianças convivendo com suas famílias e amigos no cenário da vida rural, com situações do cotidiano, visto pelo autor como um lugar bom para se viver ao contrário das cidades. O que pude constatar que os livros analisados neste trabalho representavam uma identificação para as pessoas de Piracicaba e dessa região do interior do estado de São Paulo, demonstrando a ligação do autor com a região. Por meio da história do livro escolar é possível reconhecer lugares, o modo de viver das pessoas e, principalmente, a escola agrícola. Não estavam confinados ao mundo imaginário: tratava de assuntos e problemas da realidade das pessoas da época em que foram escritos. Mesmo articulando-se com questões pertinentes ao gosto das crianças nas aventuras vividas no sítio por Mário, em *Saudade e em Campo e Cidade*, por Raul, em *Vida na Roça*, Pedrinho em *Trabalho, Ler Brincando e Alegria* e Joãosinho em *Espelho* buscava-se dar ênfase ao trabalho, à dignidade humana, à saúde, à educação, ao lazer e ao bem-estar da família.

O diálogo com o universo escolar afinado por Thales Castanho de Andrade, enquanto professor, permitiu que escrevesse livros com alguns aspectos presentes nos livros de leitura escolar. Como professor de escola rural e participante ativo de entidades e acontecimentos agrícolas, tudo isso abriu caminho para que o autor conhecesse e escrevesse seus livros com uma história considerada pelos seus leitores, e induzida por ele mesmo no início dos livros, como sendo verdadeira, vivida por uma pessoa, e até mesmo fazendo acreditar, no caso de *Saudade*, que era o próprio autor. No desfecho da história em *Saudade*, evidencia-se a educação como meio de ascensão e progresso, atendia a um dos aspectos presentes no ideário da época de que a educação era a salvação para os problemas do país. E em *Vida na Roça*, o autor traz com sutileza o encanto de alegrar-se e viver com dignidade trabalhando arduamente no campo.

Os aspectos que caracterizam a escola rural do início do século XX, especificamente nas décadas de 1920 e 1930, ressaltados nas ilustrações dos livros, demonstram uma escola que estava imersa num momento de grandes aspirações e mudanças sociais no Brasil. Estava caracterizada pela falta de recursos materiais, financeiros e pedagógicos, incluindo a falta de profissionais habilitados, vindo na obrigação de improvisar e particularizar os meios para dar a educação às crianças.

Implicava num descaso das políticas públicas no sentido que essas escolas eram legadas ao segundo plano, garantido, pois o primeiro ao meio urbano. Gerava controvérsias,

ora por auxiliar na educação brasileira como meio alfabetizador e conseqüentemente modernizador, na tentativa, também, de assegurar e retardar a ida das pessoas do campo para as cidades, ora por estar sofrendo a tentativa de urbanizar o campo.

O futuro da nação estava na escola e principalmente nas mãos dos professores, que por sua vez estavam à mercê da própria sorte, em se tratando da escola rural: sem condições de trabalho digno. Percebe-se que houve muitas tentativas para dar à escola o seu papel salvador. Nos métodos, nos meios, nos atores e nos livros a educação foi levada ao palco para dar à nação a segurança de um futuro próspero. Não cabe discutir aqui o sucesso ou não da escola como ação educadora do futuro, no entanto é nítido que era pretendido colocar toda a população em potencial naquele momento, em formação, ou seja, as crianças, para passarem de fato por ela, sendo o meio mais conveniente, delegando a estes os anseios de modernidade.

Quanto à materialidade estes livros apresentam muitas edições; eram utilizados nas escolas no início do século XX. Quanto à capa alguns apresentam ilustrações, mas evidencia-se uma padronização das capas – cor e disposição das informações – de uma mesma coleção, contendo título, nome do autor, edição, ano e o nome da coleção ou série que está inserido. São catalogados para venda e agrupados na categoria “livros para leitura escolar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. A educação rural como processo civilizador. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Camara (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*: vol. II, século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 3 ed. Piracicaba: Jornal de Piracicaba, 1920.

ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 17 ed. Piracicaba: Jornal de Piracicaba, 1932.

_____. *Espelho*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1928.

_____. *Ler Brincando*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932.

_____. *Vida na Roça*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. *Vida na Roça*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. *Alegria*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. *Trabalho*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1930.

_____. *Campo e Cidade*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ARROYO, Leonardo. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1963. (Coleção Ensaio)

_____. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1968. (Coleção Ensaio)

_____. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Um Objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da leitura*. 1ª reimpressão. Campinas/ SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2002.

BITTENCOURT, Circe. Livro didático e saber escolar 1810-1910. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BUFFA, Ester. O público e o privado na educação brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Camara (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*: vol. II, século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BOTO, Carlota. Nova história e seus velhos dilemas. *Revista USP*, São Paulo, nº 23, p. 23-33, set/nov.1994.

BOTO, Carlota. A escola republicana na imprensa pedagógica portuguesa: imagens e imaginário. *História*, São Paulo: UNESP, N. 19, 2000, P. 189-211.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. *Práticas educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente*. São Paulo: Editora Escrituras, 1998. p. 31 – 40

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública. In. LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 225 – 251

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Modos de ler: formas de escrever*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Modernidade Pedagógica e Modelos de Formação Docente. *São Paulo em Perspectiva*. 14, 2000.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. O novo, o velho, o perigoso: relendo a cultura brasileira. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 71. p. 29-35, nov. 1989.

CARVALHO, Olavo de. O problema do ensino primário na zona rural comum. *Revista de Educação*. São Paulo: jul-dez. 1943, n. 40-41, vol. XXX. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

COSTA, Firmino. Ensino Rural. In: *Educação*. Jan. fev. 1929, n. 01-02, vol. VI. São Paulo, p. 99-103

CARRADORE, Hugo. Thales de Andrade: Aos que buscam reverenciar a memória de Thales. *A tribuna*. Piracicaba, p. 07, nov. 1997.

_____. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

CERTEAU, M. *A Invenção do cotidiano I: a arte do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *História cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro. Editora Bertraud, 1990.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 07, n. 13, 1994, p. 97-113.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo.. *História da leitura no mundo ocidental*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2002. Coleção Múltiplas Escritas. Vol. 1.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11 (5), p. 173 –191, 1991.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

CRUZ, Noêmia S. Matos. Educação Rural. In: *Revista de Educação*. São Paulo: set-dez. 1951, n. 60-61, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

DAROLT, Carolina Amália Witzke. *As imagens multifacetadas da palavra: a literatura na escola*. Dissertação de Mestrado em Fundamentos da Educação. Universidade Federal de São Carlos. Pós-graduação em Educação. São Carlos, 2004.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. *O Livro de Ouro da História do Brasil: do descobrimento à Globalização*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ESCOLA NOVA. Órgão da Diretoria Geral da Instrução Pública. Vol. I, nov. dez. 1930.

EM FAVOR DO LIVRO BRASILEIRO. In: *Revista Escolar*. Órgão da Diretoria Geral da Instrução Pública. Ago. 1927, vol. III, n. 32.

ESCOLA AGRÍCOLA PRÁTICA DE PIRACICABA. Disponível em: <http://lepto.procc.fiocruz.br:8081/dic/verbetes/ESCAGPRPIRA.htm>. Acesso em: 20 jul. 2005.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FREITAS, Maçõs Cezar. Educação brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos. In: STEPHANOU, Maria; Maria Helena Câmara BASTOS (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Vol. III, século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

FREIRE, Ulysses. Programa do Ensino Primário: Introdução ao estudo das suas novas bases. *Escola Nova*. da Diretoria Geral da Instrução Pública. Vol. I, nov. dez. 1930.

GALLEGO, Rita de Cássia. *Tempo, temporalidades e ritmos nas escolas primárias em São Paulo: heranças e negociações (1846-1890)*. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : História e Historiografia da Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: s.n., 2008.

GATTI JR, Décio. Entre políticas de estado e práticas escolares: uma história do livro didático no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; Maria Helena Câmara BASTOS (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Vol. III, século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira ; BATISTA, Antônio Gomes Batista. *A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos*. Disponível em: www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/escolaprimaria.htm. Acesso em: 02/12/2004.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. *Sud Mennucci: memórias de Piracicaba*. Porto Ferreira, São Paulo... Imprensa Oficial: São Paulo, 1998.

GRAY, William. Principais Reformas modernas do ensino da leitura. In: *Educação*. mar. 1929, n. 03, vol. VI. São Paulo, p. 272-282

HALL, Robert King. Educação Rural. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Maio-ago / 1950, n. 39, vol. XI. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; Ministério da Educação e Saúde. p. 02-40.

HARDY, Marjorie. A leitura de livros no primeiro grau. In: *Revista de Educação*. São Paulo: dez. 1933, n. 04, vol. IV. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação, p. 47-52.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HÉBRARD, Jean. Os livros escolares da bibliothèque Bleue: arcaísmo ou modernidade? Tradução Laura Hansen e Maria Rita de Almeida e Toledo. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas; n. 04, p. 09-46, jul./dez. 2002.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. Lourenço Filho em Piracicaba. In: SOUSA, Cynthia Pereira de (org.). *História da Educação: processos, práticas e saberes*. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da Educação Brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2003

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

LEVI-MOREIRA, Silvia. *São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Brasillense, 1988. Coleção Tudo é História.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. 8 ed. São Paulo: Melhoramentos. 1963

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MENNUCCI, Sud. A reforma do ensino rural em S. Paulo. In: *Educação*. Ago-set. 1931, n. 01-02, vol. IV. São Paulo, p. 03-11

MONARCHA, Carlos. História da Educação Brasileira (esboço da formação do campo). In: SAVIANI, Dermeval (org). *Instituições Escolares no Brasil: conceito e construção histórica*. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR; Ponta Grossa: UEPG, 2007.

MONARCHA, Carlos. Cânon da reflexão ruralista no Brasil: Sud Mennucci. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa (org). *Educação Rural em Perspectiva Internacional: Instituições, Práticas e Formação de Professor*. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.; Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Livro Escolar, 1976.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos dias atuais*. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1989.

NEVES, Eloísa Dias. Primeiras anotações sobre o ofício docente em contexto rural. In: *VII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste: Desafios da Educação Básica: a pesquisa em educação*. Vitória, 2007.

NETTO, Cecílio Elias. *Almanaque 2000: Memorial de Piracicaba – Século XX*. Piracicaba: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba; Jornal de Piracicaba; UNIMEP, 2000.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense. 1990 .

ORLANDI, E. P. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

PEDREIRA, Anna Silveira. Clubes Agrícolas Escolares. In: *Revista de Educação*. São Paulo: dez. 1934, n. 08, vol. VIII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. 1 ed. São Paulo: Ícone, 1986.

RAZZINI, Marcia Gregório. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; Maria Helena Câmara BASTOS (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Vol. III, século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

RIBEIRO, Ricardo. *Professoras de Outrora: Escola Primária Paulista 1925-1950*. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

RIBEIRO, Nelson. Problemas da escola rural. In: *Revista de Educação*. São Paulo: set.-dez. 1951, n. 60-61, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. 2 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2000.

SECRETÁRIOS DO ESTADO DA EDUCAÇÃO. In: *Revista de Educação*. São Paulo: mar. 1951, n. 58, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

SERIAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS. Diretoria Geral da Instrução Pública. In: *Educação*. mar. 1929, n. 03, vol. VI. São Paulo, p. 298-302.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. História da Leitura Luso-Brasileira: balanços e perspectivas. In: *Leitura, História e História da Leitura*. ABREU, Márcia (org.). Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2002.

SILVA, Vivian Batista da. *Histórias de leitura para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos brasileiros (1930-1971)*. Dissertação de Mestrado – FEUSP, São Paulo, 2001.

SILVA, Vivian Batista da; CORREIA, António Carlos da Luz. Saberes em viagem nos manuais pedagógicos (Portugal-Brasil). *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, p.613-632, set/dez. 2004.

SILVA, Rutha Ivoty Torres da. *A escola primária rural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1957.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *A semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil (1915-1954)*. 2002. 339f. Tese – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

STANISLAVSKI, Cleila de F. Siqueira, *A Constituição do Campo da Literatura Infantil: uma análise de Saudade (1919) de Thales Castanho de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

TAMBARA, Elomar. Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. In: *Reunião Anual da Anped*, 2003.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: Do projeto político ao projeto editorial (1931- 1981)*. Tese (Doutorado em Educação) – PUC – SP, 2001. CD-ROM.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação: a educação escolar em perspectiva histórica*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná/ Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004.

VICENTINI, Paula Perin. *Um estudo sobre o CPP (Centro do Professorado Paulista): profissão docente e organização do magistério (1930-1964)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

VINCENT, Guy. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 33, jun. 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves. Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.). *Modos de ler/ Formas de escrever: estudos de História da Leitura e da Escrita no Brasil*. 2 ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2001. p. 87 - 116

VIDAL, Diana Gonçalves. Ler, a conformação de uma nova prática nos anos 30. *Pesquisa histórica: retratos da educação no Brasil*. p. 111-114, 1996.

VIDAL, Diana Gonçalves. Livros por toda a parte: ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Marcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. p. 335 - 355

VIDAL, Diana G. & FARIA FILHO, L. M. *As lentes da história*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH; Série Historiografia)

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Escolas Normais Rurais do Sul do Brasil: mobilizando para o mundo rural e valores religiosos. In: *Anais do VI Congresso Luso-brasileiro de História da Educação: percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação*. Abril. 2006, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia/MG.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura Infantil na Escola*. 3 ed. São Paulo: Global, 1983.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. 1 ed. São Paulo: Ícone, 1986.

FONTES DE PESQUISA

ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 3 ed. Piracicaba: Jornal de Piracicaba, 1920.

ANDRADE, Thales Castanho de. *Saudade*. 17 ed. Piracicaba: Jornal de Piracicaba, 1932.

_____. *Espelho*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1928.

_____. *Ler Brincando*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932.

_____. *Vida na Roça*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. *Alegria*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. *Trabalho*. 1 ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1930.

_____. *Campo e Cidade*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.

PERIÓDICOS

A REFORMA DO ENSINO RURAL EM S. PAULO. In: *Educação*. Ago-set. 1931, n. 01-02, vol. IV. São Paulo, p. 03-11

EDUCAÇÃO. Ago-set. 1931, n. 01-02, vol. IV. São Paulo, p. 03-11

ESCOLA NOVA. Órgão da Diretoria Geral da Instrução Pública. Vol. I, nov. dez. 1930.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: jun. 1951, n. 59, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação,

REVISTA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: set-dez. 1951, n. 60-61, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação,

REVISTA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: dez. 1934, n. 08, vol. VIII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: mar. 1951, n. 58, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

REVISTA DE EDUCAÇÃO. São Paulo: jul-dez. 1943, n. 40-41, vol. XXX. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, volume II, outubro de 1944, nº 04.

RELATÓRIO DA VISITA REALIZADA PELOS ALUNOS DO 2º ANO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO EM COMPANHIA DO PROF. ROLDÃO DE BARROS, À ESCOLA RURAL DA SAUDADE, EM COTIA. In: *Revista de Educação*. São Paulo: mar- jun. 1936, vol. XII - XIV. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

PEDREIRA, Anna Silveira. Clubes Agrícolas Escolares. In: *Revista de Educação*. São Paulo: dez. 1934, n. 08, vol. VIII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

CARVALHO, Olavo de. O problema do ensino primário na zona rural comum. *Revista de Educação*. São Paulo: jul-dez. 1943, n. 40-41, vol. XXX. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

COSTA, Firmino. Ensino Rural. In: *Educação*. Jan. fev. 1929, n. 01-02, vol. VI. São Paulo, p. 99-103

CRUZ, Noêmia S. Matos. Educação Rural. In: *Revista de Educação*. São Paulo: set-dez. 1951, n. 60-61, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

HALL, Robert King. Educação Rural. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Maio-ago / 1950, n. 39, vol. XI. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; Ministério da Educação e Saúde. p. 02-40.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, Márcia. Percursos da Leitura. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da leitura*. 1ª reimpressão. Campinas/ SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2002.

ABREU, Márcia. *O caminho dos livros*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2003.

ADAMS, Mary. A verdadeira função da leitura na escola primária. In: *Educação*. Ago-set. 1931, n. 01-02, vol. IV. São Paulo, p. 60-65.

AS DENOMINAÇÕES MÉTODO ANALÍTICO E MÉTODO SINTÉTICO EM PEDAGOGIA. In: *Educação*. Mar. 1928, n. 03, vol. II. São Paulo, p. 209-226.

ALMEIDA, Dória Bittencourt. A educação rural como processo civilizador. In: STEPHANOU, Maria; Maria Helena Câmara BASTOS (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*: Vol. III, século XX. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

A GUERRA À ZONA RURAL. In: *Revista de Educação*. São Paulo: Jun. 1933, n. 02, vol. II. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

ARROYO, Leonardo. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1963. (Coleção Ensaio)

_____. *O Tempo e o Modo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1968. (Coleção Ensaio)

_____. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

_____. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

ASPECTOS ESTATÍSTICOS DO ENSINO PAULISTA. In: *Revista de Educação*. São Paulo: mar. 1951, n. 58, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

AZEVEDO, Fernando de. *A Educação e seus Problemas*. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAJARD, Élie. *Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Um Objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da leitura*. 1ª reimpressão. Campinas/ SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2002.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. Grupos Escolares no Brasil: um novo modelo da escola primária. In: STEPHANOU, Maria; Maria Helena Câmara BASTOS (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Vol. III, século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMPOS, Maria dos Reis. Literatura Infantil. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Mar-abril. 1947, n. 27, vol. X. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; Ministério da Educação e Saúde, p. 178-186.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2002. Coleção Múltiplas Escritas. Vol. 1.

CADEMARTORI, Lúcia. *O que é literatura infantil*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros passos)

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 225 – 251

_____. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. *Práticas educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente*. São Paulo: Editora Escrituras, 1998. p. 31 – 40

CARRADORE, Hugo. Thales de Andrade: Aos que buscam reverenciar a memória de Thales. *A tribuna*. Piracicaba, p. 07, nov. 1997.

_____. *Thales de Andrade: Uma História Verdadeira*. Editora Degaspari. Piracicaba, 2004.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11 (5), p. 173 –191, 1991.

CHARTIER, Roger. *História cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro. Editora Bertraud, 1990.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CORDEIRO, Jaime Francisco Parreira; CARVALHO, Luís Miguel. A circulação de modelos educativos nas revistas pedagógicas: Portugal e Brasil (1920 - 1935). In: *25º Reunião Anual da Anped, 2002*.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS PARA A ZONA RURAL. In: *Revista de Educação*. São Paulo: Set-Dez. 1936, n. 15 e 16, vol. XV e XV. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação. p. 113-115

D'ÁVILA, Antônio. Leituras para Crianças e Adolescentes. In: *Revista de Educação*. São Paulo: jun. 1951, n. 59, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação. p. 10-18

DARNTON, Robert. *Edição e Sedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DAROLT, Carolina Amália Witzke. *As imagens multifacetadas da palavra: a literatura na escola*. Universidade Federal de São Carlos. Pós-graduação em Educação. São Carlos, 2004. Dissertação de Mestrado em Fundamentos da Educação.

EM FAVOR DO LIVRO BRASILEIRO. In: *Revista Escolar*. Órgão da Diretoria Geral da Instrução Pública. Ago. 1927, vol. III, n. 32.

ESCOLA AGRÍCOLA PRÁTICA DE PIRACICABA. Disponível em: <http://lepto.procc.fiocruz.br:8081/dic/verbetes/ESCAGPRPIRA.htm>. Acesso em: 20 jul. 2005.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (org.). *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FREITAS, Maços Cezar. Educação brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos. In: STEPHANOU, Maria; Maria Helena Câmara BASTOS (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Vol. III, século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

FREIRE, Ulysses. Programa do Ensino Primário: Introdução ao estudo das suas novas bases. *Escola Nova*. da Diretoria Geral da Instrução Pública. Vol. I, nov. dez. 1930.

GALLEGO, Rita de Cássia. *Tempo, temporalidades e ritmos nas escolas primárias em São Paulo: heranças e negociações (1846-1890)*. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : História e Historiografia da Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: s.n., 2008.

GATTI JR, Décio. Entre políticas de estado e práticas escolares: uma história do livro didático no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; Maria Helena Câmara BASTOS (org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil: Vol. III, século XX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira ; BATISTA, Antônio Gomes Batista. *A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos*. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/escolaprimaria.htm> Acesso em: 02/12/2004.

GRAY, William. Principais Reformas modernas do ensino da leitura. In: *Educação*. mar. 1929, n. 03, vol. VI. São Paulo, p. 272-282

HARDY, Marjorie. A leitura de livros no primeiro grau. In: *Revista de Educação*. São Paulo: dez. 1933, n. 04, vol. IV. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação, p. 47-52.

HÉBRARD, Jean. Os livros escolares da bibliothèque Bleue: arcaísmo ou modernidade? Tradução Laura Hansen e Maria Rita de Almeida e Toledo. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas; n. 04, p. 09-46, jul./dez. 2002.

INOUE, Leila Maria. *Divulgando "Novos" Ideais de Formação Docente: A Revista de Educação (1921-1923)*. Monografia de Conclusão de Curso – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

KOCH, I. V. e TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 2.ed. São Paulo; Cortez, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2009

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6 ed. São Paulo: Ática. 1999. (Série Fundamentos)

LEITE, Francisco E. de Aquino. O ensino da leitura: em defesa do método analytic. In: *Educação*. mar. 1929, n. 03, vol. VI. São Paulo, p. 248-258

LEITE, Francisco E. de Aquino. O ensino da leitura. In: *Revista de Educação*. São Paulo: Jun. 1933, n. 02, vol. II. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira (ABL)*. n. 3, v. 7, p. 146 – 169, 1943.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial. 1979.

MENDONÇA, Sonia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1930)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969. v. 1

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 36, dez. 2000a.

_____. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo: 1876 – 1994). São Paulo: Editora UNESP: CONPED, 2000a.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio Alves de; SOUZA, Rosa Fátima de. *As faces do livro de leitura*. Caderno Cedes, ano XX, n.º 52, nov. /2000.

PADILHA, Celina. Como ensinar a ler. In: *Educação*. Jan. fev. 1929, n. 01-02, vol. VI. São Paulo, p. 143-146

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. 1 ed. São Paulo: Ícone, 1986.

PIRES, Mário. Criador da literatura infantil. *Jornal de Piracicaba*, Piracicaba, maio. 1990.

PEREIRA, Luiz. O magistério primário numa sociedade de classes. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

PIRES, Mário. Thales de Andrade Pioneiro. *A tribuna*. Piracicaba, ago. 1996.

POLIANTÉIA COMEMORATIVA DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DO ENSINO NORMAL EM SÃO PAULO. São Paulo, 1946.

REIS, Sólton Borges dos. Necessidades das Instituições do Meio Rural. In: *Revista de Educação*. São Paulo: jun. 1951, n. 59, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da

RIBEIRO, Ricardo. *Professoras de Outrora: Escola Primária Paulista 1925-1950*. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

SECRETÁRIOS DO ESTADO DA EDUCAÇÃO. In: *Revista de Educação*. São Paulo: mar. 1951, n. 58, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

RIBEIRO, Nelson. Problemas da escola rural. In: *Revista de Educação*. São Paulo: set.-dez. 1951, n. 60-61, vol. XXXVII. Secretaria do Estado de Negócios da Educação; Departamento de Educação.

SERIAÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS. Diretoria Geral da Instrução Pública. In: *Educação*. mar. 1929, n. 03, vol. VI. São Paulo, p. 298-302.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. História da Leitura Luso-Brasileira: balanços e perspectivas. In: *Leitura, História e História da Leitura*. ABREU, Márcia (org.). Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2002.

SILVA, Vivian Batista da; CORREIA, António Carlos da Luz. Saberes em viagem nos manuais pedagógicos (Portugal-Brasil). *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, p.613-632, set/dez. 2004.

STANISLAVSKI, Cleila de Fátima Siqueira. *Uma leitura de Contos Infantis (1886), de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida*. 2001. 58f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

TAMBARA, Elomar. Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. In: *26ª Reunião Anual da Anped*, 2003.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A indústria de livros, a materialidade do impresso e o campo educacional: reflexões sobre a organização do acervo histórico da Companhia Editora Nacional. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação. A Educação Escolar em Perspectiva Histórica, 2004, Curitiba/PR: *Anais...* Curitiba/PR: PUC/PR; SBHE, 2004. CD-ROM

TOLEDO, Maria Rita de Almeida; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação. A Educação Escolar em Perspectiva Histórica, 2004, Curitiba/PR: *Anais...* Curitiba/PR: PUC/PR; SBHE, 2004. CD-ROM

VENANCIO FILHO, Francisco. Entre livros... In: *Educação*. Jun-jul. 1932, n. 07 e 08, vol. VIII. São Paulo, p. 140 – 146.

VICENTINI, Paula Perin. *Um estudo sobre o CPP (Centro do Professorado Paulista): profissão docente e organização do magistério (1930-1964)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

VIDAL, Diana Gonçalves. Livros por toda a parte: ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Marcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999. p. 335 - 355

VIDAL, Diana G. & FARIA FILHO, L. M. *As lentes da história*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH; Série Historiografia)

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. 2 ed. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

LAJOLO, Marisa. Projeto memória de leitura: pressupostos e itinerários. In: *Leitura, História e História da Leitura*. ABREU, Márcia (org.). Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Quadro de edições do livro *Vida na Roça* do autor Thales Castanho de Andrade:

| EDIÇÃO | ANO | TIRAGEM |
|-----------------|------------|----------------|
| 1 ^a | 1932 | 10.000 |
| 2 ^a | 1932 | 10.000 |
| 3 ^a | 1934 | 10.000 |
| 4 ^a | 1934 | 10.000 |
| 5 ^a | 1935 | 9.915 |
| 6 ^a | 1935 | 9.915 |
| 6 ^a | 1936 | 10.020 |
| 7 ^a | 1936 | 10.020 |
| 8 ^a | 1936 | 10.035 |
| 9 ^a | 1936 | 10.035 |
| 10 ^a | 1936 | 5.000 |
| 11 ^a | 1937 | 8.028 |
| 12 ^a | 1937 | 8.028 |
| 13 ^a | 1937 | 9.995 |
| 14 ^a | 1937 | 9.995 |
| 15 ^a | 1939 | 8.132 |
| 16 ^a | 1939 | 8.132 |
| 17 ^a | 1940 | 10.005 |
| 18 ^a | 1940 | 10.005 |
| 19 ^a | 1943 | 10.030 |
| 20 ^a | 1943 | 10.030 |
| 21 ^a | 1946 | 10.062 |
| 22 ^a | 1946 | 10.062 |
| 23 ^a | 1947 | 10.099 |
| 24 ^a | 1947 | 10.099 |
| 25 ^a | 1952 | 10.029 |
| 26 ^a | 1952 | 10.029 |
| TOTAL | - | 257.700 |

Fonte: Companhia Editora Nacional, São Paulo.

No quadro a seguir está a relação das edições do livro *Saudade* a partir da 13^a edição. Em destaque a coluna central que informa o ano das edições, e se houve mais de uma edição no mesmo ano:

APÊNDICE B - Quadro de edições do livro *Saudade* do autor Thales Castanho de Andrade:

| EDIÇÃO | ANO | TIRAGEM |
|-----------------|------------|----------------|
| 13 ^a | 1928 | 10.000 |
| 14 ^a | | 10.000 |
| 15 ^a | 1930 | 5.000 |
| 16 ^a | 1931 | 5.000 |
| 17 ^a | 1932 | 5.000 |
| 18 ^a | | 5.000 |
| 19 ^a | - | - |
| 20 ^a | 1933 | 10.000 |
| 21 ^a | - | - |
| 22 ^a | 1935 | 10.118 |
| 23 ^a | | 10.118 |
| 25 ^a | | - |
| 24 ^a | | 15.000 |
| 26 ^a | | 15.000 |
| 27 ^a | 1936 | 14.993 |
| 28 ^a | | - |
| 29 ^a | | 14.993 |
| 30 ^a | - | - |
| 31 ^a | 1938 | 8.075 |
| 32 ^a | | 8.075 |
| 33 ^a | 1939 | 10.110 |
| 34 ^a | | 10.110 |
| 35 ^a | 1941 | 10.000 |
| 36 ^a | | 10.000 |
| 37 ^a | 1944 | 10.001 |
| 38 ^a | | 10.001 |
| 39 ^a | 1945 | 10.045 |
| - | - | - |

| EDIÇÃO | ANO | TIRAGEM |
|-----------------|------------|----------------|
| 40 ^a | 1948 | 10.110 |
| 41 ^a | | 10.110 |
| 42 ^a | 1949 | 8.072 |
| 43 ^a | | 10.150 |
| 44 ^a | | 10.150 |
| 45 ^a | 1952 | 10.011 |
| 46 ^a | | 10.011 |
| 47 ^a | | 5.027 |
| 48 ^a | 1954 | 10.000 |
| 49 ^a | | 10.000 |
| 50 ^a | 1956 | 10.064 |
| 51 ^a | | 10.064 |
| 52 ^a | 1958 | 15.207 |
| 53 ^a | | 15.207 |
| 54 ^a | | 15.207 |
| 55 ^a | 1962 | 5.002 |
| 56 ^a | 1966 | 5.047 |
| 57 ^a | 1967 | 10.051 |
| 58 ^a | | 10.051 |
| 59 ^a | | 11.187 |
| 60 ^a | 1969 | 10.066 |
| 61 ^a | | 10.250 |
| 62 ^a | 1971 | 5.000 |
| 63 ^a | 1974 | 6.002 |
| 64 ^a | 1977 | 19.125 |
| 65 ^a | 1982 | 7.491 |
| 66 ^a | 2002 | - |

Fonte: Companhia Editora Nacional, São Paulo

Apresento neste momento um quadro das edições, seus respectivos anos de publicação e as tiragens dos livros *Trabalho, Espelho, Ler Brincando, Alegria e Campo e Cidade* de Thales Castanho de Andrade.

APÊNDICE C - Quadro de edições do livro *Trabalho*:

| EDIÇÃO | ANO | TIRAGEM |
|-----------------|------------|----------------|
| 1 ^a | | |
| 2 ^a | | |
| 3 ^a | 1931 | 5.000 |
| 4 ^a | 1932 | 5.000 |
| 5 ^a | 1933 | 10.000 |
| 6 ^a | 1933 | 10.000 |
| 7 ^a | 1935 | 5.038 |
| 8 ^a | 1935 | 5.038 |
| 9 ^a | 1935 | 5.057 |
| 10 ^a | 1936 | 15.101 |
| 11 ^a | 1936 | 15.101 |
| 12 ^a | 1936 | 15.103 |
| 13 ^a | 1936 | - |
| 14 ^a | 1936 | 15.103 |
| 15 ^a | - | - |
| 16 ^a | 1937 | 8.160 |
| 17 ^a | 1937 | 8.160 |
| 18 ^a | - | - |
| 19 ^a | 1940 | 8.060 |
| 20 ^a | 1940 | 8.060 |
| 21 ^a | 1941 | 8.050 |
| 22 ^a | 1941 | 8.050 |
| 23 ^a | 1944 | 10.012 |
| 24 ^a | 1944 | 10.012 |
| 25 ^a | 1947 | 1.038 |
| 26 ^a | 1947 | 1.038 |
| 27 ^a | 1949 | 10.124 |
| 28 ^a | 1949 | 10.124 |
| 29 ^a | 1952 | 10.095 |
| 30 ^a | 1952 | 10.095 |
| 31 ^a | 1954 | 9.997 |
| 32 ^a | 1954 | 9.997 |
| 33 ^a | 1955 | 10.050 |
| 34 ^a | 1955 | 10.050 |
| 35 ^a | 1958 | 10.047 |
| 36 ^a | 1958 | 10.047 |
| TOTAL | - | 276.807 |

Fonte: Companhia Editora Nacional, São Paulo.

APÊNDICE D - Quadro de edições do livro *Espelho*:

| EDIÇÃO | ANO | TIRAGEM |
|-----------------|------------|----------------|
| 1 ^a | 1928 | 10.000 |
| 2 ^a | - | - |
| 3 ^a | 1932 | 5.000 |
| 4 ^a | 1932 | 5.000 |
| 5 ^a | 1933 | 10.000 |
| 6 ^a | - | - |
| 7 ^a | 1935 | 5.000 |
| 8 ^a | 1935 | 10.000 |
| 9 ^a | - | - |
| 10 ^a | 1936 | 10.070 |
| 11 ^a | 1936 | 10.070 |
| 12 ^a | 1936 | 5.050 |
| 13 ^a | 1938 | 10.118 |
| 14 ^a | - | - |
| 15 ^a | 1939 | 2.127 |
| 16 ^a | 1940 | 2.127 |
| 17 ^a | 1940 | 2.616 |
| TOTAL | - | 87.178 |

Fonte: Companhia Editora Nacional, São Paulo.

APÊNDICE E - Quadro de edições do livro *Alegria*:

| EDIÇÃO | ANO | TIRAGEM |
|-----------------|------------|----------------|
| 1 ^a | 1937 | 5.515 |
| 2 ^a | 1938 | 5.060 |
| 3 ^a | 1939 | 5.030 |
| 4 ^a | 1940 | 8.037 |
| 5 ^a | 1940 | 8.037 |
| 6 ^a | 1941 | 10.007 |
| 7 ^a | 1941 | 10.007 |
| 8 ^a | 1941 | 10.038 |
| 9 ^a | 1941 | 10.038 |
| 10 ^a | 1942 | 10.014 |
| 11 ^a | 1942 | 10.014 |
| 12 ^a | 1945 | 10.017 |
| 13 ^a | 1945 | 10.017 |
| TOTAL | | 111.831 |

Fonte: Companhia Editora Nacional, São Paulo.

APÊNDICE F - Quadro de edições da cartilha *Ler Brincando*:

| EDIÇÃO | ANO | TIRAGEM |
|-----------------|------------|----------------|
| 1 ^a | 1932 | 10.000 |
| 2 ^a | - | - |
| 3 ^a | 1932 | 5.000 |
| 4 ^a | 1932 | 5.000 |
| 5 ^a | 1933 | 20.000 |
| 6 ^a | 1933 | 20.000 |
| 7 ^a | 1933 | 20.000 |
| 8 ^a | 1933 | 20.000 |
| 9 ^a | 1935 | 10.117 |
| 10 ^a | 1935 | 10.117 |
| 11 ^a | 1935 | 10071 |
| 12 ^a | 1935 | 10071 |
| 13 ^a | 1935 | 5051 |
| 14 ^a | 1935 | 25000 |
| 15 ^a | 1935 | 25000 |
| 16 ^a | 1935 | 25000 |
| 17 ^a | 1935 | 25000 |
| 18 ^a | 1935 | 25000 |
| 19 ^a | 1936 | 5095 |
| 20 ^a | 1936 | 25014 |
| 21 ^a | 1936 | 25014 |
| 22 ^a | 1936 | 25014 |
| 23 ^a | 1936 | 25014 |
| 24 ^a | 1936 | 25014 |
| 25 ^a | 1937 | 9987 |
| 26 ^a | 1937 | 9987 |
| 27 ^a | 1937 | 5025 |
| 28 ^a | 1937 | 15205 |

| | | |
|-----------------|------|----------------|
| 29 ^a | 1937 | 15205 |
| 30 ^a | 1937 | 15205 |
| 31 ^a | 1937 | 8109 |
| 32 ^a | 1937 | 8109 |
| 33 ^a | 1938 | 5032 |
| 34 ^a | 1938 | 15128 |
| 35 ^a | 1938 | 15128 |
| 36 ^a | 1938 | 15128 |
| 37 ^a | 1939 | 15129 |
| 38 ^a | 1939 | 15129 |
| 39 ^a | 1939 | 15129 |
| 40 ^a | 1940 | 10065 |
| 41 ^a | 1940 | 10065 |
| 42 ^a | 1941 | 10000 |
| 43 ^a | 1941 | 10000 |
| 44 ^a | 1944 | 9978 |
| 45 ^a | 1944 | 9978 |
| 46 ^a | 1045 | 9975 |
| 47 ^a | 1945 | 9975 |
| 48 ^a | 1946 | 15611 |
| 49 ^a | 1946 | 15611 |
| 50 ^a | 1946 | 15611 |
| 51 ^a | 1949 | 20139 |
| 52 ^a | 1949 | 20139 |
| 53 ^a | 1949 | 20139 |
| 54 ^a | 1949 | 20139 |
| | | 790.652 |

Fonte: Companhia Editora Nacional, São Paulo.

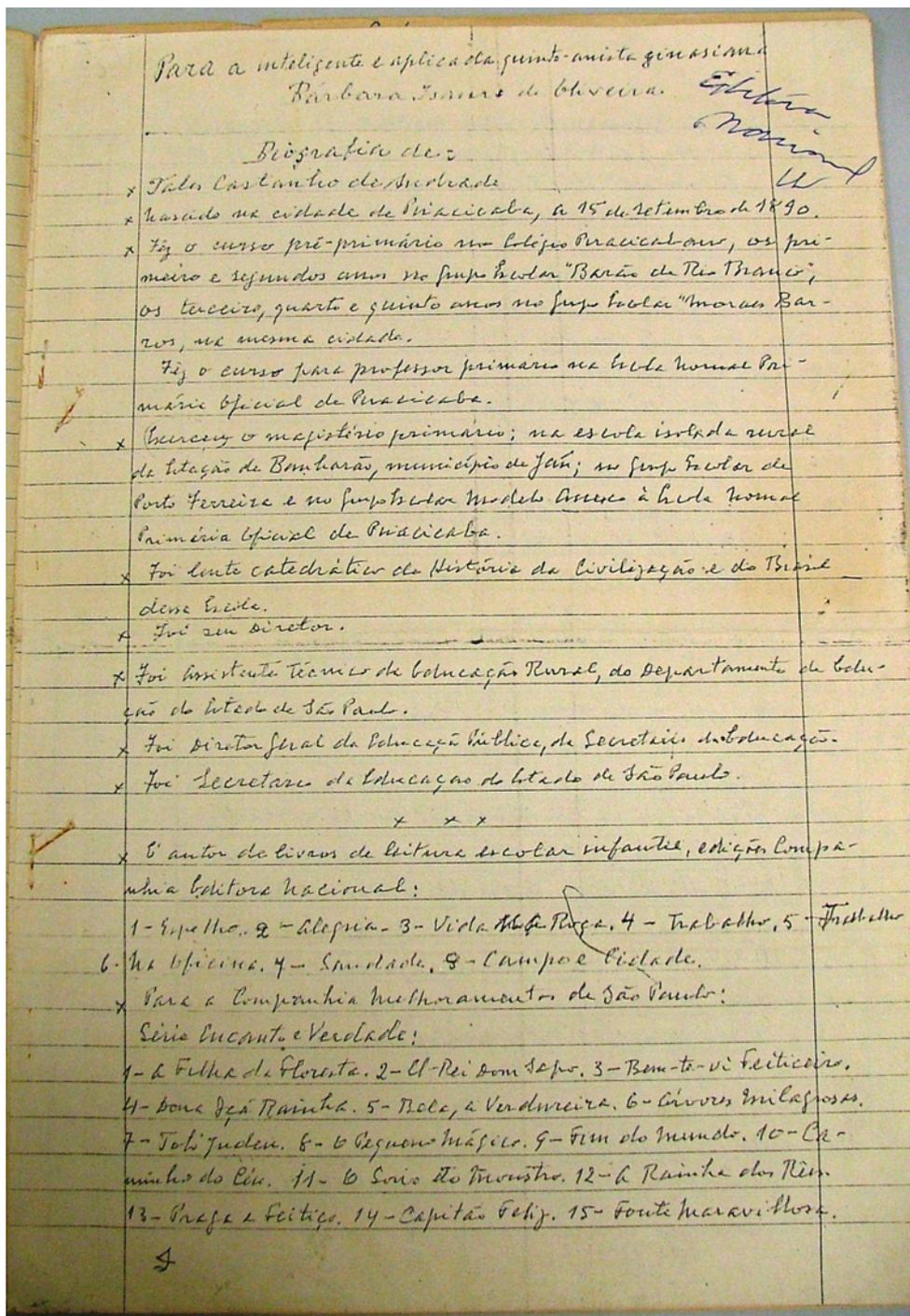
APÊNDICE G - Quadro de edição do livro *Campo e Cidade*:

| EDIÇÃO | ANO | TIRAGEM |
|----------------|------------|----------------|
| 1 ^a | 1964 | 5.000 |
| TOTAL | | 5.000 |

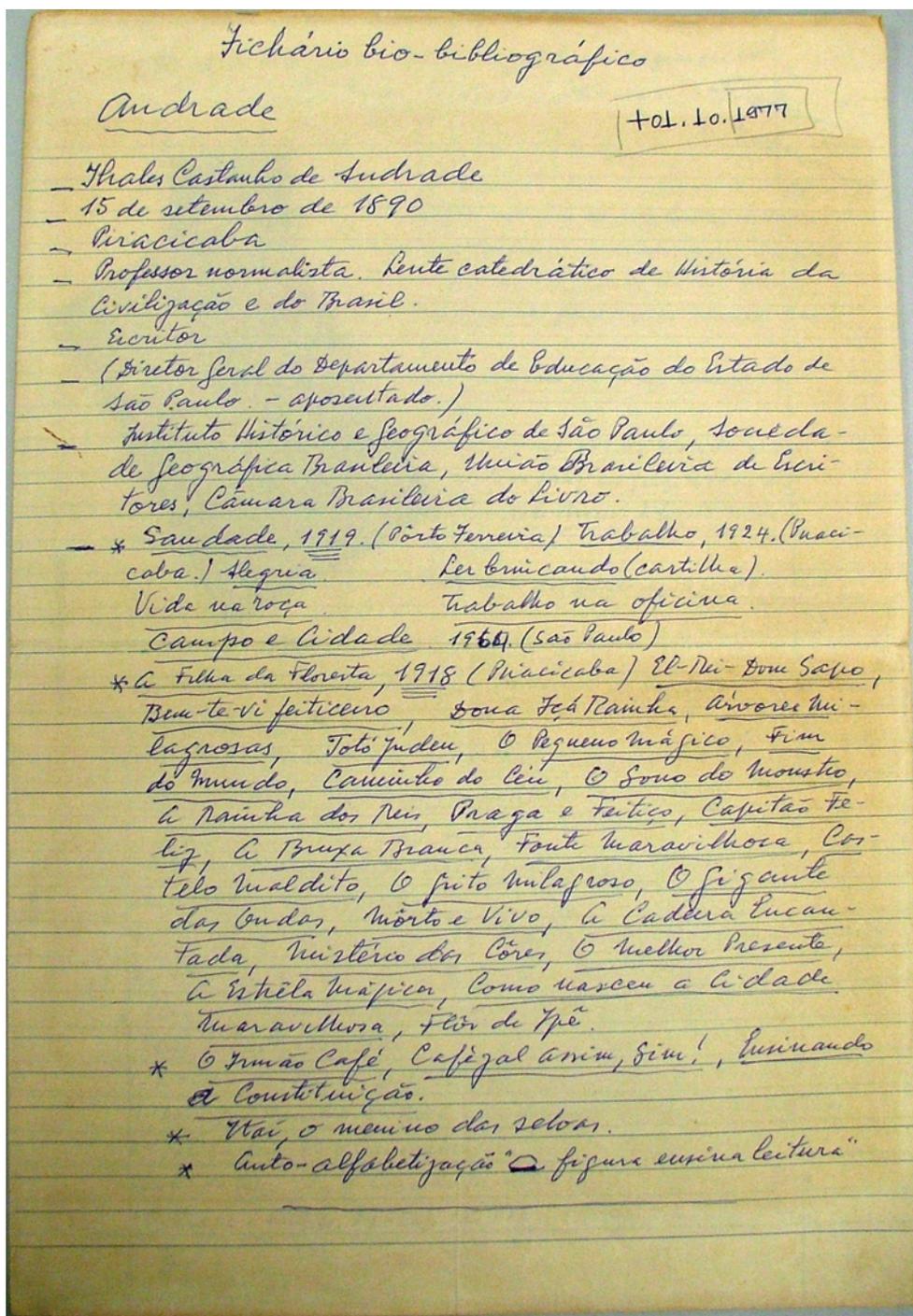
Fonte: Companhia Editora Nacional, São Paulo.

ANEXOS

Documento manuscrito do autor Thales Castanho de Andrade
 Fonte: Companhia Editora Nacional



Documento manuscrito do autor Thales Castanho de Andrade
 Fonte: Companhia Editora Nacional



Documento manuscrito do autor Thales Castanho de Andrade
Fonte: Companhia Editora Nacional

Provavelmente, no próximo ano, apresentará o conto:
Walt Disney, predileto das meninas dos olhos.
Provavelmente, ainda em 1973, apresentará o livro:
"Viver Kantactos".

21/3/73. Av. Avenida Sabia, 256, Murema. Fone 616992.

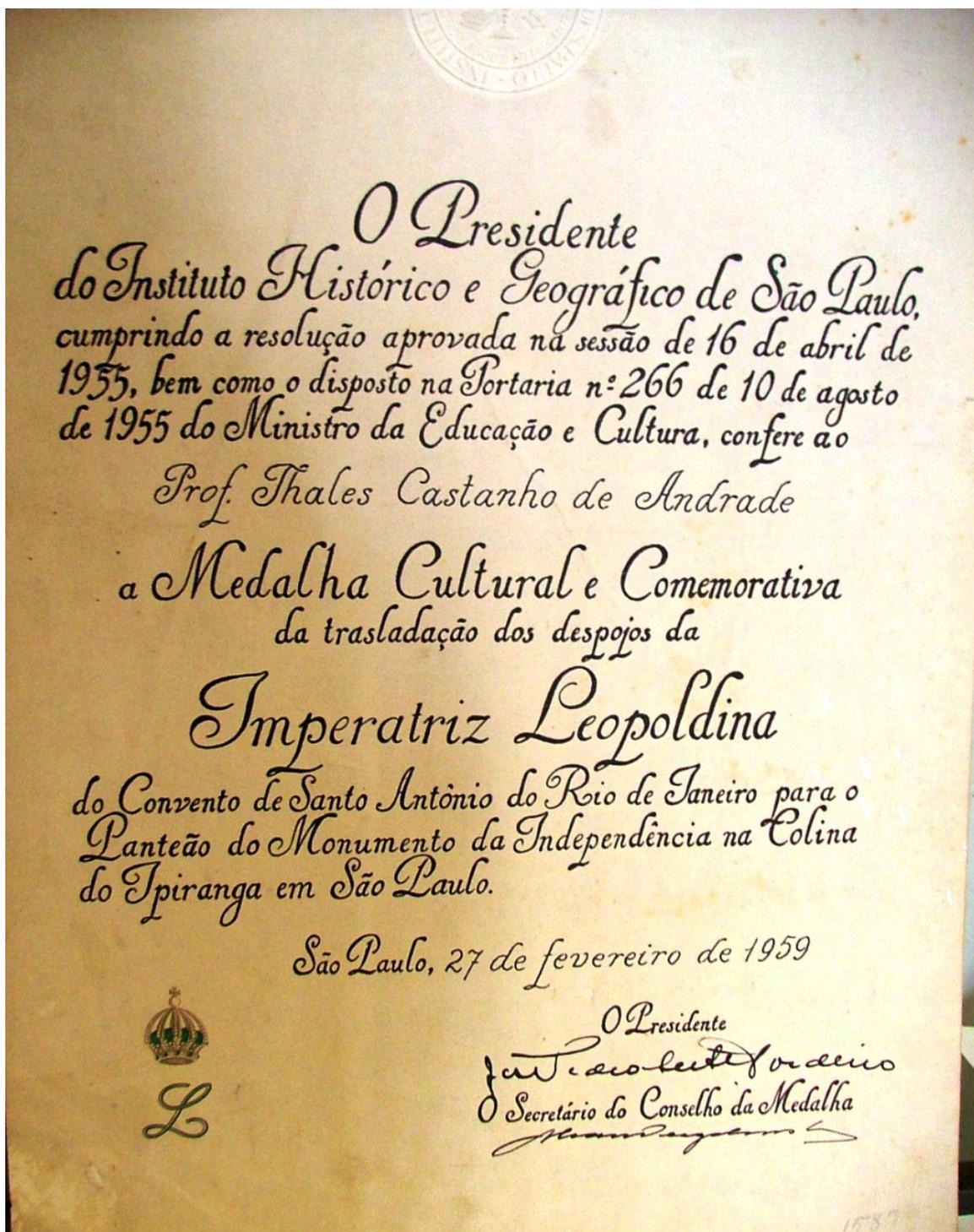
Com votos de felicidade, extensivos à me-
sma família e preeminente Professor.
Com o pedido de desculpas pela má
letra e pobre papel.

Thales Castanho de Andrade
admirador, fãto, de ordens

Capa do livro *A Filha da Floresta* de Thales Castanho de Andrade
Fonte: Museu Prudente de Moraes - Piracicaba



Homenagem ao Prof. Thales Castanho de Andrade
 Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba



Ficha editorial

Fonte: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

Movimento de Edições

Obra A L E G R I A

Autor Táles de Andrade

Serie livros primários Volume N. avulso 1591

| Data | Edição | N. Ordem | N. Ano | Tiragem | TIPOGRAFIA | PREÇO TIPOGRAFIA |
|-----------------------------|--------|----------|--------|---------|-------------------|---------------------|
| ¹⁷⁻⁸⁻ Ags. 37 | 1a. | 1637 | 161 | 5.515 | Rev. Tribunais | \$720 |
| 23.2.38 | 2a. | 1818 | 50 | 5.060 | idem | \$720 |
| 25.8.39 | 3a. | 2243 | 197 | 5.030 | idem | \$720 |
| 21.2.40 | 4/5a | 2379 | 36 | 8.037 | idem | \$720 |
| 13.2.41 | 6/7a | 2673 | 35 | 10.007 | idem | \$650 |
| 25.8.41 | 8/9a | 2792 | 154 | 10.038 | idem | \$715 |
| 23.9.42 | 10/11 | 3103 | 197 | 10.014 | idem | \$790 |
| 29.10.45 | 12/13 | 3919 | 199 | 10.017 | São Paulo Editora | 1,50 |

Mod. 7-11

Movimento de Edições

Obra ESPELHO

Autor Thales de Andrade

Serie "Escolar" Primários Volume N. 1663

| Data | Edição | N. Ordem | N. Anno | Tiragem | TYPOGRAPHIA | PREÇO TYPOGRAPHIA |
|-----------------------|--------|----------|---------|---------|----------------|----------------------|
| Janeiro | 1a | 77 | 2 | 10.000 | | |
| Jan ^o 932 | 3a | 540 | 12 | 5.000 | | |
| Jan ^o 932 | 4a | 542 | 13 | 5.000 | | |
| Fev ^o 933 | 5, 6a | 690 | 28 | 10.000 | | |
| Abril 1935 | 7a | 1066 | 68 | 5.000 | Rev. Tribunaes | |
| Dez ^o 935 | 8, 9a | 1201 | 203 | 10.000 | " " 13-12-35 | |
| Agt ^o -936 | 10, 11 | 1381 | 170 | 10.070 | " " 10-8-36 | |
| Nov ^o 936 | 12a | 1429 | 218 | 5.050 | " " 3-11-36 | |
| Jan. 938 | 13/14 | 1787 | 19 | 10.118 | " " 21-11-38 | \$650 |

Mod. 24-2
24.11.36

Ficha editorial

Fonte: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

Movimento de Edições

Obra LER BRINCANDO

Autor THALES DE ANDRADE 1592

Serie ESCOLAR *Primario* Volume N. 7

| Data | Edição | N. Ordem | N. Anno | Tiragem | TYPOGRAPHIA | PREÇO TYPOGRAPHIA |
|----------------------|---------|----------|---------|---------|------------------|----------------------|
| Jan-932 | 1a | 529 | 1 | 10.000 | | |
| Jan ^o 932 | 3a | 545 | 16 | 5.000 | | |
| Jan ^o 932 | 4a | 546 | 17 | 5.000 | | |
| JAN ^o 933 | 5a, 8a | 678 | 16 | 20.000 | | |
| Jan ^o 935 | 9a, 10a | 1003 | 5 | 10.117 | S. Paulo Editora | 9-17-35 |
| Março 935 | 11, 12 | 1050 | 52 | 10.071 | " " " | 17-3-35 |
| Out ^o 935 | 13a | 1158 | 160 | 5.051 | " " " | 12-12-35 |
| Dez ^o 935 | 14, 17a | 1208 | 210 | 25.000 | " " " | 27-12-35 |
| Ag ^o 936 | 19 | 1377 | 166 | 5.095 | " " " | 20-7-36 |

Mod. 24-2
291-12-36

VIRE

Movimento de Edições

Obra VIDA NA ROÇA

Autor THALES DE ANDRADE

Serie ESCOLAR Volume N. 1660

| Data | Edição | N. Ordem | N. Anno | Tiragem | TYPOGRAPHIA | PREÇO TYPOGRAPHIA |
|----------------------|--------|----------|---------|---------|------------------|----------------------|
| Março932 | 1a, 2a | 691 | 29 | 10.000 | | |
| Mai934 | 3a, 4a | 895 | 81 | 10.000 | S. Paulo Editora | |
| Rev ^o 935 | 5a, 6a | 1023 | 25 | 9.915 | Rev. Tribunais | 7-2- |
| Jan ^o 936 | 6a, 7a | 1230 | 19 | 10.020 | " 25-1 " | |
| Out ^o 936 | 8a, 9a | 1419 | 208 | 10.035 | " 21-10 " | |
| Dez ^o 936 | 10a | 1464 | 253 | 5.000 | " 26-12 " | |
| Julh-37 | 11/12 | 1604 | 128 | 8.028 | " 10-7 " | \$600 |
| Ag. 37 | 13/14 | 1625 | 149 | 9.995 | " 5-8 " | \$650 |
| 1.2.39 | 15/16 | 2.102 | 56 | 8.132 | " 1-3 " | 700 |

Mod. 24-2
291-12-36

vire

Ficha editorial

Fonte: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

Movimento de Edições

Obra TRABALHO (O)

Autor THALES DE ANDRADE 1666

Serie ESCOLAR Volume N. avulso

| Data | Edição | N. Ordem | N. Anno | Tiragem | TYPOGRAPHIA | PREÇO TYPOGRAPHIA |
|----------------------|---------|----------|---------|---------|------------------|----------------------|
| Jun. 930 | - | 294 | 54 | 2.000 | | |
| Fev. 931 | 3a | 500 | 68 | 5.000 | | |
| Abril 1932 | 4a | 581 | 52 | 5.000 | | |
| Fev ^a 933 | 5a, 6a | 681 | 19 | 10.000 | | |
| Jan ^a 935 | 7a, 8a | 1009 | 11 | 5.038 | S. Paulo Editora | 23-17 |
| Março 935 | 9a | 1056 | 58 | 5.057 | " " 23-3 " | |
| Jan ^a 936 | 10, 11a | 1218 | 7 | 15.101 | " " 15-11 " | |
| Nov ^a 936 | 12, 14a | 1448 | 237 | 15.103 | " " 30-11 " | |
| 29.12.37 | 16/17 | 1762 | 285 | 8.160 | " " " | \$750 |

Mod. 24-2
29-12-36

Vire

Movimento de Edições

Obra SAUDADE

Autor Thales de Andrade 1573

Serie "Escolar" Volume N. avulso

| Data | Edição | N. Ordem | N. Anno | Tiragem | TYPOGRAPHIA | PREÇO TYPOGRAPHIA |
|----------------------|--------|----------|---------|---------|------------------|----------------------|
| 5/2/27 | 13a | 30 | 3 | 10.000 | | |
| 34 Fevereiro | 14a | 108 | 33 | 10.000 | | |
| Jan ^a 930 | 15a | 248 | 8 | 5.000 | | |
| Março 931 | 16. | 447 | 12 | 5.000 | | |
| Jan ^a 932 | 17a | 549 | 20 | 5.000 | | |
| Jan ^a 932 | 18a | 550 | 21 | 5.000 | | |
| Fev ^a 933 | 20a | 683 | 21 | 10.000 | | |
| Jan ^a 935 | 22, 23 | 1.013 | 10 | 10.118 | S. Paulo Editora | |
| Dez ^a 935 | 24, 26 | 1.203 | 205 | 15.000 | " " " | |

Mod. 24-2
29-12-36

-vire-

E. 1013 A

Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional - 1932
 Fonte: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional



Livros Escolares

Ensino da Leitura

(Aprovados e adoptados pela
 Directoria de Instrucção Publica
 de S. Paulo e outros Estados do
 Brasil)

THALES DE ANDRADE

Ler Brincando - cartilha. — Um grande conhecimento das crianças e uma sciencia subtil no conduzir o ensino da leitura fazem de **THALES DE ANDRADE** o professor capaz de dar a uma cartilha o sabor de uma novidade. Póde-se ler brincando? Prova-o esse pequenino livro que é o fructo de grande experiencia. Praticado e vivido, antes de ser escripto, será instrumento utilissimo no aprendiza-

105

Catálogo Geral da Companhia Editora Nacional - 1932
Fonte: Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional

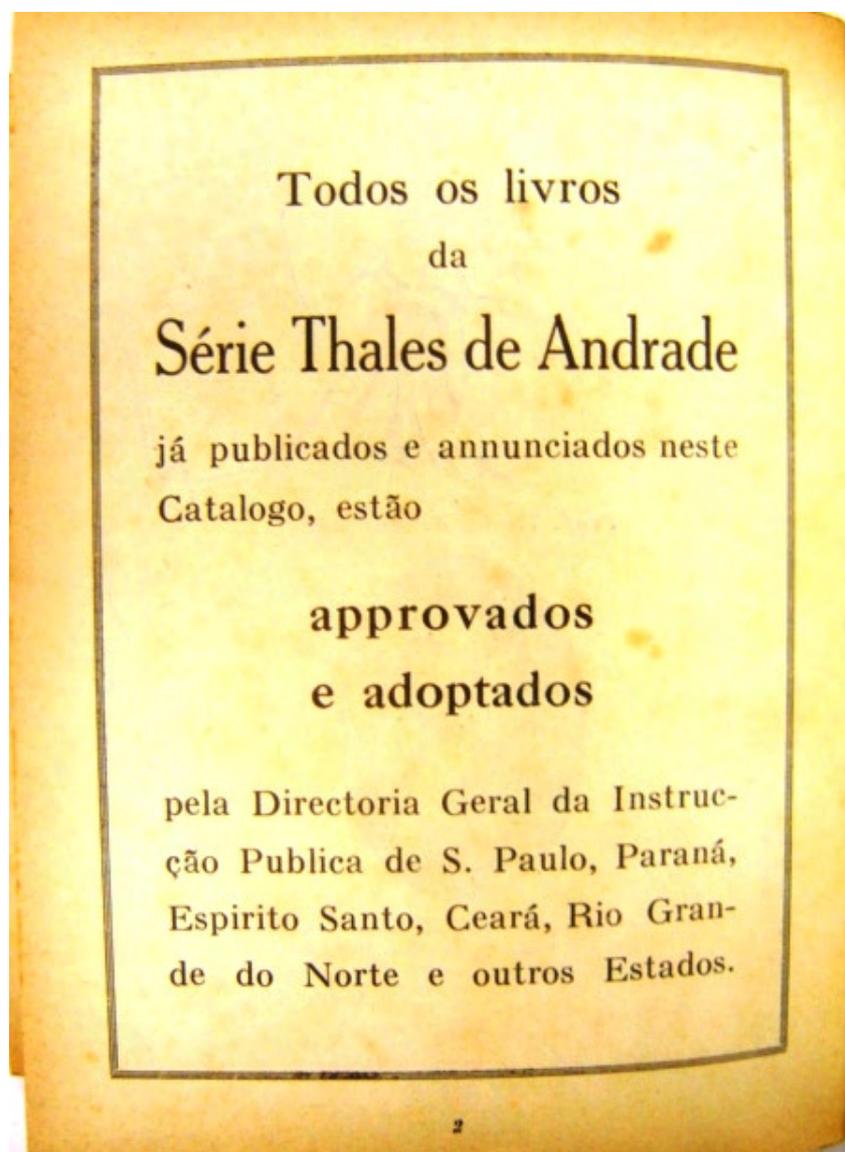


Ilustração do livro *Campo e Cidade*

Fonte: Biblioteca Histórica da Escola Normal de Piracicaba

